

Exercício 1

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Verbos

A professora pergunta para a Mariazinha:

– Mariazinha, me dê um exemplo de verbo.

– Bicicreta! – respondeu a menina.

– Não se diz “bicicreta”, e sim “bicicleta”. Além disso, bicicleta não é verbo. Pedro, me diga você um verbo.

– Prástico! – disse o garoto.

– É “plástico”, não “prástico”. E também não é verbo. Laura, é sua vez: me dê um exemplo correto de verbo – pediu a professora.

– Hospedar! – respondeu Laura.

– Muito bem! – disse a professora. Agora, forme uma frase com este verbo.

– Os pedar da bicicreta é de prástico!

ABAURRE, Maria Luiza e PONTARA, Marcela. *Gramática – Texto: análise e construção de sentido*. Volume único. São Paulo: Moderna, 2006, p. 76.

(Upe 2015) A compreensão do texto leva o leitor a concluir que

a) a professora logrou êxito no seu intuito de ensinar a classe de palavras ‘verbo’.

b) embora os alunos soubessem o assunto, optaram por responder incorretamente.

c) os alunos e a professora demonstram domínio da mesma variedade linguística.

d) a resposta que foi considerada correta pela professora era, na verdade, incorreta.

e) somente Laura respondeu corretamente, o que demonstra seu domínio do assunto.

Exercício 2(G1 - ifpe 2020) **Texto 1****LIXO: UM GRAVE PROBLEMA DO MUNDO MODERNO**

Até meados do século XIX, o lixo gerado – restos de comida, excrementos de animais e outros materiais orgânicos – reintegrava-se aos ciclos naturais e servia como adubo para a agricultura. Mas, com a industrialização e a concentração da população nas grandes cidades, o lixo foi se tornando um problema.

A sociedade moderna rompeu os ciclos da natureza: por um lado, extraímos mais e mais matérias-primas, por outro, fazemos crescer montanhas de lixo. E, como todo esse rejeito não

retorna ao ciclo natural, transformando-se em novas matérias-primas, pode tornar-se uma perigosa fonte de contaminação para o meio ambiente ou de doenças.

Recentemente, começamos a perceber que, assim como não podemos deixar o lixo acumular dentro de nossas casas, é preciso conter a geração de resíduos e dar um tratamento adequado ao lixo no nosso planeta. Para isso, será preciso conter o consumo desenfreado, que gera cada vez mais lixo, e investir em tecnologias que permitam diminuir a geração de resíduos, além da reutilização e da reciclagem dos materiais em desuso.

Precisamos, ainda, reformular nossa concepção a respeito do lixo. Não podemos mais encarar todo lixo como “resto inútil”, mas, sim, como algo que pode ser transformado em nova matéria-prima para retornar ao ciclo produtivo.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Lixo um grave problema no mundo moderno*. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/secex_consumo/_arquivos/8%20-%20mcs_lixo.pdf>. Acesso em: 27 out.2019 (adaptado).

Texto 2

BECK, Alexandre. Disponível em: <<http://tirasamandinho.tumblr.com>>. Acesso em: 27 out. 2019.

O texto 1 é um trecho de uma cartilha divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente e o texto 2 é uma tirinha de Alexandre Beck. Ainda que sejam produzidos como gêneros textuais diferentes, ambos os textos têm os seguintes elementos em comum:

a) os personagens ficticiais e os diálogos.

b) a estrutura em prosa, dividida em parágrafos.

c) a temática e a proposta de reflexão.

d) os recursos visuais e a sequência de quadros.

e) a autoria institucional e o público-alvo.

Exercício 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

MAIS IDOSOS NO MERCADO DE TRABALHO

Com mudanças no estilo de vida, aposentadoria está cada vez mais tardia

Durante toda a sua carreira, entre uma reportagem e outra, o jornalista Ricardo Moraes tinha um sonho além dos papéis: ter um bar. Há dois anos, quando se aposentou, preferiu trocar a desaceleração de uma vida inteira de trabalho pelo desafio de recomeçar. E, aos 65 anos, acabou de inaugurar a filial do boteco paulistano Bar Léo, no Centro do Rio.

Mas não é só ele. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, os idosos somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991. E a projeção é que serão 30% da população em 2050 (em 2010, eram 10%). Para compor a equipe, Moraes misturou a energia e a agilidade de funcionários jovens à experiência em atendimento de excelência dos mais velhos. Para isso, chamou o também aposentado Luis Ribeiro, de 67 anos, para ser seu *maître*, e o garçom Francisco Carlos, que ainda não se aposentou, mas já passou dos 50 anos. “Eu ensino organização, senso de hierarquia e como ser mais formal e excelente no atendimento ao cliente. E eles me ensinam muito sobre tecnologia”, conta Ribeiro, que tem 45 anos de estrada e se aposentou há três anos.

Essa mistura de gerações não é de hoje, mas prepare-se, porque ela será cada vez mais presente dentro das empresas. E por um motivo muito simples: as pessoas estão envelhecendo mais tarde. Com avanços da medicina e estilo de vida mais saudável, aquele senhor que, em décadas passadas, preparava-se para ficar no sofá aos 60 anos, hoje está a todo vapor. Além disso, há a questão pessoal, de querer se manter ocupado e útil, e a financeira, pois, como se sabe, apesar da contribuição de uma vida inteira, o retorno é quase sempre baixo em relação aos trabalhadores comuns.

Tudo isso afeta diretamente o mercado de trabalho, que passa a contar com uma força de trabalho mais madura e bem presente, e traz desafios também. Um deles é justamente a harmonia entre gerações tão diferentes. Em tese, ambos agregam: os mais velhos com sua experiência, padrões de qualidade sólidos e comprometimento; e os mais jovens com sua vivacidade, fácil adaptação e familiaridade à tecnologia. Na prática, porém, há outras questões.

c) “Com avanços da medicina e estilo de vida mais saudável, aquele senhor que, em décadas passadas, preparava-se para ficar no sofá aos 60 anos, hoje está a todo vapor” (6º parágrafo).

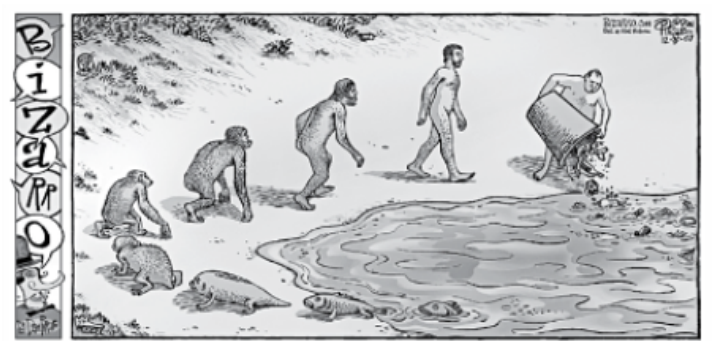
d) ““Eu ensino organização, senso de hierarquia e como ser mais formal e excelente no atendimento ao cliente”” (4º parágrafo).

e) “Além disso, há a questão pessoal, de querer se manter ocupado e útil [...]” (6º parágrafo).

Exercício 4

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Análise o cartum para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Dan Piraro. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y4uwxp8>> Acesso em: 07.02.2019. Original colorido.

(G1 - cps 2019) Gênero textual define-se como composições socialmente estáveis que tem o objetivo de passar determinadas informações. Cada gênero textual tem peculiaridades que variam de acordo com seus objetivos (informar, criticar, convencer, relatar...), com seu público alvo (adultos, crianças, escritores, professores...), com seu canal de veiculação (mídia impressa, revistas on-line...) e assim por diante. Para atingir seus objetivos, os gêneros textuais podem utilizar tanto a linguagem verbal quanto a não verbal.

Sobre o cartum apresentado, assinale a alternativa que identifique, corretamente, as características desse gênero, seu objetivo e a linguagem predominantes.

| CARACTERÍSTICAS | OBJETIVO | LINGUAGEM |
|---|----------|---------------------|
| a) Desenho humorístico ou caricatural, espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos. | Criticar | Não verbal |
| b) Desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, que tem por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas. | Informar | Verbal |
| c) Segmento de história em quadrinhos, apresentado em jornais ou revistas numa só faixa horizontal. | Ironizar | Verbal e não verbal |
| d) Desenhos em sequência, inicialmente sobre cartão e depois em papel ou afim, em preto ou em cores, para fins caricaturais ou humorísticos de amplo espectro de percepção e aceitação. | Entreter | Verbal |
| e) Narração de particularidade curiosa ou jocosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso pouco divulgada, de uma | Comover | Não verbal |

RIBAS, Raphaela. Mais idosos no mercado de trabalho. *O Globo*, São Paulo, 25 mar. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/emprego/mais-idosos-no-mercado-de-trabalho-22520971>>. Acesso em: 01 out. 2018 (adaptado).

(G1 - ifpe 2019) Em diversos gêneros textuais, é possível perceber o uso de termos com sentido figurado. Entendemos essa prática como o emprego da conotação. Diante dessa informação, assinale a opção na qual se pode identificar um ou mais termos cujo sentido literal foi ampliado ou alterado, o que caracteriza a existência de conotação.

a) “E a projeção é que serão 30% da população em 2050 (em 2010, eram 10%) [...]” (2º parágrafo).

b) “E, aos 65 anos, acabou de inaugurar a filial do boteco paulistano Bar Léo, no Centro do Rio” (1º parágrafo).

determinada personagem ou
passagem histórica.

Exercício 5

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

CELULAR ROUBADO? COMO BLOQUEAR O IMEI DE SEU APARELHO NA OPERADORA.

1. Seu celular foi roubado? Aprenda a fazer o bloqueio do IMEI do aparelho junto à operadora. Isso desestimula o roubo de *smartphones*, já que seu celular não se conectará mais a nenhuma operadora, tornando o crime inútil: na maioria dos casos, o ladrão rouba o aparelho para revendê-lo posteriormente.
2. Para descobrir o IMEI do seu aparelho, digite `*#06#` no telefone, como se você fosse efetuar uma ligação – o código, com 15 dígitos, será imediatamente exibido na tela. Caso você não tenha mais acesso ao celular, procure o IMEI na embalagem do produto, que estará próximo a um código de barras.

MD379LL/A iPhone 4S, Black, 32GB

Designed by Apple in California,

Assembled in China Model A1387

(1P) Part No. MD379LL/A

(s) Serial No. 000XXXXXXXXX0

(t) XXXXX0000000000000000000X

(i) XXXXX0000000000000000000X

(m) XXXXX0000000000000000000X

(n) XXXXX0000000000000000000X

(o) XXXXX0000000000000000000X

(p) XXXXX0000000000000000000X

(q) XXXXX0000000000000000000X

(r) XXXXX0000000000000000000X

(s) XXXXX0000000000000000000X

(t) XXXXX0000000000000000000X

(u) XXXXX0000000000000000000X

(v) XXXXX0000000000000000000X

(w) XXXXX0000000000000000000X

(x) XXXXX0000000000000000000X

(y) XXXXX0000000000000000000X

(z) XXXXX0000000000000000000X

(aa) XXXXX0000000000000000000X

(ab) XXXXX0000000000000000000X

(ac) XXXXX0000000000000000000X

(ad) XXXXX0000000000000000000X

(ae) XXXXX0000000000000000000X

(af) XXXXX0000000000000000000X

(ag) XXXXX0000000000000000000X

(ah) XXXXX0000000000000000000X

(ai) XXXXX0000000000000000000X

(aj) XXXXX0000000000000000000X

(ak) XXXXX0000000000000000000X

(al) XXXXX0000000000000000000X

(am) XXXXX0000000000000000000X

(an) XXXXX0000000000000000000X

(ao) XXXXX0000000000000000000X

(ap) XXXXX0000000000000000000X

(aq) XXXXX0000000000000000000X

(ar) XXXXX0000000000000000000X

(as) XXXXX0000000000000000000X

(at) XXXXX0000000000000000000X

(au) XXXXX0000000000000000000X

(av) XXXXX0000000000000000000X

(aw) XXXXX0000000000000000000X

(ax) XXXXX0000000000000000000X

(ay) XXXXX0000000000000000000X

(az) XXXXX0000000000000000000X

(ba) XXXXX0000000000000000000X

(bb) XXXXX0000000000000000000X

(bc) XXXXX0000000000000000000X

(bd) XXXXX0000000000000000000X

(be) XXXXX0000000000000000000X

(bf) XXXXX0000000000000000000X

(bg) XXXXX0000000000000000000X

(bh) XXXXX0000000000000000000X

(bi) XXXXX0000000000000000000X



3. Se você não tem mais o aparelho e nem a caixa, ainda há salvação para os usuários de *Android*. Acesse o *Google Dashboard* e expanda o menu *Android*. Uma lista de todos os aparelhos atrelados ao seu *Google Play* serão exibidos, acompanhados dos respectivos códigos IMEI. Então, para bloquear o IMEI de um celular por roubo ou furto, entre em contato com a sua operadora.

Celular roubado? Como bloquear o IMEI de seu aparelho na operadora.

Disponível em: <<https://tecnoblog.net/189729/celular-roubado-como-bloquear-imei-operadora/>>. Acesso: 09 nov. 2016. (Adaptado).

(G1 - ifpe 2017) A identificação dos mais diversos gêneros textuais perpassa a análise de sua função social, das sequências tipológicas que os compõem, de seu contexto, bem como de seu suporte de uso.

A respeito da composição tipológica e das características do texto “Celular roubado? Como bloquear o IMEI de seu aparelho na operadora” é CORRETO afirmar que

- a) como se trata de um texto publicitário, sua principal função é impelir o cliente a comprar um smartphone pela modernidade que ele apresenta.
- b) possui traços de injunção, pois se pauta na explicação e no método para a realização de uma atividade, no caso, bloquear um smartphone roubado.

c) pode ser classificado como dissertativo-argumentativo, uma vez que expõe a opinião do autor sobre as vantagens do sistema Android.

d) apresenta uma estrutura textual, estritamente, descritiva, o que se comprova pela sequenciação das atitudes que os usuários devem tomar.

e) sua função principal é informar aos usuários de smartphones do perigo crescente de roubos de celulares.

Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

DE ONDE VEM A EXPRESSÃO “SERÁ O BENEDITO”?

De Minas, uai.

Em 1933, Getúlio Vargas estava indicando novos governadores, e chefes políticos mineiros temiam que o presidente nomeasse alguém indesejado.

Para não desagradar seus apoiadores, dizia-se que o escolhido de Getúlio seria Benedito Valadares, jornalista, político local e candidato neutro. Muitos, surpresos com a provável escolha, que acabou acontecendo, perguntavam-se: “Será o Benedito?”. Assim, a questão ficou conhecida por expressar contrariedade, surpresa, desalento e perplexidade frente a acontecimentos inusitados.

MARQUES, E. *De onde vem a expressão “Será o Benedito?”*.

Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blog/oraculo/de-onde-vem-a-expressao-sera-o-benedito/>>. Acesso em: 09 maio 2017.

(G1 - ifpe 2017) Os gêneros textuais apresentam finalidade comunicativa e organização recorrentes. Podemos afirmar que o texto “De onde vem a expressão ‘será o Benedito?’” consiste em um(a)

- a) crônica, já que parte da narração e da descrição de um fato para explicar o significado de uma palavra ou expressão.
- b) artigo de opinião, já que o autor se utiliza de estratégias argumentativas para explicar o sentido de uma expressão.
- c) notícia, uma vez que a tipologia narrativa é utilizada para explicar o sentido de uma expressão por meio de uma história real.
- d) verbete de dicionário, pois apresenta o conceito ou significado de uma palavra ou expressão através da tipologia injuntiva.
- e) texto informativo, pois se utiliza principalmente da tipologia expositiva para explicar o sentido de uma palavra ou expressão.

Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

CONSTRUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado
[...]

Chico Buarque. Trecho. Disponível em:

<<https://www.vagalume.com.br/chicobuarque/construcao.html>>.

Acesso em: 09 jun. 2016.

(G1 - ifpe 2016)

Chico Buarque compra baguetes para o lanche da tarde

O cantor e compositor desfilou de bermuda, camiseta e chinelos pelas ruas do Leblon, Zona Sul do Rio

Like · Comment · Share

1,533 people like this.

Most Relevant ▾

67 shares



Write a comment...



Comprou sua baguete como se fosse a última

Like · Reply · 411 · June 7 at 2:35pm

Hide 21 Replies



Entrou na padaria como se fosse a única

Like · 103 · June 7 at 2:37pm



E andou na fila do pão com o seu passo tímido.

Like · 99 · June 7 at 2:44pm



Andou pelo Leblon como se fosse máquina (ué)

Like · 80 · June 7 at 2:50pm



Por essa baguete pra comer por esse chão pra dormir

Like · 43 · June 7 at 3:07pm



Seus olhos embotados de massa de pão e lágrima

Like · 55 · June 7 at 3:13pm

Disponível em: <<http://www.cabecada.com/chico-buarque-compra-baguetes-para-o-lanche-da-tarde/>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

Transcrição dos elementos a serem analisados na questão a seguir:

Notícia:

Chico Buarque compra baguetes para o lanche da tarde

O cantor e compositor desfilou de bermuda, camiseta e chinelos pelas ruas do Leblon, Zona Sul do Rio

Comentários dos internautas:

“Comprou sua baguete como se fosse a última”

“Entrou na padaria como se fosse a única”

“E andou na fila do pão com o seu passo tímido”

“Andou pelo Leblon como se fosse máquina”

“Por essa baguete pra comer por esse chão pra dormir”

“Seus olhos embotados de massa de pão e lágrima”

A linguagem, por ser dialógica, permite que se estabeleçam diálogos entre os textos. Sobre a relação caracterizada por um texto citar o outro, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Como os comentários contemplam apenas alguns trechos da canção, podemos afirmar que se trata de um resumo da música, uma vez que apenas as partes principais foram utilizadas nas postagens.

b) Ao fazerem comentários que se relacionam com a música, os internautas utilizaram, com objetivo meramente cômico, o recurso da paráfrase para dizer o mesmo que a canção diz, mas com outras palavras.

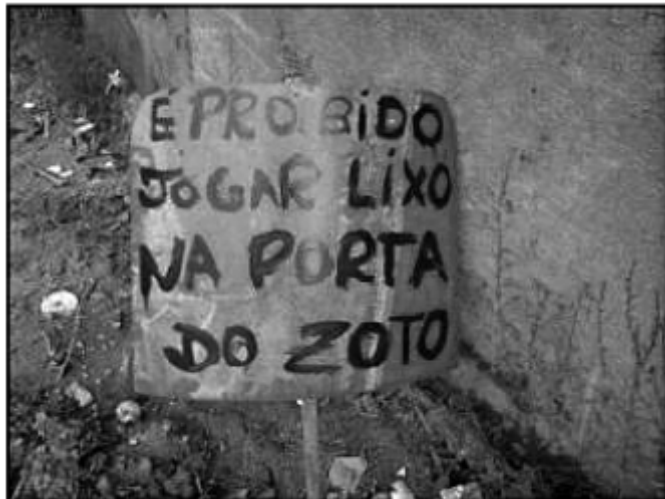
c) Os comentários feitos pelos internautas em alusão à música “Construção”, do cantor Chico Buarque, são impróprios e pejorativos por descaracterizarem a canção, prejudicando a Música Popular Brasileira.

d) A notícia sobre o cantor foi publicada em uma rede social, assim como os comentários. Desse modo, tem-se, além da intertextualidade que faz referência à música, um hibridismo entre gêneros textuais.

e) Percebe-se um caráter crítico e irônico nos comentários, o que é reforçado, tanto pela intertextualidade com a música “Construção”, quanto pela forma sobreposta dos comentários, que remontam a estrutura de versos da canção.

Exercício 8

(G1 - ifce 2014)



(www.facebook.com.br)

Entendendo-se que os gêneros textuais são os textos correntes na sociedade, no gênero **aviso** da placa acima,

a) a compreensão da mensagem foi totalmente prejudicada por conta dos desvios gramaticais.

b) o termo “do zoto” corresponde ao “dos outros”, reportando, assim, apenas a um desvio de concordância entre artigo e substantivo.

c) caso permutasse a expressão *jogar lixo* por *a jogada de lixo*, nada afetaria em termos de concordância com o substantivo “proibido”.

d) a linguagem do texto está inapropriada para a linguagem do gênero “aviso”.

e) a forma como se encontra a palavra “Zoto” parece ser um substantivo próprio, referindo-se ao nome do dono da casa proibida de jogar lixo.

Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Fonte: www.facebook.com.br)

Estas mãos

Olha para estas mãos
de mulher roceira,
esforçadas mãos cavouqueiras.
Pesadas, de falanges curtas,
sem trato e sem carinho.
Ossudas e grosseiras.
(...) Mãos que varreram e cozinham.
Lavaram e estenderam
roupas nos varais.
Poupavam e remendaram.
Mãos domésticas e remendonas.
Minhas mãos doces...
jamais ociosas.
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.
Mãos de sementeiro...
Afeitas à sementeira do trabalho
Caminheira de uma longa estrada.
[...]

(Cora Coralina – 1889-1985 – “Meu livro de cordel”)

(G1 - ifce 2014) A tirinha e o poema “Estas mãos”, embora pertençam a gêneros textuais diferentes, são semelhantes no que se refere

a) à abordagem da mesma temática, ainda que com diferentes intenções comunicativas.

b) às tarefas exercidas pelas mãos femininas.

c) à redução do termo mão à questão do trabalho doméstico.

d) à denúncia da exploração do trabalho doméstico feminino.

e) às mãos como conotação de pedido de casamento.

Exercício 10

(G1 - cps 2020) Eu herdei da minha mãe esse trabalho de artesanato com barro. E, desde a minha bisavó, já se fazia desse jeito. Ela era índia. Então, a minha mãe fazia pote, bilha, qualquer tipo de louça. A gente faz assim: pega o barro mole, mistura com caraipé*, amassa até ele ficar mesmo bem ligado e, depois que ele já está bem ligado, a gente já vai começar a formar a louça. Agora, tem que ter uma coisa, tem que saber a temperatura e a quantia que o barro pega do caraipé. Se estiver bem areadinho, ele já tá bom. E eu tenho esperança que meu filho também vai continuar a trabalhar e alguém além dele vai também. Vai aprender um filho dele, um sobrinho, porque toda criança sempre mostra logo uma coisa que ela quer ser, que ela quer fazer. Eu acho que vai ter alguém assim, não vai ficar parado, não. Vão continuar a fazer essas panelas aqui.

<<https://tinyurl.com/y6lw6rbu>> Acesso em: 09.10.2019.

* Árvore cujas cinzas são utilizadas pelos oleiros da região Amazônica para misturar com o barro, também denominada caripé-verdadeiro (*Licania floribunda*).

O depoimento de Maria da Saúde de Souza, artesã do Pará, foi gravado em vídeo e transcrito pelo Museu da Pessoa, *website* dedicado a coletar e a publicar as histórias de vida de milhares de brasileiros.

Os depoimentos orais são considerados fontes

a) históricas, pois contêm informações e conhecimentos transmitidos de geração a geração ou a versão pessoal de indivíduos que testemunharam acontecimentos históricos.

b) etnográficas, pois são utilizadas para confirmar as diferenças culturais existentes no interior de uma mesma sociedade, fortalecendo os preconceitos e preservando os privilégios.

c) científicas, pois sua obtenção se dá por meio de entrevistas realizadas por repórteres profissionais, vinculados aos grandes portais de notícias.

d) epistemológicas, pois são documentos certificados por instituições extraoficiais, vinculadas a organismos diplomáticos internacionais.

e) mitológicas, pois as versões pessoais são ratificadas pelos cientistas, comprometendo a credibilidade dos testemunhos.

Exercício 11

(G1 - cfrj 2020) **TEXTO I**

Diáspora

"Acalmou a tormenta; pereceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram;

Vivem os que, por um amor, temeram
E dos céus os destinos esperaram."¹

Atravessamos o Mar Egeu
o barco cheio de fariseus
com os cubanos, sírios, ciganos
como romanos sem Coliseu
Atravessamos pro outro lado
no Rio Vermelho do mar sagrado
nos center shoppings
superlotados
de retirantes
refugiados

Where are you?²
where are you?
where are you?
where are you?

Onde está
meu irmão
sem irmã
o meu filho
sem pai
minha mãe
sem avó
dando a mão
pra ninguém
sem lugar
pra ficar
os meninos
sem paz
onde estás
meu senhor
onde estás?

Onde estás?

"Deus! Ó, Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçados³ nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde⁴ desde então corre o infinito
Onde estás, senhor Deus?... "⁵

(ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa.
Diáspora. In.: *Tribalistas*. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017)

Vocabulário

¹ Primeira estrofe do Canto 11, do livro *O Guesa* (1878), de Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade).

² Tradução da frase em inglês: "Onde está você?".

³ Embuçado: encoberto, escondido.

⁴ Embalde: inutilmente.

⁵ Primeira estrofe do poema "Vozes d'África" (1868), de Castro Alves.

TEXTO II

Por que os imigrantes fogem da África?

Agricultura devastada e desemprego levam caravanas a deixar dezenas de países

AGADEZ, Níger – É segunda-feira e isso significa dia de mudança em Agadez, um cruzamento ao norte do deserto do Níger e a principal plataforma de onde saem os imigrantes da África Ocidental. Fugindo da agricultura devastada, superpopulação e falta de emprego, os imigrantes de uma dezena de países se reúnem em caravanas todas as segundas-feiras à noite e iniciam uma corrida louca pelo deserto do Saara em direção à Líbia, na esperança de eventualmente cruzar o Mediterrâneo até a Europa. A montagem dessa caravana é uma cena a ser testemunhada. Embora seja noite, ainda faz 40 graus e há apenas uma lua crescente para iluminar a escuridão. Então, de repente, o deserto acorda.

Usando o aplicativo de mensagens WhatsApp de seus celulares, os traficantes locais, vinculados a redes de contrabandistas que se estendem por toda a África Ocidental, começam a coordenar o carregamento clandestino de migrantes que estão em abrigos e porões por toda a cidade. Eles vêm se reunindo há semanas, vindos do Senegal, Serra Leoa, Nigéria, Costa do Marfim, Libéria, Chade, Guiné, Camarões, Mali e outras cidades de Niger. Com 15 a 20 homens – não há mulheres – amontoados na parte de trás de pick-ups Toyota, seus braços e pernas pendurados para fora, os veículos surgem de becos e ruelas e seguem os carros que partiram na frente para garantir que não haverá policiais, oficiais ou guardas de fronteiras desagradáveis à espreita que ainda não foram pagos. É como assistira uma sinfonia, mas ninguém tem ideia de quem é o maestro. Eventualmente, todos convergem para um ponto de encontro no norte da cidade, formando uma caravana gigante de 100 ou 200 veículos – a grande quantidade é necessária para afastar os bandidos do deserto.

Pobre Níger. Agadez, que tem casas com paredes de barro ornamentadas, é um notável Patrimônio Mundial da Unesco, mas a cidade foi abandonada pelos turistas depois que locais próximos foram atacados pelo Boko Haram⁶ e outros jihadistas⁷. Por isso, como explica um traficante, os carros e os ônibus da indústria do turismo estão sendo reaproveitados na indústria da migração. Há agora, por toda a África Ocidental, recrutadores, ligados aos traficantes, que trabalham por conta própria e pedem às mães dos meninos US\$400 ou US\$500 para mandá-los procurar empregos na Líbia ou na Europa. Poucos conseguem, mas outros continuam chegando.

A revolução na Síria foi provocada, em parte, pela pior seca de quatro anos da história moderna do país – além da superpopulação, tensões climáticas e a internet – e o mesmo acontece com a onda de migração dos africanos. (...)

– Hoje perdemos anualmente para a desertificação 100 mil hectares de terras aráveis. E perdemos entre 60 mil e 80 mil hectares de florestas todos os anos – afirma Adamou Chaifou [ministro do Meio Ambiente de Níger].

(...) Recentemente, a União Europeia fez um acordo com a Turquia para aumentar muito a ajuda da União Europeia para que Ancara

lide com os refugiados e migrantes que chegarem ao país e restrinja seu fluxo para a Europa.

– Se investíssemos uma fração dessa quantia para ajudar as nações africanas a combater o desmatamento, melhorar a saúde e a educação e sustentar a agricultura de pequena escala, que é o meio de sustento de 80 por cento das populações na África, elas poderiam ficar na terra. Seria muito melhor para elas e para o planeta – explicou Michele Barbut [chefe da Convenção das Nações Unidas para Combate à Desertificação].

Todo mundo quer construir muros nos dias de hoje, afirmou ela, mas o muro de que mais precisamos é um "muro verde", de reflorestamento, que seguraria o deserto e se estenderia de Mali no oeste à Etiópia no leste.

– E uma ideia que os próprios africanos tiveram – contou ela. E faz muito sentido.

Porque, no final, nenhum muro vai segurar essa onda de migrantes. Tudo que você vê por aqui são gritos de que, a não ser que haja uma maneira de estabilizar a pequena agricultura da África, de alguma maneira ou de outra, eles vão tentar chegar à Europa. Os que não podem, com certeza vão gravitar para um grupo extremista que os pague. Muitos hoje sabem pelos meios de comunicação que há uma vida melhor além-mar e acreditam que seus governos são muito frágeis para poder ajudá-los a melhorar.

(FRIEDMAN, Thomas L. Por que os imigrantes fogem da África?. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-por-que-os-imigrantes-fogem-da-africa-19179333>. Acesso em: 8 set. 2019)

Vocabulário

⁶ Boko Haram: organização fundamentalista islâmica surgida no norte da Nigéria.

⁷ Jihadista: membro do Jihad, guerra santa muçulmana.

TEXTO III

Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador

Na tese *Dois Séculos de Imigração no Brasil: A Construção da Identidade e do Papel dos Estrangeiros pela Imprensa entre 1808 e 2015*, [o pesquisador Gustavo] Barreto analisou a cobertura do tema em jornais como *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* (hoje *Folha de S. Paulo*), *Correio da Manhã*, *O País* e *Gazeta do Rio de Janeiro* ao longo de 207 anos.

Em entrevista à BBC Brasil, ele explica como os termos são usados de forma diferente na imprensa. "O refugiado é sempre negativo, um problema grave a ser discutido. O imigrante é uma questão a ser avaliada, pode ser algo positivo ou negativo, mas em geral a visão é de algo problemático. Já o estrangeiro é sempre positivo, inclusive melhor do que o brasileiro. É alguém com quem podemos aprender", diz.

Veja os principais trechos da entrevista:

Quanto ao racismo, é possível identificar avanços? Como tem sido a cobertura da chegada de imigrantes haitianos e

bolivianos ao Brasil, mais recentemente?

Barreto – O racismo era algo natural e aceitável no século 19, incluindo o destaque às ideias de supremacia de raças, entre 1870 até o governo Vargas. A partir da Segunda Guerra, os grupos começam a ser valorizados. Judeus, alemães e italianos no Brasil começam a recontar sua história, assim como os japoneses, depois de um momento muito difícil. Após as cartas de direitos humanos, os valores eugenistas⁸ já não são mais declarados, o que é um avanço.

Mais recentemente, o país passou a receber um número considerável de bolivianos e haitianos. Mas também chegam portugueses e espanhóis. A imprensa, no entanto, costuma destacar muito os problemas que os haitianos trazem, e rapidamente começa a ser construída uma visão de que eles são um problema. Enquanto isso, os imigrantes europeus recentes são valorizados por sua cultura e contribuição ao Brasil. Contribuições culturais ou produtivas dos haitianos e bolivianos, que têm uma riqueza cultural enorme, dificilmente viram notícia. O racismo atual se dá pelo não dito, pelo que a imprensa omite. Quando aparecem na mídia estão atrelados a problemas, crises, marginalizações, ou ligados à ideia de uma invasão. (...)

Suas observações não contrastam com a ideia tão difundida do Brasil como um país hospitaleiro, e do brasileiro como um povo acolhedor, famoso no mundo todo pela simpatia e boa recepção aos estrangeiros?

Barreto – Na verdade entre os pesquisadores do assunto há a noção do "mito da hospitalidade". Há uma diferença entre a maneira como nos vendemos para o mundo e a verdadeira hospitalidade a qualquer estrangeiro ou a democracia racial. O estudo de como a imigração é retratada no país entre 1808 e 2015 mostra que a hospitalidade é seletiva, mas que essa noção sempre foi difundida, em benefício do Brasil. Esta é uma das minhas principais conclusões na tese, a de que a nossa famosa hospitalidade é um mito. (...)

Você citou um editorial do jornal *Folha da Manhã*, de 1926, intitulado "Fechem-se as fronteiras". Esta seria um pouco a noção de que o Brasil enxergou durante muito tempo a imigração de forma unilateral e seletiva? Ainda vemos este discurso?

Barreto – Sim, o tema do editorial de 1926 é justamente a noção de que o país já teria recebido todos os imigrantes necessários. Já chegaram todos que nós queremos, após a vinda em massa de alemães e italianos, foi cumprida a função da imigração no Brasil. Já ocupamos e populamos o país, e agora as fronteiras devem ser fechadas e quem entrar deverá ser muito bem selecionado. Hoje em dia a posição continua, mas travestida por outro argumento. A imprensa trabalha com o mito de que somos um país pobre, em desenvolvimento, e não temos condições de receber mais ninguém. Vamos receber somente os melhores e mais úteis. São evidências no discurso da imprensa e na visão da sociedade brasileira que contrastam diretamente com a ideia do "Brasil hospitaleiro, onde todos são bem-vindos". No contexto atual, de crise econômica e política, há que se observar atentamente a maneira como o imigrante será retratado na imprensa, por ele ser um excelente bode expiatório para os problemas. Não tem grande chance de defesa, não está integrado ao país, é o outro, o diferente, que traz dificuldades.

Desemprego, inflação e crise tendem a tornar a visão dos imigrantes ainda mais negativa.

(PUFF, Jefferson. Racismo contra imigrantes no Brasil é constante.

26 ago. 2015. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_im

Acesso em: 8 set. 2019)

Vocabulário

⁸ Eugenista: adepto da eugenia, teoria desenvolvida no século XIX que defendia a superioridade e o melhoramento das raças, estimulando o embranquecimento da população

TEXTO IV

Acolhimento a refugiados é destaque em projeto da UFF

Na entrevista a seguir, a professora Ângela Magalhães Vasconcelos fala sobre o Laboratório de Políticas Públicas, Migrações e Refúgio, do qual é coordenadora. Os refugiados, segundo a pesquisadora, deixam seus países de origem de várias maneiras, que podem incluir, além do pagamento efetuado aos coites (pessoas que cobram para atravessar emigrantes irregulares), também a submissão às práticas violentas diversas impostas pelos traficantes humanos, já no novo país. A celebração do Dia Mundial do Refugiado, em 20 de junho, serviu para sensibilizar sobre uma temática real, que envolve pessoas, perdas e traumas, bem como chamar atenção sobre o crescimento dos fluxos migratórios de homens, mulheres e crianças, que apontam para uma endêmica⁹ pobreza apátrida, muitas vezes consequência também dos efeitos climáticos.

Há programas assistenciais governamentais para refugiados?

Ângela Vasconcelos – Existem programas específicos na rede pública. Entre 2012 e 2013, elaborei um projeto de pesquisa sobre os Programas de Transferência de Renda no Brasil, especificamente o Programa Bolsa Família (PBF). Na ocasião, verifiquei que não havia registro específico no CADÚnico (cadastramento de pessoas de baixa renda para serem beneficiadas por programas sociais) sobre os solicitantes de refúgio ou refugiados. Era um momento em que o mundo e o Brasil observavam um aumento nos fluxos migratórios. Essa realidade continua. Para se desenhar políticas são necessários números e apesar de termos dados sobre pessoas refugiadas da Polícia Federal, IBGE, Conare e aqueles repassados por instituições não governamentais, eles não estão refinados e são insuficientes, principalmente nos municípios e suas regiões.

O estado do Rio de Janeiro está preparado para atender aos refugiados?

Ângela Vasconcelos – Os refugiados vêm sendo atendidos nas redes públicas de saúde, educação, etc. Entretanto, como todos nós, enfrentam também a precarização dos serviços públicos. Isso tudo agravado pelos problemas na comunicação, pois muitos ainda não dominam a língua portuguesa. Há demandas peculiares que apresentam em virtude dos motivos que os trouxeram para cá e pelo fato de muitos funcionários públicos

desconhecerem os direitos dessas pessoas. Existem raríssimas prefeituras investindo em processos de qualificação de gestores e servidores para atender aos refugiados. A questão da moradia também é um sério problema pelo alto custo. Muitas pessoas acabam dividindo o aluguel de espaços pequenos, forçando a migrarem cada vez mais para as periferias, onde os aluguéis são mais baratos. Além disso, eles acabam participando de movimentos por moradia.

Como a população vem acompanhando a chegada dos refugiados em solo brasileiro?

Ângela Vasconcelos – De um lado se observa uma xenofobia aos muçulmanos, porque há uma ideia de que eles disseminam terrorismo. (...) De outro, vejo e vivencio o acolhimento e o compromisso da integração com autonomia e respeito aos aspectos multiculturais. Ainda ouço e vivencio situações de (re)vitimização das pessoas em relação aos refugiados, mas eles têm direitos, compromissos e efetivamente são capazes, com acolhimento, proteção e acompanhamento, de seguir em frente e de construir novas histórias.

(Adaptado de: PESSANO, Jorge. Acolhimento a refugiados é destaque em projeto da UFF. 29 jun. 2017. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=noticias/29-06-20171acolhimento-refugiados-e-destaque-em-projeto-da-uff>. Acesso em: 8 set. 2019

Vocabulário

⁹ Endêmico: constante, que não passa.

Os textos desta prova enfatizam diferentes aspectos da imigração. Contudo é possível perceber semelhanças entre:

- a) os Textos II e IV, que consideram inviáveis quaisquer soluções para o problema.
- b) os Textos I e III, que enfatizam as sucessivas migrações africanas para o Brasil.
- c) os Textos III e IV, que vislumbram o potencial positivo dos imigrantes.
- d) os Textos I e II, que focalizam o sucesso dos imigrantes na nova terra.

Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma

fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

(G1 - col. naval 2020) No 6º parágrafo, o autor diz que "Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam a critérios de apuração e checagem." Tal afirmação é usada para:

- a) justificar por que as fake news geram certo estranhamento, embora facilitem a vida dos usuários de internet.
- b) explicitar a substituição legalizada das fake news em lugar dos textos da imprensa tradicional, usados no passado.
- c) diagnosticar por que muitas pessoas confiam nas fake news, a ponto de compartilhar tudo o que leem na internet.
- d) culpabilizar a imprensa por não ter assessorado os autores das fake news a não disseminarem boatos.
- e) acalmar o leitor não preparado para a linguagem que compartilha notícias falsas, criando certo constrangimento

Exercício 13

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:
DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

10 curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra “criança”, e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: 2“uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”.

Veja outros verbetes do livro e as idades das crianças que os definiram:

- 3Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
- Água: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
- 4Branco: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)
- 5Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
- 6Céu: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)
- Dinheiro: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
- 7Escuridão: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)
- 8Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
- Inveja: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
- 9Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
- 10Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)
- Solidão: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
- Tempo: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)

(Uerj 2016) Ecuridão: é como o frescor da noite. (ref. 7)

O verbete citado apresenta uma definição poética para o termo “escuridão”.

Essa afirmativa pode ser justificada pelo fato de a autora do verbete ter optado por:

- a) priorizar as crenças antes de se pautar pela racionalidade
- b) construir uma figuração particular sem se ater ao fenômeno físico
- c) expressar seu medo da noite no lugar de descrevê-la minuciosamente
- d) apoiar-se na linguagem denotativa ao invés de elaborar um argumento conotativo

Exercício 14

(G1 - ifce 2019) É um texto jornalístico, informativo e impessoal, sem teor opinativo. Além disso, produções desse gênero não são assinadas pelo autor e têm uma linguagem clara, formal e objetiva, que narra fatos reais do cotidiano. A descrição trata do gênero textual

- a) entrevista.
- b) reportagem.
- c) notícia.
- d) carta ao leitor.
- e) editorial.

Exercício 15

(G1 - ifpe 2019) **TEXTO 1**

SAIBA MAIS SOBRE A LÍNGUA DOTHRAKI

Conversamos com David Peterson, linguista responsável pela criação dos idiomas de Game of Thrones

Se você encontrar um integrante de uma tribo Dothraki, é uma boa ideia saudá-lo com um respeitoso “m’athchomeroon” e passar longe de palavras como “gale”. Quem afirma isso é o linguista contratado pela série Game of Thrones para criar as línguas “estrangeiras” da história - o Dothraki e o Alto Valiriano. David Peterson, formado pela Universidade da Califórnia em San Diego, é integrante da Sociedade de Criação de Linguagens, organização que se dedica às conlangs.

Conlang não é uma gíria Dothraki e, sim, uma sigla que, em inglês, significa “língua construída”. Ou seja, idiomas como o esperanto, que tiveram suas regras, palavras e construções pensadas e desenvolvidas — diferente das línguas naturais, que surgem de forma espontânea através da derivação de sons e de dialetos.

Conversamos com David Peterson sobre a Guerra dos Tronos, a criação do Dothraki e até pedimos para que ele nos ensinasse a xingar no idioma de Khal Drogo. Confira:

(1) **Galileu:** Qual é a relação que você manteve no idioma com a cultura Dothraki?

Peterson: O idioma inteiro é baseado na realidade dos Dothraki. Consequentemente, há palavras para descrever todas as plantas, animais e os fenômenos que acontecem em seu cotidiano — e nenhuma para situações desconhecidas.

(2) **Galileu:** Pode dar exemplos?

Peterson: Não faria sentido criar palavras para “livro”, “ler” e “escrever”, já que o Dothraki não existe na forma escrita. Também não há palavra equivalente a “obrigado”, porque a cultura deles não observa a gratidão da mesma forma. Mas há palavras diferentes para fezes de animais, dependendo se elas estão frescas ou secas. Como as fezes secas são usadas para fazer fogueiras, essa distinção é muito importante para eles. Também há 14 palavras diferentes para “cavalo”.

(3) **Galileu:** Os atores da série conseguem se comunicar na língua?

Peterson: Pelo que sei, os atores apenas memorizam as falas, sem aprender o idioma. Não esperava que eles aprendessem, afinal, seria um trabalho. Eles “pegaram” algumas palavras e expressões, mas duvido que conseguissem manter uma conversa simples em Dothraki.

(4) **Galileu:** Você também criou o Alto Valiriano, outro idioma falado em Essos, e disse, em entrevista, que a língua é “quase bonita demais”. Quais são os sons e as construções que tornam isso possível? De que forma o Alto Valiriano se opõe aos sons guturais e pesados do Dothraki?

Peterson: O Alto Valiriano é mais rico em ditongos do que o Dothraki. E enquanto possui uma pegada gutural, o som é mais raro. Gramaticamente, as línguas têm suas diferenças. As duas não têm artigos, mas a ordem das palavras é diferente, com o verbo sempre entrando no final da sentença e os adjetivos sempre precedendo o pronome que eles modificam.

(5) **Galileu:** Em aulas de línguas estrangeiras, uma das primeiras coisas que aprendemos (normalmente através dos colegas e não dos professores) são os xingamentos. E também gostamos de zoar os gringos que vêm ao Brasil, ensinando palavrões em português, como se tivessem outro significado. Você pode nos ensinar a xingar em Dothraki?

Peterson: Claro! O Dothraki é um idioma “abençoado” com muitos palavrões. “Ifak”, por exemplo, é uma palavra que tem o significado de gringo, de estrangeiro. Mas no Dothraki é usado como um insulto. “Graddakh” é a palavra usada para fezes, sempre em tom pejorativo. Muitos dos outros xingamentos são óbvios, como “gale” que significa ovo — mas também a genitália masculina.

GALASTRI, Luciana. *Saiba mais sobre a língua dothraki*.

Disponível em:

<[https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/06/o-](https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/06/o-criador-das-linguas-de-game-thrones.html)

[criador-das-linguas-de-game-thrones.html](https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/06/o-criador-das-linguas-de-game-thrones.html)>. Acesso em: 04 maio 2019 (adaptado).

TEXTO 2

POR QUE TODO MUNDO NÃO FALA A MESMA LÍNGUA?

Porque as línguas foram surgindo nas várias regiões do mundo de forma independente. Algumas têm a mesma origem, como o hindu, o sueco, o inglês e o português. Elas vieram de uma grande língua comum, chamada proto-indo-europeu, que há milhares de anos era falada na Ásia.

Esse idioma deu origem a quase todas as línguas ocidentais e algumas orientais. “Supõe-se que o indo-europeu tenha sido uma língua só, que foi se diferenciando com o tempo”, explica o professor de linguística Paulo Chagas de Souza, da Universidade de São Paulo.

É que as línguas são vivas – elas se transformam com o uso. Mesmo as que vieram de uma raiz comum foram sendo modificadas pouco a pouco pela prática de cada grupo falante, que seleciona os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura. Os esquimós, por exemplo, criaram palavras capazes de descrever 40 tons de branco. Esses termos não fazem o menor sentido para um povo que mora no deserto, concorda?

O Império Romano teve uma forte função na difusão e na construção de muitas das línguas que são faladas hoje. Naquela época, na região de Roma, falava-se o latim, uma língua derivada do proto-indo-europeu que floresceu na região do Lácio.

À medida que o império avançava, conquistando novos territórios, esse idioma foi sendo imposto aos povos dominados, mas não sem sofrer influência das línguas locais, com mudanças de pronúncia e enxertos de palavras.

Com o enfraquecimento do domínio dos césores, essas diferenças foram se intensificando e construindo dialetos, que se transformaram em idiomas próprios. Foi assim que surgiu o português, o italiano e o francês, por exemplo.

Hoje, são faladas 7.099 línguas ao redor do mundo, segundo o compêndio Ethnologue, um livro que cataloga os idiomas do nosso planeta desde 1950. Mas a gente não ouve a maioria delas: mais de 90% dessas línguas estão na boca de apenas 6% dos habitantes da Terra. O restante da população mundial usa menos de 400 idiomas.

OLIVEIRA, Fábio. *Por que todo mundo não fala a mesma língua?*

Disponível em:<http://super.abril.com.br/sociedade/por-que-todo-mundo-nao-fala-a-mesma-lingua/amp/>>. Acesso em: 04 maio

2019.

Tanto o TEXTO 1 quanto o TEXTO 2 têm como foco a discussão sobre idiomas. Este tematiza línguas naturais, enquanto aquele destaca línguas artificiais criadas para uma série televisiva. Apesar das diferenças, os dois dialogam ao tratarem da relação

entre língua e cultura. Sobre esse aspecto, analise os trechos reproduzidos a seguir.

I. “Há palavras para descrever todas as plantas, animais e os fenômenos que acontecem em seu cotidiano — e nenhuma para situações desconhecidas” (TEXTO 1, pergunta 1).

II. “Não faria sentido criar palavras para ‘livro’, ‘ler’ e ‘escrever’, já que o Dothraki não existe na forma escrita” (TEXTO 1, pergunta 2).

III. “Pelo que sei, os atores apenas memorizam as falas, sem aprender o idioma” (TEXTO 1, pergunta 3).

IV. “Elas vieram de uma grande língua comum, chamada proto-indo-europeu, que há milhares de anos era falada na Ásia” (TEXTO 2, 1º parágrafo).

V. “Os esquimós, por exemplo, criaram palavras capazes de descrever 40 tons de branco. Esses termos não fazem o menor sentido para um povo que mora no deserto, concorda?” (TEXTO 2, 3º parágrafo).

Que trechos, dos acima destacados, deixam clara a relação entre língua e cultura?

a) III, IV e V, apenas.

b) II, III e V, apenas.

c) I, II e IV, apenas.

d) I, II e V, apenas.

e) I, III e IV, apenas.

Exercício 16

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Mãe que não consegue dizer 'não' ao filho pede
à escola que proíba pipoqueiro na porta**

Ancelmo Gois

Madame não educa

A mãe de um aluno de um colégio particular tradicional da Tijuca, no Rio, pediu

que a direção proíba o pipoqueiro de trabalhar na porta da escola. É que ela proibiu o

filho de comer pipoca. Mas, sempre que vê o pipoqueiro, o miúdo pede à mãe para

comprar. E ela não sabe dizer não. Ah, bom!

Blog do Ancelmo Gois, *Jornal O Globo*, 08/08/2017. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/mae-que-nao-consegue-dizer-nao-ao-filho-pede-escola-queproiba-pipoqueiro-na-porta.html>>. Acesso em: 10 ago. 2018. (Adaptado)

(G1 - cmrj 2019) Assinale **V**, para as informações VERDADEIRAS, e **F**, para as informações FALSAS. Depois indique a alternativa que apresenta a ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo.

Diante dos fatos apresentados no texto, pode-se concluir que

() a culpa de o menino fazer birra é do pipoqueiro.

() a culpa da falta de controle do menino é da criação da mãe.

() Ancelmo Gois, o jornalista que noticia o ocorrido, considera o pedido da mãe correto.

() A mãe pediu ajuda a Ancelmo Gois para forçar a saída do pipoqueiro da porta da escola.

() Ancelmo Gois fez uso da ironia para criticar a atitude da mãe do menino.

a) V – F – V – F – V

b) F – V – V – F – V

c) F – V – V – V – V

d) F – V – F – F – F

e) F – V – F – F – V

Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Imagem disponível em [HTTPS://societifica.com.br/galileu-galilei/](https://societifica.com.br/galileu-galilei/)

Exposição virtual conta a história das grandes invenções da Humanidade

Projeto reúne mais de 200 mil imagens, vídeos e registros históricos; aplicativo usa realidade aumentada para explicar Big Bang

RIO – Em 1608, o alemão Hans Lippershey apresentou um pedido de patente para uma lente capaz de “ver coisas distantes como se estivessem próximas”. O pedido foi negado, mas a notícia da invenção se espalhou pela Europa e, no ano seguinte, o italiano Galileu Galilei mirou essa lente melhorada para o céu, descobriu luas em Júpiter e crateras na Lua, dando início à astronomia observacional. Quatro séculos depois, telescópios estão no espaço, observando galáxias a bilhões de anos-luz de distância. Essa é uma das histórias reunidas pelo projeto “Once Upon a Try”, desenvolvido pelo *Google Arts & Culture* com 110 museus e instituições científicas ao redor do mundo.

Trata-se da maior exibição virtual sobre a inovação e a inventividade humana. São quase 400 exposições virtuais, com mais de 200 mil imagens, vídeos e registros históricos, como a coleção, inédita na internet, de cem cartas enviadas por Albert Einstein a cientistas franceses, mantidas pela prestigiada

Académie des Sciences francesa. Da Nasa, uma plataforma de aprendizado de máquina oferece uma nova forma de explorar um arquivo com mais de 127 mil imagens espaciais.

– Nós trabalhamos nesse projeto por mais de dois anos – contou Luisella Mazza, diretora de operações do *Google Cultural Institute*. – A curadoria das exposições foi feita pelas instituições parceiras, sem ingerência do *Google Arts & Culture*. As instituições decidiram, de forma autônoma, as imagens, as histórias e as invenções que fazem parte dessa mostra.

Coube ao Google o apoio com tecnologia, como no desenvolvimento do aplicativo “Big Bang AR”, que explica o surgimento e a evolução do universo com realidade aumentada. O conteúdo foi desenvolvido por físicos da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, conhecida pela sigla Cern, e coloca, literalmente, o evento do Big Bang na palma da mão dos usuários.

¹Modernas técnicas de digitalização foram empregadas para transformar em pixels o Mapa de Juan de la Cosa, considerado o mais antigo registro do Novo Mundo. Pintado a mão num pergaminho, o mapa ilustra as terras descobertas no continente americano até o fim do século XV, por expedições espanholas, inglesas e portuguesas. ²A partir de agora, ele estará disponível, em altíssima resolução, aos visitantes da mostra “Once Upon a Try”.

– O primeiro mapa das Américas, feito no início do século XVI, foi digitalizado com a tecnologia *gigapixel* – explicou Luisella. – É uma câmera muito especial, que permite tirar fotos em altíssima resolução, de até 2 bilhões de pixels, de forma muito rápida e intuitiva.

O foco do projeto está nas grandes descobertas e invenções, mas também há espaço para inventos específicos, como a chuteira de futebol. Em parceria com o Museu do Futebol, a exposição traça a história de um simples calçado que está nos pés das estrelas do esporte mais popular do planeta, além de contar como foi a adaptação da chuteira em terras brasileiras.

O “Once Upon a Try” também oferece passeios virtuais, com o *Google Street View*, em instalações como a Estação Espacial Internacional e o Grande Colisor de Hádrons do Cern, a maior máquina já construída pelo homem. O túnel que se estende por 27 quilômetros na fronteira da França com a Suíça ficou mundialmente conhecido por comprovar, em 2012, a existência do bóson de Higgs, a partícula de Deus.

Adaptado de:

<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/exposicao-virtual-counta-historia-das-grandes-invencoes-da-humanidade-23500843>, acesso em 06SET2020, às 16:28.

(G1 - cmrj 2021) Após a leitura e interpretação do texto, assinale a alternativa correta.

a) O autor, ao mencionar as invenções de Galileu Galilei, direciona seu texto aos astrônomos e estudantes de astronomia.

b) O jornalista foca seu texto em tecnologias que, na verdade, tornaram-se obsoletas.

c) O texto discorre sobre a maior exibição virtual sobre a inovação e a inventividade humana.

d) A reportagem se prende mais a ideias e possibilidades do que à realidade científica do mundo contemporâneo.

e) O texto limita-se a apresentar informações sobre uma exposição a respeito de invenções e projetos científicos de Galileu Galilei e Albert Einstein.

Exercício 18

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Por trás da “boa aparência”: o racismo em números no mercado.

“Precisa-se de moça de boa aparência para auxiliar de dentista. Rua Boa Vista, 11, primeiro andar.” ¹O ²anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, ³contém uma expressão de uso bastante comum até 2006, quando foi proibida por ⁴viés discriminatório. Para 70% dos brasileiros, ⁵“boa aparência” não é apenas um código para cabelos lisos e pele clara, é um sintoma da discriminação racial ainda presente no ⁶país em que mais da metade da população se autodeclara negra.

“Precisamos refletir sobre o significado da compreensão de que vivemos em um país racialmente harmônico, que ainda está presente em nosso imaginário. Pela noção de democracia racial, dizemos que o racismo não existe e, se a população negra vive em desvantagem social, é porque não se esforçou o suficiente”, explica Giselle dos Anjos Santos, doutoranda em História Social pela USP e consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), organização pioneira na promoção da equidade racial e de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Na ⁷área de recrutamento e seleção por quase uma década, a ex-recrutadora Marion Caruso vivenciou de perto as ⁸inconsistências entre discurso e prática relacionadas __1__ aceitação racial dentro do mercado de trabalho. “Me pediam que não enviasse pessoas negras para as vagas porque tinham ‘cara de empregadinha’”. Com demandas como __2__ que Marion recebia, não é difícil imaginar por que a expectativa de que o Brasil alcance __3__ igualdade racial no mercado de trabalho é de 150 anos, ⁹segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016.

Os números não param de alarmar. ¹⁰Ainda de acordo com o Ethos, embora 54% da população brasileira seja negra, eles ocupam apenas 5% dos cargos de liderança nas maiores empresas do país. Quando se fala em mulheres pretas e pardas em altos cargos de chefia, esse índice chega a menos de 1%. O espaço para homens e mulheres negros vai se ¹¹afunilando conforme os cargos vão ficando cada vez mais altos: na base da pirâmide ¹²corporativa, os aprendizes negros chegam a ultrapassar os brancos.

Giselle explica que, ao longo da história, a sociedade brasileira se construiu nas bases do racismo. Daí a desigualdade e falta de oportunidades. “Todos os indicadores sociais refletem __4__ desigualdades colocadas”, explica a estudiosa. A mulher negra tem 50% mais chances de estar desempregada do que qualquer outro grupo da nossa sociedade. ¹³É fundamental que pensemos

em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Mesmo que o número de estudantes negros nas universidades federais tenha triplicado na última década, garantindo a qualificação necessária para as vagas, a consultora e pesquisadora alerta que as barreiras começam muito antes do ¹⁴recrutamento. “Existe uma lógica de rede de informação e contato. Quando perguntados nos censos desenvolvidos pelo CEERT em diferentes instituições como ficaram sabendo de determinada vaga, os profissionais brancos respondem que souberam por parentes e amigos. ¹⁵A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” [...]

Publicado em 23/08/19, por Nayara Fernandes, no portal de notícias R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/por-tras-da-boa-aparencia-o-racismo-em-numeros-no-mercado-23082019>>. Acesso em: 25 ago. 2019 (Texto adaptado para fins didáticos).

(G1 - ifsul 2020) No que se refere aos objetivos da reportagem, é correto dizer que o texto

a) problematiza a persistência do racismo no ambiente profissional e sugere uma série de ações capazes de diminuir as desigualdades sociais entre brancos e negros, salientando o papel da escola e da mídia nesse processo.

b) evidencia a distância entre o número de negros existentes na população brasileira e o número de negros que ocupam cargos de chefia, destacando o papel da mídia para conscientizar as empresas sobre a necessidade de acabar com essa desigualdade no ambiente profissional.

c) demonstra, por meio de dados históricos e estatísticos, a persistência do racismo na sociedade brasileira e o quanto isso afeta a ascensão profissional das pessoas negras, principalmente a ascensão dos homens desse grupo étnico.

d) ressalta que, embora a expressão “boa aparência” - por muito tempo presente nos critérios de seleção para uma vaga de trabalho - tenha sido proibida por lei, a discriminação racial ainda está presente nos processos de recrutamento das empresas.

Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TRABALHO ESCRAVO É AINDA UMA REALIDADE NO BRASIL

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de

50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para

denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava. Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

Adaptado.SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. *Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil*. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/fundamental-2/trabalho-escravo-e-ainda-uma-realidade-no-brasil/>>. Acesso: 19 mar. 2017.

(G1 - ifpe 2017) Em relação ao gênero textual, é CORRETO afirmar que o texto é

a) artigo de opinião, pois os autores se utilizam de um tema, a escravidão no Brasil contemporâneo, para defender o ponto de vista que têm acerca dessa problemática.

b) uma notícia, por expor um fato importante, a existência de escravidão no Brasil contemporâneo, indicando seus responsáveis, bem como outras informações necessárias, a exemplo de local, momento e modo como este ocorreu.

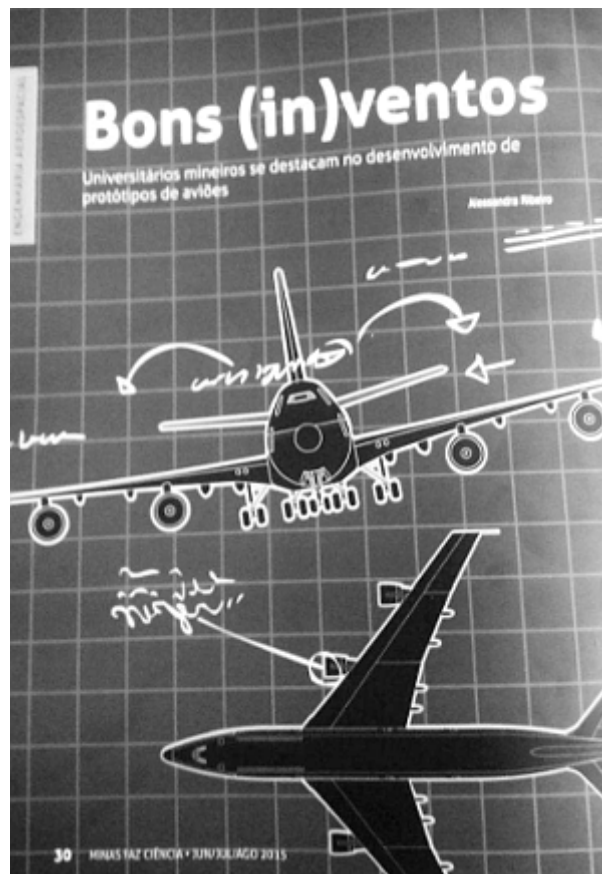
c) uma reportagem, por oferecer ao leitor informações sobre um tema, a escravidão contemporânea no Brasil, com extensão e profundidade que caracterizam esse gênero.

d) um texto instrucional, por apresentar as maneiras através das quais é possível evitar que pessoas se submetam ao trabalho escravo no Brasil.

e) um relato feito por pessoas que já vivenciaram uma situação de escravidão e narram a sequência desse acontecimento.

Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:




Bons (in)ventos


Universitários mineiros se destacam no desenvolvimento de protótipos de aviões

Alessandra Ribeiro

“Urrú! É pão de queijo!”. O grito de comemoração tornou-se recorrente na premiação do campeonato anual promovido nos Estados Unidos pela Sociedade de Engenheiros da Mobilidade (SAE, na sigla em inglês), a *Aerodesign East Competition*. O desafio consiste em projetar e construir aeronaves radiocontroladas, com capacidade de transportar cargas. Na última edição, encerrada em março, com a participação de 75 grupos das Américas, da Ásia e da Europa, duas equipes mineiras alcançaram o segundo lugar, em diferentes categorias: a Uirá, da Universidade Federal de Itajubá (Unifei), na classe “regular”, e a Trem Ki Voa, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na “micro”.

Instituições mineiras de ensino superior figuram anualmente na lista de vencedores da competição desde 2006, quando o primeiro e o segundo lugares da classe “regular” ficaram, respectivamente, com as equipes Uai-So-Fly, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Tucano, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pouco antes, em 2004, o grupo CEAV-UAV, também da UFMG, havia conquistado o vice-campeonato. Nessa categoria, os participantes devem construir aeronaves com dimensões totais de, no máximo,  metros, capazes de decolar na distância máxima de metros, com o uso de motores elétricos limitados à potência de watts. O uso de materiais compostos – como fibra de carbono ou vidro – é vetado na estrutura dos aviões.

Já na classe “micro”, os protótipos devem ter dimensões reduzidas e pesar, em média, gramas. Além disso, a equipe precisa

transportar a aeronave dentro de um tubo de  centímetros de diâmetro. Quanto menor o comprimento do tubo, mais pontos são ganhos. As aeronaves também têm de usar motores elétricos e decolar por lançamento manual. Foi nesta categoria que a Trem Ki Voa (TKV), da UFSJ, subiu pela primeira vez no pódio da *Aerodesign East Competition*.

A equipe micro teve sua participação iniciada em 2010, por iniciativa de estudantes do curso de Engenharia Mecânica. “De lá para cá, participamos de todas as competições, sendo vice-campeões nacionais em 2012 e 2014 e vice-campeões mundiais em 2015”, conta o professor Cláudio Pellegrini, orientador do grupo, que conta com o apoio do Programa Santos Dumont, da FAPEMIG. O edital batizado com o nome do “pai da aviação”, natural de Minas Gerais, estimula o espírito empreendedor de alunos de graduação, por meio do financiamento de projetos focados em iniciação tecnológica. O apoio financeiro abrange a participação de equipes em competições de caráter educacional, como as promovidas pela SAE.

A TKV é “filha caçula” da equipe regular da UFSJ, a Coiote, criada em 2001. Três anos mais tarde, as duas se unificaram e decidiram adotar a alcunha Trem Ki Voa, uma referência (ou reverência) ao dialeto mineiro. Os nomes das equipes, aliás, demonstram o nível de criatividade dos participantes. Na mesma universidade, a NoizAvua, que reúne estudantes das engenharias Civil, Mecatrônica e de Telecomunicações do campus Alto Paraopeba, estreou em 2012 na SAE Brasil *Aerodesign*, competição brasileira que garante a classificação ao desafio internacional. Já na primeira participação, o grupo recebeu menção honrosa por apresentar o melhor projeto não custeado. Desde então, já conseguiu patrocínios pontuais, um deles também viabilizado pelo programa da FAPEMIG.

“Para esses estudantes, o projeto e a construção de uma aeronave de carga não tripulada controlada a distância é uma oportunidade única de testar seus conhecimentos, de modo a desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe e integrar os conhecimentos adquiridos ao longo das várias unidades curriculares, por vezes tão distintas, de seu curso”, avalia Cláudio Pellegrini (...). O professor ressalta que isso vale, inclusive, para os estudantes sem formação específica em aeronáutica – caso das equipes da UFSJ. “A participação também desenvolve a autonomia no aprendizado, característica essencial em um mercado de trabalho em constante mudança”, acrescenta.

Fonte: *MINAS FAZ CIÊNCIA*, jun/jul/ago de 2015. P. 31-2.

(Ufjf-pism 2 2016) O texto apresentado pertence ao gênero:


- a) reportagem.
- b) relatório.
- c) propaganda.
- d) editorial.
- e) entrevista.

Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder a(s) questão(ões), leia o texto a seguir.

A humanidade parece ter um problema recorrente com o uso do sal [...]. O historiador britânico Felipe Fernandez-Arnesto, da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, diz que, desde que os primeiros humanos deixaram de ser nômades, houve um crescimento explosivo do uso do sal. A ingestão diária aumentou cinco ou seis vezes desde o período paleolítico – com enorme aceleração nas últimas décadas. A American Heart Association, que reúne os cardiologistas americanos, estima que mudanças no estilo de vida provocaram aumento de no consumo de sal desde os anos 1970. Em boa medida, graças ¹ao consumo de comida industrializada.

A culpa pelo abuso do sal não deve, porém, ser atribuída somente ²à indústria. A maior responsabilidade cabe ao nosso paladar. Os especialistas acreditam que a natureza gravou em nosso cérebro circuitos que condicionam a gostar de sal e procurar por ele – em razão do sódio essencial que contém. A indústria, assim como a arte gastronômica, responde ³ao desejo humano. “É provável que o sal seja tão apreciado porque tem a capacidade de ativar o sistema de recompensa do nosso cérebro”, diz o neurofisiologista brasileiro Ivan de Araújo, afiliado a Universidade Yale, nos Estados Unidos. Isso significa que sal nos deixa felizes [...]. Com base nas repercussões negativas na saúde pública, muitos médicos têm falado em “epidemia salgada” e promovido um movimento similar ⁴aquele que antecedeu as restrições impostas ao tabaco e ao álcool. Desde 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) faz campanhas para chamar a atenção sobre o excesso de sal. O movimento que defende as restrições ao sal já chegou ⁵ao Brasil. Na segunda quinzena de junho, reuniram-se em Brasília representantes do meio acadêmico, da indústria de alimentos, técnicos do Ministério da Saúde, da Agricultura e da Anvisa, agência federal que regulamenta a venda de comida industrializada e remédios. Como meta, discutiu-se passar, em dez anos, de gramas *per capita* de sal por dia para os gramas recomendados pela OMS. “Essa mudança ajudaria a baixar em a pressão arterial dos brasileiros. Seria  milhão de pessoas livres de medicação para hipertensão”, diz a nefrologista Frida Plavnik, representante da Sociedade Brasileira de Hipertensão na reunião. ⁶Segundo ela, haveria queda de nas mortes causadas por derrames e de naquelas ocasionadas por infarto.

Fonte: *Época*. Seção Saúde & Bem-estar. 26 jul. 2010. p. 89-94.
(adaptado)

Viva melhor com menos sal

(Ufsm 2015) O texto faz parte de uma reportagem, gênero textual de base dissertativa que, tipicamente, reúne várias fontes consultadas pelo jornalista na fase de levantamento de informações. Com relação ao texto, considere as afirmativas a seguir.

I. A informação sobre o momento em que o consumo de sal pelos seres humanos aumentou é apresentada por meio de um relato atribuído a um historiador britânico.

II. Uma causa da apreciação das pessoas pelo sal é apresentada por meio de citação atribuída a um nefrologista dos Estados Unidos.

III. Dados sobre uma possível diminuição de mortes de brasileiros como consequência da redução do consumo de sal são atribuídos a uma representante da Sociedade Brasileira de Hipertensão, retomada em “Segundo ela” (ref. 6).

Está(ão) correta(s)

a) apenas I.

b) apenas II.

c) apenas III.

d) apenas I e III.

e) I, II e III.

Exercício 22

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia uma reportagem de Antônio Gois publicada em 03.02.2012 pelo jornal *Folha de S.Paulo*.

Laptop de aluno de escola pública tem problemas

Estudo feito pela UFRJ para o governo federal mostra que o programa UCA (Um Computador por Aluno), implementado em 2010 em seis municípios, esbarrou em problemas de coordenação, capacitação de professores e adequação de infraestrutura.

O programa piloto do MEC forneceu 150 mil laptops de baixo custo a professores e alunos de cerca de 300 escolas públicas. Às cidades foram prometidas infraestrutura para acesso à internet e capacitação de gestores e professores.

Uma das conclusões do estudo foi que a infraestrutura de rede foi inadequada. Em cinco cidades, os avaliadores identificaram que os sinais de internet eram fracos e instáveis tanto nas escolas quanto nas casas e locais públicos.

A pesquisa mostra que os professores se mostravam entusiasmados no início, mas, um ano depois, 70% relataram não ter contado com apoio para resolver problemas técnicos e 42% disseram usar raramente ou nunca os laptops em tarefas pedagógicas.

Em algumas cidades, os equipamentos que davam defeito ficaram guardados por falta de técnicos que soubessem consertá-los.

Além disso, um quinto dos docentes ainda não havia recebido capacitação, e as escolas não tinham incorporado o programa em seus projetos pedagógicos.

Um dos pontos positivos foi que os alunos passaram a ter mais domínio de informática. O programa foi mais eficiente quando as escolas que permitiram levar o laptop para casa.

Foram avaliadas Barra dos Coqueiros (SE), Santa Cecília do Pavão (PR), São João da Ponta (PA), Terenos (MS) e Tiradentes (MG). Os autores do estudo não deram entrevista.

(Unesp 2012) *O programa foi mais eficiente quando as escolas que permitiram levar o laptop para casa.*

Assinale a alternativa que indica a falha de revisão verificada na passagem destacada.

a) O jornalista deveria ter usado o termo mais adequado: *notebook*.

b) Seria muito mais claro empregar *computador* em vez de *laptop*.

c) A palavra *que* deveria ter sido eliminada, porque não tem função na frase.

d) Deveria haver ponto após *escolas*.

e) Deveria ter sido colocada uma vírgula depois da palavra *permitiram*.

Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

⁵Se escapar do ⁸bombardeio ¹..... está sendo submetido, ¹¹um achado divulgado ¹⁴anteontem por pesquisadores do Reino Unido poderá mudar a história da ocupação humana da América. Segundo eles, pegadas de pessoas descobertas no centro do México teriam 40 mil anos - ⁶embora os registros mais antigos de presença humana no continente não ultrapassem ²..... 13 mil anos.

A equipe, liderada pela ¹⁷gearqueóloga mexicana Silvia González, achou os rastros ¹⁸na beira de um antigo lago assolado por chuvas de cinza vulcânica. Imagina-se que, ¹⁵depois de um desses episódios, um grupo de pessoas (entre as quais crianças, a julgar pelas dimensões das pegadas) teria caminhado sobre a cinza, deixando sua ⁹marca.

Usando uma série de métodos diferentes, o grupo britânico datou fósseis de animais no mesmo nível da pegada, assim como sedimentos ¹⁹em volta da própria, chegando à data de por volta de 40 mil anos ¹⁶antes do presente. ²²Hoje, o sítio arqueológico das Américas mais antigo cujas datas são aceitas pelos cientistas é Monte Verde, no extremo sul do Chile, com seus 12, 5 mil anos. ²¹Poucos pesquisadores ²⁰põem em dúvida a ideia de que os primeiros americanos cruzaram o estreito de Bering, vindos do extremo nordeste da Ásia, para chegar ao Novo Mundo.

"Novas rotas de migração ³..... expliquem a existência desses sítios mais antigos precisam ser consideradas. Nossos achados reforçam a teoria ⁴..... ¹⁰esses primeiros colonos

tenham vindo pela água, usando a rota da costa do Pacífico", disse González em comunicado.

"Nunca se deve dar a conhecer um achado tão importante numa entrevista coletiva", critica o antropólogo argentino Rolando González-José, do Centro Nacional Patagônico. ¹²O pesquisador já chegou a estudar os antigos mexicanos junto com a arqueóloga, ⁷mas teve "divergências inconciliáveis" com ela. ¹³"Uma data de 40 mil anos não necessariamente leva a modelos alternativos do povoamento, ²³muito menos recorrendo a rotas transpácificas", diz.

Adaptado de: LOPES, Reinaldo José. *Folha de S. Paulo*, 6 jul. 2005, p. A 16.

(Ufrgs 2006) Considere as seguintes afirmações sobre expressões indicativas de tempo usadas no texto.

I - A palavra ANTEONTEM (ref. 14) remete à ante-véspera do dia em que a reportagem foi escrita.

II - A palavra DEPOIS (ref. 15) está relacionada a um dos episódios de chuvas de cinza vulcânica.

III - A expressão ANTES DO PRESENTE (ref. 16) significa "antes do momento da descoberta".

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) Apenas II e III.

Exercício 24

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

APRENDENDO COM O PRIMATA

Atual e instigante a reportagem "A outra face do macaco" (número 10, ano 12). O comportamento animal contribui para a compreensão do problema da violência premeditada entre os humanos. E pode também indicar possíveis soluções.

(Édison Miguel - Goiânia, GO)

TEXTO II

O MACACO NÃO ESTÁ CERTO

Fiquei muito impressionada com a violência e a rivalidade que existe entre as tribos de macacos. Sempre tive outra imagem dos primatas. Para mim eles eram animais pacíficos e inteligentes, mas agora percebo que se parecem mesmo com os humanos.

(Elaine Gomes - Santa Maria, RS)

TEXTO III

O HOMEM É BEM PIOR

Comparar o instinto violento do chimpanzé com o do homem é algo cômico. Os humanos já nascem com a mente voltada para as guerras e são infinitamente mais ferozes.

(José Reinaldo Coniutti - Cuiabá, MT)

DEZEMBRO, 1998 - *SUPER*

(Ufsm 2000) Em "O comportamento animal contribui PARA a compreensão do problema da violência premeditada entre os humanos", a preposição destacada estabelece uma relação de sentido semelhante à apresentada na seguinte frase:

- a) A reportagem serviu PARA analisar a violência.
- b) Já nascem com a mente voltada PARA a guerra.
- c) Estava muito impressionada PARA preocupar-se com banalidades.
- d) Estamos agora indo PARA o mundo real.
- e) PARA mim eles eram animais pacíficos e inteligentes.

Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho do artigo "Flertando com o desconhecido", de Marcelo Gleiser.

Muita gente acha que a ciência é uma atividade sem emoções, destituída de drama, fria e racional. Na verdade, é justamente o oposto. A premissa da ciência é a nossa ignorância, nossa vulnerabilidade em relação ao desconhecido, ao que não sabemos. Muitas vezes, quando experimentos revelam novos aspectos da Natureza que sequer haviam sido conjecturados, a sensação de tatearmos no escuro pode levar ao desespero. E agora? Se nossas teorias não podem explicar o que estamos observando, como ir adiante? Nenhum exemplo na história da ciência ilustra melhor esse drama do que o nascimento da física quântica, que descreve o comportamento dos átomos e das partículas subatômicas, e que está por trás de toda a revolução digital que rege a sociedade moderna.

Ao final do século XIX, a física estava com muito prestígio. A mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Faraday e Maxwell, a compreensão dos fenômenos térmicos, tudo levava a crer que a ciência estava perto de chegar ao seu objetivo final, a compreensão de toda a Natureza. Para a surpresa de muitos, experimentos revelaram fenômenos que não podiam ser explicados pelas teorias da chamada era clássica. Não se sabia, por exemplo, se átomos eram ou não entidades reais, já que a física clássica previa que seriam instáveis. Gradualmente, ficou claro que uma nova física era necessária para lidar com o mundo do muito pequeno. Mas que física seria essa? Ninguém queria mudanças muito radicais. Ou quase ninguém.

A primeira ideia da nova era veio de Max Planck. Eis como Planck relatou em 1900 seu estado emocional ao propor a ideia do quantum (o menor valor que certas grandezas físicas podem apresentar): "Resumidamente, posso descrever minha atitude como um ato de desespero, já que por natureza sou uma pessoa

pacífica e contrária a aventuras irresponsáveis.” O uso da palavra “desespero” é revelador. Planck viu-se forçado a propor algo novo, que ia contra tudo o que havia aprendido até então e que acreditava ser correto sobre a Natureza. Abandonar o velho e propor o novo requer muita coragem intelectual. E muita humildade, algo que faltava aos que achavam que a física estava quase completa. Planck sabia que a física tem como missão explicar o mundo natural, mesmo que a explicação contrarie nossas ideias preconcebidas. Nunca devemos arrogar que nossas ideias tenham precedência sobre o que a Natureza nos diz.

(*O caldeirão azul*, 2019. Adaptado.)

(Fmj 2021) Por se tratar de um artigo de divulgação científica, predomina no texto uma linguagem

- a) hermética.
- b) rebuscada.
- c) técnica.
- d) acessível.
- e) informal.

Exercício 26

(Uemg 2017) No início de 2015, um questionário com 36 perguntas e quatro minutos ininterruptos de contato visual ficou conhecido por causa de um artigo da escritora Mandy Len Catron, publicado no jornal norte-americano *The New York Times*. No texto, ela conta a história de como se apaixonou pelo marido com a ajuda de um método usado para criar intimidade romântica em laboratório, experimento criado há mais de 20 anos pelo professor de psicologia social Arthur Aron, da Universidade de Stony Brooks, nos Estados Unidos.

Em nove dias, o texto foi lido por mais de 5 milhões de pessoas e compartilhado 270 mil vezes no *Facebook* (inclusive por Mark Zuckerberg). “Criamos esse questionário a fim de ter um método para ser usado em laboratório e estudar os efeitos da intimidade na vida social de uma pessoa. Esse método já foi utilizado em centenas de estudos”, disse Aron à reportagem. Quando foi criado, o estudo tinha regras bem rígidas: um homem e uma mulher heterossexuais entram em um laboratório por portas separadas. Eles se sentam frente a frente e respondem às perguntas, que têm um teor cada vez mais pessoal. Essa fase leva cerca de 45 minutos e, em seguida, é preciso encarar o outro nos olhos durante quatro minutos, sem desviar o foco. Na experiência conduzida pelo professor Aron, dois participantes do teste se casaram depois de seis meses e chamaram os funcionários do laboratório para a cerimônia.

LOUREIRO, G. Disponível em:

<<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/03/querencontrar-o-amor-ciencia-e-tecnologia-podem-te-ajudar.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

Assinale a alternativa em que o trecho em destaque tem a função de dar ênfase à informação apresentada no excerto:

- a) “Eles se sentam frente a frente e respondem às perguntas, que têm um teor cada vez mais pessoal.”
- b) “Em nove dias, o texto foi lido por mais de 5 milhões de pessoas e compartilhado 270 mil vezes no *Facebook* (inclusive por Mark Zuckerberg)”.
- c) “[...] um método usado para criar intimidade romântica em laboratório, experimento criado há mais de 20 anos pelo professor de psicologia social Arthur Aron”.
- d) “No início de 2015, um questionário com 36 perguntas e quatro minutos ininterruptos de contato visual ficou conhecido por causa de um artigo da escritora Mandy Len Catron”.

Exercício 27

(Fatec 2017) **Mais escolarizadas, mulheres ainda ganham menos e têm dificuldades de subir na carreira**

As mulheres brasileiras já engravidam menos na adolescência, estudam mais do que os homens e tiveram aumento maior na renda média mensal, segundo mostram as Estatísticas de Gênero do IBGE, retiradas da base de dados do Censo de 2010, mas elas ainda ganham salários menores e tem dificuldades em ascender na carreira.

<<http://tinyurl.com/gnbsmbs>> Acesso em: 29.08.2016. Adaptado.

O título do artigo – Mais escolarizadas, mulheres ainda ganham menos e têm dificuldades de subir na carreira – poderia ser substituído, sem causar prejuízo de sentido, por:

- a) Mulheres, mais escolarizadas, porventura ganham mais, entretanto possuem empecilhos para subir na carreira.
- b) Mulheres, mais escolarizadas, ainda ganham menos, bem como enfrentam obstáculos para subir na carreira.
- c) Mulheres, mais escolarizadas, às vezes ganham menos, por conseguinte apresentam especificidades para se elevarem na carreira.
- d) Mais escolarizadas, mulheres, ainda que enfrentem dificuldades para progredirem na carreira, ganham o mesmo ou mais.
- e) Mais escolarizadas, mulheres apresentam particularidades para subir na carreira, porquanto já ganham mais.

Exercício 28

(G1 - cps 2017) O artigo primeiro da Lei Federal nº 4933/1997, que trata da Política Nacional dos Recursos Hídricos, estabelece que em situações de escassez, o uso prioritário dos recursos hídricos é destinado ao consumo humano e à dessedentação de animais.

Portanto, de acordo com o artigo citado, em uma situação de crise hídrica no Brasil, a água deve

a) ser colocada imediatamente e de forma gratuita, à disposição de qualquer tipo de usuário, não cabendo a aplicação do racionamento ou de rodízio.

b) ficar armazenada em reservatórios públicos até o final da crise hídrica, quando ela poderá ser distribuída novamente para todos os consumidores.

c) estar pronta para imediata utilização na indústria, para evitar o desabastecimento de produtos de primeira necessidade para a população.

d) permanecer à disposição, primeiramente dos seres humanos e dos animais e, posteriormente, para outros usos.

e) continuar a ser vendida para qualquer consumidor que possa comprá-la, pois é uma mercadoria como qualquer outra.

Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A ¹produção em série, em escala gigantesca, impõe em todo lado as suas pautas obrigatórias de consumo. Esta ditadura da uniformização obrigatória é mais devastadora que qualquer ditadura do partido único: impõe, no mundo inteiro, um modo de vida que reproduz os seres humanos como fotocópias do ²consumidor exemplar.

O sistema fala em nome de todos, dirige a todos suas ordens imperiosas de consumo, difunde, entre todos a febre compradora. ³A maioria, que se endivida para ter coisas, termina por ter nada mais que dívidas para pagar dívidas, as quais geram novas dívidas, e acaba a consumir fantasias que, por vezes, materializa delinquindo.

⁴Esta civilização não deixa dormir as flores, nem as galinhas, nem as pessoas. Nas estufas, as flores são submetidas à luz contínua, para que cresçam mais depressa. Nas fábricas de ovos, as galinhas também estão proibidas de ter a noite. E as pessoas estão condenadas à insônia, pela ansiedade de comprar e pela angústia de pagar. Este modo de vida não é muito bom para as pessoas, mas é muito bom para a indústria farmacêutica.

⁵Os EUA consomem a metade dos sedativos, ansiolíticos e demais drogas químicas que se vendem legalmente no mundo, e mais da metade das drogas proibidas que se vendem ilegalmente, o que não é pouca coisa se se considerar que os EUA têm apenas cinco por cento da população mundial.

Invisível violência do mercado: ⁶a ⁷diversidade é inimiga da ⁸rentabilidade e a uniformidade manda. O consumidor exemplar é o homem ⁹quieto. Esta civilização, que confunde a quantidade com a qualidade, confunde a gordura com a boa alimentação. O país que inventou as comidas e bebidas *light*, os *diet food* e os alimentos *fat free* tem a maior quantidade de gordos do mundo. ¹⁰O consumidor exemplar só sai do automóvel para trabalhar e para ver televisão. Sentado perante o pequeno écran, passa quatro horas diárias a devorar comida de plástico.

As massas consumidoras recebem ordens num idioma universal: a publicidade conseguiu o que o esperanto quis e não pôde. ¹¹Tempo livre, tempo prisioneiro: as casas muito pobres não têm cama, mas têm televisor e o televisor tem a palavra.

Comprado a prazo, esse ¹²animalejo prova a vocação democrática do progresso: não escuta ninguém, mas fala para todos. Pobres e ricos conhecem, assim, as virtudes dos automóveis do último modelo, e pobres e ricos inteiram-se das vantajosas taxas de juros que este ou aquele banco oferece.

Os peritos sabem converter as mercadorias em conjuntos mágicos contra a solidão. As coisas têm atributos humanos: acariciam, acompanham, compreendem, ajudam, o perfume te beija e o automóvel é o ¹³amigo que nunca falha. A cultura do consumo fez da solidão o mais lucrativo dos mercados. ¹⁴A publicidade não informa acerca do produto que vende, ou raras vezes o faz. Isso é o que menos importa. A sua função primordial consiste em compensar frustrações e alimentar fantasias. Sempre ouvi dizer que o dinheiro não produz a felicidade, mas qualquer espectador pobre de TV tem motivos de sobra para acreditar que o dinheiro produz algo tão parecido que a diferença é assunto para especialistas.

¹⁵O *shopping center*, ou *shopping mall*, vitrine de todas as vitrines, impõe a sua presença avassaladora. ¹⁶As multidões acorrem, em peregrinação, a este templo maior das massas do consumo. A maioria dos ¹⁷devotos contempla, em êxtase, as coisas que os seus bolsos não podem pagar, enquanto a minoria compradora submete-se ao bombardeio da oferta incessante e extenuante.

A cultura do consumo, cultura do ¹⁸efêmero, condena tudo ao desuso mediático. Tudo muda ao ritmo vertiginoso da moda, posta ao serviço da necessidade de vender. As coisas envelhecem num piscar de olhos, para serem substituídas por outras coisas de ¹⁹vida fugaz. Paradoxalmente, os *shoppings centers*, reinos do fugaz, oferecem com o máximo êxito a ilusão da segurança. Eles resistem fora do tempo, sem idade e ²⁰sem raiz, sem noite e sem dia e sem memória, e existem fora do espaço, para além das turbulências da perigosa realidade do mundo.

²¹A injustiça social não é um erro a corrigir, nem um defeito a superar: é uma necessidade essencial. Não há natureza capaz de alimentar um *shopping center* do tamanho do planeta.

GALEANO, Eduardo. *O império do consumo*. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/economia/o-imperio-do-consumo>>. Acesso em: 20 out. 2016 (passim).

(Uefs 2017) No seu conjunto, o texto constitui

a) uma descrição objetiva e imparcial das características do mundo atual, que ressalta, igualmente, aspectos positivos e negativos da sociedade de consumo.

b) uma dissertação sobre as mazelas da atualidade, com destaque para as características da sociedade de consumo e seus efeitos danosos sobre as pessoas.

c) uma sequência narrativa que comprova a importância do consumo na superação das frustrações e carências decorrentes da solidão das pessoas no mundo atual.

d) um artigo em que o autor apresenta argumentos relativos à sua discordância dirigidas ao progresso e suas consequências para o futuro da humanidade.

e) um depoimento sobre uma possível e necessária superação completa da injustiça social pela universalização do direito ao consumo e a uma vida digna.

Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habilitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria. Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s). Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no

fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

Folha de S. Paulo, 01.01.2017. Adaptado.

(Unesp 2017) Ao escrever a seu colega dizendo que “o que produzira o habilitaria a ser ‘internado em um hospício’” (3º parágrafo), Einstein reconhece, em relação ao artigo de 1917, seu caráter

a) irracional.

b) literário.

c) divertido.

d) confuso.

e) pioneiro.

Exercício 31

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Postagem de imagens de cirurgias em redes sociais infringe o Código de Ética

Casos como o dos médicos do Hospital das Forças Armadas (HFA) de Brasília, que reproduziram em suas redes sociais na internet fotos de pacientes anestesiados para eventuais procedimentos cirúrgicos, infringem o capítulo IX do Código de Ética Médica, que trata sobre o Sigilo Profissional. A pena pode ir de uma advertência do Cremesp até a cassação do registro profissional de médico, de acordo com o que foi determinado após julgamento.

A prática infringe mais especificamente o art. 75, que proíbe o médico de “fazer referência a casos clínicos identificáveis, exibir pacientes ou seus retratos em anúncios profissionais ou em meios de comunicação em geral, mesmo com a autorização do paciente”. Reinaldo Ayer de Oliveira, conselheiro e coordenador do Centro de Bioética do Cremesp, lembra que a preservação do segredo das informações deve ser mantida por todos os profissionais e instituições. “Além de ser uma obrigação legal contida no Código Penal e na maioria dos Códigos de Ética profissional, é um dever *prima facie* de todos os profissionais e das instituições”.



Exibir cirurgias nas redes sociais é prática antiética

Exceções

Em algumas situações específicas, que envolvam o dever legal do médico, o seu sigilo profissional pode ser quebrado, como determina o art. 73 do Código. Em outras, o sigilo pode ser relativo, como em técnicas de reprodução humana que revelam características dos embriões antes de sua implantação uterina, segredos envolvendo doenças transmissíveis, que são de notificação compulsória obrigatória e revelação de doadores em transplantes. “Nessas situações, ocorre a quebra do segredo em decorrência do possível benefício das partes envolvidas no ambiente da confidencialidade”, diz Ayer.

A divulgação de dados relacionados aos pacientes só é justificada em caso de publicações científicas, mesmo assim a identidade deles deve ser mantida em sigilo.

Jornal do Cremesp. Edição 318 - 09/2014.

Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Jornal&id=1927>.

Acesso em: 4 set. 2015. Texto adaptado para fins de exame vestibular.

Código de Ética Médica

Capítulo IX – SIGILO PROFISSIONAL

É vedado ao médico:

Art. 73. Revelar fato de que tenha conhecimento em virtude do exercício de sua profissão, salvo por motivo justo, dever legal ou consentimento, por escrito, do paciente.

Parágrafo único. Permanece essa proibição: a) mesmo que o fato seja de conhecimento público ou o paciente tenha falecido; b) quando de seu depoimento como testemunha. Nessa hipótese, o médico comparecerá perante a autoridade e declarará seu impedimento; c) na investigação de suspeita de crime, o médico estará impedido de revelar segredo que possa expor o paciente a processo penal.

Art. 74. Revelar sigilo profissional relacionado a paciente menor de idade, inclusive a seus pais ou representantes legais, desde que o menor tenha capacidade de discernimento, salvo quando a não revelação possa acarretar dano ao paciente.

Art. 75. Fazer referência a casos clínicos identificáveis, exibir pacientes ou seus retratos em anúncios profissionais ou na divulgação de assuntos médicos, em meios de comunicação em geral, mesmo com autorização do paciente.

Art. 76. Revelar informações confidenciais obtidas quando do exame médico de trabalhadores, inclusive por exigência dos

dirigentes de empresas ou de instituições, salvo se o silêncio puser em risco a saúde dos empregados ou da comunidade.

Art. 77. Prestar informações a empresas seguradoras sobre as circunstâncias da morte do paciente sob seus cuidados, além das contidas na declaração de óbito. (nova redação - Resolução CFM nº 1997/2012)

(Redação anterior: Prestar informações a empresas seguradoras sobre as circunstâncias da morte do paciente sob seus cuidados, além das contidas na declaração de óbito, salvo por expresso consentimento do seu representante legal.)

Art. 78. Deixar de orientar seus auxiliares e alunos a respeitar o sigilo profissional e zelar para que seja por eles mantido.

Art. 79. Deixar de guardar o sigilo profissional na cobrança de honorários por meio judicial ou extrajudicial.

Código de Ética Médica

Disponível em:

http://www.portalmedico.org.br/novocodigo/integra_9.asp.

Acesso em: 5 set. 2015.

(Fac. Albert Einstein - Medicina 2016) Considerando a matéria do Jornal do Cremesp e os artigos do Código de Ética Médica, o médico

a) que expuser seus pacientes em quaisquer situações sofrerá penalidades por ferir os princípios do Sigilo Profissional.

b) pode expor dados de pacientes em publicações de natureza científica, desde que a identidade deles fique preservada.

c) tem permissão de divulgar informações à companhia de seguros sobre causas e circunstâncias da morte de seus pacientes, além das que constam na certidão de óbito.

d) está autorizado a postar imagens de pacientes em redes sociais, desde que não possam ser identificados.

Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder às questões leia o texto a seguir.

Lanchinho de avião

Drauzio Varella

A comissária de bordo pede para afivelarmos os cintos e desligarmos os celulares. O comandante avisa que a decolagem foi autorizada, a aeronave ganha velocidade na pista e levanta voo. Pela janela, São Paulo vira um paliteiro de prédios espetados um ao lado do outro. Um pouco mais à frente, a periferia inchada, com ruas tortuosas e casas sem reboque, abraça o centro da cidade como se fosse esganá-lo.

Em poucos minutos, ouve-se um som agudo, sinal de que os computadores podem ser ligados. Junto à porta de entrada, as comissárias se levantam e preparam o carrinho de lanches. De fileira em fileira, perguntam o que cada passageiro deseja beber. No carrinho, acotovelam-se latas de refrigerantes, a garrafa de café e uma infinidade de pacotes de sucos mais doces do que o sorriso da mulher amada. O rapaz à minha direita prefere suco de

manga; o da esquerda quer um de pêssego. Agradeço, não quero nada. A moça estranha: “Nada, mesmo?”.

Em seguida, ela nos estende a mão que oferece um objeto ameaçador, embrulhado em papel branco. Em seu interior, um pão adocicado cortado ao meio abriga uma fatia de queijo e outra retirada do peito de um peru improvável. No reflexo, encolho as pernas. Se, porventura, um embrulho daqueles lhe escapa da mão e cai em meu pé, adeus carreira de maratonista. [...]

O comandante informa que, em Belo Horizonte, o tempo é bom e que nosso voo terá duração de 40 minutos. São dez e meia, é pouco provável que os circunstantes tenham saído de casa em jejum. O que os leva a devorar no meio da manhã 500 calorias adicionais, com gosto de isopor? Qual é o sentido de servir comida em voos de 40 minutos?

Cerca de 52% dos brasileiros com mais de 18 anos sofrem com o excesso de peso, taxa que nove anos atrás era de 43%. Já caíram na faixa da obesidade 18% de nossos conterrâneos. Os que visitam os Estados Unidos ficam chocados com o padrão e a prevalência da obesidade. Lá, a dieta e a profusão de alimentos consumidos até em elevadores conseguiram a proeza de engordar todo mundo; não escapam japoneses, vietnamitas nem indianos.

As silhuetas de mulheres e homens com mais de 120 quilos pelas ruas e *shopping centers* deixam claro que existe algo profundamente errado com os hábitos alimentares do país. Nossos números mostram que caminhamos na esteira deles. Chegaremos lá, é questão de tempo; pouco tempo.

A possibilidade de ganharmos a vida, sentados na frente do computador, as comodidades da rotina diária e a oferta generosa de bebidas e alimentos industrializados repletos de gorduras e açúcares que nos oferecem a toda hora criaram uma combinação perversa que conspira para o acúmulo de gordura no corpo.

Os que incorporaram as 500 calorias em excesso no caminho para Belo Horizonte só o fizeram porque o lanche lhes foi servido. Milhões de anos de evolução, num mundo com baixa disponibilidade de recursos, ensinaram o corpo humano a comer a maior quantidade disponível a cada refeição, única forma de sobreviver aos dias de jejum que fatalmente viriam.

Engendrado em tempos de miséria, o cérebro humano está mal adaptado à fartura. A saciedade à mesa só se instala depois de ingerirmos muito mais calorias do que as necessárias para cobrir os gastos daquele dia. A seleção natural nos ensinou a não desperdiçá-las, o excesso será armazenado sob a forma de gordura.

O tecido gorduroso não é um reservatório inerte, produz hormônios, libera mediadores químicos que interferem com o metabolismo e o equilíbrio entre fome e saciedade. E, o mais grave, dá origem a um processo inflamatório crônico que aumenta o risco de doenças cardiovasculares, diabetes, vários tipos de câncer e de outros males que infernizam e encurtam a vida moderna.

Por essas e outras razões, caríssimo leitor, é preciso olhar para a comida como fazemos com a bebida: é bom, mas em excesso faz mal.

Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 05 set. 2015. (Adaptado).

(G1 - cftmg 2016) Em relação ao gênero, o texto “Lanchinho de avião” deve ser classificado como

a) uma carta, porque há uma interlocução direta com o leitor, provocando relação de proximidade com o autor.

b) uma crônica, porque retrata com humor um fato banal, convidando o leitor a uma reflexão descomprometida.

c) um artigo, porque expõe a análise e o ponto de vista do enunciador, abordando um tema de relevância social.

d) um relato, porque conta um episódio marcante na vida do narrador, apresentando os fatos em ordem cronológica.

Exercício 33

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à(s) questão(ões).

O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples.

Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro *dessa quantia* no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase $18,5 \cdot 10^{18}$ quintilhões. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam $18,5$ quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

¹1 quintilhão = $1.000.000.000.000.000.000 = 10^{18}$ Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

(Unifesp 2016) No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

a) “O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós.” (4º parágrafo)

b) “Quanto pesam 18.5 quintilhões de grãos de trigo?” (4º parágrafo)

c) “Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu.” (1º parágrafo)

d) “Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga.” (1º parágrafo)

e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

Exercício 34

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à(s) questão(ões).

O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por

um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples.

Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro *dessa quantia* no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase $18,5 \cdot 10^{18}$ quintilhões. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam $18,5$ quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

¹1 quintilhão = $1.000.000.000.000.000.000 = 10^{18}$ Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

(Unifesp 2016) Por ser um artigo de divulgação científica, o texto apresenta uma linguagem

a) técnica e impessoal.

b) hermética e mal-humorada.

c) acessível e divertida.

d) rebuscada e pretensiosa.

e) inteligível e pedante.

Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As questões a seguir focalizam uma passagem de um artigo de Cláudia Vassallo.

Aliadas ou concorrentes

Alguns números: nos Estados Unidos, 60% dos formados em universidades são mulheres. Metade das europeias que estão no mercado de trabalho passou por universidades. No Japão, as mulheres têm níveis semelhantes de educação, mas deixam o mercado assim que se casam e têm filhos. A tradição joga contra a economia. O governo credita parte da estagnação dos últimos anos à ausência de participação feminina no mercado de trabalho. As brasileiras avançam mais rápido na educação. Atualmente, 12% das mulheres têm diploma universitário — ante 10% dos homens. Metade das garotas de 15 entrevistadas numa pesquisa da OCDE¹ disse pretender fazer carreira em engenharia e ciências — áreas especialmente promissoras.

[...]

Agora, a condição de minoria vai caindo por terra e os padrões de comportamento começam a mudar. Cada vez menos mulheres estão dispostas a abdicar de sua natureza em nome da carreira. Não se trata de mudar a essência do trabalho e das obrigações que homens e mulheres têm de encarar. Não se trata de trabalhar menos ou ter menos ambição. É só uma questão de forma. É muito provável que legisladores e empresas tenham de ser mais flexíveis para abrigar mulheres de talento que não desistiram do papel de mãe. Porque, de fato, essa é a grande e única questão de gênero que importa.

Mais fortalecidas e mais preparadas, as mulheres terão um lugar ao sol nas empresas do jeito que são ou desistirão delas, porque serão capazes de ganhar dinheiro de outra forma. Há 8,3 milhões de empresas lideradas por mulheres nos Estados Unidos — é o tipo de empreendedorismo que mais cresce no país. De acordo com um estudo da EY², o Brasil tem 10,4 milhões de empreendedoras, o maior índice entre as 20 maiores economias. Um número crescente delas tem migrado das grandes empresas para o próprio negócio. Os fatos mostram: as empresas em todo o mundo terão, mais cedo ou mais tarde, de decidir se querem ter metade da população como aliada ou como concorrente.

Exame, outubro de 2013.

1 OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

2 EY: Organização global com o objetivo de auxiliar seus clientes a fortalecerem seus negócios ao redor do mundo.

(Unesp 2015) Desde o título do artigo, que é retomado no último parágrafo, os argumentos da autora são motivados por um fato não referido de modo ostensivo, ou seja,

a) a boa empresária dificilmente conseguirá se tornar uma boa mãe.

b) as mulheres mostram melhor desempenho nas atividades domésticas.

c) as atividades empresariais ainda são dominadas por homens.

d) as empresas fazem grande esforço pela participação de mulheres.

e) o mercado ainda trata as mulheres mais como consumidoras do que empreendedoras.

Exercício 36

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base uma passagem do artigo “Os operários da música livre”, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos *torrents*, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação *on-line* — tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas *majors*, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuía a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção — o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa “produção máxima” é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

“Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo”, opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. “Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados *mainstream*”, continua. “Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de *business*. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular.”

(Galileu, março de 2013. Adaptado.)

(Unesp 2014) Em seu depoimento no artigo, o músico Lucas Santtana sugere que o grande mercado talvez não passe da *imposição de uma máfia*. O termo *máfia*, nesse caso, foi empregado no sentido de

- a) domínio dos partidos políticos sobre o mercado musical, privilegiando tudo o que interesse apenas ao poder público.
- b) organização criminosa com origem na Itália, com poderosas ramificações pelo mundo inteiro.
- c) sindicato de grandes músicos brasileiros que visa impedir a ascensão e o sucesso de músicos mais jovens.
- d) grupos anarquistas constituídos para tumultuar e desmoralizar os músicos mais jovens e a música popular brasileira.
- e) organização que emprega métodos imorais e ilegais para impor seus interesses em determinada atividade.

Exercício 37

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base uma passagem do artigo “Os operários da música livre”, de Ronaldo Evangelista.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos *torrents*, sites de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação *on-line* — tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas *majors*, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuía a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção — o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa “produção máxima” é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

“Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo”, opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias

custas. “Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados *mainstream*”, continua. “Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de *business*. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular.”

(Galileu, março de 2013. Adaptado.)

(Unesp 2014) Segundo o autor, desde o final do século 20, as novas tecnologias e *softwares* voltados para a música beneficiaram

- a) as lojas especializadas na venda de discos de vinil e digitais.
- b) os distribuidores de discos de vinil no mercado internacional.
- c) as grandes gravadoras e produtoras nacionais de discos.
- d) as grandes redes de supermercados e *shoppings*.
- e) os usuários interessados em compartilhar músicas.

Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

¹Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como ⁶os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: ²o mal está ⁴sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, ⁵infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do ³“pega um, pega geral”.

Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. *VEJA*. 21/08/2013.

(Uece 2014) O articulista inicia o texto com a expressão:

“Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana”.

Assinale a opção que expressa uma afirmação correta sobre esse começo de texto.

- a) A linguagem é figurada, portanto direta e sem subterfúgios, de modo a preparar o leitor para o tom contundente do texto.

b) A linguagem é simples, sem elementos apelativos ou argumentativos. Predomina nela a função fática da linguagem.

c) A linguagem é eufemística, demonstrando uma intenção do enunciador: preparar o leitor para o teor pesado do texto.

d) O início do texto manteria a mesma força argumentativa se fosse reescrito da seguinte maneira: Um dos aspectos mais repulsivos da personalidade humana [...].

Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

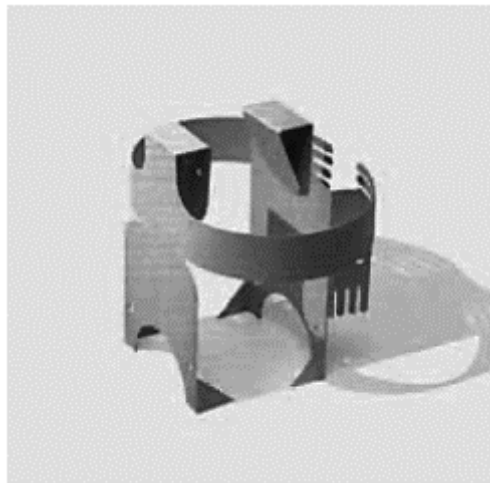
A(s) questão(ões) a seguir focaliza(m) uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovanni a esse artigo.

Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiserção pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno*. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora. Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso.

O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: “Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem”.

* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.



(Vida Simples, janeiro de 2014. Adaptado.)

(Unesp 2014) Por meio da expressão *onipresença da miséria humana*, o autor do artigo salienta que

- a) há muita diferença entre sofrimento e miséria.
- b) existem mais pessoas felizes que infelizes no mundo.
- c) a miséria humana paralisa a compaixão.
- d) a miséria humana está em todos os lugares.
- e) todos somos miseráveis e merecemos compaixão.

Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas ruas de ¹Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos. Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente ²fagocitada pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com Hipócrates*, a história de ³Gilgamesh já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida

⁵**anamnese**: perguntaria os motivos da briga, ⁵se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, para as ⁶**bombas da Crimeia**, com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*.

Jornal Folha de São Paulo, 25 mai. 2014 – Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>>. Acesso em 27 ago.2019.

Vocabulário de apoio:

¹ **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “*eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos ‘barricadas’ (trincheiras feitas de improviso) e ‘coquetéis molotov’ (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

² **fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, ‘fagocitada’ pode ser substituída por ‘devorada’.

³ No trecho: “a *medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh*”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da

Epopéia de Gilgamesh, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

⁴ **anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

⁵ No trecho: “se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**”, o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

⁶ **bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

(G1 - cftmg 2020) O reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, seu contexto de uso, sua função social específica, suas finalidades e sua composição formal compõem um conjunto de conhecimentos socioculturais, construídos ao longo de nossa formação.

A análise dos elementos constitutivos do texto demonstra que ele é uma crônica, pois

a) destaca a existência de um fato de impacto nacional.

b) apresenta uma visão crítica, em linguagem impessoal.

c) desenvolve uma reflexão, a partir de um fato cotidiano.

d) confronta diferentes pontos de vista em sua composição.

Exercício 41

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Sons que confortam

Martha Medeiros

¹Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco. ²Só estavam os três na casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 anos. Chamaram o médico da família. ³E aguardaram. E aguardaram. E aguardaram. ⁴Até que o garoto escutou um barulho lá fora. É ele que conta, hoje, adulto: ⁵Nunca na vida ouvira um som mais lindo, mais calmante, do que os pneus daquele carro amassando as folhas de outono empilhadas junto ao meio-fio.

⁶Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som do carro do médico se aproximando, o homem que salvaria seu pai. Na mesma hora em que li esse relato, imaginei um sem-número de sons que nos confortam. A começar pelo choro na sala de parto. Seu filho nasceu. E o mais aliviante para pais que possuem adolescentes

baladeiros: ⁷o barulho da chave abrindo a fechadura da porta. Seu filho voltou.

E pode parecer mórbido para uns, masoquismo para outros, mas há quem mate a saudade assim: ouvindo pela enésima vez ⁸o recado na secretária eletrônica de alguém que já morreu.

Deixando a categoria dos sons magnânimos para a dos sons cotidianos: a voz no alto-falante do aeroporto dizendo que a aeronave já se encontra em solo e o embarque será feito dentro de poucos minutos.

⁹O sinal, dentro do teatro, avisando que as luzes serão apagadas e o espetáculo irá começar.

O telefone tocando exatamente no horário que se espera, conforme o combinado. ¹⁰Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda, se for grande a ansiedade para se falar com alguém distante.

O barulho da chuva forte no meio da madrugada, quando você está no quentinho da sua cama.

Uma conversa em outro idioma na mesa ao lado da sua, provocando a falsa sensação de que você está viajando, de férias em algum lugar estrangeiro. E estando em algum lugar estrangeiro, ouvir o seu idioma natal sendo falado por alguém que passou, fazendo você lembrar que o mundo não é tão vasto assim.

¹¹O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado. Ou mesmo a chegada da pizza.

O aviso sonoro de que entrou um torpedo no seu celular.

¹²A sirene da fábrica anunciando o fim de mais um dia de trabalho.

¹³O sinal da hora do recreio.

¹⁴A música que você mais gosta tocando no rádio do carro. Aumente o volume.

O aplauso depois que você, nervoso, falou em público para dezenas de desconhecidos.

¹⁵O primeiro eu te amo dito por quem você também começou a amar.

E o mais raro de todos: o silêncio absoluto.

a) ao tratar de temas ligados à vida cotidiana, a crônica trata as cenas corriqueiras com banalidade e insignificância.

b) há, na crônica, o uso da linguagem coloquial com marcas de oralidade na escrita.

c) o texto trata de assuntos relevantes sobre a vida cotidiana com um tom de conversa fiada.

d) a crônica constrói uma narrativa com um caráter informal, familiar e, ao mesmo tempo, intimista ao relatar fatos da vida comum.

Exercício 42

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Sons que confortam

Martha Medeiros

¹Eram quatro da manhã quando seu pai sofreu um colapso cardíaco. ²Só estavam os três na casa: o pai, a mãe e ele, um garoto de 13 anos. Chamaram o médico da família. ³E aguardaram. E aguardaram. E aguardaram. ⁴Até que o garoto escutou um barulho lá fora. É ele que conta, hoje, adulto: ⁵Nunca na vida ouvira um som mais lindo, mais calmante, do que os pneus daquele carro amassando as folhas de outono empilhadas junto ao meio-fio.

⁶Inesquecível, para o menino, foi ouvir o som do carro do médico se aproximando, o homem que salvaria seu pai. Na mesma hora em que li esse relato, imaginei um sem-número de sons que nos confortam. A começar pelo choro na sala de parto. Seu filho nasceu. E o mais aliviante para pais que possuem adolescentes baladeiros: ⁷o barulho da chave abrindo a fechadura da porta. Seu filho voltou.

E pode parecer mórbido para uns, masoquismo para outros, mas há quem mate a saudade assim: ouvindo pela enésima vez ⁸o recado na secretária eletrônica de alguém que já morreu.

Deixando a categoria dos sons magnânimos para a dos sons cotidianos: a voz no alto-falante do aeroporto dizendo que a aeronave já se encontra em solo e o embarque será feito dentro de poucos minutos.

⁹O sinal, dentro do teatro, avisando que as luzes serão apagadas e o espetáculo irá começar.

O telefone tocando exatamente no horário que se espera, conforme o combinado. ¹⁰Até a musiquinha que antecede a chamada a cobrar pode ser bem-vinda, se for grande a ansiedade para se falar com alguém distante.

O barulho da chuva forte no meio da madrugada, quando você está no quentinho da sua cama.

MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. São Paulo: L&PM Editores, 2011.

(Uece 2019) Em relação às particularidades do estilo adotado na crônica *Sons confortantes*, NÃO é lícito dizer que

Uma conversa em outro idioma na mesa ao lado da sua, provocando a falsa sensação de que você está viajando, de férias em algum lugar estrangeiro. E estando em algum lugar estrangeiro, ouvir o seu idioma natal sendo falado por alguém que passou, fazendo você lembrar que o mundo não é tão vasto assim.

¹¹O toque do interfone quando se aguarda ansiosamente a chegada do namorado. Ou mesmo a chegada da pizza.

O aviso sonoro de que entrou um torpedo no seu celular.

¹²A sirene da fábrica anunciando o fim de mais um dia de trabalho.

¹³O sinal da hora do recreio.

¹⁴A música que você mais gosta tocando no rádio do carro. Aumente o volume.

O aplauso depois que você, nervoso, falou em público para dezenas de desconhecidos.

¹⁵O primeiro eu te amo dito por quem você também começou a amar.

E o mais raro de todos: o silêncio absoluto.

MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. São Paulo: L&PM Editores, 2011.

(Uece 2019) Considerando o propósito da crônica de Martha Medeiros, assinale a afirmação verdadeira.

a) O texto tem, como principal objetivo, contar como os sons fazem parte do nosso cotidiano, ora consolando-nos, ora incomodando-nos.

b) A crônica tem a preocupação de refletir sobre como variados tipos de sons acompanham inúmeros momentos da nossa vida, trazendo-nos alento.

c) O interesse principal da crônica é o de mostrar como a escuta de determinados sons podem trazer grande alegria e alívio aos pais em diferentes fases da vida de seus filhos.

d) A finalidade maior do texto de Martha Medeiros é protestar contra nossa exposição involuntária a diversos sons barulhentos ao longo de nossa vida na grande cidade.

Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é

urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os cajuí maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou apim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma erva de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivido; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os caju de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

(Efomm 2019) A crônica Passeio de Infância, de Rubem Braga, é um texto:

- a) que apresenta, simultaneamente, elementos narrativos e descritivos, valendo-se da primeira pessoa do plural para convidar a mulher a desfrutar com ele tanto da fauna e da flora como de suas experiências já vividas.
- b) predominantemente descritivo, com vocabulário regional variado, linguagem objetiva e, por vezes, irônica.
- c) de caráter narrativo, apresentando contrastes de sentimentos e uma reflexão sobre os problemas da vida rural.
- d) descritivo, apresentando marcas de subjetividade para contrastar com o mundo em que vivemos.
- e) predominantemente narrativo, em primeira pessoa, fazendo uso da fauna e da flora para retratar problemas sociais e cotidianos da vida no campo.

Exercício 44

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir:

Fomos proibidos de te amar, São Paulo

Herdamos o mito dos bandeirantes, e vocês transformaram Borba Gato, esse genocida, em fundador de nossa identidade. De legado, temos esta metástase em forma de desenvolvimentismo estéril, estas milhões de toneladas de concreto que hoje tentamos adornar para deixá-las suportáveis, mas que seria melhor não existissem.

Nos confinaram em bolhas de metal, em bolhas de concreto, em bolhas de vidro, como se fôssemos gado que tem por ração plástico. ¹*Disseram na nossa cara* ²*que praia de paulistano é shopping*, que Cumbica é o melhor lugar de nossa cidade, que plano de aposentadoria é pousada na Bahia. Que aqui não se cria filho, que essa terra só serve para ganhar dinheiro, como uma versão apocalíptica de Serra Pelada.

³*Nos deram uma ponte hedionda como novo cartão postal*, transformaram nossa espinha dorsal em uma avenida de

banqueiros, bairros inteiros em cidades-dormitório. Nos chamaram de feios, sem horizonte, sem perspectiva além da fuga.

⁴*Que aqui não tem amor*. Envenenaram nosso ar, nossa água, e até ela nos ⁵*usurparam*.

Por identidade nos deram os bairros, que ainda assim se digladiam entre si, o excesso de trabalho e um superpoder: a capacidade de deixar o outro invisível, praticada todos os dias com pessoas e lugares, nos semáforos, quando nos deparamos com o dependente químico ⁶*que* chamamos de zumbi, metáfora usada em tom cruel e irônico para dar nome ao ⁷*nosso maior monstro social*, justamente porque eles não produzem como nós, os vivos.

⁸*Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem*. Nos legaram um palimpsesto de cidade, onde sobrepomos uma camada de concreto à outra, sem respeito pelo passado, planejamento ou cuidado.

Nos disseram que devemos conquistar ou ser conquistados, *non ducor duco**, fomos colocados em estado permanente de guerra uns contra os outros, nos envenenaram com o medo pelas ruas e deixaram que o único elemento que nos cimentasse fosse o ódio comum e ancestral por São Paulo. Sem história, sem horizonte, perdidos. Fomos proibidos de te amar, São Paulo.

Chega. Talvez essa relação atávica de ódio nos encha os olhos de cataratas e não consigamos dar nome a essa emergência ainda, mas o faremos, com o devido distanciamento histórico.

⁹*Ocupamos as ruas com comida, com música, com arte, com cinema, com vida em toda a sua potência*. ¹⁰*Vimos no feio o belo*, deixamos de ter medo da rua, que surge como um eixo que começa a aglutinar em torno de si uma nova identidade de paulistano. Lutamos com mil unhas e dentes por um pedaço de terra que até então não era mais do ¹¹*que* um estacionamento e que chamaremos de parque. Fizemos da cicatriz causada pelo militarismo um espaço para ensinar os novos paulistanos a andarem de bicicleta. Ocupamos lugares que nunca tínhamos visto e recuperamos a avenida das mãos dos banqueiros. Faremos turismo na cidade que habitamos. Não aceitamos mais esse ódio, esse estado permanente de guerra, a necessidade de conquistar o outro diariamente.

São Paulo é uma cidade no futuro: pós-apocalíptica, radioativa, seca, onde um dia dinheiro e trabalho não serão os únicos imperativos da vida social. Quando o mundo tremer, todas as cidades serão parecidas com a nossa. ¹²*Do caos e da feiúra emerge uma beleza que apenas nós, que rejeitamos sua ideia de belo, vemos*.

Temos vontade de rua, negamos seus heróis, seus monumentos, seus carros, seus modos de vida. Nem ¹³*que* nos custem décadas, mas faremos algo belo com os escombros que herdamos e deles faremos uma cidade, não uma abstração chamada São Paulo. Ocuparemos cada fresta, cada trinca, cada buraco da cidade cinza. Aqui se encerra esse ciclo de ódio e se abre uma possibilidade de um novo começo na relação com São Paulo.

Nossa terra está em transe. Somos afortunados. Somos os novos paulistanos, e essa cidade é nosso rolê.

* expressão latina: “não sou conduzido, conduzo”

(GUERRA, Facundo. Fomos proibidos de te amar, São Paulo. *Carta Capital*. Caderno Sociedade. 27/08/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fomos-proibidos-de-te-amar-sao-paulo-2365.html>. Acessado em 11/08/2018)

(G1 - cotil 2019) Por suas características formais, por sua função e uso, o texto pertence ao gênero:

- a) reportagem, pelo registro impessoal de uma situação real.
- b) depoimento, pela apresentação de experiência pessoal.
- c) crônica, pela abordagem reflexiva de fatos cotidianos.
- d) relato, pela descrição detalhada de fatos verídicos.

Exercício 45

(Ufu 2018) Parado, com a colher suspensa sobre a bancada de aço inox, o sujeito atravancava minha passagem. Ia enfiá-la no pote de ervilhas, arremeteu, pousou-a na bandeja de beterrabas, levantou uma rodela, soltou-a, duas gotas vermelhas respingaram no talo de uma couve-flor. Fosse mais para trás, lá pela travessa do agrião, eu poderia ultrapassá-lo e chegar aos molhos a tempo de colocar azeite e vinagre antes que ele se aproximasse, mas da beterraba aos temperos é um passo e então seria eu a atralhar sua cadência. (Segundo a etiqueta não escrita dos restaurantes por quilo, a ultrapassagem só é permitida se não for reduzir a velocidade do ultrapassado – o que seria equivalente a furar a fila).

Tudo é movimento, dizia Heráclito; o mundo gira, a lusitana roda, anunciava a televisão: só eu não me mexia, preso diante da cumbuca de grãos de bico com atum. Fiquei irritado. Aquele homem hesitante estava travando o fluxo de minha vida, dali para frente todos os eventos estariam quinze segundos atrasados: da entrega desta crônica ao meu último suspiro.

PRATA, A. A zona do agrião. *Estadão*, 23 dez. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/oE4E42>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Narrada na primeira pessoa do singular, a crônica parte de um evento corriqueiro na fila de um restaurante por quilo para elaborar uma reflexão sobre a passagem do tempo. No texto, a função metalinguística da linguagem é evidenciada no fragmento

- a) “Segundo a etiqueta não escrita dos restaurantes por quilo, a ultrapassagem só é permitida se não for reduzir a velocidade do ultrapassado [...]”
- b) “[...] dali para frente todos os eventos estariam quinze segundos atrasados: da entrega desta crônica ao meu último suspiro.”
- c) “Parado, com a colher suspensa sobre a bancada de aço inox, o sujeito atravancava minha passagem.”
- d) “Tudo é movimento, dizia Heráclito; o mundo gira, a lusitana roda, anunciava a televisão [...]”

Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: A ARTE DE ENVELHECER

¹O envelhecimento é sombra que nos acompanha desde a concepção: o feto de seis meses é muito mais velho do que o embrião de cinco dias.

Lidar com a inexorabilidade desse processo exige uma habilidade na qual nós somos inigualáveis: a adaptação. Não há animal capaz de criar soluções diante da adversidade como nós, de sobreviver em nichos ecológicos que vão do calor tropical às geleiras do Ártico.

Da mesma forma que ensaiamos os primeiros passos por imitação, temos que aprender a ser adolescentes, adultos e a ficar cada vez mais velhos.

A adolescência é um fenômeno moderno. ²Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. Nas comunidades agrárias o menino de sete anos trabalhava na roça e as meninas cuidavam dos afazeres domésticos antes de chegar a essa idade.

A figura do adolescente que mora com os pais até os 30 anos, sem abrir mão do direito de reclamar da comida à mesa e da camisa mal passada, surgiu nas sociedades industrializadas depois da Segunda Guerra Mundial. Bem mais cedo, nossos avós tinham filhos para criar.

A exaltação da juventude como o período áureo da existência humana é um mito das sociedades ocidentais. Confinar aos jovens a publicidade dos bens de consumo, exaltar a estética, os costumes e os padrões de comportamento característicos dessa faixa etária tem o efeito perverso de insinuar que o declínio começa assim que essa fase se aproxima do fim.

A ideia de envelhecer aflige mulheres e homens modernos, muito mais do que afligia nossos antepassados. Sócrates tomou cicuta aos 70 anos, Cícero foi assassinado aos 63, Matusalém sabe-se lá quantos anos teve, mas seus contemporâneos gregos, romanos ou judeus viviam em média 30 anos. No início do século 20, a expectativa de vida ao nascer nos países da Europa mais desenvolvida não passava dos 40 anos.

A mortalidade infantil era altíssima; epidemias de peste negra, varíola, malária, febre amarela, gripe e tuberculose dizimavam populações inteiras. Nossos ancestrais viveram num mundo devastado por guerras, enfermidades infecciosas, escravidão, dores sem analgesia e a onipresença da mais temível das criaturas. Que sentido haveria em pensar na velhice quando a probabilidade de morrer jovem era tão alta? Seria como hoje preocupar-nos com a vida aos cem anos de idade, que pouquíssimos conhecerão.

³Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. Se assim for, ⁴é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. Que nenhuma cirurgia devolverá aos 60 o rosto que tínhamos aos 18, mas que envelhecer não é sinônimo de decadência física para aqueles que se movimentam, não fumam, comem com parcimônia, exercitam a cognição e continuam atentos às transformações do mundo.

Considerar a vida um vale de lágrimas no qual submergimos de corpo e alma ao deixar a juventude é torná-la experiência medíocre. Julgar, aos 80 anos, que os melhores foram aqueles dos 15 aos 25 é não levar em conta que a memória é editora autoritária, capaz de suprimir por conta própria as

experiências traumáticas e relegar ao esquecimento inseguranças, medos, desilusões afetivas, riscos desnecessários e as burradas que fizemos nessa época.

⁵Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez.

Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente.

DRÁUZIO VARELLA

Folha de São Paulo, 23/01/2016.

(Uerj simulado 2018) Títulos, de modo geral, apresentam a(s) ideia(s) principal(is) do texto.

Com base em tal afirmação, a passagem que se relaciona mais diretamente com o título da crônica de Dráuzio Varella é:

a) Nossos ancestrais passavam da infância à vida adulta sem estágios intermediários. (ref. 2)

b) Os que estão vivos agora têm boa chance de passar dos 80. (ref. 3)

c) é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. (ref. 4)

d) Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem “cabeça de jovem”. (ref. 5)

Exercício 47

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

NO MEIO DO CAMINHO

O homem ia andando e encontrou uma pedra no meio do caminho. Milhões de homens encontram uma pedra no caminho e dela se esquecem. Um poeta, que talvez nunca tenha encontrado pedra nenhuma, que fatalmente esqueceu muitas coisas, esqueceu caminhos que andou e pedras que não encontrou, fez um poema dizendo que nunca esqueceria a pedra encontrada no meio do caminho.

¹Se a rosa é uma rosa, a pedra deveria ser uma pedra, mas nem sempre é. No meu primeiro dia de escola, da qual seria expulso por não saber falar o mínimo que se espera de uma criança, minha tia e madrinha, que nós chamávamos de Doneta, mas tinha outro nome do qual me esqueci, levou-me pela mão em silêncio, e em silêncio ia eu, sem saber o que representava o primeiro dia de escola.

Quando percebi o que seria aquilo – misturar-me a meninos estranhos e ferozes, ficar longe de casa e da mão da minha tia e madrinha – entrei a espernear, aos berros – aos quais mais tarde renunciaria por inúteis.

Foi então que a tia e madrinha definiu a situação, dizendo com sabedoria: “São os abrolhos, meu filho”.

Sim, os abrolhos começaram e até hoje não acabaram. Não sei bem o que é um abrolho, mas deve ser uma pedra no caminho

da gente. A diferença mais substancial é que bastou uma pedra no meio do caminho para que um poeta dela não se esquecesse.

Não sendo poeta, não me lembro de ter topado com pedra nenhuma no meio do caminho. Mas, em matéria de abrolhos, sou doudo. Mesmo não sabendo em que consiste um abrolho.

Como disse acima, tiraram-me daquele abrolho inicial porque não sabia falar. Aprendi a escrever mal e porcamente, e os abrolhos vieram em legião. Faço força para esquecê-los, mas volta e meia penso que seria melhor encontrar uma pedra no meio do caminho.

CARLOS HEITOR CONY

Folha de São Paulo, 05/05/2002.

(Uerj simulado 2018) A crônica é um gênero que se apresenta em diferentes tipos textuais.

Na crônica de Carlos Heitor Cony, características típicas da narração são predominantes nos seguintes parágrafos:

a) 1º parágrafo.

b) 3º e 4º parágrafos.

c) 5º e 6º parágrafos.

d) último parágrafo.

Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à(s) questão(ões):

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro.

Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e

sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima. Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz. Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)

¹ *arma virumque cano*: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói

Eneias).

(Unifesp 2018) Depreende-se da crônica que o telegrama demorou a chegar

- a) porque ficou retido na delegacia de polícia.
- b) por conta de um sonho premonitório.
- c) porque uma revolta popular estava em curso.
- d) por conta da lentidão do serviço dos telégrafos.
- e) porque um golpe militar estava em andamento.

Exercício 49

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Fita métrica do amor

Como se mede uma pessoa? Os tamanhos variam conforme o grau de envolvimento. Ela é enorme pra você quando fala do que leu e viveu, quando trata você com carinho e respeito, quando olha nos olhos e sorri destravado. É pequena pra você quando só pensa em si mesmo, quando se comporta de uma maneira pouco gentil, quando fracassa justamente no momento em que teria que demonstrar o que há de mais importante entre duas pessoas: a amizade.

¹Uma pessoa é gigante pra você quando se interessa pela sua vida, quando busca alternativas para o seu crescimento, quando sonha junto. É pequena quando desvia do assunto.

²Uma pessoa é grande quando perdoa, quando compreende, quando se coloca no lugar do outro, quando age não de acordo com o que esperam dela, mas de acordo com o que espera de si mesma. Uma pessoa é pequena quando se deixa reger por comportamentos clichês.

³Uma mesma pessoa pode aparentar grandeza ou miudeza dentro de um relacionamento, pode crescer ou decrescer num espaço de poucas semanas: será ela que mudou ou será que o amor é traiçoeiro nas suas medições? Uma decepção pode diminuir o tamanho de um amor que parecia ser grande. ⁴Uma ausência pode aumentar o tamanho de um amor que parecia ser ínfimo.

É difícil conviver com esta elasticidade: as pessoas se agigantam e se encolhem aos nossos olhos. Nosso julgamento é feito não através de centímetros e metros, mas de ações e reações, de expectativas e frustrações. Uma pessoa é única ao estender a mão, e ao recolhê-la inesperadamente, se orna mais uma. O egoísmo unifica os insignificantes.

⁵Não é a altura, nem o peso, nem os músculos que tornam uma pessoa grande. É a sua sensibilidade sem tamanho.

MEDEIROS, Martha. *Non-stop: crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: L&PM Editores. 2001.

(Uece 2018) O propósito principal da crônica resume-se pelo seguinte excerto do texto:

a) “Uma pessoa é gigante pra você quando se interessa pela sua vida”. (referência 1)

b) “Uma mesma pessoa pode aparentar grandeza ou miudeza dentro de um relacionamento”. (referência 3)

c) “Uma ausência pode aumentar o tamanho de um amor que parecia ser ínfimo”. (referência 4)

d) “Não é a altura, nem o peso, nem os músculos que tornam uma pessoa grande. É a sua sensibilidade sem tamanho”. (referência 5)

Exercício 50

(G1 - cftmg 2017) **Fuga**

Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala, fazendo um barulho infernal.

– Para com esse barulho, meu filho – falou, sem se voltar.

Com três anos já sabia reagir como homem ao impacto das grandes injustiças paternas: não estava fazendo barulho, estava só empurrando uma cadeira.

– Pois então para de empurrar a cadeira.

– Eu vou embora – foi a resposta.

Distraído, o pai não reparou que ele juntava ação às palavras, no ato de juntar do chão suas coisinhas, enrolando-as num pedaço de pano. Era a sua bagagem: um caminhão de plástico com apenas três rodas, um resto de biscoito, uma chave (onde diabo meteram a chave da despensa? – a mãe mais tarde irá dizer), metade de uma tesourinha enferrujada, sua única arma para a grande aventura, um botão amarrado num barbante.

A calma que baixou então na sala era vagamente inquietante. De repente, o pai olhou ao redor e não viu o menino. Deu com a porta da rua aberta, correu até o portão:

– Viu um menino saindo desta casa? – gritou para o operário que descansava diante da obra do outro lado da rua, sentado no meio-fio.

– Saiu agora mesmo com uma trouxinha – informou ele.

Correu até a esquina e teve tempo de vê-lo ao longe, caminhando cabisbaixo ao longo do muro. A trouxa, arrastada no chão, ia deixando pelo caminho alguns de seus pertences: o botão, o pedaço de biscoito e – saíra de casa prevenido – uma moeda de 1 cruzeiro. Chamou-o, mas ele apertou o passinho, abriu a correr em direção à Avenida, como disposto a atirar-se diante do ônibus que surgia a distância.

– Meu filho, cuidado!

O ônibus deu uma freada brusca, uma guinada para a esquerda, os pneus cantaram no asfalto. O menino, assustado, arrepiou carreira. O pai precipitou-se e o arrebanhou com o braço como a um animalzinho:

– Que susto que você me passou meu filho – apertava-o contra o peito, comovido.

– Deixa eu descer, papai. Você está me machucando.

Irresoluto, o pai pensava agora se não seria o caso de lhe dar umas palmadas:

– Machucando, é? Fazer uma coisa dessas com seu pai.

– Me larga. Eu quero ir embora.

Trouxe-o para casa e o largou novamente na sala – tendo antes o cuidado de fechar a porta da rua e retirar a chave, como ele fizera com a da despensa.

– Fique aí quietinho, está ouvindo? Papai está trabalhando.

– Fico, mas vou empurrar esta cadeira.

E o barulho recomeçou.

SABINO, F. In: *Para gostar de ler* – Crônicas 2. São Paulo: Ática, 1988.

Na crônica, os eventos narrados associam-se à ideia de

a) omissão paterna.

b) violência familiar.

c) conflito de gerações.

d) dificuldade de comunicação.

Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

¹Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) *João Alves Júnior.*

²Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

³Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. ⁴Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à *Cidade de Itabira*. Antes, procedeste a indagações. Falharam. ⁵Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

⁶Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. ⁷Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

⁸Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. ⁹Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(*Fala, amendoeira*, 2012.)

(Unesp 2017) O humor presente na crônica decorre, entre outros fatores, do fato de o cronista

- a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.
- b) esforçar-se por ocultar a condição rural do autor do anúncio.
- c) duvidar de que o autor do anúncio seja mesmo João Alves.
- d) empregar o termo “besta” em sentido também metafórico.
- e) acreditar na possibilidade de se recuperar a besta de João Alves.

Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

O Desaparecido

Tarde fria, e então eu me sinto um daqueles velhos poetas de antigamente que sentiam frio na alma quando a tarde estava fria, e então eu sinto uma saudade muito grande, uma saudade de noivo, e penso em ti devagar, bem devagar, com um bem-querer

tão certo e limpo, tão fundo e bom que parece que estou te embalando dentro de mim.

Ah, que vontade de escrever bobagens bem meigas, bobagens para todo mundo me achar ridículo e talvez alguém pensar que na verdade estou aproveitando uma crônica muito antiga num dia sem assunto, uma crônica de rapaz; e, entretanto, eu hoje não me sinto rapaz, apenas um menino, com o amor teimoso de um menino, o amor burro e comprido de um menino lírico. Olho-me ao espelho e percebo que estou envelhecendo rápida e definitivamente; com esses cabelos brancos parece que não vou morrer, apenas minha imagem vai-se apagando, vou ficando menos nítido, estou parecendo um desses clichês sempre feitos com fotografias antigas que os jornais publicam de um desaparecido que a família procura em vão.

Sim, eu sou um desaparecido cuja esmaecida, inútil foto se publica num canto de uma página interior de jornal, eu sou o irreconhecível, irrecuperável desaparecido que não aparecerá mais nunca, mas só tu sabes que em alguma distante esquina de uma não lembrada cidade estará de pé um homem perplexo, pensando em ti, pensando teimosamente, docemente em ti, meu amor.

(BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 465.)

(Uel 2016) Leia, a seguir, o trecho presente no início do segundo parágrafo da crônica.

Ah, que vontade de escrever bobagens bem meigas, bobagens para todo mundo me achar ridículo [...]

A respeito desse trecho, considere as afirmativas a seguir.

- I. O trecho representa a ruptura entre a crônica e o mundo através do aprofundamento na vida interior.
- II. O trecho contesta a viabilidade de uma crônica com marcas líricas consideradas como tolices.
- III. O trecho ressalta a crônica como veículo da expressão do sentimento de desajuste entre o indivíduo e o mundo ao seu redor.
- IV. A iniciativa metalinguística aponta a liberdade e a variedade de vertentes da crônica que pode se valer de recursos narrativos e líricos.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O padeiro

Levanto cedo, faço a higiene pessoal, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costureiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um *lockout*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a ideia de gritar aquilo?

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou por uma outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação do jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina - e muitas vezes saía já levando na mão um dos exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu nome. O jornal e o pão estavam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi uma lição daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”.

E assoviava pelas escadas.

(Rubem Braga, *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. Adaptado)

(G1 - ifsp 2012) Considere as afirmações sobre o texto.

I. O cronista, embora se baseie em uma experiência particular e cotidiana, relata os fatos de forma impessoal e neutra.

II. A facilidade de compreensão do texto ocorre porque o cronista desrespeita a linguagem padrão, optando pela linguagem coloquial.

III. O texto apresenta o discurso indireto e há a reconstituição dos eventos marcada pelas recordações do cronista.

É correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

Exercício 54

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considerações sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

José Carlos de Azeredo*

A ideia de uniformidade é ¹inerente ao espírito da ortografia. Começemos por sua razão mesma de ser. Ela é criada em qualquer país para padronizar a forma gráfica das palavras da língua comum aos seus cidadãos. A uniformização ortográfica é possível porque ela é, antes de mais nada, produto de convenção e acordo. Fala-se português de forma diferente nas diversas regiões do Brasil, mas a ortografia é uma só, e tem de ser uma só, ou ela perderia o sentido. Desse fato se conclui que não existe ortografia cem por cento fonética: a existência de diferentes pronúncias, em escala regional ou mesmo nacional, não é argumento para a diversidade ortográfica. O espanhol tem uma só ortografia em todo o mundo de língua espanhola, a despeito das óbvias diferenças de pronúncia entre os cidadãos de Madri, de Bogotá ou de Havana. Jornais, livros e documentos públicos impressos na Espanha, na Colômbia e em Cuba adotam a mesma ortografia.

Por que os oito países de língua oficial portuguesa precisam de duas ortografias diferentes? O que justificaria o apego de certas pessoas à forma gráfica de alguma palavra, se a ortografia sequer é parte da língua?

A língua que falam os portugueses, os angolanos e os brasileiros não será afetada pela adoção das mudanças ortográficas. Não se pode vincular unificação ortográfica à unificação linguística. Unificação ortográfica nada tem a ver com uniformização da língua. As línguas são como são em virtude do uso que seus falantes fazem delas, e não de acordos de grupos ou de decretos de governo.

Conheço a opinião de intelectuais portugueses notáveis que são contrários ao Acordo: alguns acham que é desnecessário, porque as diferenças vigentes não dificultam a leitura de textos impressos em Portugal por brasileiros, nem a de textos impressos no Brasil por portugueses; outros, mais apaixonados, acham que o Acordo só beneficiaria o Brasil, que ampliaria seu mercado de livros, especialmente os utilizados na escola fundamental, para os países africanos. ³E quem pode ter medo disso ou opor-se a isso? Digamos que seja verdade, que essa expansão possa vir a ocorrer. Em que sentido ela poderia ser prejudicial? Só se é aos interesses econômicos dos livreiros portugueses.

Mas Portugal tem uma profunda e histórica identificação com os ideais da cultura humanística. Portugal se oporia à propagação do livro brasileiro, livro escrito na mesma língua em que se expressam os poetas, os romancistas, os cientistas e todos os sábios homens de letras portugueses? A expansão do livro brasileiro só pode hoje prestar um extraordinário serviço ao conhecimento da língua portuguesa no mundo. Portugal tem um órgão pujante com esta missão: o Instituto Camões. Ele recusaria uma colaboração brasileira nesse projeto gigantesco que o

Instituto Camões, a despeito de sua ²pujança, não pode realizar sozinho?

* José Carlos de Azeredo é professor adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <<http://portalliterat.terra.com.br>>. Acesso em 20 maio, 2008.

(G1 - cftmg 2008) O texto é um(a):

- a) editorial sobre um tratado feito por um grupo de países.
- b) notícia sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
- c) crônica jornalística a respeito de acontecimentos do cotidiano.

d) artigo opinativo sobre uma convenção entre vários países lusófonos.

Exercício 55

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Crítica: O dia em que a Terra parou

²O remake *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. O primeiro *O dia em que a Terra parou*, dirigido por Robert Wise, rodado em 1951, foi um apelo ao fim da Guerra Fria. O recente, dirigido por Scott Derrickson, um apelo ao desmatamento, guerras insanas, violência etc. ³O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. Relevante no aspecto “conscientização”, mas infantil em outros. Os efeitos especiais são incríveis, e o gigante robô biológico Gort, que acompanha o alienígena Klaatu, mesmo sem pronunciar palavra e ficando estático quase todo o tempo, dá um show. O pequeno Jaden Smith, filho do ator Will Smith, fez boa interpretação, e tenho certeza do promissor sucesso. ⁴Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero. Confesso que, em “longos” momentos, o filme foi parado: sem ação alguma. Já no termo da lógica: se realmente existirem alienígenas, será que se preocupariam com o nosso planeta? Por quê? Acredito que não. ⁵O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. ¹Por que se interessariam em salvar justamente o nosso? No filme, o alienígena Klaatu, diferente do que parece, não tem boas intenções com os seres humanos. Sua única intenção é salvar o planeta Terra de nós, que o estamos destruindo aos poucos, o que não deixa de ser verdade. Interessante, com menos ação e violência que *Guerra dos mundos*, mas igualmente impactante. Recomendo.

Ademir Pascale. www.cranik.com

(Uerj 2010) O texto oferece ao leitor informações sobre o filme filtradas pelo autor e somadas às suas avaliações pessoais. Esse recurso linguístico, próprio das resenhas, está mais bem exemplificado em:

- a) O *remake* *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. (ref. 2)
- b) O que muitos não sabem é que o filme foi baseado no conto *Farewell to the Master*, do escritor Harry Bates. (ref. 3)
- c) Mas, como apaixonado por FC [ficção científica], sou suspeito pra falar deste gênero. (ref.4)
- d) O universo pode ter milhões de outros planetas habitados, segundo o consagrado doutor em cosmologia e físico teórico Stephen Hawking. (ref. 5)

Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹A população urbana brasileira, principalmente a de grandes centros, vive constantemente em situação ambiental muito ruim. ²Tênuos esforços públicos são levados a cabo em véspera de desastre, para evitar o mal maior. Mas, de maneira geral, o ⁵brasileiro não está educado nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e efetivamente melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana, em vez de só evitar o mal maior. Iniciativas I tímidas I como o rodízio de carros particulares em São Paulo, entre 1996 e 1998, ⁴deram mostras de seu potencial em melhorar a qualidade do ar e de reduzir o caos no transporte. ³Porém, esbarram no individualismo da solução automotiva e no status que o carro tem na nossa contemporaneidade. (BUYS, Bruno. In: MACHADO, Anna Raquel et al. *Resenha: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos*. São Paulo: Parábola editorial, 2004, p. 44)

(G1 - cftsc 2008) De acordo com o texto, analise as afirmativas a seguir:

- I - Segundo o texto, nada tem sido feito para melhorar a qualidade de vida nos grandes centros urbanos;
- II - A conclusão do parágrafo aponta que o rodízio de carros, ao mesmo tempo que não é suficiente para resolver o problema, não alcança o resultado almejado, dada a importância que o automóvel tem na sociedade contemporânea;
- III - O texto indica que alguma coisa tem sido feita apenas por ocasião de iminentes catástrofes;
- IV - A ideia central do parágrafo é: de maneira geral, o brasileiro não é educado e nem conscientizado para a necessidade de mudar de hábitos e melhorar o ambiente e a qualidade de vida urbana;
- V - A população urbana do Brasil convive com uma má situação ambiental.

São CORRETAS as afirmativas:

- a) I, II e III.
- b) II, III e V.
- c) II, III, e IV.
- d) III e IV.
- e) todas

Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

COMO SERÁ A ALIMENTAÇÃO DOS HUMANOS NO FUTURO?

Adaptado de Maria Luciana Rincon

Com o aumento da população mundial, a redução de recursos e mudanças na dieta, muita gente prevê que no futuro a humanidade enfrentará uma competição por alimentos sem precedentes. Aliás, segundo os mais fatalistas, se as coisas continuarem como estão, por volta do ano 2050 seremos testemunhas de uma onda de fome que poderá afetar todo o planeta.

Algumas estimativas apontam que dentro de apenas uma ou duas gerações a população mundial terá aumentado em alguns bilhões de habitantes, e boa parte dessa gente toda se concentrará em grandes centros urbanos. Assim, além da falta de recursos naturais, é preciso encontrar formas de fazer com que os alimentos cheguem até essas áreas e supram as necessidades de todos.

Por sorte, já existem cientistas quebrando a cabeça para encontrar soluções para a iminente crise de alimentos, apostando na tecnologia e na ciência para isso. Uma saída talvez seja uma mudança na dieta e, para Richard Archer, um desses cientistas preocupados, dentro de um período de 25 anos, a alimentação humana se baseará principalmente em produtos altamente processados e — diferente dos itens disponíveis hoje em dia — nutricionalmente equilibrados.

¹Segundo Archer, além de nutritivos, os alimentos processados podem ser preservados por mais tempo, além de serem mais facilmente transportados. Contudo, antes que eles substituam os alimentos atuais, alguns problemas precisam ser contornados. Atualmente, quando falamos em produtos processados, logo imaginamos alimentos recheados de gordura, sal e açúcar. As opções mais equilibradas existem, mas não agradam ao paladar dos consumidores pela falta de sabor.

Assim, um dos maiores desafios da indústria de alimentos é encontrar formas de desenvolver produtos processados que sejam saudáveis e também saborosos. Outro problema para o futuro é o consumo de carne vermelha. Segundo Archer, a produção atual já é vista como cara e ineficiente e, no futuro, com a já prevista escassez de água e espaço para o cultivo, esses produtos se tornarão economicamente inviáveis.

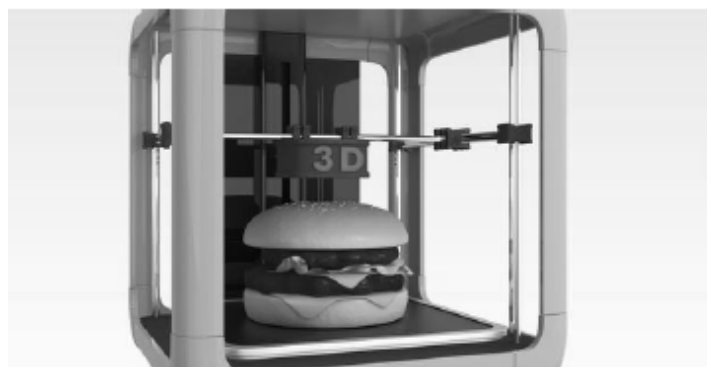
Desta forma, o consumo de carnes se limitará a quantidades cada vez mais reduzidas, dando lugar à ingestão de proteína animal misturada à proteína de origem vegetal e outros ingredientes que garantirão o sabor e o valor nutricional dos alimentos.

²Outra tendência apontada por Archer será o emprego de equipamentos 3D para imprimir refeições e, de acordo com o cientista, esses dispositivos permitirão que os usuários fabriquem suas criações culinárias e comidas que nem sequer existem ainda. Além disso, ele prevê o desenvolvimento de tecnologias que permitam criar ingredientes livres de calorias e que possam

encapsular, cobrir, proteger e liberar nutrientes e compostos alimentares bioativos.

E, segundo Archer, as mudanças na dieta não se limitarão apenas aos humanos, pois, conforme explicou, animais como frangos e peixes poderão ser alimentados com algas e insetos cultivados industrialmente.

Entretanto, apesar de todo esse otimismo com respeito às soluções para o futuro, ³com uma população mundial cada vez mais urbana e ávida por comodidades, suprir a necessidade de toda essa gente — e ao mesmo tempo atender os gostos de todo mundo — não será uma tarefa nada fácil.



Disponível:

<<https://www.megacurioso.com.br/sustentabilidade/44765-como-sera-a-alimentacao-dos-humanos-no-futuro.htm>>. Acesso em 04 de out. de 2019

(G1 - cmrj 2020) Uma preocupação semelhante entre o texto publicitário abaixo e o texto de Maria Luciana Rincón é



Disponível: <<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=48920>>. Acesso em 19 de out. de 2019. Imagem editada.

- a) o incentivo ao consumo de orgânicos.
- b) a inovação de tecnologias de produção.
- c) a importância da produção de proteína animal.

- d) a força da imagem na comercialização de alimentos.
- e) o cuidado do consumidor com produtos processados.

Exercício 58

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:



Disponível em <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/campanhas/PNI/CartazSarampo.jpg>, acesso em 25 de outubro de 2018.

(G1 - ifce 2019) O texto apresentado é uma campanha publicitária na qual é utilizado o enunciado “Porque, contra o arrependimento, não existe vacina”. Com esse enunciado, pretende-se

- a) mostrar por que ainda não há vacinas contra o arrependimento.
- b) esclarecer por que o sarampo voltou a circular no Brasil.
- c) alertar sobre por que todos somos responsáveis pela volta do sarampo ao Brasil.
- d) justificar uma opinião sobre a garantia de eficácia da vacina contra o sarampo.
- e) explicar por que é importante evitar o risco de transmissão do sarampo.

Exercício 59

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:



Disponível em <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/campanhas/PNI/CartazSarampo.jpg>, acesso em 25 de outubro de 2018.

(G1 - ifce 2019) O enunciado “Sou o sarampo, mas pode me chamar de arrependimento” está relacionado à ideia de que

- a) o sarampo é consequência de um arrependimento.
- b) a doença leva a um arrependimento.
- c) o arrependimento é a causa da doença.
- d) o arrependimento é um sintoma da doença.
- e) com o arrependimento não há a doença.

Exercício 60

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/campanhas/PNI/CartazSarampo.jpg>, acesso em 25 de outubro de 2018.

(G1 - ifce 2019) O texto apresentado como campanha publicitária traz o seguinte enunciado “Quando uma doença aparece, traz todas as marcas que ela pode deixar na sua vida. Por isso, eu, você, pais e responsáveis, profissionais da saúde, professores, agentes de saúde, precisamos resgatar a importância das vacinas.” A expressão em destaque revela que

- a) importa recuperar a confiança na vacinação.
- b) a credibilidade da vacina contra o sarampo permanece.
- c) ainda é grande o prestígio das vacinas.
- d) a vacinação deve ser obrigatória.
- e) o poder da vacinação nunca foi questionado.

Exercício 61

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Este material publicitário foi criado com o propósito de sensibilizar as pessoas e de despertar nelas uma atitude de conscientização no que refere à violência contra a criança.



(Disponível em: <https://temporalcerebral.com.br/melhores-campanhas-publicitarias-2017-1/>. Adaptado. Acesso em 11 ago. 2018)

(Upf 2019) Analisando a estratégia argumentativa utilizada, avalie as afirmativas que seguem sobre os possíveis sentidos movimentados por essa campanha.

- I. A presença da cinta, como elemento não verbal, permite que o leitor compreenda que a campanha está fazendo uma associação com a prática de repreender pela violência, ligada a uma cultura relacionada à concepção de que “surrar” não é errado, mas um instrumento de educação para as crianças.
- II. No que refere à combinação dos elementos verbais e não verbais, é imprescindível, para que a campanha alcance seu objetivo e coloque em circulação os diferentes sentidos que a compõem, a combinação da palavra “temidos” e da ideia de temor suscitada a partir da imagem de um cão feroz, formada pela cinta.
- III. Da afirmação de que “Não há desculpas para os maus tratos contra as crianças”, é possível inferir que o recurso à palavra “desculpa” atribui à justificativa para a violência um caráter de pretexto ou falsidade e revela que um dos objetivos da campanha é defender que mesmo a educação não é desculpa para a violência.
- IV. A campanha chama atenção para a ocorrência de “maus tratos” e, portanto, também tem como especificidade a conscientização sobre a gravidade dos crimes de pedofilia e estupro contra crianças, ações marcadas pela violência e pelo temor.
- V. Combinada com os elementos não verbais do material, a contradição dos sentidos de “vestir” a cinta e de “temer” a cinta se mostra essencial, uma vez que é a partir da percepção de que essas duas ações são possíveis, mas que uma delas não é apropriada, que o interlocutor compreende o propósito da campanha.
- VI. O sentido de campanhas normalmente é enriquecido a partir da combinação de diferentes elementos – como é o caso do

verbal e do não verbal –, no entanto, essa combinação não é elemento indispensável, uma vez que a campanha tanto pode ser produzida somente com textos verbais quanto somente com imagens. Disso é possível inferir que os elementos textuais, embora importantes, poderiam, sem comprometimento de sentido, ser suprimidos do material publicitário em questão.

Está **correto** apenas o que afirma em:

- a) I, II, III e V.
- b) II, III e IV.
- c) I, V e VI.
- d) I, III, V e VI.
- e) III, IV, V e VI.

Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



(Disponível em: <https://temporalcerebral.com.br/melhores-campanhas-publicitarias-2017-1/>. Adaptado. Acesso em 11 ago. 2018)

(Upf 2019) As figuras de linguagem e de pensamento são recursos ou estratégias que podem ser aplicados ao texto. Tendo por base a campanha publicitária apresentada e os enunciados “Cintos são para serem vestidos, não temidos” e “Não há desculpas para os maus-tratos contra as crianças”, é **correto** o que se afirma em:

- a) A referência aos “maus-tratos contra as crianças” e a utilização de uma cinta para associar essa ideia à de um cão feroz constitui uma prosopopeia, ou personificação, que consiste na atribuição de características humanas a seres irracionais ou coisas inanimadas.

b) A oposição entre os verbos “vestir” (“vestidos”) e “temer” (“temidos”) constitui um paradoxo, que coloca em circulação ideias contrárias entre si.

c) O uso da palavra “desculpa” caracteriza uma ironia, pois está expressando uma ideia diferente ou contrária àquela originalmente posta, uma vez que a campanha não faz referência à ação de desculpar-se ou de ser perdoado.

d) A utilização da imagem do cão constitui uma comparação, eis que compara elementos diferentes que apresentam uma característica em comum: o cão e a violência contra as crianças.

e) O uso da expressão “maus-tratos” pode ser considerado um eufemismo, pois, dada a natureza forte da publicidade, essa escolha suaviza um discurso mais chocante, que poderia ter palavras como “agressões” ou “violência”.

Exercício 63

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Disponível em: <<http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeito-terceira-idade.html>>. Acesso em: 01 out. 2018.

(G1 - ifpe 2019) A respeito do gênero do texto, é CORRETO afirmar que

a) se caracteriza como uma charge, pois nos leva a refletir sobre o fato de que a violência contra idosos tem se tornado cada vez mais comum.

b) se trata de um anúncio publicitário, cujo objetivo é promover a ideia de que é preciso respeitar as pessoas idosas.

c) corresponde a uma tirinha, por unir linguagem verbal e não verbal para construir uma situação-problema.

d) é um panfleto, com informações sobre os principais tipos de violência contra idosos, formas de combate e contatos para denúncia.

e) se caracteriza como um manual de como se deve tratar pessoas idosas.

Exercício 64

(G1 - cftmg 2018)



Disponível em: <http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/campanhas>. Acesso em: 12 set. 2017.

No anúncio, o slogan “É nessa fase que você fica mais forte”

a) relaciona a ideia de força à vulnerabilidade dos adolescentes para caracterizá-los como os principais alvos das doenças.

b) explicita o interlocutor com a finalidade de compartilhar com os jovens a responsabilidade pelo sucesso da campanha.

c) recorre à linguagem informal para divulgar uma política pública de saúde para a camada mais jovem da sociedade.

d) utiliza a ambiguidade do termo ‘fase’ para associar a faixa etária do público-alvo ao contexto do videogame.

Exercício 65

(Fuvest 2018) Examine esta propaganda.



www.combustivellegal.com.br

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo “legal” pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

a) lícito e bom.

b) aceito e regulado.

c) requintado e excepcional.

d) viável e interessante.

e) jurídico e autorizado.

Exercício 66

(G1 - ifsp 2017) Observe a peça publicitária abaixo.



Propaganda veiculada pelos Correios

Nessa peça publicitária, é correto afirmar que o autor procura convencer o leitor a

- a) vestir-se como Papai Noel e a distribuir presentes.
- b) entregar cartões de natal às pessoas carentes.
- c) abraçar a campanha e conceder o pedido da carta que queira adotar.
- d) receber cartas de várias crianças que acreditam no Papai Noel.
- e) enfatizar a crença na pessoa do Papai Noel.

Exercício 67

(G1 - ifsul 2017) Observe a imagem a seguir.



Fonte foto: Jk, arquivo pessoal.

Considerando a linguagem verbal e a não verbal, analisa as seguintes afirmativas:

- I. O uso dos verbos: pensar e amar vinculados aos advérbios menos e mais privilegiam o sentimentalismo em prol da razão.
- II. O uso da antítese indica que o ato de pensar e amar podem ser contraditórios.
- III. O uso da *hashtag* (#) aproxima o texto do público consumidor jovem, uma vez que esta é muito utilizada em postagens nas redes sociais.

Estão corretas as afirmativas

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I e III apenas.
- d) I, II e III.

Exercício 68

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para a(s) questão(ões), considere o texto que segue:



(Foto produzida diretamente do produto)

(G1 - ifal 2017) No processo de interação linguística, estabelece-se um diálogo entre o autor e seu(s) interlocutor(es). No texto, a autoria, que pode ser compreendida como a empresa que vende o produto, fala a um público-alvo específico, cujas características se apreendem da seleção operada nas linguagens verbal e não verbal dispostas no enunciado.

Quanto à visão que se cria dos possíveis destinatários desse texto, o que não é correto afirmar?

- a) Assume-se uma visão de que, ao não alisar seu cabelo, mantendo-o com o aspecto natural – ondulado, cacheado ou crespo –, o interlocutor deseja impactar as pessoas ao seu redor.
- b) Identifica-se o interlocutor como alguém próximo, familiar, que não se prende a maneiras formais de interação e que adota, em sua linguagem, gírias que circulam na sociedade nos tempos atuais.
- c) Mulheres afrodescendentes são o público-alvo privilegiado desse texto, para quem seu interlocutor cultiva valores como beleza exterior, orgulho e poder.
- d) O interlocutor é alguém que deseja um tratamento individualizado para seus cabelos, para os quais o cuidado dispensado supõe procedimentos específicos que se assemelham, metaforicamente, a um ritual.
- e) Vê-se o interlocutor exclusivamente como alguém que se identifica com ritmos como *funk* e *axé*, e que tem, como valores fundamentais, a força coletiva, a ideia de raça e de respeito às diferenças.

Exercício 69

(Fatec 2020) Leia a charge.



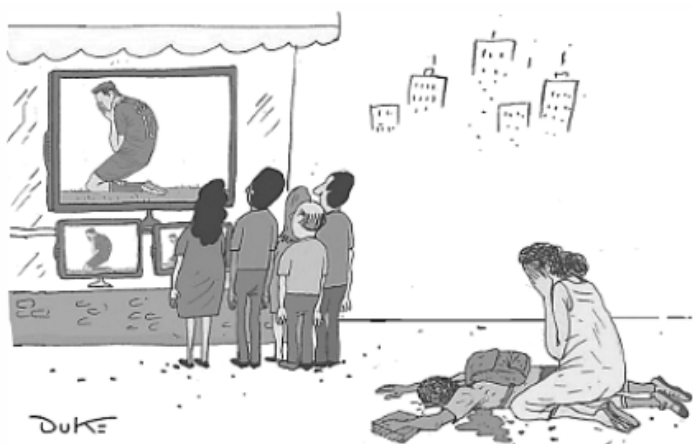
<<https://tinyurl.com/y4xtwcwo>> Acesso em: 19.10.2019.

De acordo com as informações verbais e não verbais apresentadas na charge, pode-se depreender, corretamente, que

- a) a alta qualificação profissional da maioria da população acarreta um aumento no número de vagas não preenchidas no mercado de trabalho.
- b) as vagas de emprego cresceram devido à alta concorrência entre os trabalhadores, incluindo-se até mesmo crianças e mulheres na disputa por uma vaga no mercado de trabalho.
- c) a falta de oportunidade de trabalho, aliada a novos meios de transporte de massa, impedem o desenvolvimento de atividades paralelas no mercado de trabalho.
- d) as vagas ofertadas no mercado de trabalho, apesar de inúmeras e constantes, não garantem estabilidade e remuneram menos do que as atividades “empreendedoras”.
- e) a resiliência, aliada à persistência, levam as pessoas a se realocarem dentro do mercado de trabalho e, conseqüentemente, adaptarem-se a novas oportunidades de trabalho.

Exercício 70

(G1 - cp2 2020)



Disponível em: <https://www.otempo.com.br>. Acesso em: 16 jul. 2019.

A falta de empatia e de solidariedade na sociedade atual está presente na charge, tal tema é melhor representado pela:

- a) condição de estudante do menino em contraste com o sangue no chão.
- b) quantidade de televisores na vitrine em contraste com o livro e a mochila do menino.

c) expressão corporal idêntica do jogador e da mulher em contraste com a posição dos espectadores.

d) expressão corporal da mulher diferente da do jogador em contraste com o menino morto no chão.

Exercício 71

(Ita 2019)



Fonte: desdiscursos.blogspot.com. Disponível em: <<http://desdiscursos.blogspot.com/2011/12/ crimes-ambientais.html>> Acesso em: set. 2018.

Assinale a alternativa que exprime o teor crítico da charge.

- a) A pichação somente contribui para o aumento da poluição visual da cidade.
- b) É necessário investir efetivamente em educação para a conscientização ambiental.
- c) Há incoerência entre a proibição governamental e sua efetiva fiscalização.
- d) A pichação é uma forma ilegítima de protesto social e educacional.
- e) Os pichadores demonstram total indiferença com o meio ambiente e a lei.

Exercício 72

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).



LATUFF, C. Disponível em: <<https://infonet.com.br/noticias/educacao/movimentos-sociais-midia-e-a-aura-do-impulso-da-mudanca/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

(G1 - ifpe 2019) O texto acima encerra uma crítica que envolve o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), conhecido por

MST no período de publicação do texto. Com base nos elementos verbo-visuais que compõem a charge, é CORRETO concluirmos que

- a) esse movimento precisa entrar em conflito com diversas instituições, a fim de defender seus interesses.
- b) esse movimento faz uso de força bruta para assegurar seu direito ao cultivo de terras consideradas improdutivas.
- c) esse movimento pode contar com o apoio dos veículos de comunicação em massa, ao produzirem notícias imparciais a seu respeito.
- d) esse movimento tem sua luta defendida pelo estado, pois a polícia militar cuida da integridade física desses trabalhadores.
- e) esse movimento tem seus deveres e direitos regulados pela imparcialidade da esfera judiciária.

Exercício 73

(G1 - cmrj 2018)



Disponível em <<http://professoraelaine81e82.blogspot.com.br/2016/09/charges-sobre-internet-atividade-iii.html>>. Acesso em 23 de agosto de 2017.

Qual é a crítica presente na charge e como o elemento verbal é inserido?

- a) Existe uma crítica quanto ao esfriamento das relações familiares e o elemento verbal explicita isso através de eufemismo.
- b) Existe uma crítica quanto à supervalorização da interação interpessoal através de novas mídias de tecnologia e o elemento verbal explicita isso através de ironia.
- c) Existe uma crítica quanto à supervalorização da interação interpessoal através de novas mídias de tecnologia e o elemento verbal explicita isso através de eufemismo.
- d) Existe uma crítica quanto ao impacto social causado pelas novas tecnologias de comunicação e informação nas relações entre os casais e o elemento verbal explicita isso através de metonímia.
- e) Existe uma crítica quanto ao esfriamento das relações familiares e o elemento verbal explicita isso através de ironia.

Exercício 74

(G1 - ifba 2018)



Disponível em: <<http://miriamsalles.info/wp-content/uploads/acord>>. Acesso em 25 jul. 2017.

O efeito de sentido da charge é construído através da combinação de informações visuais e recursos linguísticos. Nesta charge, fica evidente que:

- a) Os dois personagens terminam convencidos da eficácia da padronização da língua portuguesa através do Novo Acordo Ortográfico.
- b) O personagem que começa a charge defendendo o Novo Acordo Ortográfico convence o outro da sua importância e eficácia.
- c) Um dos personagens sai ainda mais convencido da ineficácia da padronização da Língua Portuguesa através do Novo Acordo Ortográfico.
- d) Os dois personagens defendem, desde o início, a importância do Novo Acordo Ortográfico.
- e) Os personagens não chegam a nenhuma conclusão sobre o Novo Acordo Ortográfico.

Exercício 75

(G1 - cmrj 2018) Você já ouviu falar em “pinturas rupestres”? São as mais antigas formas de arte produzidas pelo ser humano – algumas datam de 40.000 anos antes de Cristo! – e se encontram nas paredes das cavernas que serviam de moradia. Essas pinturas mostram situações do dia a dia das pessoas daquela época, como a que inspirou o próximo texto.



Disponível em <www.wordpress.com.br/search?q=charges>
(Acesso em 12/09/2017.)

A **charge** retrata uma cena ou situação com intenção crítica, usando o desenho como linguagem. Nessa charge, a mensagem tem sentido crítico, uma vez que

- a) compara os homens de hoje com os da pré-história.
- b) ironiza a forma como as pessoas viviam nas cavernas.
- c) chama a atenção para com o respeito com a natureza.
- d) questiona a autoria dos desenhos mais antigos do homem.
- e) remete à Idade da Pedra o princípio do respeito aos animais.

Exercício 76

(Unesp 2017) Examine a charge do cartunista argentino Quino (1932-).



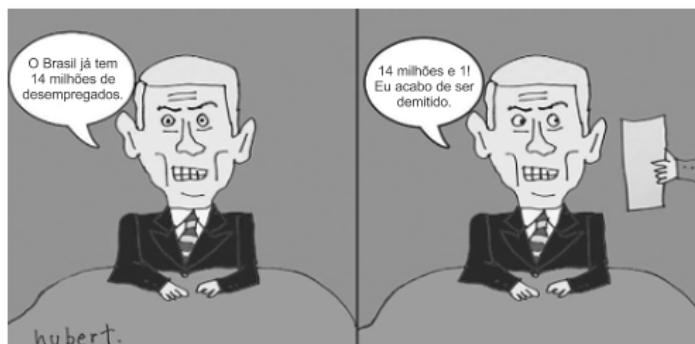
(Quino. *Potentes, prepotentes e impotentes*, 2003.)

A charge explora, sobretudo, a oposição

- a) inocência - malícia.
- b) público - privado.
- c) progresso - estagnação.
- d) natureza - cidade.
- e) liberdade - repressão.

Exercício 77

(G1 - ifal 2017)



Na charge, a crítica social associa-se à construção do humor no texto. Que situação concorre, fundamentalmente, para esse humor?

- a) A ironia de o repórter noticiar sua própria demissão.
- b) A falta de atenção do repórter, que não leu direito o número de desempregados.
- c) O fato de a personagem que corrige o repórter não aparecer completamente na imagem.
- d) A total neutralidade do repórter ao corrigir o número.

e) O movimento dos olhos do repórter, expressando calma.

Exercício 78

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Analise esta charge e responda.



http://htpcantonioferraz.blogspot.com.br/2013_11_01_archive.html

(G1 - ifal 2017) A palavra “escolarização” significa, de acordo com o Dicionário Aurélio, “s.f. Ação ou efeito de escolarizar”, e esta, por sua vez, significa “v.t.d. Submeter ao ensino escolar”. Baseado nesses conceitos, assinale a única alternativa que não corresponde a uma leitura possível da charge.

a) A animação do primeiro garoto diante da manchete do periódico deve-se ao fato de que quase todos os brasileiros, entre 5 e 17 anos, são alfabetizados, porque se submeteram ao ensino escolar.

b) Porque compra e lê jornal, entendendo claramente o conteúdo das notícias nele contidas, o primeiro garoto é, necessariamente, um intelectual e tem padrão de vida melhor que o do amigo.

c) A informação do jornal na charge considera a escolarização apenas como um dado estatístico e não como um processo de produção de conhecimento aliado ao de transformação social dos indivíduos.

d) Pela fala do segundo garoto, que demonstra falta de capacidade efetiva de leitura, para além da decodificação, expõe-se a ideia de que a escolarização, considerada simplesmente como o acesso à escola formal, não diminui os antagonismos sociais.

e) O fato de ambos os garotos saberem ler sugere que eles têm ou tiveram acesso ao ensino escolar, mas que a aprendizagem se deu diferenciadamente entre os dois.

Exercício 79

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia a tirinha para responder à(s) questão(ões) abaixo.



Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_13_a_dimensao_global_de_alguns_problemas_ambientais> Acesso em: 28 ago. 2019

(G1 - ifsul 2020) Acerca da tirinha é correto afirmar que

a) podemos substituir as locuções verbais “vão impedir” e “vai estar” por verbos no futuro do pretérito do indicativo sem prejuízo semântico.

b) no terceiro quadrinho, a palavra “belo” denota ironia.

c) ao trocarmos a preposição “sobre” por “a cerca de”, no último quadrinho, manteremos a coerência textual.

d) podemos dizer que Calvin se mostra esbafoirado ao interperlar sua mãe.

Exercício 80

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a tirinha para responder à(s) questão(ões) abaixo.



Disponível em: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_13_a_dimensao_global_de_alguns_problemas_ambientais> Acesso em: 28 ago. 2019

(G1 - ifsul 2020) Considere as seguintes afirmações sobre a tirinha

- O menino questiona a mãe sobre o efeito estufa.
- O trecho “Eles dizem que os poluentes que jogamos no ar vão impedir a saída do calor do sol e derreter a camada de gelo polar” apresenta um discurso indireto.
- Quanto ao gênero, o texto trata-se de uma tirinha.

Estão corretas as afirmativas

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, II e III.

Exercício 81

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em: <<http://wagnerpassosblog.blogspot.com/search/label/Tiras%20-%20Amigos%20Reais>> Acesso em: 30 de ago de 2018.

(G1 - ifsul 2019) O texto se enquadra no gênero

a) charge.

b) animação.

c) propaganda.

d) tirinha.

Exercício 82

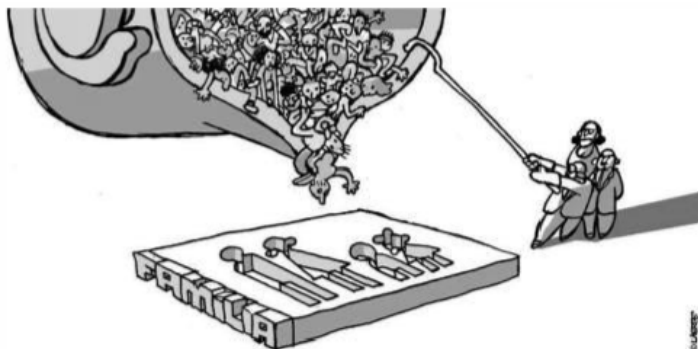
TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões).

| | |
|---|---|
| Triste, louca ou má | Ela desatinou Desatou nós Vai viver só |
| Triste louca ou má Será qualificada Ela quem recusar Seguir receita tal | Ela desatinou Desatou nós Vai viver só |
| A receita cultural Do marido, da família Cuida, cuida da rotina | Eu não me vejo na palavra Fêmea: Alvo de caça Conformada vítima |
| Só mesmo rejeita Bem conhecida receita Quem não sem dores Aceita que tudo deve mudar | Prefiro queimar o mapa Traçar de novo a estrada Ver cores nas cinzas E a vida reinventar |
| Que um homem não te define Sua casa não te define Sua carne não te define Você é seu próprio lar | E um homem não me define Minha casa não me define Minha carne não me define Eu sou meu próprio lar |
| Um homem não te define Sua casa não te define Sua carne não te define | Ela desatinou Desatou nós Vai viver só |

<https://www.vagalume.com.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma.html>. Acesso em: 22/08/2018.

(G1 - cotuca 2019) Sobre a tirinha de Laerte a seguir e a letra da música “Triste, louca ou má”, é possível afirmar que:



<http://oplanetabomba.blogspot.com/2015/10/o-fundamentalismo-e-tentativa-de-moldar.html>. Acesso em: 29/07/2018.

a) ambos os textos possuem uma relação temática ao problematizarem a ideia de normatização de certos comportamentos sociais.

b) ambos os textos possuem uma relação temática ao afirmarem a necessidade de superação do conceito tradicional de família.

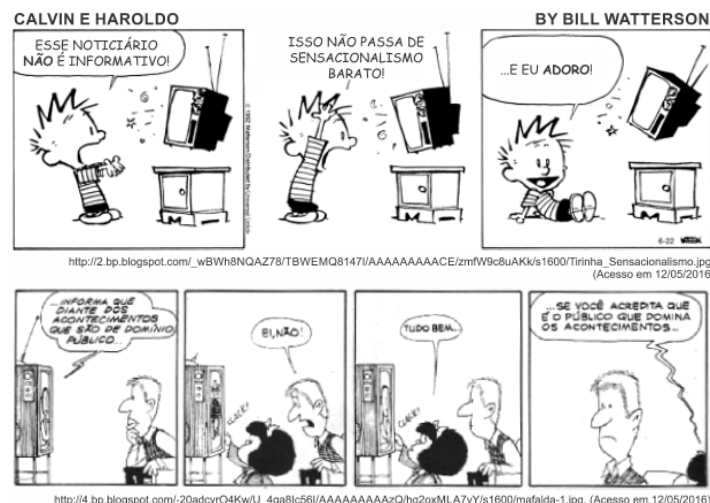
c) os textos se relacionam de modo contrastivo ao problematizarem a noção de família na sociedade moderna.

d) os textos se relacionam de modo contrastivo, pois a tirinha de Laerte está centrada na afirmação do estereótipo da família contemporânea, enquanto a música “Triste, louca ou má” concentra-se na superação do papel atribuído à mulher na sociedade moderna.

e) os textos se relacionam de modo contrastivo, pois a tirinha de Laerte está centrada na superação do estereótipo da família contemporânea, enquanto a música “Triste, louca ou má” concentra-se na afirmação do papel atribuído à mulher na sociedade moderna.

Exercício 83

(Ita 2017)



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQAZ78/TBWEMQ8147U/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg. (Acesso em 12/05/2016)

http://4.bp.blogspot.com/_20adcvrO4KwU/4ga8lc56I/AAAAAAAAAzQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg. (Acesso em 12/05/2016)

Analisando as duas tirinhas, **NÃO** se pode afirmar que

a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.

b) Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.

c) a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.

d) ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.

e) ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

Exercício 84

(G1 - ifpe 2017) Leia a tirinha abaixo para responder à questão.



Disponível em: <<http://pibidbar.blogspot.com.br/2013/06/historia-do-cordel-e-variacao.html>>. Acesso: 08 nov. 2016.

Sobre a linguagem dos personagens da tirinha, retirada da página do Facebook “Bode Gaiato”, avalie as assertivas abaixo.

- I. O texto verbal, embora escrito, revela aproximação com a oralidade. A grafia da palavra “nã” evidencia esse aspecto.
- II. Os falantes se utilizam de uma linguagem com fortes marcas regionais, como, por exemplo, a escolha da palavra “mainha”.
- III. O diálogo entre mãe e filho revela o registro formal da linguagem, como podemos perceber pela utilização das expressões “venha cá pra eu...” e “que nem...”.
- IV. O vocábulo “boizin”, formado a partir da palavra inglesa “boy”, é uma marca linguística típica de grupos sociais de jovens e adolescentes.
- V. Visto que todas as línguas naturais são heterogêneas, podemos afirmar que a fala de Júnio e sua mãe revelam preconceito linguístico.

Estão CORRETAS apenas as afirmações contidas nas assertivas

- a) I, II e IV.
- b) I, III e V.
- c) II, IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) III, IV e V.

Exercício 85

(G1 - cp2 2016) Leia os textos para responder à questão.

Texto I

Humor não é *bullying*

Natalia Klein

¹Não existe nada mais fácil do que sacanear quem já é frequentemente sacaneado. É tiro certo, todos vão achar graça.

²Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*. [...] ³Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor. Por uma infelicidade, publicaram apenas um trecho da minha resposta, em que eu digo que “não posso mais fazer piadas com anão, negros, homossexuais”. ⁴É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa. Mas em um contexto muito mais amplo. O que eu expliquei – ou, pelo menos, tentei explicar – é que não se pode fazer piadas envolvendo assuntos polêmicos sem correr o risco de ser tachado de preconceituoso. ⁵Mas fingir que o preconceito não existe é infinitamente pior. ⁶Não sou a favor de fazer graça de quem já tem que lidar diariamente com a intolerância. ⁷Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si. Em colocar na mesa os nossos podres para que a gente lembre que eles existem.

(Fonte: <http://www.adoravelpsicose.com.br/2011/10/humor-nao-e-bullying.html> Acessado em: 27/08/2015)



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasamandinho/?ref=ts>. Acessado em 13/10/2015

Assinale a alternativa que contém a frase do texto de Natalia Klein que diz de outro modo a mesma mensagem do terceiro quadrinho da tirinha.

- a) “Recentemente, dei uma entrevista em que me perguntaram sobre os limites do humor.” (ref. 3)
- b) “Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.” (ref. 2)
- c) “É importante deixar claro que eu disse sim essa frase pavorosa.” (ref. 4)
- d) “Sou a favor de se fazer piada da intolerância em si.” (ref. 7)

Exercício 86

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a tirinha para responder à(s) questão(ões).



Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>. Acessado em 8/10/2015.

(G1 - cp2 2016) No segundo quadrinho da tirinha, podemos observar que um dos personagens vai embora da cena, deixando o outro falando sozinho. Isso acontece porque

- a) o personagem que foi embora discorda do que o outro disse e quer demonstrar isso.

b) os dois personagens são muito amigos, e o que saiu logo voltará para apoiar o outro.

c) eles estavam brigando por causa de uma piada, e agora deixaram de ser amigos por isso.

d) o personagem que foi embora foi chamar os amigos para ouvir o que o outro estava dizendo.

Exercício 87

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o trecho a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

“Olhai, oh Senhor, os jovens nos postos de gasolina. Apiedai-vos dessas pobres criaturas, a desperdiçar as mais belas noites de suas juventudes sentadas no chão, tomando Smirnoff Ice, entre bombas de combustível e pães de queijo adormecidos. Ajudai-os, meu Pai: eles não sabem o que fazem. [...] As ruas são violentas, é verdade, mas nem tudo está perdido.

[...]

Salvai-me do preconceito e da tentação, oh Pai, de dizer que no meu tempo tudo era lindo, maravilhoso. [...] Talvez exista alguma poesia em passar noite após noite sentado na soleira de uma loja de conveniência, e desfilas com a chave do banheiro e sua tabuinha, em gastar a mesada em chicletes e palha italiana. Explica-me o mistério, numa visão, ou arrancai-os dali. É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor.”

PRATA, Antônio. Conveniência. *O Estado de S. Paulo*, 11 jan. 2008.

(Ufms 2020) Assinale a alternativa correta quanto ao texto lido.

- a) O texto apresenta sequências injuntivas que o aproximam de uma oração, ou seja, nota-se a presença de um ser suplicante e de um ser a quem a prece é dirigida.
- b) O ser suplicante discorda totalmente dos comportamentos dos jovens a quem se refere no discurso, de modo que ele reconhece em si mesmo um bom exemplo a ser seguido.
- c) Embora haja a presença de ironia no texto, esse recurso só se manifesta no primeiro parágrafo; ao longo dos demais, percebe-se a ocorrência de comparações e de metonímias.
- d) O ser suplicante parece ter familiaridade com a rotina do ambiente e dos sujeitos que o frequentam, o que nos autoriza a deduzir que não há intenção de construir discurso crítico ao comportamento descrito.
- e) Ao mesclar os gêneros – oração e crônica –, o autor prejudica o entendimento das ideias contidas no texto, tornando-o incoerente.

Exercício 88

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



www.onu.org.br

<<http://tinyurl.com/hv2r4hp>> Acesso em: 06.09.2016. Original colorido.

(G1 - cps 2017) Esse cartaz faz alusão à questão da fome no mundo, convocando o leitor a repensar e mudar os seus hábitos de consumo.

O cartaz é um gênero textual cuja função é chamada de injuntiva e apresenta características tais como

- a) um caráter persuasivo e a presença de verbos no imperativo.
- b) um caráter descritivo, sem defesa de um ponto de vista.
- c) a presença de estrofes e versos que apresentam rima.
- d) a descrição de um ser vivo, um objeto ou um ambiente.
- e) o desenvolvimento de um enredo, composto de clímax e desfecho.

Exercício 89

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Verbos

A professora pergunta para a Mariazinha:

- Mariazinha, me dê um exemplo de verbo.
- Bicicreta! – respondeu a menina.
- Não se diz “bicicreta”, e sim “bicicleta”. Além disso, bicicleta não é verbo. Pedro, me diga você um verbo.
- Prástico! – disse o garoto.
- É “plástico”, não “prástico”. E também não é verbo. Laura, é sua vez: me dê um exemplo correto de verbo – pediu a professora.
- Hospedar! – respondeu Laura.

– Muito bem! – disse a professora. Agora, forme uma frase com este verbo.

– Os pedar da bicicleta é de prástico!

ABAURRE, Maria Luiza e PONTARA, Marcela. *Gramática – Texto: análise e construção de sentido*. Volume único. São Paulo: Moderna, 2006, p. 76.

(Upe 2015) No texto, o discurso da professora apresenta traços marcantes de sua identidade profissional. Linguisticamente, esses traços são representados pela (o)

- a) delimitação promovida pelos sinais de travessão.
- b) linguagem mais formal e pelas sequências injuntivas.
- c) amplo emprego de verbos de elocução no texto.
- d) presença de sinais de exclamação ao longo do texto.
- e) completo apagamento das vozes dos alunos.

Exercício 90

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:



Disponível em: <www.maisseniedade.blogspot.com.br>. Acesso em: 3 out. 2012.

(Ufg 2013) As frases injuntivas na faixa dos manifestantes representam

- a) o desejo de provocar uma revolução política no país.
- b) o desrespeito ao Estado Democrático de Direito.
- c) a reação a um quadro político desfavorável à ordem social.
- d) a luta pelo direito de voto por meio de eleições diretas para presidente.
- e) uma crítica à aversão do presidente Collor às manifestações populares.

Exercício 91

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Futebol de rua

Luís Fernando Veríssimo

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. **(I) Mas** existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. **(II) Se** você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. **(III) Futebol de rua é tão humilde que** chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. (...)

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. **(IV) Quando** o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. (...)

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – **(V) Até** a mãe chamar **ou** escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DO JUIZ – Não tem juiz.
(...)

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:
a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.
b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner*.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

*córner = escanteio

(Publicado em *Para Gostar de Ler*. v.7. SP: Ática, 1981)

(G1 - ifpe 2012) Considerando o tipo textual d crônica, analise as proposições abaixo.

- I. É um texto descritivo que indica as características e os elementos envolvidos em um jogo de futebol de rua.
- II. Trata-se de um texto injuntivo (instrucional), caracterizado por verbos no modo imperativo, que indicam como se deve jogar o futebol de rua.
- III. Possui sequências narrativas que contam o desenvolvimento de um jogo de futebol de rua.
- IV. É um texto predominantemente argumentativo, pois o autor de forma irônica defende uma opinião sobre o futebol de rua.
- V. Apresenta sequências injuntivas, pois se assemelha a um manual de instruções que explica as regras do futebol de rua.

Estão **corretas**, apenas:

- a) I, II e V
- b) I, III e V
- c) II e III
- d) II e IV
- e) III, IV e V

Exercício 92

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

OS HUMANOS SÃO UMA PARTE IMPORTANTE DA BIOSFERA

As maravilhas do mundo natural atraem a nossa curiosidade sobre a vida e tudo que nos cerca. Para muitos de nós, nossa curiosidade sobre a Natureza e os desafios de seu estudo são razões suficientes.¹ Além disso, contudo, nossa necessidade de compreender a Natureza está se tornando mais e mais urgente,² à medida que o crescimento da população humana estressa a capacidade dos sistemas naturais em manter sua estrutura e funcionamento.

Os ambientes que as atividades humanas dominam ou criaram – incluindo nossas áreas de vida urbanas e suburbanas, nossas terras cultivadas, nossas áreas de recreação, plantações de árvore e pesqueiros – são também ecossistemas. O bem-estar da humanidade depende de manter o funcionamento desses sistemas, sejam eles naturais ou artificiais. Virtualmente toda a superfície da Terra é, ou em breve será, fortemente influenciada por pessoas, se não completamente sob seu controle.³ Os humanos já usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa responsabilidade de forma negligente.

⁴ A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões, e consome energia e recursos, e produz rejeitos muito além do necessário ditado pelo metabolismo biológico. Essas atividades causaram dois problemas relacionados de dimensões globais. O primeiro é o seu impacto nos sistemas naturais, incluindo a interrupção de processos ecológicos e a exterminação de espécies. O segundo é a firme e constante deterioração do próprio ambiente da espécie humana à medida que pressionamos os limites dentro dos quais os ecossistemas podem se sustentar.

⁵ Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário para lidar com esses problemas.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p. 15. (Adaptado).

(Ueg 2015) Os elementos estilísticos, composicionais e temáticos indicam que o texto é predominantemente elaborado a partir de qual sequência textual?

- a) Injunção
- b) Narração
- c) Descrição
- d) Exposição

Exercício 93

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

EU TENHO UM SONHO

Estou contente de me reunir com vocês nesta que será conhecida como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação.

Há dez décadas, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Esse magnífico decreto surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que arderam nas chamas da árida injustiça. Ele surgiu como uma aurora de júbilo para pôr fim à longa noite de cativeiro.

Mas cem anos depois, o negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do negro ainda está tristemente debilitada pelas algemas da segregação e pelos grilhões da discriminação. Cem anos depois, o negro vive isolado numa ilha de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o negro ainda vive abandonado nos recantos da sociedade na América, exilado em sua própria terra. Assim, hoje viemos aqui para representar a nossa vergonhosa condição.

De uma certa forma, viemos à capital da nação para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração da Independência, eles estavam assinando uma nota promissória da qual todos os americanos seriam herdeiros. A nota era uma promessa de que todos os homens, sim, negros e brancos igualmente, teriam garantidos os “direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade”. É óbvio neste momento que, no que diz respeito aos seus cidadãos de cor, a América não pagou essa promessa. Em vez de honrar a sagrada obrigação, a América entregou à população negra, um cheque que voltou com o carimbo de “sem fundos”.

No entanto, recusamos a acreditar que o banco da justiça esteja falido. Recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidade desta nação. E, assim, viemos descontar esse cheque, um cheque que nos garantirá, sob demanda, as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

[...]

Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos inenarráveis horrores da brutalidade policial. [...] Não ficaremos satisfeitos enquanto nossos filhos forem despidos de sua personalidade e tiverem a sua dignidade roubada por cartazes com os dizeres “só para brancos”. [...] Não estamos satisfeitos e nem ficaremos satisfeitos até que “a justiça jorre como uma fonte; e a equidade, como uma poderosa correnteza”.

E digo-lhes hoje, meus amigos, mesmo diante das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho, um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença:

“Acreditamos que essas verdades são evidentes, que todos os homens são criados iguais”.

[...]

Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. [...]

KING JR., Martin Luther. Em: ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2016. Vol. I

(G1 - ifpe 2018) **Martin Luther King Jr.** (1929-1968) envolveu-se cedo na luta pelos direitos civis. Pastor protestante, tornou-se líder dos movimentos negros nos Estados Unidos, na década de 1960. Organizou boicotes e marchas para reivindicar o direito ao voto, o fim da segregação e da violência, o que despertou a ira de segmentos segregacionistas, concentrados nos estados do sul. Ao receber o Nobel da Paz (1964), afirmou: “Acredito ainda que trionfaremos”. Em 4 de abril de 1968, momentos antes de mais uma marcha pela liberdade na cidade de Memphis, foi assassinado a tiros numa varanda de hotel.

ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2016. Vol. I

Marque a alternativa que indica os tipos textuais predominantes no texto “Eu tenho um sonho” e no texto apresentado acima, respectivamente.

a) Argumentativo, pois é notável que Luther King pretende convencer seus interlocutores a agirem de forma a combater as desigualdades ainda existentes entre negros e brancos no seu país; e descritivo, por apresentar um retrato de Luther King, através de suas características físicas e psicológicas.

b) Descritivo, pois Luther King retrata com detalhes a situação do negro de seu tempo nos Estados Unidos; e argumentativo, pois o texto pretende convencer o interlocutor de que Luther King foi um homem que deve ser respeitado por todos os seus atos em prol da população negra americana.

c) Narrativo, pois a finalidade do texto de Luther King é contar e situar historicamente os vários momentos da história do negro nos Estados Unidos; e instrucional, já que indica um passo a

passo do que fazer para ter uma vida dedicada aos seus ideais sociais, políticos e humanos.

d) Argumentativo, pois predominam sequências em que Luther King pretende fazer com que o interlocutor partilhe de suas ideias e concepções, defendendo seus pontos de vista; e narrativo, já que fatos da vida de Luther King são contados no passado, com espaço e tempo definidos.

e) Descritivo, pois há o predomínio de adjetivações que caracterizam negros e brancos, com a finalidade de diferenciá-los fisicamente, mas de igualá-los em humanidade; e narrativo, pois narra fatos da vida de Luther King, especificando tempo e espaço.

Exercício 94

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A arqueologia não pode ser ¹desvinculada de seu caráter aventureiro e romântico, ²cuja melhor imagem talvez seja, desde ³há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do ⁴auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no Jornal da Tarde, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho ⁵árido, sério e distante das ⁶peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda. O fato é que o arqueólogo, ⁷à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados.

Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, ⁸“sob o manto ⁹diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram ¹⁰tais percepções. ¹¹A arqueologia surgiu no ¹²bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Adaptado de Pedro Paulo Funari, *Arqueologia*

(Mackenzie 2018) Assinale a alternativa correta.

a) Encontra-se no texto o predomínio da conotação, uma vez que as palavras empregadas transmitem sentidos figurados com várias possibilidades de interpretação.

b) O texto possui um caráter predominantemente estético, com os sentidos das palavras reinventados constantemente pelo seu autor, a aprofundar o valor literário do texto.

c) A referência a um autor português reforça o caráter literário que o texto assume ao direcionar subjetivamente o teor das informações transmitidas.

d) O domínio discursivo do texto apresenta um caráter instrucional, pois seu principal objetivo é transmitir um

conhecimento ou um saber definido pelo seu autor.

e) O texto apresenta todas as características de um texto oral, com marcas como hesitação, repetição, interação com o leitor, o que permite concluir que ele foi escrito para uma exposição oral, em uma palestra, por exemplo.

Exercício 95

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que tal testar seus talentos como “chef”? Para a hora do lanche, um hambúrguer diferente. (Observação: a ajuda de um adulto é sempre bem-vinda!)

Hambúrguer vegetariano integral de forno



Ingredientes:

Massa:



de água morna

copo



de farinha de trigo integral



copos



de farinha de trigo branca

sachê de fermento biológico seco



colheres de sopa de óleo vegetal

colher de sopa de linhaça triturada



colher de sopa de sal



colher de sopa de açúcar

Recheio:

copo



de proteína texturizada de soja

copo



de água quente



colheres de sopa de farinha de trigo branca

colher de sopa de azeite extravirgem

sal; curry; salsinha; cebolinha

1 tomate sem sementes

Instruções de preparo:

Primeiro vamos fazer a massa. Despeje a água morna em uma vasilha, o óleo, o sal, o açúcar e a linhaça. Misture tudo. Despeje agora um copo de farinha e logo por cima o fermento. Misture tudo com a água. Acrescente a farinha branca até que a massa fique elástica e desgrude da mão. Quanto mais grudenta a massa ficar, mais os pãezinhos crescem, porém, se ficar grudenta demais, vai ser muito difícil embrulhar os hamburguinhos. Deixe a massa descansando coberta com um pano e vamos fazer o hambúrguer de soja. Hidrate a soja na água quente. Espere uns 15 minutinhos, retire o excesso de água e acrescente o resto dos ingredientes (farinha de trigo branca, azeite, sal, curry, salsinha e cebolinha). Quanto à farinha, a medida pode variar um pouco. O importante é que seja farinha suficiente apenas para conseguir

moldar os hambúrgueres. Molde os hambúrgueres com as mãos e disponha em um tabuleiro. Corte pequenas “tiras” do tomate sem sementes e coloque sobre os hambúrgueres. Agora pegue pequenas bolinhas da massa que estava descansando (ela já deve estar bem maior) e abra na palma da mão. Coloque um hambúrguer sobre a massa com o tomate voltado para a palma da mão. Embrulhe o hambúrguer puxando as laterais da massa. Disponha os pãezinhos em um tabuleiro untado e deixe descansar por alguns minutos em local quente (pré-aqueça o forno, se for preciso). Asse em forno médio pré-aquecido (+ ou - 30 minutos). Embrulhando os hambúrgueres, veja que não fiquem muito grandes para não ser difícil de embrulhar. Se preferir, coloque um pouquinho de gergelim com azeite por cima.

Preparo: 40 minutos

Cozimento: 30 minutos

Dificuldade: Fácil

Rendimento: 6

Disponível em <www.svb.org.br> (Adaptado. Acesso em 06/09/2017.)

(G1 - cmrj 2018) A receita é tão comum no dia a dia que costuma ser transmitida oralmente. Por suas características e objetivos, a receita culinária corresponde a um tipo de texto que

- a) tenta convencer que o prato é saboroso.
- b) pretende mostrar que cozinhar é fácil.
- c) explica a função de cada ingrediente.
- d) serve de propaganda de um produto.
- e) expõe os detalhes de um processo.

Exercício 96

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES:

Leia o seguinte trecho de uma receita de cozinha.

1. Misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal. Incorpore depois o ovo e a gema.
2. Adicione o leite, aos poucos, mexendo sempre até obter um preparado uniforme.
- (...)
4. Vire a panqueca para que cozinhe de ambos os lados. Retire e recheie com uma fatia de queijo e outra de presunto. Enrole, dobre as pontas e sirva.

(G1 - ifsp 2013) O trecho – Vire a panqueca **para que** cozinhe de ambos os lados. – apresenta duas orações ligadas pela locução conjuntiva para que, que sinaliza a função de

- a) consequência.
- b) causa.
- c) proporção.

d) finalidade.

e) modo.

Exercício 97

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS QUESTÕES:

Leia o seguinte trecho de uma receita de cozinha.

1. Misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal. Incorpore depois o ovo e a gema.
2. Adicione o leite, aos poucos, mexendo sempre até obter um preparado uniforme.
- (...)
4. Vire a panqueca para que cozinhe de ambos os lados. Retire e recheie com uma fatia de queijo e outra de presunto. Enrole, dobre as pontas e sirva.

(G1 - ifsp 2013) A primeira orientação para o preparo da receita de panqueca é apresentada em duas frases. É possível reescrevê-las em uma única frase, sem alterar a informação original, da seguinte maneira:

- a) Assim que incorporar o ovo e a gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.
- b) Sucedendo a incorporação do ovo e da gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.
- c) Antes da incorporação do ovo e da gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.
- d) Depois de incorporar o ovo e a gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.
- e) Quando incorporar o ovo e a gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.

Exercício 98

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Que tal testar seus talentos como “chef”? Para a hora do lanche, um hambúrguer diferente. (Observação: a ajuda de um adulto é sempre bem-vinda!)

Hambúrguer vegetariano integral de forno



Ingredientes:

Massa:

- 250 ml de água morna
- 1 copo (250ml) de farinha de trigo integral
- 2 copos (250ml) de farinha de trigo branca
- 1 sachê de fermento biológico seco (10g)
- 3 colheres de sopa de óleo vegetal

1 colher de sopa de linhaça triturada

1/2 colher de sopa de sal

1/2 colher de sopa de açúcar

Recheio:

1 copo (250ml) de proteína texturizada de soja

1 copo (250ml) de água quente

4 colheres de sopa de farinha de trigo branca

1 colher de sopa de azeite extravirgem

sal; curry; salsinha; cebolinha

1 tomate sem sementes

Instruções de preparo:

Primeiro vamos fazer a massa. Despeje a água morna em uma vasilha, o óleo, o sal, o açúcar e a linhaça. Misture tudo. Despeje agora um copo de farinha e logo por cima o fermento. Misture tudo com a água. Acrescente a farinha branca até que a massa fique elástica e desgrude da mão. Quanto mais grudenta a massa ficar, mais os pãezinhos crescem, porém, se ficar grudenta demais, vai ser muito difícil embrulhar os hambúrgueres. Deixe a massa descansando coberta com um pano e vamos fazer o hambúrguer de soja. Hidrate a soja na água quente. Espere uns 15 minutinhos, retire o excesso de água e acrescente o resto dos ingredientes (farinha de trigo branca, azeite, sal, curry, salsinha e cebolinha). Quanto à farinha, a medida pode variar um pouco. O importante é que seja farinha suficiente apenas para conseguir moldar os hambúrgueres. Molde os hambúrgueres com as mãos e disponha em um tabuleiro. Corte pequenas “tiras” do tomate sem sementes e coloque sobre os hambúrgueres. Agora pegue pequenas bolinhas da massa que estava descansando (ela já deve estar bem maior) e abra na palma da mão. Coloque um hambúrguer sobre a massa com o tomate voltado para a palma da mão. Embrulhe o hambúrguer puxando as laterais da massa. Disponha os pãezinhos em um tabuleiro untado e deixe descansar por alguns minutos em local quente (pré-aqueça o forno, se for preciso). Asse em forno médio pré-aquecido (+ ou - 30 minutos). Embrulhando os hambúrgueres, veja que não fiquem muito grandes para não ser difícil de embrulhar. Se preferir, coloque um pouquinho de gergelim com azeite por cima.

Preparo: 40 minutos

Cozimento: 30 minutos

Dificuldade: Fácil

Rendimento: 6

Disponível em <www.svb.org.br> (Adaptado. Acesso em 06/09/2017.)

(G1 - cmrj 2018) Palavras que expressam ordem ou determinação, tais como “*despeje*”, “*misture*”, “*deixe*”, “*embrulhe*”, empregadas no texto, também são frequentes na

- a) fábula.
- b) bula de remédio.
- c) lista de compras.

d) notícia de jornal.

e) conta de luz.

Exercício 99

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões) seguinte(s), leia o seguinte texto, em que a autora, colunista de gastronomia, recorda cenas de sua infância:

Uma tia-avó

Fico abismada de ver de quanta coisa não me lembro. Aliás, não me lembro de nada.

Por exemplo, ¹as férias em que eu ia para uma cidade do interior de Minas, acho que nem cidade era, era uma rua, e passava por Belo Horizonte, ²onde tinha uma tia-avó.

Não poderia repetir o rosto dela, sei que muito magra, vestido até o chão, ³fantasma em cinzentos, levemente muda, deslizando por ⁴corredores de portas muito altas.

O clima da casa era de passado ⁵embrulhado em papel de seda amarelado, e posto no canto para que não se atrevesse a voltar à tona. Nem um riso, ⁶um barulho de copos tinindo. Quem estava ali sabia que quanto menos se mexesse menor o perigo de sofrer. Afinal o mundo era um ⁷vale de lágrimas.

⁸A casa dava para a rua, não tinha jardim, a não ser que você se aventurasse a subir uma escada de cimento, lateral, que te levava aos ⁹jardins suspensos da Babilônia.

Nem precisava ser sensível para sentir a secura, ¹⁰a geometria esturricada dos canteiros ¹¹sob o céu de anil de Minas. Nada, nem uma flor, só coisas que espetavam e ¹²buxinhos com formatos rígidos e duras palmas e os ¹³urubus rodando alto, em cima, esperando... O quê? ¹⁴Segredos enterrados, medo, sentia eu ¹⁵destrambelhando escada abaixo.

¹⁶Na sala, uma cristaleira antiga com um ¹⁷cacho enorme de uvas enroladas em papel brilhante azul.

Para mim, pareciam ¹⁸uvas de chocolate, recheadas de bebida, mas não tinha coragem de pedir, estavam lá ano após ano, intocadas. A avó, baixinho, permitia, “Quer, pode pegar”, com voz neutra, mas eu declinava, ¹⁹doida de desejo.

Das comidas comuns da casa, não me lembro de uma couvinha que fosse, não me lembro de empregadas, cozinheiras, sala de jantar, nada.

Enfim, Belo Horizonte para mim era uma terra triste, de ²⁰mulheres desesperadas e mudas enterradas no tempo,

²¹chocolates sedutores e proibidos. Só valia como passagem para a ²²roça brilhante de sol que me esperava.

Nina Horta, *Folha de S. Paulo*, 17/07/2013. Adaptado.

(Fgv 2015) Considerando-se os elementos descritivos presentes no texto, é correto apontar, nele, o emprego de

a) estruturas sintáticas que reforçam a objetividade das observações da autora.

b) substantivos e adjetivos que expressam afetividade na apresentação do que está sendo descrito.

c) neutralidade mais acentuada na caracterização das pessoas do que na das coisas.

d) palavras (substantivos, adjetivos e verbos) que destacam traços exteriores das pessoas, em detrimento da análise de sua interioridade.

e) referências genéricas aos objetos recordados, o que evita atribuir-lhes particularidades concretas.

Exercício 100

. (Fuvest 1996) "Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, e excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado à vista do aspecto da escola que nunca tinha imaginado."

[Manuel Antônio de Almeida, "Memórias de um Sargento de Milícias"]

Observando-se, neste trecho, os elementos descritivos, o vocabulário e, especialmente, a lógica da exposição, verifica-se que a posição do narrador frente aos fatos narrados caracteriza-se pela atitude

a) crítica, em que os costumes são analisados e submetidos a julgamento.

b) lírico-satírica, apontando para um juízo moral pressuposto.

c) cômico-irônica, com abstenção de juízo moral definitivo.

d) analítica, em que o narrador onisciente prioriza seu afastamento do narrado.

e) imitativa ou de identificação, que suprime a distância entre o narrador e o narrado.

Exercício 101

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Afora espíritos essencialmente satíricos e **caricatos** como Emílio de Menezes, outros havia, como Lima Barreto, que parece se vangloriava das desditas da existência transbordando o fel da maledicência travestido em constantes ataques a tudo e a todos. (...) Raro era o homem de letras e, até mesmo, o homem público que tivesse passado a vida sem experimentar a vivência belicosa da polêmica. Tal era a frequência, que tinha **foros** de gênero literário que alguém poderia cultivar e no qual fosse, por assim dizer, um especialista. As biografias dos grandes homens da época são, a esse respeito, bastante instrutivas. Não são poucos aqueles cujos biógrafos qualificam de polemista como poderiam qualificar de publicista, romancista ou **polígrafo**.

(Espm 2019) Segundo o texto:

- a) As biografias dos grandes homens públicos ou de letras mostram, em geral, conduta avessa à polêmica.
- b) Ataques pessoais entre literatos resultam invariavelmente de indivíduos com personalidades satíricas e caricatas.
- c) Muitos biógrafos equivocadamente qualificaram de polemista aqueles que são publicista, romancista ou polígrafo.
- d) Emílio Menezes e Lima Barreto são figuras exemplares do mesmo tipo de personalidade polêmica.
- e) De tão praticada, a polêmica acabou constituindo-se numa especialidade literária.

Exercício 102

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

O texto a seguir foi extraído do livro de memórias do escritor e jornalista carioca, que nasceu em 1926, Carlos Heitor Cony. Um livro de memórias é “relato que alguém faz, frequentemente, na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. Não deve ser confundido com autobiografia.

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, quarenta graus e qualquer coisa, quase quarenta e um. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o dia mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio.

²Cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio são raros ³esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me ⁴naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou ⁷meu sapato, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rossetti. ⁶Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício.

Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. ⁵Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo o instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de

espelho, à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar no resto dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por 45 míseros tostões fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. ¹Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano salgado como lágrimas.

CONY, Carlos Heitor. In: *Eu aos pedaços: memórias*. São Paulo: Leya, 2010. p. 114-115.

(Uece 2014) O enunciador do texto parte de um acontecimento prosaico, comum, ordinário, que o faz refletir. Assinale a opção que expressa o acontecimento que o leva a essa reflexão.

- a) O forte calor que fazia no Rio de Janeiro levava as pessoas a suar.
- b) O atraso da aeronave onde o enunciador viajaria.
- c) O suor do gordo engraxate do aeroporto Santos Dumont, misturando-se à graxa.
- d) O uso, pelo enunciador, de um sapato caro, que foi reconhecido como tal pelo engraxate.

Exercício 103

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir foi extraído do livro de memórias do escritor e jornalista carioca, que nasceu em 1926, Carlos Heitor Cony. Um livro de memórias é “relato que alguém faz, frequentemente, na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. Não deve ser confundido com autobiografia.

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, quarenta graus e qualquer coisa, quase quarenta e um. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o dia mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio.

²Cheguei ao Santos Dumont, o voo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio são raros ³esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me ⁴naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou ⁷meu sapato, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rossetti. ⁶Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício.

Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. ⁵Pegou

aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo o instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromó italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho, à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar no resto dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por 45 míseros tostões fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. ¹Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano salgado como lágrimas.

CONY, Carlos Heitor. In: *Eu aos pedaços: memórias*. São Paulo: Leya, 2010. p. 114-115.

(Uece 2014) A descrição, feita pelo cronista, da cadeira em que se sentou para engraxar o sapato sugere que o móvel

- a) era muito antigo, uma relíquia de antiguidade.
- b) tinha várias funções. Atendia a muitas necessidades.
- c) era velho e estragado; seu estado podia indicar a pobreza do engraxate.
- d) era velho, já meio estragado, no entanto muito confortável.

Exercício 104

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sou um traidor. Sou um hipócrita. Não tenho defesa. Nem perdão. Mas guardar segredo é pior que partilhá-lo. Partilho. Imagine o leitor: eu, num círculo de amigos literatos, discutindo as últimas novidades da “rentrée”. Subitamente, alguém fala sobre o futuro do livro. E elogia as qualidades do livro eletrônico. É nesse preciso momento que eu faço cara de nojo, limpo o suor da testa com meu lenço de renda e disparo um “jamais!” que faz tremer o salão. O meu mundo é o mundo de Gutenberg: o mundo arcaico do papel e da tinta, não de “pixels”, “bits” e outras barbaridades linguísticas. Livro eletrônico? É como fazer amor com uma boneca insuflável.

“Um livro é um livro”, disparava eu, em conhecido clichê. Nada substitui o objeto físico que transportamos, dobramos, sublinhamos. Tocamos. Cheiramos. Por vezes, rasgamos ou queimamos. A ideia de ler um romance, uma biografia, um mero ensaio em suporte eletrônico chegava para cobrir a minha costela conservadora de um horror herético. Nem morto. Mas então aconteceu: uma oferta familiar em dia de aniversário. Bateram à porta. Entregaram a encomenda. Era o famoso Kindle da Amazon, com capa de pele, bonitinho. Perigosamente bonitinho. Farejei o bicho com desconfiança primitiva. Cocoei o crânio com pasmo neandertal e senti-me um dos macacos de

Stanley Kubrick, na sequência inicial de “2001 – Uma Odisseia no Espaço”.



Kindle

Como se um objeto estranho tivesse vindo diretamente do futuro. Por milagre não quebrei o aparelho com a força das minhas ossadas. Um livro eletrônico era aquilo? “Jamais, jamais”, gritava a minha pobre consciência.

Os dias passaram. O objeto, a um canto, mendigava a minha atenção sempre que passava por ele. “Jamais, jamais”, repetia ainda. E sempre com menor convicção.

Uma tarde, aproximei-me. Tentei ignorá-lo, lendo ostensivamente as “Páginas Amarelas”. O objeto soltou um suspiro de tristeza, quem sabe de abandono. E eu, com caridade cristã, decidi dedicar-lhe dois minutos de atenção, não mais. Liguei o Kindle. Com enfado, fui lendo as instruções. E, por cada página lida, a pergunta mefistofélica: experimentar nunca fez mal a ninguém, certo? Experimentei. Diretamente do site da Amazon, fui importando livros grátis. Os clássicos gregos. Os clássicos romanos. Algum Maquiavel, algum Hobbes, algum Swift. Os pensamentos de Pascal. Uma edição completa das peças do bardo. Tudo a preço zero. Em 60 segundos, a Biblioteca de Alexandria viajava até minha casa. O meu entusiasmo começava a ser perigoso. Embaraçoso. Numa tarde, descarregara 50 livros. Outros 50 vinham a caminho.

E, pior, já começara a ler um: a autobiografia de Tony Blair, que comprei a preço reduzido. Lia. Inacreditavelmente, sublinhava. Mais inacreditavelmente ainda, escrevia notas. Aquilo não era um livro. Era melhor que um livro. Que foi mesmo que eu disse? Hoje, levo uma vida dupla. Em público, passeio os meus grossos volumes da “Enciclopédia Britânica”, em gesto de resistência ao mundo virtual. Finjo. Quando me falam nas virtudes do Kindle, ou do e-book, as minhas gargalhadas são jocosas, ofensivas, delirantes. Mas são também forçadas e encenadas: chego em casa e chamo logo pelo meu Kindle como quem chama pelo gato. E ele vem, pronto para miar centenas e centenas de obras-primas. Se um dia a casa arder e eu estiver em estado delirante, o leitor já sabe o que significa “Salvem o gato! Salvem o gato!”.

Moral da história? A internet foi a primeira grande revolução da minha existência literária. Mas o livro eletrônico será a segunda ao introduzir a mais importante divisão intelectual da vida. Haverá sempre livros que desejarei ter; e “ter” no sentido tangível do verbo: como objetos físicos, artísticos, existenciais. Nesse sentido, as livrarias continuarão a ser os únicos templos laicos que frequento com religioso fervor. Mas depois existirão os livros que quero ler. Simplesmente ler. Não amanhã, ou depois, ou um dia qualquer. Mas hoje. Agora. Já. O sonho de qualquer leitor curioso, insaciável, ditatorial.

Regresso ao início: sou um traidor. E no dia em que os meus amigos literatos, cansados de minhas mentiras, vierem buscar-me para a fogueira, nada peço em minha defesa. Espero apenas que poupem o gato.

(João Pereira Coutinho, *Folha de S. Paulo*, 05/10/2010).

rentrée: em francês, regresso, retorno, reentrada.

herético: relativo a ou que envolve heresia.

(Espm 2011) A traição ou a hipocrisia que o narrador assume no início do texto estão ligadas ao fato de:

a) guardar segredo de sua visão preconceituosa sobre o livro eletrônico.

b) não revelar para os amigos literatos sua aversão ao “e-book”.

c) substituir definitivamente o livro tradicional de papel pelo livro virtual.

d) ter uma postura de herege ante o livro eletrônico, não reconhecendo as qualidades deste.

e) render-se, depois de tantas críticas e resistência, aos atrativos do “Kindle”.

Exercício 105

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...)

Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: “Eu espero / acontecimentos / só que quando anoitece / é festa no outro apartamento”.

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são - ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim.

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente. Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados. Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores. “Nunca conheci quem tivesse levado porrada / todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não

havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta.

Nesta era de exaltação de celebridades - reais e inventadas - fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, decepções e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. (...) Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé? Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista. As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

(MARTHA MEDEIROS, jornalista e escritora, colunista do jornal Zero Hora e de O Globo)

(Espm 2011) No texto, aquilo que pode ser considerado “**falsos holofotes**” são os(as):

a) “amigos leais”

b) “nossas músicas”

c) “livros”

d) “paixões e fortunas”

e) “estes versos”

Exercício 106

(Espcex (Aman) 2017) Leia o texto a seguir.

Somente uma bala

Vocês têm só uma bala na agulha para capturar a atenção dos leitores: as primeiras linhas de um texto. Se elas não forem capazes de despertar interesse, tchau e bênção. [...] O erro pode estar na escolha dos assuntos. Ou na qualidade dos textos. Ou nas duas coisas. Os assuntos podem ser atraentes. Se oferecidos por meio de textos medíocres, não serão lidos. Os textos podem ser gramaticalmente corretos e contar uma história com começo, meio e fim. Se não forem instigantes, bye, bye, leitores.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo, Contexto, 2003, p. 86 (fragmento).

De acordo com o fragmento do texto, de Ricardo Noblat, o autor defende a ideia de que o escritor deve

a) escolher muito bem o assunto do texto.

b) usar o texto como uma arma.

c) cativar o leitor logo no início de um texto.

e) saber narrar uma história com início, meio e fim.

Exercício 107

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Diário alienígena

Continuo sem entender muito bem. Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso. Seu aspecto era muito estranho. Tinha um rosto delicado, um nariz pequeno, os lábios bem delineados, mas não muito grossos, formando, no conjunto, o que aqui se chama de mulher bonita. Os cabelos, muito escuros e lisos, eram também femininos, compridos, bem tratados e lustrosos. Mas, assim que se fechava em ponta a linha do queixo, dava-se a transformação: o pescoço, largo e musculoso, era estriado de veias, parecendo inflado a ponto de rebentar. O tronco, imenso e forte, abria-se para os lados em braços espetaculares, rígidos, com gigantescos nós de músculos sobrepondo-se uns aos outros e formando uma curva um pouco semelhante à que encontramos em certos primatas. As pernas eram igualmente brutais, levemente arqueadas devido ao volume dos músculos, dando ao andar uma cadência que em tudo se parecia com o dos seres do outro sexo.

Já havia visto algumas criaturas um tanto indefinidas por aqui, mas esta me pareceu um exemplo extremo. Não pude classificá-la. Aliás, tenho tido grande dificuldade para fazer as classificações. Tudo me parece de difícil compreensão. Esse pequeno território que nos serve de amostragem traz incoerências que me deixam atônito. Para dizer a verdade, as contradições são muitas, infinitas, não tendo havido ainda um registro lógico capaz de explicar tantas coisas de que já lhe falei, como as discrepâncias na ocupação do espaço, para dar apenas um exemplo.

Mas a verdade é que, de todos os absurdos a que tenho assistido nesse primeiro contato, nenhum me deixou mais espantado do que o seguinte: como civilização razoavelmente evoluída em termos tecnológicos, eles parecem ter centrado boa parte de sua pesquisa científica na busca do conforto. Inventaram pequenos aparelhos, bastante engenhosos, que lhes facilitam a vida, tornando-os cada vez mais ociosos e aos quais dão nomes variados, como automóveis, computadores, celulares, controle remoto etc. Tudo parece ter sido inventado com um único objetivo: o de levá-los a fazer menos esforço físico. Pois muito bem: você acredita que, nas chamadas horas de lazer, eles correm pelas ruas feito loucos, de um lado para o outro, suando em bicas, sem parecer querer chegar a lugar algum? E mais: concentram-se também em locais que chamam de academias e lá se dedicam, sozinhos ou em grupos, às tarefas mais extenuantes e inúteis, muitas vezes atados a aparelhos de tortura, os quais parecem buscar por livre vontade, e não forçados, como já vimos acontecer com outros povos bárbaros. Chegam a caminhar sobre esteiras, sem sair do lugar! Não lhe parece o maior dos absurdos?

Bem, continuarei observando e tentando entender. Espero estar de volta em breve, na paz de nossa querida Andrômeda – e longe deste planeta louco.

SEIXAS, H. In: Novos contos mínimos. Disponível em:

<<http://heloisaseixas.com.br/diario-deum-marciano>>. Acesso em:

(Uemg 2017) Com a finalidade de explorar determinados efeitos de sentido, o título da crônica faz referência ao gênero textual 'diário'. Constitui uma característica desse gênero presente no texto

a) a descrição de fatos e personagens, de forma minuciosa e verossímil, como em “Os cabelos, muito escuros e lisos, eram também femininos, compridos, bem tratados e lustrosos”.

b) a estrutura narrativa, com sequências temporais e predomínio de verbos no passado, como em “Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso”.

c) a identificação dos interlocutores, por meio de vocativos e perguntas retóricas, como em “Chegam a caminhar sobre esteiras, sem sair do lugar! Não lhe parece o maior dos absurdos?”.

d) o relato de memórias e de ações do dia a dia do autor, de caráter subjetivo e informal, como em “Esse pequeno território que nos serve de amostragem traz incoerências que me deixam atônito”.

Exercício 108

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Morte de bando desencadeia onda de ataques em SC*Estadão Conteúdo*, de Florianópolis

12/10/2014 - 10h41

De dentro de presídios partiu o "salve" para dar início à onda de ataques que assusta Santa Catarina há mais de duas semanas. Entre as causas do levante está uma operação da Polícia Civil contra uma tentativa de assalto a um banco que terminou com cinco bandidos mortos, há mais de um mês. O Estado apurou que a polícia e o Ministério Público Estadual (MPE) investigam os ataques como uma retaliação ao crescimento do número de bandidos abatidos em confrontos.

O caso registrado no dia 30 de agosto, na cidade de Governador Celso Ramos, seria um dos estopins para os atentados ordenados pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC). Na noite de 29 de agosto, por volta das 23 horas, policiais civis estavam a postos para enfrentar o bando, após rastrear por interceptações telefônicas e troca de mensagens por aplicativo de smartphone, que eles planejavam estourar caixas eletrônicos. Os policiais conseguiram abortar o crime às 3 horas, quando os criminosos foram acuados e mortos.

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agenciaestado/2014/10/12/morte-de-bando-desencadeia-onda-de-ataques-em-sc.htm>. Acesso em: 16/10/2014. Fragmento adaptado.

(Acafe 2015) Considerando o texto, assinale a alternativa **correta**.

a) Na frase “O Estado apurou que a polícia e o Ministério Público Estadual (MPE) investigam os ataques como uma retaliação ao crescimento do número de bandidos abatidos em confrontos”, o emprego de letras maiúsculas não é integralmente coerente com as normas ortográficas.

b) Em “De dentro de presídios partiu o ‘salve’ para dar início a onda de ataques que assusta Santa Catarina há mais de duas semanas”, o termo destacado em negrito e a senha (ou código) utilizado pelos presidiários para iniciar os ataques.

c) Na frase “Na noite de 29 de agosto, por volta das 23 horas, policiais civis estavam a postos para enfrentar o bando, após rastrear por intercepções telefônicas e troca de mensagens por aplicativo de smartphone, que eles planejavam estourar caixas eletrônicos”, o pronome “eles” retoma “o bando”, substantivo com o qual concorda em gênero e número.

d) Em “O caso registrado no dia 30 de agosto, na cidade de Governador Celso Ramos, seria um dos estopins para os atentados ordenados pelo Primeiro Grupo Catarinense (PGC)”, o sujeito da oração está posposto ao verbo.

Exercício 109

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir foi retirado da obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*. Esse romance completou, em agosto de 2008, 70 anos de sua primeira publicação. É narrado em 3ª pessoa (ao contrário das obras anteriores de Graciliano) e pertence a um gênero intermediário entre romance e livro de contos.

Fabiano, uma coisa da fazenda, ¹um triste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, peneiras, gibão, guarda-peito e sapatos ³de couro, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro ⁷que o substituísse.

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice.

Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem.

Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teria meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa amarrada, dormiriam bem debaixo de um pau.

Olhou a caatinga ⁴amarela, ⁵que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta ²verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera.

E antes de se entender, antes de nascer, ⁸sucedera o mesmo - anos bons, misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando ⁶seixos ⁹com as alpercatas - ela se avizinando ¹⁰a galope, com vontade de matá-lo.

(*Vidas Secas* - Graciliano Ramos)

(Ibmecrj 2009) Pode-se dizer que no primeiro parágrafo do texto o autor procurar expressar:

a) A fazenda como lugar de produção agrícola.

b) A boa relação entre patrão e empregado nos grandes latifúndios.

c) A tristeza e melancolia da vida rural.

d) A condição de insegurança do trabalhador rural, sem qualquer estabilidade.

e) A necessidade de apetrechos especiais para o trabalho rural.

Exercício 110

(Fuvest 2020) O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma 1incompreensão fundamental. 2Não que eu buscasse respostas para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, 3não tinha consciência de mim. Não sabia por que 4sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. 5Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, 6me esforçando para não ser notada.

Djamila Ribeiro, Quem tem medo do feminismo negro?.

O trecho que melhor define a “incompreensão fundamental” (ref. 1) referida pela autora é:

a) “não que eu buscasse respostas para tudo” (ref. 2).

b) “não tinha consciência de mim” (ref. 3).

c) “Por que eu ficava isolada na hora do recreio” (ref. 5).

d) “me esforçando para não ser notada” (ref. 6).

e) “sentia vergonha de levantar a mão” (ref. 4).

Exercício 111

(Ufmg 2001) 1 DE JANEIRO DE 1960 Levantei às 5 horas e fui carregar água.

Todas as seguintes afirmativas referentes a "Quarto de desejo", de Carolina de Jesus, estão corretas, EXCETO

a) A luta pela sobrevivência é tema central na narrativa da escritora.

b) A repetição diária dos mesmos gestos é expressão da miséria em que vive a narradora.

c) A vida da narradora se transformaria a partir do ano de 1960.

d) A voz da narradora, nesse diário, se confunde com a da escritora.

Exercício 112

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Parei num cruzamento. Lembrei-me do garoto do porão. Se um dia eu precisasse fugir, tentaria levá-lo comigo. Queria dar a ele uma chance. Atravessei a rua e me lembrei de como eu era diferente, apenas algumas semanas atrás. Não vacilava ao receber uma ordem, por mais incompreensível que fosse. Ler algumas páginas do diário do Dr. Berttoni foi o mesmo que virar o mundo pelo avesso. Eu tinha direito a ração, casa e trabalho. Pensava que fosse feliz por isso. Enquanto desvendava a história do mundo, através dos antigos jornais e pelo diário, era tomado pelo medo. Muitas vezes pensei ter perdido a felicidade por saber tanto. Mas agora eu percebo: meses atrás eu não era feliz, mas apenas ignorante.

Costa, Marcos Túlio. *O CANTO DA AVE MALDITA*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

(Ita 1999) Nesse texto, o narrador demonstra estar tomando consciência das mudanças pelas quais está passando. Assinale a opção que apresenta a(s) causa(s) de tais mudanças:

- a) O fato de receber ordens e cumpri-las sem vacilar.
- b) A leitura de algumas páginas do diário do Dr. Berttoni e de jornais antigos.
- c) A lembrança do garoto do porão que ele gostaria de levar consigo, caso um dia precisasse fugir.
- d) Sua percepção de que o direito a ração, casa e trabalho era insuficiente para deixá-lo feliz.
- e) O medo e a sensação de perda da felicidade que sentiu ao conhecer a história do mundo por meio da leitura do diário do Dr. Berttoni e de jornais antigos.

Exercício 113

(Ufrgs 2019) Leia este trecho de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

18 de dezembro... Eu estava escrevendo. Ela perguntou-me:
– Dona Carolina, eu estou neste livro? Deixa eu ver!
– Não. Quem vai ler isto é o senhor Audálio Dantas, que vai publicá-lo.
– E porque é que eu estou nisto?
– Você está aqui por que naquele dia que o Armin brigou com você e começou a bater-te, você saiu correndo nua para a rua. Ela não gostou e disse-me:
– O que é que a senhora ganha com isto?
... Resolvi entrar para dentro de casa. Olhei o céu com suas nuvens negras que estavam prestes a transformar-se em chuva.

Considere as seguintes afirmações sobre o trecho acima.

- I. Está presente no fragmento uma tensão que perpassa o conjunto do livro: ao mesmo tempo em que se apropria da experiência de pobreza e violência da favela, Carolina quer diferenciar-se dela.
- II. Audálio Dantas aparece como figura que representa oportunidade de publicação e autoridade letrada.
- III. Aparece no fragmento uma alternância narrativa que marca *Quarto de despejo*: do dia a dia inclemente na favela para certa linguagem literária idealizada por Carolina.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

Exercício 114

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Agressividade is the new black

RUTH MANUS

Para que dialogar se nós podemos jogar pedras?

The new black. Expressão inglesa que designa uma nova tendência, algo que está tão na moda que poderia ¹até mesmo funcionar como um pretinho básico. Adoraria que este fosse um texto sobre jaqueta jeans, mas não é.

“Se prepare, Ruth, a agressividade nas redes sociais é algo que você não pode imaginar.”

Foi o que me disseram pouco antes da estreia do *blog*. Eu, fingindo não estar com medo, balancei a cabeça positivamente como quem diz “tô sabendo, tô sabendo”. Mas como diria Compadre Washington, “sabe de nada, inocente”.

No meu segundo texto, quase desisti de tudo. Eu realmente não tinha dimensão do nível sem cabimento que as pessoas poderiam atingir para atacar algo que na maioria das vezes nem mesmo as provocou.

Há muito tempo venho tentando digerir, mas não consigo. Achava que a agressividade ²vinha só de alguns leitores meio pancadas. Engano meu. Ela vem de todo lado: de quem lê, de quem não lê, de quem lê só o título e ³até de quem escreve.

E eu pensava que isso acontecia porque o computador torna as pessoas intocáveis, assim como os carros e que por isso elas canalizavam toda sua agressividade nas redes sociais ou no trânsito.

Engano meu. Tá generalizado, como uma peste que se espalha pelo país e ninguém faz nada para conter. Mesa de bar, fila da farmácia, ponto do ônibus. Discursos de ódio e ignorância estão por toda parte.

Acho que existe um erro de conceito. As pessoas passaram a utilizar a agressividade como um artifício para aumentar a própria autoestima.

Como as pessoas se sentem politizadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem informadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem engraçadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem menos ignorantes? Sendo agressivas.

Entendam: ⁴ pessoas inteligentes não jogam pedras. E pessoas equilibradas não berram, nem mesmo via *caps lock*.

Sempre me vem à mente aquela passagem de Sagarana, em que Augusto Matraga ⁵ diz que vai para o céu “nem que seja a porrete”. As pessoas tentam reduzir a violência com agressividade. Tentam melhorar o país com agressividade. Tentam educar seus filhos com agressividade. Tentam fazer justiça amarrando pessoas em postes.

“Pra pedir silêncio eu berro, pra fazer barulho eu mesma faço”. ⁶ Será que um dia essa gente vai entender que o antônimo de agressividade não é passividade? Mas é assim que tá sendo.

Porque argumentar dá muito trabalho. Pesquisar então, nem se fala. Articular um discurso está fora de questão. Tentar persuadir é bobagem. E tolerar... Tolerar é um verbo morto. Agressividade *is the new black*.

(Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/agressividade-is-the-new-black/> - Acesso em 28/08/2020)

(G1 - epcar (Cpcar) 2021) O texto apresenta recursos linguísticos e discursivos próprios de uma interlocução descontraída e informal. Nas alternativas abaixo, há a nomeação de tais recursos, seguida de trecho exemplificador. Assinale aquela em que a relação entre o conceito e o exemplo está **INCORRETA**.

a) Repetição de orações sintaticamente semelhantes, de acordo com o fragmento: “Tentam melhorar [...] Tentam educar [...]”

b) Emprego de ironia como na passagem: “Para que dialogar se nós podemos jogar pedras?”

c) Utilização de registro linguístico coloquial, como se vê em “Porque argumentar dá trabalho”.

d) Uso de procedimentos intertextuais sem referências explícitas: “Se prepare, Ruth, a agressividade nas redes sociais é algo que você não pode imaginar.”

Exercício 115

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O "Tribunal da Internet" e os efeitos da cultura do cancelamento

ThaysBertoncini da Silva e Erica Marie Viterito Honda

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável.

quinta-feira, 30 de julho de 2020

De acordo com o dicionário australiano Macquarie, a "cultura do cancelamento" foi eleita o termo do ano de 2019, e não é para menos. Mesmo não tendo um marco exato de origem, a cultura do cancelamento aparentemente teve início a partir da mobilização de vítimas de assédio e abuso sexual (Movimento #MeToo), que ganhou maior visibilidade em 2017 por força das denúncias realizadas em Hollywood.

Desde então, mesmo o Movimento #MeToo traduzindo a coragem de se expor problemas há anos escondidos, a cultura do cancelamento vem seguindo um caminho que aparentemente diferencia-se da iniciativa de conscientização e debate de assuntos relevantes no âmbito digital e no âmbito real, como assédio, racismo, homofobia etc.

A cultura do cancelamento tem chamado a atenção, principalmente nas redes sociais, por tratar-se de uma onda que incentiva pessoas a deixarem de apoiar determinadas personalidades ou empresas, públicas ou não, do meio artístico ou não, em razão de erro ou conduta reprovável. Nos termos da definição da palavra "cancelar", a ideia do movimento é literalmente "eliminar" e "tornar sem efeito" o agente do erro ou conduta tidos como reprováveis.

Ao analisarmos o movimento sob o prisma das modalidades de regulação da Internet proposta por Lawrence Lessig, composta por direito, normas sociais, mercado e arquitetura¹, podemos considerar a cultura do cancelamento como uma sanção imposta pelos próprios usuários no âmbito da Internet, diante da violação de normas sociais existentes. Assim como as demais modalidades de regulação, as normas sociais são eficientes, uma vez que inibem o comportamento reprovável por parte da comunidade que assim o entende.

Exemplo que demonstra a eficiência das normas sociais é a campanha de boicote à publicidade (#StopHateforProfit), iniciada no último dia 17. A ideia foi aderida por diversas empresas que manifestaram interesse em suspender seus anúncios em uma das maiores redes sociais da Internet, de modo a protestar contra "discurso de ódio" e pressionar a empresa para adotar medidas satisfatórias e criar mecanismos eficientes de combate. Em contrapartida, outra gigante da tecnologia informou maiores medidas internas e externas para combater o racismo e aumentar a representatividade na empresa, reforçando as políticas já existentes contra o discurso do ódio.

Ocorre que, especificamente com relação à cultura do cancelamento, e ao contrário do Direito em que há um devido processo legal para justificar uma punição ou não, o "Tribunal da Internet" não costuma oportunizar sequer o exercício do contraditório. Na maioria das vezes, aliás, a cultura do cancelamento costuma ter efeitos imediatos, de modo que a onda de boicote tem início tão logo o erro ou conduta tidos como reprováveis são notados e expostos. Tal imediatismo, porém, traz à tona certa intolerância e muita polarização, demonstrando assim que a sanção antecede a defesa. Dessa forma, o ambiente virtual torna-se hostil, seletivo e, por vezes, injusto.

Nota-se que, a partir da constatação de erro ou conduta reprovável por um grupo de pessoas, cria-se um movimento na rede social de exposição para que não somente os usuários deixem de "seguir" a pessoa ou de comprar determinada marca, por exemplo, mas também para que parem de dar visibilidade ao trabalho de alguém ou determinada empresa. Por meio da onda de ataque aos perfis em redes sociais, os efeitos são sentidos em

todos os aspectos: na vida pessoal de pessoas físicas que perdem trabalhos, contratos, patrocínios e até desenvolvem problemas psicoemocionais, bem como na atividade de empresas que deixam de realizar vendas, atender clientes etc.

Um dos exemplos recentes da cultura do cancelamento nas redes sociais ocorreu com uma digital influencer do mundo fitness que, durante a pandemia e o isolamento social, meses após ser diagnosticada e "se curar" do coronavírus, reuniu alguns amigos em sua casa, fazendo publicações da "festinha". A anfitriã foi imediatamente cancelada nas redes sociais, com a consequente perda de diversas parcerias e rescisão de contratos. E apesar do pedido de desculpas e reconhecimento do erro, o cancelamento se manteve, beirando o linchamento virtual e fazendo com que ela desativasse seu perfil em uma de suas redes sociais.

Nesse contexto, observa-se que o "Tribunal da Internet" não realiza seus julgamentos com igualdade ou proporcionalidade. Primeiro, porque deixa-se de discutir ideias e passa-se a discutir pessoas ou empresas. Segundo, porque poucos preferem ouvir, entender e formar uma opinião antes de atacar. Terceiro, porque outras pessoas ou empresas envolvidas em situações análogas, por exemplo, não sofrem sanções na mesma intensidade que as "canceladas". Quarto, porque, no mundo virtual, é muito tênue a linha entre a crítica construtiva e o ataque revestido de ofensas.

Apesar dos julgamentos, porém, a cultura do cancelamento também pode gerar um efeito contrário ao pretendido, já que a proporção da exposição faz com que a pessoa ganhe mais visibilidade nas redes sociais e, a depender de seus próximos passos, acabe transformando a visibilidade do ocorrido a seu favor, fazendo mais sucesso e ganhando mais engajamento. Numa breve analogia, comparar o Direito com o "Tribunal da Internet" seria como se, após a sentença do "cancelamento", o recurso do "cancelado" fosse provido para afastar a condenação.

O que se extrai de interessante dessa dicotomia na cultura do cancelamento é que não apenas comportamentos reprováveis são objeto da onda de boicote, mas também opiniões contrárias sobre determinados temas. E, em que pese a liberdade de expressão seja um direito fundamental, isso acontece porque muitos usuários, ao se depararem com divergências, ao invés de promoverem um debate saudável, dão lugar à cultura do cancelamento, boicotando pessoas físicas ou jurídicas.

Acontece que, além do mero "cancelamento", os ataques virtuais tornam-se massificados e, por muitas vezes, extrapolam os limites da livre manifestação de pensamento de modo a ensinar, de fato, um linchamento virtual que, mesmo revestido de boa intenção, pode provocar uma propagação de discurso de ódio e, ainda, incorrer em crimes como injúria ou difamação. Em situações como esta, o "cancelado", que não encontra formas de se justificar sobre o ocorrido em tempo de reparar sua imagem, acaba por adotar medidas judiciais em face daqueles que propagaram ofensas, divulgaram informações eventualmente falsas e coisas do tipo. (...)

A pergunta que fica diante de tantos julgamentos e sanções imediatamente impostas sem a possibilidade de defesa ou reflexão é: como seria se todos fôssemos "cancelados" por um erro ou conduta reprovável, já que estamos em constante evolução? (...)

Nas palavras do atual Ministro Alexandre de Moraes: "a liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também aquelas que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a democracia somente existe a partir da consagração do pluralismo de ideia e pensamento, da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo"². (...)

Com isso, o propósito de exposição de temas para que haja liberdade de comunicação social, garantindo-se a livre circulação de ideias e informações de forma pluralista, na realidade, tornou-se uma ferramenta de autocensura ao invés de promover o debate, como a contranarrativa. A cultura do cancelamento, na forma como praticada atualmente, afeta, ainda que de maneira indireta, o exercício dos direitos da livre manifestação de pensamento e da liberdade de expressão, obstando o debate de questões que, de forma saudável, traria benefícios para a sociedade e ainda promoveria o progresso intelectual e a evolução pessoal de cada um.

¹Leonardi, Marcel. Fundamentos de Direito Digital, São Paulo, 2019, Thomson Reuters, pág. 47 e ss.- 2.5. As modalidades de regulação proposta por Lawrence Lessing.

²MORAES, Alexandre de. Direitos Humanos Fundamentais; 9ª edição, São Paulo. Atlas S.A. 2011.

* ThaysBertoncini da Silva é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado e Direito das Plataformas Digitais pela FGV.

* Erica Marie Viterito Honda é advogada, sócia da Lee, Brock, Camargo Advogados (LBCA) e especialista em Direito Digital Aplicado pela FGV.

Texto adaptado, disponível em:

<https://migalhas.uol.com.br/depeso/331363/o--tribunal-da-internet--e-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>. Acesso em 27/11/2020.

(Ufjf-pism 3 2021) A construção metafórica "Tribunal da Internet" é autorizada devido

- a) à busca por *status* da maioria dos usuários das redes sociais.
- b) à conduta de usuários de redes de julgar comportamentos alheios.
- c) à ilegalidade dos comportamentos dos usuários das redes sociais.
- d) ao caráter imparcial dos julgamentos de usuários de redes sociais.
- e) ao caráter justo e fundamentado das interações em redes sociais.

Exercício 116

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto..... pra vcs verem né



661 59 mil 133 mil

JÚLIA. Hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto... pra vcs verem né. Rio de Janeiro, 1 mar. 2019. Twitter: @darkwside.

Disponível em:

<<http://twitter.com/darkwside/status/1101531181059850242>>.

Acesso em: 27 out. 2019.

(G1 - ifpe 2020) Com essa publicação nas redes sociais, a autora do texto alerta, principalmente, para

- a) a falta de coleta de lixo na Floresta da Tijuca.
- b) o alto consumo de alimentos prejudiciais à saúde.
- c) os perigos de se consumir alimentos fora do prazo de validade.
- d) a importância de proteger os alimentos com materiais resistentes ao tempo.
- e) o acúmulo de lixo causado por embalagens que não se degradam facilmente.

Exercício 117

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - col. naval 2020) Em "Confia-se a ponto de compartilhar, sem questionar." (7º parágrafo), infere-se que:

- a) a falta de entendimento básico faz com que as pessoas apostem na veracidade de notícias fantasiosas.

b) o compartilhamento de notícias falsas ocorre apenas quando a informação agrada o indivíduo.

c) as informações falsas e mentirosas apelam, diretamente, para a parte emocional do leitor / espectador.

d) o indivíduo passa a excluir as possibilidades de crítica e análise para confiar cegamente na informação recebida.

e) a democratização da internet faz com que as redes sociais sejam as únicas fontes de propagação de notícias.

Exercício 118

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LIKES ESCONDIDOS NO INSTAGRAM NÃO VÃO AUMENTAR A AUTOESTIMA DE NINGUÉM

Descartando-se o sempre pulsante noticiário político, a principal novidade da semana talvez tenha sido uma nova política do Instagram, batizada manchetes afora de “fim dos likes” – ou das curtidas. Não é bem verdade que os likes acabaram, eles apenas estão escondidos dos nossos seguidores. Mas podemos, a qualquer momento, descobrir o alcance de uma foto ou vídeo postados por nós mesmos.

Primeiro problema, portanto: continuamos sabendo se bombamos ou “flopamos”. E podemos continuar cultivando a ideia imaginária de sucesso ou fracasso a partir de como lemos nossas estatísticas do coraçãozinho vermelho.

No entanto, a empresa afirma que a estratégia, ainda em fase de testes, tem o propósito de permitir que os seguidores se concentrem mais nos conteúdos do que em sua repercussão.

Ora, como? Seria revolucionário mesmo se as curtidas sumissem de vez. O que seria de nós ao postar uma foto e não ter pistas sobre sua aprovação ou reprovação? Seríamos mais livres de autocensura? Talvez o eterno enigma sobre o que pensam os outros nos tornasse mais criativos.

A história fica ainda mais confusa quando acessamos os Stories e continua lá o desenho de um olhinho seguido pelo número de visualizadores de cada capítulo da nossa trama cotidiana. Acho tão perturbador quanto, por exemplo, o coração de um ex numa foto (ou a falta dele), saber quem se interessa minimamente pela nossa vida (e por qual motivo) e, principalmente, quem não dá a menor bola para o que comemos no almoço, o novo corte de cabelo ou as fotos de férias.

Seja qual for o cenário, seguimos enganchados pelo olhar alheio, ao qual respondemos desde o nascer. As redes sociais só escancaram essa operação psíquica, e o Instagram, convém lembrar, foi a plataforma que nasceu unicamente suportada pela imagem (mas quem passou dos 30, como eu, deve se lembrar do saudoso Fotolog).

Em psicanálise, especialmente a proposta por Jacques Lacan, um dos fiéis leitores de Freud, o sujeito se constitui a partir de um olhar externo. Uma linguagem alheia. Uma família antecipa a chegada do bebê nas palavras que diz e no que imagina sobre ele. Funda-se algo aí. Uma mãe ou um pai olham o recém-nascido para compreender o que deseja o ser que ainda não fala. Ou seja, somos algo porque primeiro somos olhados e adivinhados por alguém. Não há escapatória. Estaremos

neuroticamente fadados a repetir essa dança durante toda a vida, de maneiras mais ou menos sintomáticas. Mais ou menos sofridas.

O Instagram é só mais um jeito de sermos olhados e, sobretudo, de buscar esse olhar. Não é a rede que nos torna mais ansiosos, com autoestima em baixa, achando a vida pouco colorida em comparação com as demais vidas da timeline. A imagem é nosso problema essencial, dentro ou fora da tela do celular. É com ela que temos de lidar, mesmo que as curtidas estejam escondidas. A gente continua sempre sabendo onde o calo aperta.

Fonte: Anna Carolina Lementy, *O Globo*, em 19.07.2019. Coluna “Celina”.

(Unioeste 2020) Assinale a alternativa **CORRETA**.

a) O texto defende o uso do Instagram, afirmando que a exposição da autoimagem em redes sociais não provoca quaisquer problemas de autoestima no usuário.

b) O texto alerta sobre os quadros de neurose em consequência dos sintomas de depressão e baixa autoestima em usuários do Instagram.

c) O texto acusa o Instagram de provocar problemas de autoestima no usuário, sobretudo depois da omissão dos likes.

d) O texto se vale de um tema em evidência – o uso do Instagram – como pretexto para discutir sobre o papel da família na construção da autoimagem do bebê.

e) O texto relativiza as críticas quanto à divulgação da imagem em redes sociais, visto que o Instagram não pode ser, sozinho, o culpado por problemas de baixa autoestima.

Exercício 119

(G1 - cotuca 2019) De acordo com o texto “A era dos memes na crise política atual”, assinale a alternativa correta.

A era dos memes na crise política atual

Luciano Freitas Filho

Seria cômico, se não fosse trágico, o estado de irreverência do brasileiro frente à crise em que o país encontra-se imerso. A nossa capacidade de fazer piada de nós mesmos e da acentuada crise político-econômica atual nos instiga a refletir se estamos “jogando a toalha” ou se este é apenas um “jeitinho brasileiro” de encarar a realidade. A criatividade de produzir piadas, memes e áudios engraçados expõe um certo tipo de estratégia do brasileiro para lidar com situações de conflito. *“Tira a Dilma. Tira o Aécio. Tira o Cunha. Tira o Temer. Tira a calça jeans e bota um fio dental, morena você é tão sensual”*.

Eis uma das milhares de piadas que circulam nas redes sociais e que, de forma irreverente, estimulam o debate. Não há aquele que não se divirta com essa piada ou outra congênere, que não gargalhe diante dos diversos textos engraçados que circulam por

meio de postagens ou mensagens de celular, independentemente do grau de escolaridade de quem compartilha.

A “memecrítica” vem como um dispositivo cultural de grande potencialidade político-discursiva nos processos de interlocução entre pessoas. Essa é uma categoria de crítica social que tem causado desconforto nos políticos e membros dos poderes judiciários e executivos, estimulando, inclusive, tentativas frustradas de mapeamento e controle do uso da internet por parte dos internautas. Aliás, ressaltamos que o Brasil é um dos campeões em produção e veiculação de memes em meio às mídias virtuais.

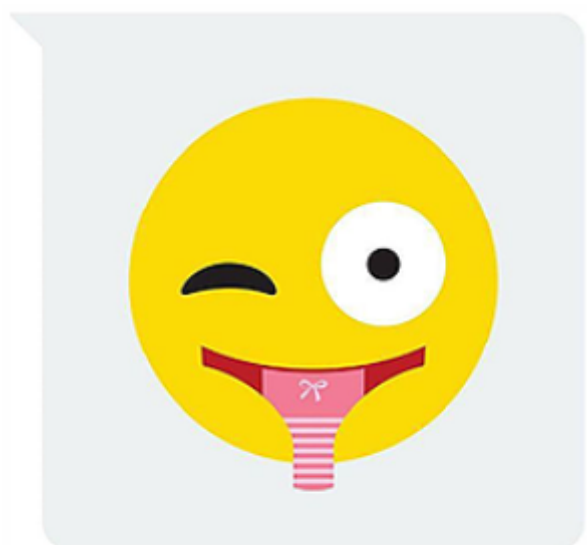
Adaptado de:

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/era-dos-memes-na-crise-politica-atual/>. Acesso em: 14/08/2018.

- a) A “memecrítica” é um dispositivo cultural de grande potencialidade político-discursiva, pois consegue abranger os mais diversos setores da sociedade.
- b) A “memecrítica” não é efetiva como crítica social, pois o seu conteúdo circula em ambientes muito restritos.
- c) Por causa de sua restrita potencialidade político-discursiva nos processos de interlocução entre pessoas, a “memecrítica” tem causado desconforto nos políticos e membros dos poderes judiciários e executivos.
- d) A “memecrítica” é apresentada de modo positivo, especialmente porque sua grande potencialidade levou os poderes brasileiros a mapear os usos da internet.
- e) O trecho “independentemente do grau de escolaridade de quem compartilha” é preconceituoso por afirmar que há uma parcela da sociedade que não seria capaz de entender os “memes”.

Exercício 120

(Upf 2018) Este material publicitário foi criado para uma campanha de conscientização a respeito da ocorrência de pedofilia na internet.



Proteja seus filhos do que está por trás desse sorriso.
Contate a sociedade de conscientização do crime cibernético.

(Disponível em: http://www.imgur.org/media/1254546689027425310_3044997000. Adaptado. Acesso em 02 set. 2017)

Para cumprir essa função, o material combina palavras e imagens de modo a promover um significado desejado. Analisando a estratégia argumentativa utilizada, avalie as afirmativas que seguem sobre os possíveis sentidos dessa campanha.

- I. Embora não haja elementos verbais que relacionem o crime de pedofilia com a ação na rede, o leitor pode depreender de que se trata de um crime cibernético a partir de elementos como o emoji (caractere usado quase que exclusivamente nas redes sociais) e a menção à “sociedade de crimes cibernéticos”.
- II. Ao utilizar como língua do emoji uma calcinha, a campanha alerta, exclusivamente, para os riscos que as meninas, mais vulneráveis a ataques cibernéticos, correm nas redes sociais.
- III. A combinação dos elementos verbais “Proteja seus filhos” e dos não verbais “um olho fechado e outro aberto” pode conduzir à interpretação de que é necessário que os pais “não fechem os olhos” para as práticas abusivas presentes na internet e que envolvem as crianças.
- IV. Embora a presença da calcinha como elemento não verbal contribua para a compreensão do mote da campanha, qual seja, o de denunciar a presença da pedofilia na internet, é a ligação entre os diferentes elementos que garante a produção desse sentido. Portanto, se nenhum outro elemento fosse alterado ou extraído desse material publicitário e o sorriso do emoji fosse retratado em sua forma regular, não haveria comprometimento na mensagem que se pretende passar e a denúncia de potenciais crimes de cunho sexual permaneceria sendo identificada.

Está **correto** apenas o que se afirma em

- a) I.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.
- e) I, III e IV.

Exercício 121

(Ebmsp 2017) Um novo app promete usar a tecnologia para aproximar médicos e pacientes. Batizado de Docpad, o aplicativo criado por brasileiros foi lançado no começo do mês. Quem quiser usar o Docpad deve informar dados, como tipo sanguíneo e plano de saúde. Após o cadastro inicial, o usuário pode usar seu perfil para salvar e compartilhar exames, criar uma lista de médicos de sua confiança e marcar consultas com profissionais que também usem o aplicativo. “Nossa ideia era criar um app que ajudasse as pessoas a cuidar da saúde de amigos e familiares”, explicou em entrevista a EXAME.com o diretor de tecnologia da ThinkTank, startup que está por trás do app.

BRASILEIROS criam app que aproxima médicos e pacientes.

Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/brasileiros-criam-app-que-aproxima-medicos-e-pacientes>>. Acesso em: 23 set. 2016.

Da leitura do texto, é correto afirmar que as novas tecnologias de informação e comunicação permitem que as pessoas

a) possam acompanhar, de forma mais sistemática, a sua saúde, tendo acesso mais rápido e prático aos seus médicos e seus exames.

b) tenham maior possibilidade de estar atentas ao bem-estar de seus familiares, por meio de um contato direto com os profissionais que os assistem.

c) se aproximem mais dos especialistas de sua confiança, podendo tirar dúvidas e conferir os serviços oferecidos em seu plano de assistência médico-hospitalar, sem sair de casa.

d) compartilhem os resultados das investigações a que foram submetidas, e até mesmo o tipo sanguíneo nas redes sociais, para que sejam orientadas quanto aos melhores tratamentos e a quem podem recorrer.

e) socializem com sua rede de amigos uma lista de personagens renomadas na área médica e de sistemas de saúde que são considerados os mais atualizados.

Exercício 122

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Vídeos falsos confundem o público e a imprensa

Por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos cliques do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar

matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site *First Draft*, ¹que é uma coalizão de organizações ²que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse ³que parte do problema é que qualquer pessoa ⁴que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas ⁵que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na web não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o website em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo.”

Adaptado de:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/terrorismo/videos-falsos-confundem-o-publico-e-a-imprensa/>. (Publicado originalmente no jornal *The Guardian* em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

(Ita 2017) Marque a opção que **NÃO** constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.

a) A rapidez com que as informações são divulgadas *online*.

b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.

c) A concorrência com as redes sociais.

d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.

e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

Exercício 123

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

Felicidade nas telas

Uma amiga inventou um jeito de curtir sua fossa. Depois de um dia de trabalho, de volta em casa, ela se enfia na cama, abre seu laptop e entra no Facebook. Ela não procura amigos e conhecidos para aliviar o clima solitário e deprê do fim do dia. Essa talvez tenha sido a intenção nas primeiras vezes, mas, hoje, experiência feita, ela entra no Facebook, à noite, como disse, para curtir sua fossa. De que forma? Visitando as páginas de amigos e conhecidos, ela descobre que todos estão muito bem: namorando (finalmente), prestes a se casar, renovando o apartamento que sempre desejaram remodelar, comprando a casa de praia que tanto queriam, conseguindo a bolsa para passar dois anos no exterior, sendo promovidos no emprego ou encontrando um novo “*job*” fantasticamente interessante. E todos vivem essas bem-aventuranças circundados de amigos maravilhosos, afetuosos, alegres, festeiros e sempre presentes, como nas fotografias postadas.

Minha amiga, em suma, sente-se excluída da felicidade geral da nação facebookiana: só ela não foi promovida, não encontrou um namorado fabuloso, não mudou de casa, não ganhou nesta rodada da loteria. É mesmo um bom jeito de aprofundar e curtir a fossa: a sensação de um privilégio negativo, pelo qual nós seríamos os únicos a sofrer, enquanto o resto do mundo se diverte. Numa dessas noites de fossa e curtição, minha amiga, ao voltar para sua própria página no Facebook, deu-se conta de que a página não era diferente das outras. Ou seja, quem a visitasse acharia que minha amiga estava numa época de grandes realizações e contentamentos. Ela comentou: “As fotos das minhas férias, por exemplo, esbanjam alegria; elas não passaram por nenhum *photoshop*, acontece que são três ou quatro fotos “felizes” entre as mais de 500 que eu tirei”.

Logo nestes dias, acabei de ler *Porque somos infelizes*, organizado por Paolo Crepet. São seis textos de psiquiatras e psicanalistas (e um de um geneticista), tentando nos explicar “por que somos infelizes” e, em muitos casos, por que não deveríamos nos queixar disso. Por exemplo, a infelicidade é uma das motivações essenciais; sem ela nos empurrando, provavelmente, ficaríamos parados no tempo, no espaço e na vida. Ou ainda, a infelicidade é indissociável da razão e da memória, pois a razão nos repete que a significação de nossa existência só pode ser ilusória e a memória não para de fazer comparações desvantajosas entre o que alcançamos e o que desejávamos inicialmente. Não faltam no livro trivialidades moralistas sobre o caráter insaciável de nosso desejo. Não faltam também evocações saudosistas do sossego de algum passado rural. Em matéria de infelicidade, é sempre fácil (e um pouco tolo) culpar a sociedade de consumo e sua propaganda, que viveriam às custas de nossa insatisfação.

Anotei na margem: mas quem disse que a infelicidade é a mesma coisa que a insatisfação? E se a infelicidade fosse, ao contrário, o efeito de uma saciedade muito grande, capaz de estancar nosso desejo? Que tal se a infelicidade não tivesse nada a ver com a ansiedade das buscas frustradas, mas fosse uma espécie de preguiça do desejo, mais parecida com o tédio de viver do que com a falta de gratificação? Em suma, você é infeliz por que ainda não conseguiu tudo o que você queria, ou por que parou de querer, e isso torna a vida muito chata? Seja como for, lendo o

livro e me lembrando da fossa de minha amiga no Facebook, ocorreu-me que talvez uma das fontes da infelicidade seja a necessidade de parecermos felizes. Por que precisaríamos mostrar ao mundo uma cara (ou uma careta) de felicidade? A felicidade dá status, como a riqueza. Por isso, os sinais aparentes de felicidade podem ser mais relevantes do que a íntima sensação de bem-estar; além disso, somos cronicamente dependentes do olhar dos outros. Consequência: para ter certeza de que sou feliz, preciso constatar que os outros enxergam minha felicidade. Nada grave, mas isso leva a algo mais chato: a prova de minha felicidade é a inveja dos outros. O resultado dessa necessidade de parecermos felizes é que a felicidade é este paradoxo: uma grande impostura da qual recebemos não fazer parte e que, por isso mesmo, não conseguimos denunciar.

CALIGARIS, C. Disponível em:

<www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2309201026.htm>.

Acesso em: 03 out. 2016. (Adaptado).

(G1 - cftmg 2017) O objetivo geral do texto é

- a) defender a importância de se saber lidar com a infelicidade.
- b) discutir a necessidade de se parecer feliz aos olhos dos outros.
- c) criticar a falsidade das informações postadas nas redes sociais.
- d) explicitar como a sociedade de consumo promove a infelicidade.

Exercício 124

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se ao texto abaixo.

Felicidade nas telas

Uma amiga inventou um jeito de curtir sua fossa. Depois de um dia de trabalho, de volta em casa, ela se enfia na cama, abre seu laptop e entra no Facebook. Ela não procura amigos e conhecidos para aliviar o clima solitário e deprê do fim do dia. Essa talvez tenha sido a intenção nas primeiras vezes, mas, hoje, experiência feita, ela entra no Facebook, à noite, como disse, para curtir sua fossa. De que forma? Visitando as páginas de amigos e conhecidos, ela descobre que todos estão muito bem: namorando (finalmente), prestes a se casar, renovando o apartamento que sempre desejaram remodelar, comprando a casa de praia que tanto queriam, conseguindo a bolsa para passar dois anos no exterior, sendo promovidos no emprego ou encontrando um novo “*job*” fantasticamente interessante. E todos vivem essas bem-aventuranças circundados de amigos maravilhosos, afetuosos, alegres, festeiros e sempre presentes, como nas fotografias postadas.

Minha amiga, em suma, sente-se excluída da felicidade geral da nação facebookiana: só ela não foi promovida, não encontrou um namorado fabuloso, não mudou de casa, não ganhou nesta rodada da loteria. É mesmo um bom jeito de aprofundar e curtir a fossa: a sensação de um privilégio negativo, pelo qual nós

seríamos os únicos a sofrer, enquanto o resto do mundo se diverte. Numa dessas noites de fossa e curtidão, minha amiga, ao voltar para sua própria página no Facebook, deu-se conta de que a página não era diferente das outras. Ou seja, quem a visitasse acharia que minha amiga estava numa época de grandes realizações e contentamentos. Ela comentou: “As fotos das minhas férias, por exemplo, esbanjam alegria; elas não passaram por nenhum *photoshop*, acontece que são três ou quatro fotos “felizes” entre as mais de 500 que eu tirei”.

Logo nestes dias, acabei de ler *Porque somos infelizes*, organizado por Paolo Crepet. São seis textos de psiquiatras e psicanalistas (e um de um geneticista), tentando nos explicar “por que somos infelizes” e, em muitos casos, por que não deveríamos nos queixar disso. Por exemplo, a infelicidade é uma das motivações essenciais; sem ela nos empurrando, provavelmente, ficaríamos parados no tempo, no espaço e na vida. Ou ainda, a infelicidade é indissociável da razão e da memória, pois a razão nos repete que a significação de nossa existência só pode ser ilusória e a memória não para de fazer comparações desvantajosas entre o que alcançamos e o que desejávamos inicialmente. Não faltam no livro trivialidades moralistas sobre o caráter insaciável de nosso desejo. Não faltam também evocações saudosistas do sossego de algum passado rural. Em matéria de infelicidade, é sempre fácil (e um pouco tolo) culpar a sociedade de consumo e sua propaganda, que viveriam às custas de nossa insatisfação.

Anotei na margem: mas quem disse que a infelicidade é a mesma coisa que a insatisfação? E se a infelicidade fosse, ao contrário, o efeito de uma saciedade muito grande, capaz de estancar nosso desejo? Que tal se a infelicidade não tivesse nada a ver com a ansiedade das buscas frustradas, mas fosse uma espécie de preguiça do desejo, mais parecida com o tédio de viver do que com a falta de gratificação? Em suma, você é infeliz por que ainda não conseguiu tudo o que você queria, ou por que parou de querer, e isso torna a vida muito chata? Seja como for, lendo o livro e me lembrando da fossa de minha amiga no Facebook, ocorreu-me que talvez uma das fontes da infelicidade seja a necessidade de parecermos felizes. Por que precisaríamos mostrar ao mundo uma cara (ou uma careta) de felicidade? A felicidade dá status, como a riqueza. Por isso, os sinais aparentes de felicidade podem ser mais relevantes do que a íntima sensação de bem-estar; além disso, somos cronicamente dependentes do olhar dos outros. Consequência: para ter certeza de que sou feliz, preciso constatar que os outros enxergam minha felicidade. Nada grave, mas isso leva a algo mais chato: a prova de minha felicidade é a inveja dos outros. O resultado dessa necessidade de parecermos felizes é que a felicidade é este paradoxo: uma grande impostura da qual receamos não fazer parte e que, por isso mesmo, não conseguimos denunciar.

CALIGARIS, C. Disponível em:
<www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2309201026.htm>.
Acesso em: 03 out. 2016. (Adaptado).

(G1 - cftmg 2017) Entre as charges a seguir, aquela que manifesta uma concepção de felicidade semelhante à adotada pelo autor de *Felicidade nas telas* é:

a)



Disponível em:
<<http://2.bp.blogspot.com/>>.
Acesso em 16 out. 2016.

b)



Disponível em: <<http://www.dukechargista.com.br/>>.
Acesso em 16 out. 2016.

c)



Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/>>. Acesso em 16 out. 2016.

d)



Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/mandrade/>>.
Acesso em 16 out. 2016.

Exercício 125

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

A internet é uma ferramenta muito utilizada por crianças, jovens e adultos, trazendo atrativos como jogos, *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp*. A pergunta que se levanta é a seguinte: será que isso ajuda no desenvolvimento e no crescimento do ser humano?

A funcionária pública Nicole, de 25 anos, por exemplo, diz que se considera uma pessoa “viciada”, pois a primeira coisa que faz ao chegar ao trabalho antes de começar a sua rotina é ligar o computador para ter contato com as redes sociais *Facebook* e *Twitter*.

Ela diz que, no trabalho, acessa diariamente a internet. Nicole conta que as redes sociais promovem a conectividade entre as pessoas de forma prática, com a exibição das atualizações de uma forma dinâmica e inteligente.

Já a professora Fernanda, de 60 anos, diz que tem um pouco de dificuldade ao explicar a matéria para seus alunos, pois muitos deles só querem saber de “facebookar” no celular.

A psicóloga Miriam, de 45 anos, acredita que, com o avanço da tecnologia, as pessoas obtiveram vantagens com relação a pesquisas na internet. Ela ressalta que é preciso ter cuidado, pois o *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp* devem ser considerados um lazer e não um vício. “Tudo que passa do limite normal é perigoso, pode se transformar em vício. Todo vício é uma doença, independentemente da idade”, diz a psicóloga.

A especialista conclui que, para controlar o vício, é preciso ser moderado. Caso tenha perdido esse controle, suas ações já se tornaram um vício. Nesse caso, é fundamental procurar ajuda profissional.

<<https://tinyurl.com/gw57v7l>> Acesso em: 10.02.2017.

Adaptado.

(G1 - cps 2017) De acordo com o texto, é possível afirmar corretamente que

a) Fernanda tem dificuldade para ensinar porque seus alunos preferem procurar o conteúdo de suas aulas na internet.

b) Nicole não se considera “viciada”, pois só se interessa em acessar suas redes sociais quando chega no trabalho.

c) o uso da internet e de redes sociais pode se tornar um vício se as pessoas não forem moderadas.

d) a maioria das pessoas utiliza a internet para aperfeiçoar o próprio desenvolvimento cognitivo.

e) o uso exagerado da internet e redes sociais é prejudicial somente em áreas corporativas.

Exercício 126

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A internet e os direitos autorais

¹A internet e outras tecnologias mudaram a rotina das famílias, a vida social e até a sua percepção do mundo. Distâncias parecem menores, a ideia de privacidade está em questão, e os relacionamentos amorosos ganharam nova dimensão. De forma tão ²avassaladora, que ³quem não participa das redes sociais em algum momento pode se sentir excluído ou ⁴desinformado.

⁵A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, não pode ser confundida com ruptura com tudo o que havia antes. ⁶Os critérios para avaliar um livro continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou edição de capa dura; ⁷a relação custo-benefício de uma compra ainda precisa ser pensada com critério, seja em *e-commerce* ou loja de *shopping*; ⁸e o cuidado com a publicação de uma notícia, o que inclui a sua correta apuração e a clareza do texto, deve ser o mesmo em *site* ou jornal de papel.

⁹O mesmo raciocínio se aplica à propriedade ¹⁰intelectual de músicas, textos, filmes e quaisquer outras obras, que ganham novas formas de exposição com a internet, mas continuam a ter donos. Da mesma maneira que antes do ¹¹aparecimento das mídias digitais. ¹²Infelizmente, não é dessa forma que parecem pensar grandes empresas internacionais da internet, que brigam na Justiça com a União Brasileira das Editoras de Música e ¹³impedem assim o pagamento aos filiados à entidade dos valores relativos à exibição de seus trabalhos nos canais de áudio e vídeo. É uma situação ¹⁴inadmissível, que já dura muitos meses.

¹⁵O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão

¹⁶vital porque o mercado de CDs só faz encolher. ¹⁷As novas mídias representam a perspectiva de trabalho para os criadores a longo prazo. É ¹⁸necessário assegurar a sua adequada

¹⁹remuneração e, por extensão, os recursos para que a produção musical se sustente a longo prazo. ²⁰A agilidade e a

²¹onipresença da rede podem – e devem – servir para trazer mais recursos ao compositor, e não o contrário.

²²Empresas ²³jornalísticas, no Brasil e no mundo, também já viram o conteúdo da imprensa profissional ser divulgado na internet sem contrapartida alguma ignorando os altos custos de produção da notícia. No Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) proíbe, por notificação judicial, que se reproduza a íntegra dos textos dos ²⁴associados.

²⁵Se as novas tecnologias facilitam o ²⁶entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo ²⁷inteiro, elas são bem-vindas. Mas isso não pode acontecer à custa do ²⁸sagrado direito autoral.

Rio de Janeiro, *O Globo*, Opinião, 23 abr. 2015, p.16. Adaptado.

(Fmp 2016) Para que a leitura do texto seja coerente, é necessário identificar a ordem em que as ideias são apresentadas, ou seja, a progressão temática do texto. O leitor deve, portanto, observar que, antes de explicar que é necessário avaliar a relação custo-benefício de uma compra (ref. 7), o texto se refere à ideia de que

a) as tecnologias modernas são bem-vindas porque ampliam o acesso das pessoas a bens culturais.

b) o conteúdo das publicações jornalísticas é, atualmente, divulgado pela internet no mundo inteiro.

c) a presença generalizada das músicas na internet deve proporcionar vantagens aos compositores.

d) as novas mídias, a longo prazo, representam uma perspectiva de trabalho para os criadores.

e) a falta de participação nas redes sociais pode levar as pessoas a se sentirem marginalizadas.

Exercício 127

(Ufu 2015) As redes sociais permitem que qualquer pessoa se torne uma formadora de opinião, quando, em verdade, o melhor seria promover indivíduos formadores de cultura e de conhecimento. O psiquiatra espanhol Enrique Rojas (1949) postula que “estamos cada vez mais bem informados, mas essa minuciosa e milimétrica informação não é formativa: nunca vem acompanhada de certos tons positivos que ajudam a se enriquecer interiormente, a ser mais completo, mais sólido; em uma palavra, mais humano – com mais critério, melhor.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Filosofia, ciência & vida*, n. 98, set. 2014 p. 55 (Fragmento).

De acordo com o texto, assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) Na proposição que se inicia com “quando, em verdade”, o autor lança mão de estratégia para contrapor um argumento mais contundente.

b) O trecho “mas essa minuciosa e milimétrica informação não é formativa” constitui-se como uma asserção passível de ser rotulada como falsa.

c) A presença dos dois-pontos no texto tem por função introduzir uma explicação e um argumento, fundamentando a opinião de Rojas.

d) O trecho “As redes sociais permitem que qualquer pessoa se torne uma formadora de opinião [...]” constitui-se como uma proposição provocadora de um questionamento quanto à sua legitimidade, suscitando o desejo de defesa de uma tese.

Exercício 128

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Saímos do Facebook

Desde a semana passada, quando os governadores de São Paulo e Rio de Janeiro anunciaram o aumento de R\$ 0,20 na passagem de ônibus, a população brasileira vem desencadeando uma das maiores revoltas públicas que o país já viu em mais de duas décadas!

É claro que o aumento de tarifa foi apenas a gota d'água que fez toda essa revolta transbordar pela maioria das grandes

cidades do país. E, na minha opinião, a população está corretíssima em protestar!

⁵O Brasil tem hoje a 6ª maior economia do mundo, mas também é um dos países mais corruptos e burocráticos do mundo! ⁴A grande maioria das decisões que são tomadas pelos nossos governantes dificilmente favorece ou melhora a vida dos trabalhadores e cidadãos de bem.

⁶Quase R\$ 30 bilhões de reais já foram gastos na preparação para a Copa do Mundo de 2014, segundo o governo federal, e por causa disso, a inflação só aumenta! Enquanto isso, o Brasil continua a investir pouco na educação e menos ainda na saúde pública. ¹E, agora, querem enfiar “goela abaixo” do povo brasileiro mais um aumento no valor de um transporte público extremamente precário e ineficiente.

Mas o que o Facebook e as redes sociais têm a ver com isso?

Praticamente TUDO!

A maior parte da comunicação entre as pessoas que estão participando das manifestações está sendo feita online através do Facebook, bem como de outras redes sociais também, como o Twitter, YouTube e o Google+. Realmente nós podemos comprovar o poder que as redes sociais têm e o efeito que elas podem causar na vida das pessoas! Todos os *twitts* e compartilhamentos, que começaram nas redes sociais, se transformaram em uma grande multidão nas ruas protestando por melhorias em todo o país!

Um levantamento da agência digital *Today* mostrou que os protestos geraram 548.944 publicações nas principais redes sociais. O Twitter foi o meio mais utilizado pelas pessoas, com 88% (cerca de 483.839 *posts*). No Facebook foram 60 mil postagens. O Google+ e blogs correspondeu aos 2% restantes. As *hashtags* mais utilizadas foram: #vempraru; #ogiganteacordou; #protestosp; #mudabrazil; #semviolencia; #democracianaotemfronteiras; #changebrazil. Esses números correspondem apenas à segunda-feira dia 17/06/13, mas já podemos ter uma ideia de como essas manifestações estão mobilizando os brasileiros nas redes sociais.

Brasileiros de pelo menos 13 países se organizaram pelo Facebook para promover uma série de protestos em solidariedade aos manifestantes brasileiros. Foram realizados protestos em países como: França, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Itália, Portugal, Holanda, Irlanda, Bélgica, Estados Unidos, Canadá, Argentina e México. Pelo número de participantes confirmados no Facebook, os dois maiores protestos foram realizados na Alemanha e na Irlanda.

No Brasil, o grupo “*Anonymous*” assumiu um tipo de liderança ideológica no Facebook durante essas manifestações que acontecem pelo Brasil. Prova disso é a *fanpage* principal do grupo no Facebook que teve uma guinada explosiva nos últimos dias. ²O crescimento semanal de curtidas, segundo as estatísticas da própria página, pulou de 7.000 por semana para cerca de 130 mil. Eram 400 mil fãs na semana passada e hoje já são quase 850 mil fãs. Eles englobam a manifestação pela redução da tarifa do transporte público, criticam a corrupção, os erros de governo e injustiças no país.

Manifestações organizadas pelas redes sociais ainda são algo muito novo no Brasil e com dinâmicas bem diferentes de qualquer outro tipo de manifestação que já aconteceu aqui. ³Os

governantes que quiserem atuar de forma realmente democrática vão ter que estudar as redes para poder dar uma resposta à altura dessa nova realidade brasileira, em vez de ficarem só tentando “localizar as lideranças” do movimento. Enfim... é em momentos como esse que as relações entre as redes sociais e as ruas se estreitam. Milhares de pessoas estão nas ruas relatando, pelas redes sociais, o calor da mobilização social. Mas também há outras centenas de milhares de pessoas que estão nas redes interagindo, compartilhando e se posicionando a favor do movimento, o que aumenta ainda mais a mobilização social, para além das ruas!

E é nessa interação entre as redes sociais e as ruas que, principalmente, o Facebook ganha um papel de destaque.

<http://www.felipe-moreira.com/manifestacoes-no-brasil-x-facebook/>

15. (Uepa 2014) Observe a charge abaixo e o trecho que segue para responder à questão.

“Quase R\$30 bilhões de reais já foram gastos na preparação para a Copa do Mundo de 2014, segundo o governo federal, e por causa disso, a inflação só aumenta! Enquanto isso, o Brasil continua a investir pouco na educação e menos ainda na saúde pública” (ref. 6).



(Fonte: <http://genildoronchi.blogspot.com.br/>. Acessado em 14/09/13)

Sobre as informações contidas na charge e no trecho acima, é correto afirmar que:

- a) há má administração dos recursos públicos, em especial na área de educação e saúde.
- b) não há falta de investimentos principalmente nas áreas da saúde e da educação.
- c) predomina a venda e expansão de empresas públicas governamentais.
- d) há comprometimento dos governantes com a totalidade do povo brasileiro.
- e) não prevalece o aumento exacerbado da inflação no Brasil.

Exercício 129

. (Ufg 2007) Leia o texto.

PROFESSORA ETELVINA E SUAS PÍLULAS DE SABEDORIA INSTANTÂNEA

Nos primórdios da linguagem escrita, um texto era uma longa sequência de caracteres. Sem espaços entre as palavras e sem nenhum sinal que indicasse pausa, ênfase ou pronúncia. Com o surgimento da imprensa, no século XV, o povo passou a ter acesso à leitura e foram, então, aparecendo símbolos variados, como os parênteses que vêm do grego e significam “ação de intercalar”. [...] E quando parecia que nada mais faltava para ser inventado surgiram os “emoticons”, símbolos criados a partir de outros símbolos, para dar mais vida à comunicação via internet. O mais famoso deles é o “sorriso deitado”... [: :)]

“ÉPOCA”. São Paulo: Globo, 31 jul. 2006, p. 18.

[Adaptado].

Com base nas dicas da professora Etelvina, é possível dizer que os símbolos gráficos, como parênteses e “emoticons”, têm como função

- a) garantir a interlocução, tornando a interação mais efetiva.
- b) recuperar sentidos convencionalizados desde o surgimento da escrita.
- c) evidenciar a interferência da oralidade na organização do sistema escrito das línguas.
- d) perturbar a interação nos meios de comunicação instantânea.
- e) desviar a atenção do leitor para informações secundárias contidas no texto.

Exercício 130

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento^{*}, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo. Pra todo mundo, universal mesmo. ¹Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja ²orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense. Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da ³URCA, haja primos, ⁴pense num povo metido, né, ⁵ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, ⁶esse povo “lá de nós”, como na bendita ⁷linguagem caririense, ⁸formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda ⁹vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio

Teixeira (Inep), ¹⁰viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio ¹¹que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. ¹²Desculpa aí, hoje só ¹³venho ¹⁴com as grandezas. Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre — ¹⁵repare só! — dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de* ¹⁶tudo (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. ¹⁷Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardon* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro ¹⁸será de um certo Cariri que peleja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco — escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista.

[...]

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por desejo e necessidade, deixei Juazeiro — onde morava —, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao *campus* da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa. E pensar que não havia a ¹⁹ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao ²⁰VAR (olho no lance) da história. ²¹jmmmmmmmmmmkk klkl l çñçççlllçxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica — tentando ver a Pepa Pig — e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019.

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html

Acesso em: 14 ago. 2019

* Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal *El País*. Conforme o dicionário *Michaelis*, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no *mouse*, permite a conexão com outro *site*”.

2. (S1 - ifsul 2020) Julgue o que se afirma sobre o texto em relação ao seu gênero textual.

- I. O uso de termos e de expressões próprios da língua coloquial associados à língua culta tem por finalidade a aproximação com o leitor ao apresentar o assunto com menor grau de formalidade.
- II. As interjeições *ave* (referência 5) e *viva* (referência 10) reproduzem o entusiasmo que toma conta do narrador em virtude da formatura de 423 alunos em uma universidade regional da sua terra natal.
- III. A utilização de expressões da linguagem informal e a referência a outros textos, bem como a presença de *hyperlinks* na publicação original, não são recursos próprios do gênero textual crônica.

Estão corretas as afirmativas

- a) I e II, apenas.
- b) I e III, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I, II e III.

Exercício 131

(Ufsm 2015) No texto a seguir, são apresentadas três invenções presentes no *ranking* das mais importantes para a humanidade.

PNEUS

A roda foi uma grande descoberta, mas um tanto ¹inconveniente. ⁴Como rodas de pedra e madeira são sólidas, provocam solavancos nos passageiros. Em 1845, um rapaz de 23 anos patenteou a solução: a roda aérea, uma circunferência inflável de borracha. Ainda não tínhamos carros ou bicicletas, apenas carruagens, e o jovem escocês Robert Thomson não conseguiu convencer o mundo de que os pneus podiam substituir as rodas de borracha sólida que eram usadas na época. O produto só explodiu mesmo em 1888, quando outro escocês, John Boyd Dunlop, criou um novo pneu para bicicletas, que estavam na moda.

DESODORANTE

Sem ele, o aglomeramento de seres humanos em ambientes fechados seria inviável. Civilizações antigas já tentavam resolver o problema com especiarias aromáticas, como canela e incenso. Mas o primeiro desodorante comercial surgiu apenas em 1888, nos Estados Unidos. Obra de um herói anônimo, o produto era um creme vendido num frasco de vidro, com a marca Mum. Dentro, havia uma gosma com aspecto de cera que tinha cloreto de zinco como princípio ativo, capaz de matar as bactérias que provocam mau cheiro no corpo.

GOOGLE

Até 1997, era um ³caos navegar na internet. Ferramentas de busca traziam resultados, mas você tinha de ter paciência para vasculhar muitas páginas atrás daquilo que procurava. Quando o *Google* foi lançado, os *sites* mais interessantes começaram a aparecer logo na primeira tela. Mágica. Por trás da busca, está uma fórmula matemática (um algoritmo) que gera *rankings*, chamada de *PageRank*, que faz os *sites* que mais recebem *links* de outras páginas aparecerem nas primeiras posições. Demorou, mas o *Google* se tornou imensamente popular.

Fonte: SUPERINTERESSANTE. . Ed. Especial. 2013. (adaptado)
As 101 maiores invenções da humanidade

Com relação a ideias e recursos linguísticos do texto, assinale V na(s) alternativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

- () O primeiro desodorante comercial surgiu no mesmo ano em que a invenção dos pneus foi patenteada.
- () Elementos como “inconveniente” (ref. 1), “drama” (ref. 2) e “caos” (ref. 3) remetem a situações-problema em que se encontrava a humanidade antes da invenção, respectivamente, dos pneus, do desodorante e do *Google*.
- () A estratégia problema-solução é empregada para destacar mudanças promovidas pelas invenções mencionadas, a partir das quais o mundo se tornou mais aprazível.
- () O excerto “Como rodas de pedra e madeira são sólidas, provocam solavancos nos passageiros” (ref. 4) poderia ser reescrito, sem alteração do sentido, como “Rodas de pedra e madeira, por serem sólidas, provocam solavancos nos passageiros”.
- a) F – F – V – V.
- b) V – V – F – F.
- c) F – V – V – V.
- d) V – F – V – F.
- e) F – V – F – F.

Exercício 132

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

JOVENS SOFREM PROVOCAÇÃO E AMEAÇAS POR INTERNET E TELEFONE

TÓQUIO. Para muitas crianças e jovens japoneses, um telefone celular é uma âncora social sem a qual não imaginam viver. ¹Para o estudante secundarista Makoto, no entanto, o aparelho se tornou um instrumento de tortura mental, que quase o levou ao suicídio.

- Mesmo quando deixava de ir ao colégio e ficava em casa, meu celular continuava tocando e recebendo e-mails insistentes ²- diz Makoto, que ficou anoréxico e quase não saiu de seu quarto por seis meses, depois que virou vítima de intimidações cibernéticas.

³Makoto, de 19 anos, diz que colegas do colégio postaram fotos dele e insultos em páginas da web. Também enviaram e-mails dizendo que ele deveria morrer. Makoto tentou o suicídio duas vezes.

- Quando as pessoas dizem que sua vida não vale nada, você começa a pensar da mesma forma - diz Makoto.

Agressões escolares sempre existiram no Japão e, assim como tem acontecido em outros países, sofreram uma reviravolta tecnológica em anos recentes. Cerca de 10% dos alunos secundaristas afirmam que têm sido ameaçados via e-mails, páginas da internet e blogs, segundo revela uma pesquisa recente da Hyogo Prefectural Board of Education. ⁴As intimidações cibernéticas são uma moda global, mas o anonimato que elas dão a seus autores pode ter um significado extra no Japão, onde a prevenção à confrontação direta é uma regra cultural.

No Japão, 96% dos secundaristas têm seu próprio celular. As práticas mais comuns de provocação cibernética incluem enviar e-mails e mensagens com fotos das genitálias das vítimas para seus colegas de turma. Peritos dizem que pais, professores e a polícia têm mais dificuldade para identificar agressores high-tech devido ao anonimato da internet e a sua falta de conhecimento tecnológico.

Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 19 nov. 2007. (revisado).

TEXTO II

PELA INTERNET

Gilberto Gil

- Criar meu web site
 Fazer minha home-page
 Com quantos gigabytes
 Se faz uma jangada
 5 Um barco que veleje
- Que veleje nesse infomar
 Que aproveite a vazante da infomará
 Que leve um oriki do meu velho orixá
 10 Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
- Um barco que veleje nesse infomar
 Que aproveite a vazante da infomará
 Que leve meu e-mail até Calcutá
 Depois de um hot-link
 Num site de Helsinque
 15 Para abastecer
- Eu quero entrar na rede
 Promover um debate
 Juntar via Internet
 Um grupo de tietes de Connecticut
- 20 De Connecticut acessar
 O chefe da Macmilícia de Milão
 Um hacker mafioso acaba de soltar
 Um vírus pra atacar programas no Japão

25 Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
Que lá na Praça Onze tem um videopôquer para se jogar

TEXTO III

O HOMEM; AS VIAGENS

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
05 toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
10 coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
15 Vamos para Marte - ordena a suas
máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
20 coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

25 Claro - diz o engenho
s sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?

30 idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
35 repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

40 Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tiver?
Não-vê que ele inventa
45 roupa insidervel de viver no Sol.

Põe o pé e:
mas que chato é o Sol.
falso touro
espanhol domado.

50 Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
55 (estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
60 experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
65 descobrindo em suas próprias inexploradas
entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

(G1 - cp2 2008) Todos os trechos a seguir foram retirados do texto I. Em qual das alternativas a palavra QUE não retoma um termo anteriormente expresso?

a) "Para o estudante secundarista Makoto, no entanto, o aparelho se tornou um instrumento de tortura mental que quase o levou ao suicídio". (ref. 1)

b) "... diz Makoto, que ficou anoréxico e quase não saiu de seu quarto por seis meses", (...) (ref. 2)

c) "Makoto, de 19 anos, diz que colegas do colégio postaram fotos dele e insultos em páginas da web". (ref. 3)

d) "As intimidações cibernéticas são uma moda global, mas o anonimato que elas dão a seus autores pode ter um significado extra no Japão" (...) (ref. 4)

Exercício 133

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO (Fragmento)

Meu compadre Zé Fulô,
Meu amigo e companheiro,
Faz quage um ano que eu tou
Neste Rio de Janêro;
Eu saí do Cariri
Maginando que isto aqui

Era uma terra de sorte,
Mas fique sabendo tu
Que a miséria aqui no Su
É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
Eu pude vê neste crima,
Que tem o Brasi de Baxo
E tem o Brasi de Cima.
Brasi de Baxo, coitado!
É um pobre abandonado;
O de Cima tem cartaz,
Um do ôtro é bem deferente:
Brasi de Cima é pra frente,
Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasil de Cima,
Não há dô nem indigência,
Reina o mais soave crima
De riqueza e de opulência;
Só se fala de progresso,
Riqueza e novo processo
De grandeza e produção.
Porém, no Brasi de Baxo
Sofre a feme e sofre o macho
A mais dura privação.

Brasi de cima festeja
Com orquestra e com banquete,
De uísque dréa e cerveja
Não tem quem conte os rodete.
Brasi de baxo, coitado!
Vê das casa despejado
Home, menino e muié
Sem achá onde morá
Proque não pode pagá
O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda
As trombeta em arto som
Ispeiando as propaganda
De tudo aquilo que é bom.
No Brasi de Baxo a fome
Matrata, fere e consome
Sem ninguém lhe defendê;
O desgraçado operaro
Ganha um pequeno salaro
Que não dá pra vivê.

Inquanto o Brasi de cima
Fala de transformação,
Industra, matéria-prima,
Descobertas e invenção,
No Brasi de Baxo isiste
O drama penoso e triste
Da negra necissidade;
É uma coisa sem jeito
E o povo não tem direito
Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
Nas ponta das pobre rua
O descontente cortejo
De criança quage nua.
Vai um grupo de garoto
Faminto, doente e roto
Mode caçá o que comê
Onde os carro põe o lixo,
Como se eles fosse bicho
Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
Estes fio do abandono,
Que veve vagando à toa
Como objeto sem dono,
De manêra que horroriza,
Deitado pela marquiza,
Dromindo aqui e aculá
No mais penoso relaxo,
É deste Brasi de Baxo
A crasse dos Marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem tem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.
[...]

(ASSARÉ, Patativa do. *Melhores poemas*. Seleção de Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006. p.329-332)

(G1 - ifpe 2014) Ao observar a variedade linguística e o nível de linguagem utilizados no poema, é correto caracterizar o eu lírico como

a) um cidadão escolarizado que vive em um grande centro urbano, pois utiliza muitas gírias.

b) uma pessoa idosa porque, no vocabulário utilizado, aparecem palavras ou expressões que remetem a uma variação histórica.

c) um cidadão sertanejo pouco escolarizado, já que sua linguagem guarda singularidades regionais e se distancia do registro culto.

d) um cidadão escolarizado que faz uso de um vocabulário técnico com o objetivo de ser compreendido pelo grupo do qual faz parte.

e) um estudante que utiliza a variedade coloquial da língua a fim de criticar a sociedade na qual está inserido.

Exercício 134

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:
PQ JOVEMS TC AXIM?

"Quando surgiu, a linguagem típica dos jovens na internet - onde aqui vira *aki*, não é *naum* e beleza é *blz* - parecia estar restrita aos chats, blogs e ICQs. O uso do *internetês*, no entanto, já começa a influenciar a escrita de adolescentes em sala de aula e preocupa educadores.

De 12 escolas particulares do Rio e de São Paulo consultadas pela Folha, sete afirmaram que vícios típicos da internet já são comuns em redações e trabalhos, três disseram que eles aparecem raramente e somente duas nunca identificaram esse tipo de erro.

[...]

Os educadores ouvidos pela Folha foram unânimes em afirmar que não cabe à escola punir ou tentar proibir que, entre eles, os adolescentes se comuniquem assim. O risco, apontam todos, é de eles usarem essa linguagem em ambientes onde ela não é adequada, como é o caso das escolas.

[...]

Os professores contam que ainda é muito raro encontrar um aluno que escreva toda a redação nessa nova linguagem vinda da internet. O mais comum é o uso inconsciente de acho com *xis*, aqui com *k*, você como *vc*, e até mesmo não como *naum*.

[...]

Apesar de todo o esforço para impedir que o *internetês* chegue às escolas, todos os colégios ouvidos pela Folha deixam claro que de nada adianta satanizar a nova linguagem. Quando procurados pelos pais, a recomendação dada, em geral, é entender que isso não é um problema, desde que fique restrito a um ambiente onde essa linguagem é adequada."

Antônio Góis, sucursal do Rio

ESPECIALISTAS DEFENDEM LINGUAGEM DA INTERNET

"Apesar do choque que esse tipo de escrita utilizada pelos jovens pode causar em pais desavisados, especialistas em linguagem ouvidos pela Folha afirmam que o uso do *internetês* tem a mesma função das gírias, ou seja, são termos ou novos códigos usados para definir um grupo social.

'Inventar e alterar linguagens por meio do uso é talvez a mais humana das capacidades. Convencionar abreviações é tão antigo quanto a invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa. Assim, nada de novo no front, para tranquilidade dos alarmistas que vivem prevendo o fim da civilização. O *internetês* é linguagem de uma tribo grande, poderosa e em expansão', diz Marisa Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

O professor Sérgio Nogueira - que apresenta um programa na TV sobre língua portuguesa no canal SBT - lembra que há sempre várias formas de linguagem. 'Todas são válidas, desde que no seu devido lugar. É natural que a juventude, criativa como ela é, crie suas marcas. Cabe à escola, no entanto, ensinar a língua padrão, que é a que esses jovens vão precisar para trabalhar ou para fazer concursos. É por isso que o professor deve conhecer essa nova linguagem'."

Trechos extraídos da *Folha de São Paulo*. Cotidiano, 24 de abril de 2005.

(Espm 2005) De acordo com os textos:

a) A linguagem típica dos jovens na internet não deve causar nenhuma preocupação, pois se restringe a chats, blogs e ICQs.

b) Pouco adianta satanizar essa nova linguagem no ambiente escolar.

c) "Internetês" em nada influi no cotidiano escolar ou no desempenho liguístico.

d) Não há problema algum em inventar linguagens desde que sejam adequadas ao ambiente ou circunstâncias para os quais foram criadas.

e) É normal que a juventude crie marcas e linguagens próprias e utilize-as em todos os momentos, inclusive no ambiente escolar.

Exercício 135

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:
PQ JOVEMS TC AXIM?

"Quando surgiu, a linguagem típica dos jovens na internet - onde aqui vira *aki*, não é *naum* e beleza é *blz* - parecia estar restrita aos chats, blogs e ICQs. O uso do *internetês*, no entanto, já começa a influenciar a escrita de adolescentes em sala de aula e preocupa educadores.

De 12 escolas particulares do Rio e de São Paulo consultadas pela Folha, sete afirmaram que vícios típicos da internet já são comuns em redações e trabalhos, três disseram que eles aparecem raramente e somente duas nunca identificaram esse tipo de erro.

[...]

Os educadores ouvidos pela Folha foram unânimes em afirmar que não cabe à escola punir ou tentar proibir que, entre eles, os adolescentes se comuniquem assim. O risco, apontam todos, é de eles usarem essa linguagem em ambientes onde ela não é adequada, como é o caso das escolas.

[...]

Os professores contam que ainda é muito raro encontrar um aluno que escreva toda a redação nessa nova linguagem vinda da internet. O mais comum é o uso inconsciente de acho com *xis*, aqui com *k*, você como *vc*, e até mesmo não como *naum*.

[...]

Apesar de todo o esforço para impedir que o *internetês* chegue às escolas, todos os colégios ouvidos pela Folha deixam claro que de nada adianta satanizar a nova linguagem. Quando procurados pelos pais, a recomendação dada, em geral, é entender que isso não é um problema, desde que fique restrito a um ambiente onde essa linguagem é adequada."

Antônio Góis, sucursal do Rio

ESPECIALISTAS DEFENDEM LINGUAGEM DA INTERNET

"Apesar do choque que esse tipo de escrita utilizada pelos jovens pode causar em pais desavisados, especialistas em linguagem ouvidos pela Folha afirmam que o uso do *internetês* tem a mesma função das gírias, ou seja, são termos ou novos códigos usados para definir um grupo social.

'Inventar e alterar linguagens por meio do uso é talvez a mais humana das capacidades. Convencionar abreviações é tão antigo quanto a invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa. Assim, nada de novo no front, para tranquilidade dos alarmistas que vivem prevendo o fim da civilização. O internetês é linguagem de uma tribo grande, poderosa e em expansão', diz Marisa Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

O professor Sérgio Nogueira - que apresenta um programa na TV sobre língua portuguesa no canal SBT - lembra que há sempre várias formas de linguagem. 'Todas são válidas, desde que no seu devido lugar. É natural que a juventude, criativa como ela é, crie suas marcas. Cabe à escola, no entanto, ensinar a língua padrão, que é a que esses jovens vão precisar para trabalhar ou para fazer concursos. É por isso que o professor deve conhecer essa nova linguagem'."

Trechos extraídos da *Folha de São Paulo*. Cotidiano, 24 de abril de 2005.

(Espm 2005) Assinale a sequência de palavras em "internetês" que exemplifica a afirmação: "Convencionar abreviações é tão antigo quanto a invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa".

- a) eh = é; kd = cadê; iskola = escola; neh = né.
- b) c/ = com; hr = hora; p/ = para; pf = por favor.
- c) ksa = casa; fzf = fazer; hj = hoje; naum = não.
- d) kra = cara; nu = no; naum = não; tah = ta.
- e) kerer = querer; msmo = mesmo; mto = muito; xau = tchau.

Exercício 136

(Insper 2012) Texto I

O texto na era digital

Para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos

Com cada vez mais usuários – o acesso à rede no Brasil aumentou 35% entre 2008 e 2009 – a internet está criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabam se adaptando às facilidades da nova tecnologia. (...)

O que já havia sido deflagrado nos anos 90 pela comunicação via e-mail, mensageiros eletrônicos e pela cultura escrita dos blogs, as redes sociais elevaram à enésima potência ao garantir interatividade e visibilidade às pessoas em torno de interesses em comum. (...)

Para além dos modismos que nascem e morrem na grande rede mundial de computadores, o advento do microblog Twitter extrapolou essa esfera para cair na boca de grandes homens de letras, muitas vezes avessos a novidades tecnológicas, como o escritor José Saramago, que chegou a declarar: "Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido". (...)

Embora não se possa afirmar categoricamente que a internet favoreceu o desenvolvimento de uma "cultura letrada", com ênfase em informações profundas e relevantes, ela reforçou o

peso da palavra escrita no cotidiano das pessoas. Mais do que gírias e jargões, como o famigerado "internetês", as transformações pelas quais passam a escrita e a leitura estão por ser dimensionadas.

Disponível em:

<http://revistalingua.uol.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp>

Texto II



(Adaptado. <http://ptwitter.blogspot.com.br/2009/06/o-que-e-hashtag-do-twitter.html>)

Os Textos I e II abordam a questão da linguagem nos meios digitais. A partir de sua leitura, infere-se que

- a) Em ambos os textos, há evidências de que a navegação na internet limita a disseminação do saber.
- b) O Texto I defende que as inovações tecnológicas produziram uma torrente de informações tão grande que tornaram a escrita banal e empobrecedora.
- c) Tanto o Texto I quanto o Texto II revelam que o acesso à rede está interferindo na capacidade de leitura de crianças e adolescentes.
- d) O Texto II apresenta marcas específicas da linguagem do Twitter que limitam a compreensão da tira em leitores que não são usuários do microblog.
- e) O Texto I demonstra que o internetês produziu impactos na comunicação escrita, enquanto que o texto II nega esse fato.

Exercício 137



(Disponível em: <https://www.seuguara.com.br/2013/03/intolerancia-charge-do-duke-270313.html> - Acesso em 28/08/2020)

(G1 - epcar (Cpcar) 2021) Veja abaixo as quatro afirmações referentes ao texto:

- I. No primeiro quadrinho, em “Não tolero gente intolerante!”, o verbo tem o sentido de apreciar, gostar de. Em “intolerante”, o “in” é um prefixo de negação.
- II. Cada personagem, no fim das contas, se revela intolerante, de algum modo. A tirinha poderia ser resumida com a seguinte expressão: “Atire a primeira pedra quem não tem pecado.”
- III. No quadrinho três, o sentido do verbo “tolerar” é suportar, aguentar; o tom da discussão é elevado, conforme podemos ver nas exclamações da tirinha.
- IV. “Putz”, “cara” e “tá” revelam o coloquialismo da discussão. O emprego da conjunção adversativa “mas” deixa evidente a oposição de argumentos da tirinha.

Estão corretas

- a) I e II apenas.
- b) I, II, III e IV.
- c) III e IV apenas.
- d) I, II e III apenas.

Exercício 138

(G1 - cps 2020) Leia a charge:



Antologia do Pasquim, v.2: 1972-1973. Desiderata: Rio de Janeiro, 2007, p. 90.

A charge de Ziraldo foi publicada na década de 1970 e, apesar da diferença histórico-cultural com o contexto atual, é possível apreender seu efeito de humor.

A expressão responsável pela construção do humor no texto é

- a) “não pago!”, repetida exaustivamente pela personagem com o intuito de criar, dessa forma, um eufemismo.
- b) “Contra tudo e contra todos”, passagem generalizante e imprópria ao contexto humorístico, trata-se de uma ironia.
- c) “paga ICM! Corro pra lá: Olha o fiscal me cobrando...”, passagem composta por verbos que se contradizem, formando, portanto, um paradoxo.
- d) “herói cobrado retumbante”, devido à sua semelhança sonora com um conhecido verso do Hino Nacional Brasileiro, configurando uma paronomásia.
- e) “Heroicamente! Denodadamente! Como um mártir”, expressões usadas para atingir a autoestima da personagem; trata-se de uma preterição.

Exercício 139



Disponível em: <http://www.ivancabral.com>. Acesso em: 1 ago. 2019.

(G1 - cp2 2020) Os braços cruzados e a testa franzida do menino, personagem da charge, indicam que ele está

- a) decepcionado, pois esperava por outro tipo de presente.
- b) preocupado, porque o presente chegou muito tarde.
- c) alegre, por ser presenteado com algo inesperado.
- d) entusiasmado, por ter ganhado algo muito útil.

Exercício 140



Disponível em: <https://www.google.com/search?q=charges&source>. Acesso em: 25 jan. 2019.

(G1 - ifmt 2020) Com base na leitura do texto, marque a alternativa INCORRETA.

- a) O humor está no fato do substantivo “drogas” ter sido usado com diferentes sentidos.
- b) O termo “drogas” tem duplo sentido, pois refere-se tanto às drogas ilícitas como a serviços públicos de má qualidade.
- c) Pedrinho teve o mesmo entendimento que a professora do termo “drogas”.
- d) O texto traz uma crítica à má qualidade dos serviços públicos.
- e) Presumivelmente, o termo “drogas”, no entendimento de Pedrinho, é sinônimo de “coisa de má qualidade, porcária”, enquanto que a professora o entende como “substância alucinógena, entorpecente”.

Exercício 141



(G1 - col. naval 2020) Marque a opção que expressa a mesma ideia presente no texto.

- a) Quem gosta de ler não morre só. (Ariano Suassuna)
- b) Creio que uma forma de felicidade é a leitura. (Jorge L. Borges)
- c) Ler é viver mil vidas diferentes em uma única existência. (André Segalla)
- d) Uma boa leitura dispensa com vantagem a companhia de pessoas frívolas. (Marquês de Maricá)
- e) Ler é como não haver morrido. (Carlos Skliar)

Exercício 142



<<https://tinyurl.com/ycovkfc9>> Acesso em: 20.10.2018. Original colorido.

O quadrinho da cartunista Laerte representa uma crítica à realidade atual, visto que nele a personagem

- a) perde sua função social, pois o desenvolvimento de novas ferramentas acarreta sua obsolescência.
- b) perde sua identidade devido às pressões de um cotidiano estressante diante de uma rotina maçante e repetitiva.
- c) é substituído pelas tecnologias que, de tão evoluídas, passam a assimilar hábitos corriqueiros da sociedade.
- d) perde sua identidade devido ao abandono da vida no campo, pois já não é capaz de realizar ações corriqueiras sem auxílio.
- e) apresenta pior qualidade de vida, pois, ao abrir mão de sua identidade, conecta-se à tecnologia para alcançar maior eficiência em suas atividades coletivas.

Exercício 143

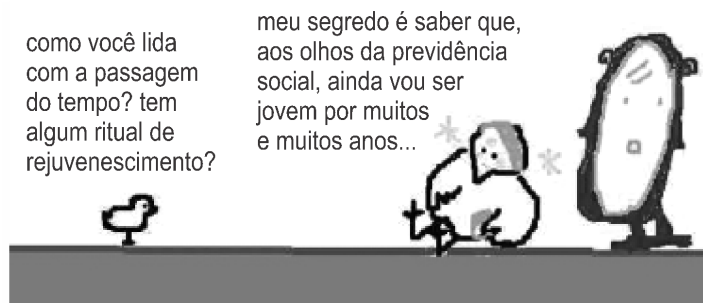


(Quino. Assim vai o mundo!, 2014.)

Do questionamento da personagem Mafalda, depreende-se uma crítica a

- a) o crescimento demográfico.
- b) a mercantilização da infância.
- c) a precariedade da educação.
- d) a generalização do consumismo.
- e) a desumanização do mundo.

Exercício 144



(Alexandra Moraes, Folha de S. Paulo, 19/01/2019)

(Espm 2019)

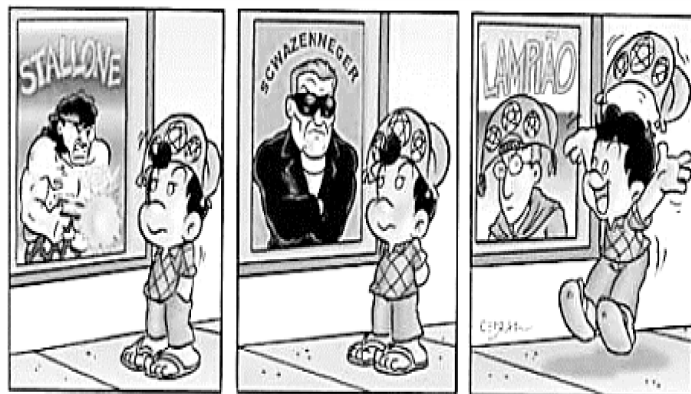
O humor da tira se concentra no fato de:

- a) o pássaro maior ficar desconcertado ante um espelho personificado que, ao refletir fielmente as rugas, denuncia a inexorável passagem do tempo.
- b) o pássaro menor fazer ilações sobre possível existência de algum mecanismo de rejuvenescimento, em resposta a um espelho revelador da velhice.
- c) o pássaro maior estar feliz por ter descoberto uma espécie de fonte da juventude, proporcionada por uma qualidade de vida provinda da nova previdência social.
- d) o pássaro maior ter traduzido, com um subterfúgio irônico, os novos parâmetros de aposentadoria da previdência social.
- e) o pássaro maior ter a autoestima elevada ao saber-se, reconhecido pela previdência social, alguém com juventude prolongada.

Exercício 145

(G1 - cp2 2019)

TURMA DO XAXADO



Texto de Antônio Cedraz publicado no livro *Xaxado*: ano 1 (Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2003)

Pode-se apontar como causa da mudança de atitude do personagem, no último quadrinho, o fato de

- a) identificar-se culturalmente com o cartaz do último quadrinho.
- b) admirar o trabalho do ator do cartaz do último quadrinho.
- c) não apreciar o figurino dos personagens dos quadrinhos anteriores.
- d) não gostar dos filmes de ação anunciados nos dois primeiros quadrinhos.

Exercício 146

ARMANDINHO

Alexandre Beck



Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>>. Acesso em: 05 set. 2018.

(G1 - cmrj 2019) Na tira do Armandinho, a palavra “não” é usada em dois momentos distintos. Assinale a alternativa que melhor analisa a relação entre as duas ocorrências.

- a) O segundo “não” contradiz o primeiro “não”, e eles indicam intenções distintas.
- b) O segundo “não” confirma o primeiro “não”, e eles indicam intenções semelhantes.
- c) O primeiro “não” reafirma o segundo “não”, pois ambos apresentam sentidos idênticos.
- d) O segundo “não” desfaz o primeiro “não”, pois este foi usado com o intuito da manipulação.
- e) O primeiro “não” desfaz o segundo “não”, pois este foi usado com o intuito da manipulação.

Exercício 147

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

¹As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888, mais ou menos, a 1891, ²quando parti pela ³primeira vez para a Europa, li, com ⁴grande ⁵interesse, todos os livros ⁶desse ⁷grande ⁸vidente da locomoção aérea e ⁹submarina.

Estava ¹⁰eu em Paris quando, na véspera de partir para o Brasil, fui, com meu pai, visitar ¹¹uma exposição de máquinas no ¹²desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu ¹³espanto quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo, da ¹⁴força de um cavalo, muito compacto, e leve, em comparação aos que eu conhecia, e... funcionando! ¹⁵Parei diante dele como que pregado pelo destino. Estava completamente fascinado. Meu pai, ¹⁶distraído, continuou a andar até que, depois de alguns passos, dando pela ¹⁷minha falta, voltou, perguntando-¹⁸me o que havia. ¹⁹Contei-²⁰lhe a minha admiração de ver funcionar aquele motor, e ele me respondeu: “Por hoje ²¹basta”. Aproveitando-me dessas palavras, pedi-lhe licença para fazer meus estudos em Paris. Continuamos o passeio, e meu pai, como distraído, não me respondeu. Nessa ²²mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai anunciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar meus estudos. ²³Nessa mesma noite corri vários livrinhos; comprei todos os livros que encontrei sobre balões e viagens aéreas.

²⁴Diante do motor a petróleo, tinha ²⁵sentido a possibilidade de tornar reais as ²⁶fantasias de Júlio Verne. Ao motor a petróleo dei, ²⁷mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade de ser o primeiro a empregá-lo nos ares.

Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa minha, convidou-²⁸me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a um cartório de tabelião, mandou lavar escritura de minha emancipação. Tinha ²⁹eu dezoito anos. ³⁰De volta à casa, chamou-me ao escritório e disse-me: “Já lhe dei ³¹hoje a liberdade; ³²aqui está mais este capital”, e entregou-me títulos no valor de muitas centenas de contos. “³³Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um adulto; prefiro que não se ³⁴faça doutor; em Paris, você procurará um especialista em física, química, mecânica, eletricidade, etc., estude essas matérias e não ³⁵esqueça que o futuro do mundo está na mecânica”.

Adaptado de DUMONT, Santos. *O que eu vi, o que nós veremos*. Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de Marcos Villares.

(Ufrgs 2020) Assinale a alternativa que está de acordo com os modos de organização da composição do texto.

a) Predomina o caráter argumentativo, porque o autor quer provar ao leitor a importância da sua invenção.

b) Há mistura de exposição com descrição, verificada pela presença de verbos no presente e no passado.

c) Há mistura de narração com descrições, porque o autor relata ações passadas com caracterização de objetos.

d) Há mistura de narração e diálogos, porque o autor movimentase entre o passado dos acontecimentos e o presente em que escreve.

e) Predomina a exposição, porque o autor apresenta fatos que podem ser generalizados e universalizados para os leitores.

Exercício 148

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

Cena 1

¹Em uma madrugada ²chuvosa, um trabalhador residente em São Paulo ³acorda, ao ⁴amanhecer, às cinco ⁵horas, toma ⁶rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até o trabalho. ⁷Mas, em um desses inúmeros dias, ouve pelo rádio que ⁸uma das avenidas de sua habitual rota está totalmente congestionada. A partir dessa informação e ⁹enquanto dirige, o trabalhador inicia um processo mental analítico para escolher uma rota alternativa que o faça chegar _____¹_____ empresa no horário de sempre.

¹⁰Para decidir sobre essa nova rota, ele deverá considerar¹¹: a nova distância a ser percorrida, o tempo gasto no deslocamento, a quantidade de cruzamentos existentes em cada rota, em qual das rotas encontrará chuva e em quais rotas passará por áreas sujeitas a alagamento.

Cena 2

¹²Mais tarde no mesmo dia, um casal residente na mesma cidade obtém financiamento imobiliário e ¹³decide pela compra de um apartamento. São inúmeras opções de imóveis à venda. Para a escolha adequada do local de sua morada em São Paulo, o casal deverá levar em conta, além do valor do apartamento, também outros critérios¹⁴: variação do preço dos imóveis por bairro, distância do apartamento até a escola dos filhos pequenos, tempo gasto entre o apartamento e o local de emprego do casal, preferência por um bairro tranquilo e existência de linha de ônibus integrada ao metrô nas proximidades do imóvel – entre outros critérios.

Essas duas cenas urbanas descrevem situações comuns _____²_____ passam diariamente muitos dos cidadãos residentes em grandes cidades. ¹⁵As ¹⁶protagonistas têm em comum a angústia de tomar uma decisão complexa, ¹⁷escolhida dentre várias possibilidades oferecidas pelo espaço geográfico. Além de mostrar que a geografia é vivida no cotidiano, as duas cenas mostram também que, para tomar a decisão que _____³_____ seja mais conveniente, nossas ¹⁸protagonistas deverão realizar, primeiramente, uma ¹⁹análise geoespacial da cidade. Em ambas as cenas, essa análise se desencadeia a partir de um sistema cerebral composto de ²⁰informações geográficas representadas internamente na forma de mapas mentais que induzirão as três protagonistas a tomar suas decisões. Em cada cena podemos visualizar uma pergunta espacial. Na primeira, o trabalhador pergunta: ²¹“qual a melhor rota a seguir, desde este ponto onde estou até o local de meu trabalho, neste horário de segunda-feira?” Na segunda, o questionamento seria: “qual é o lugar da cidade que reúne todos os critérios geográficos adequados à nossa moradia?”

²²A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, enquanto a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial.

²³A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas ²⁴similares, em computador, _____⁴_____ respostas dependem da organização espacial de informações geográficas em um determinado tempo. Dada a complexidade dos modelos, muitas técnicas de análise geoespacial foram transformadas em linguagem computacional e reunidas, posteriormente, em um sistema de informação geográfica. Esse fato geotecnológico contribuiu para a ²⁵popularização da análise geoespacial realizada em computadores²⁶, que atualmente é simplificada pelo termo geoprocessamento.

Adaptado de: FERREIRA, Marcos César. *Iniciação à análise geoespacial*: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 33-34.

(Ufrgs 2019) O texto apresenta diferentes modos de organização em sua composição.

Na coluna da superior, abaixo, são listados modos de organização do texto; na inferior, passagens que correspondem,

predominantemente, a esses modos de organização.

Associe corretamente a coluna superior à inferior.

1. Modo descritivo
2. Modo explicativo
3. Modo narrativo

() Em uma madrugada chuvosa, [...] (ref. 1).

() acorda, ao amanhecer, às cinco horas, toma rapidamente o café da manhã, dirige-se até o carro, acessa a rua, e, como de costume, faz o mesmo trajeto até o trabalho (ref. 3).

() uma das avenidas de sua habitual rota está totalmente congestionada (ref. 8).

() A cena 1 é um exemplo clássico de análise de redes, a cena 2 é um exemplo clássico de alocação espacial – duas das técnicas mais importantes da análise geoespacial (ref. 22).

() A análise geoespacial reúne um conjunto de métodos e técnicas quantitativos dedicados à solução dessas e de outras perguntas similares, em computador, [...] (ref. 23).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

a) 3 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 3 – 1 – 2 – 2.

c) 3 – 3 – 1 – 1 – 3.

d) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

e) 1 – 3 – 3 – 1 – 2.

Exercício 149

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O homem deve reencontrar o Paraíso...

Rubem Alves

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo poeta: *Navegar é preciso*, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se

tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber *como as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: *Viver não é preciso*. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas...* Cecília Meireles: *Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo*. E Nietzsche: *Amareis a terra de vossos filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos...* Viver é navegar no grande mar!

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importada é a velocidade com que navegamos*.

C Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de *para onde* navegamos. *Para onde?* Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do *para onde*. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como *sonho impossível de ser realizado*. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... ora! não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminho, se não fora! A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular?* E conclui: *E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo.*

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico.*

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: *Navegar é preciso. Viver não é preciso.*

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.* O paraíso é o jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado *progresso*. Está na bandeira nacional... E, *quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

(Efomm 2018) Assinale a alternativa em que fragmento do texto que, quanto ao tipo textual, pode se classificar como **descritivo**.

a) *Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar. O céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver (...)*

b) *Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço.*

c) *Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos saberes necessários (...)*

d) *Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com os sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber 'como as coisas funcionam', tudo ignora sobre o coração humano.*

e) *Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas...*

Exercício 150

Um cachorro cor de carvão dorme no azul etéreo de uma rede de pesca enrolada sobre a grama da Praça Vinte e Um de Abril. O sol bate na frente nos degraus cinzentos da escadaria que sobe a encosta do morro até a Igreja da Matriz. A ladeira de paralelepípedos curta e íngreme ao lado da igreja passa por um galpão de barcos e por uma casa de madeira pré-moldada. Acena para a velhinha marrom que toma sol na varanda sentada numa cadeira de praia colorida. O vento nordeste salgado tumultua as árvores e as ondas. Nuvens esparramadas avançam em formação do mar para o continente como um exército em transe. A ladeira faz uma curva à esquerda passando em frente a um predinho do século dezoito com paredes brancas descascadas e janelas recém-pintadas de azul-cobalto.

GALERA, D. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

A descrição, subjetiva ou objetiva, permite ao leitor visualizar o cenário onde uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam. O fragmento do romance caracteriza-se como uma descrição subjetiva porque

a) constrói sequências temporais pelo emprego de expressões adverbiais.

b) apresenta frases curtas, de ordem direta, com elementos enumerativos.

c) recorre a substantivos concretos para representar um ambiente estático.

d) cria uma ambiência própria por meio de nomes e verbos metaforizados.

e) prioriza construções oracionais de valor semântico de oposição.

Exercício 151

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz. Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular.

"Icterícia." Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

(G1 - ifsp 2016) Levando em consideração o texto "Tintim", de Luis Fernando Veríssimo, e a forma de organização do discurso em narração, descrição e dissertação, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

() "Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico,

como a braça, a légua, etc.". A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a narração.

() "É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas." A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a descrição.

() "Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. "Triz", diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para "triz". Substantivo feminino. Popular". A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a descrição.

() "Originalmente, portanto, "tintim por tintim" indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito". A forma de organização do discurso que prevalece no trecho é a dissertação.

a) V, V, F, F.

b) F, V, V, V.

c) V, F, F, V.

d) F, V, F, F.

e) V, V, F, V.

Exercício 152

(Ufu 2015) O McSorley's ocupa o térreo de um prédio de tijolinhos vermelhos, é o número 15 da rua 7, vizinho à Cooper Square, onde termina a Bowery. Foi inaugurado em 1854 e é o bar mais antigo de Nova York. Em seus 86 anos, teve quatro proprietários – um imigrante irlandês, seu filho, um policial aposentado, sua filha –, todos eles avessos a mudanças. Embora disponha de energia elétrica, o bar teima em ser iluminado por duas lâmpadas a gás – toda vez que alguém abre a porta, a luz oscila e projeta sombras no teto baixo coberto de teias de aranha. Não há caixa registradora. As moedas são atiradas em tigelas – uma para as de 5 centavos, uma para as de 10, uma para as de 50 –, e as notas são guardadas num cofre de madeira.

(Este texto foi publicado na década de 40 pela revista *The New Yorker*. As datas do original foram mantidas)

MITCHEL, Josef. O bar do McSorley. *Piauí*. São Paulo, ano 9, n. 100, p. 42, jan. 2015. (Fragmento).

No fragmento, retirado de um texto em que se conta a história de um bar nova-iorquino, são predominantes as sequências textuais de tipo

a) expositivo.

b) narrativo.

c) descritivo.

d) argumentativo.

Exercício 153

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o trecho, a seguir, retirado do livro *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, e responda.

Saí, em busca de Cícero Araújo ou sei lá de quê, mas sem despir-me dessa nova Alice, arisca e áspera, que tinha brotado e se esgalhado nesses últimos meses e tratava de escamotear-se, perder-se num mundo sem porteira, fugir ao controle de quem quer que fosse. Tirei o interfone do gancho e o deixei balançando, pendurado no fio, bati a porta da cozinha e desci correndo pela escada de serviço, esperando que o porteiro se enfiasse na guarita pra responder ao interfone de frente pro saguão, de modo que eu pudesse sair de fininho, por trás dos pilotis, e escapar sem ser vista. Não me importava nada o que haveria de acontecer com o interfone nem com o porteiro.

Ganhei a rua e saí a esmo, querendo dar o fora dali o mais depressa possível, como se alguém me vigiasse ou me perseguisse, mas saí andando decidida, como se soubesse perfeitamente aonde ia, pisando duro, como nunca tinha pisado em parte alguma da minha antiga terra, lá onde eu sempre soube ou achava que sabia que rumo tomar. Saí, sem perguntar nada ao guri da banca da esquina nem a ninguém, até que me visse a uma distância segura daquele endereço que me impingiram e onde eu me sentia espionada, sabe-se lá que raio de combinação eles tinham com os porteiros, com os vizinhos? Olhe só, Barbie, como eu chegava perigosamente perto da paranoia e ainda falo “deles” como se fossem meus inimigos, minha filha e meu genro

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 95-96.

(Uel 2019) Com base no trecho e no romance, considere as afirmativas a seguir acerca da narradora.

I. No trecho “... esperando que o porteiro se enfiasse na guarita pra responder ao interfone de frente pro saguão...”, apesar de a narradora estar em primeira pessoa, assim como no restante do romance, ela é também onisciente no contato com diversas personagens.

II. A narradora alterna passagens que contêm o relato das próprias ações, como em “Tirei o interfone do gancho e o deixei balançando, pendurado no fio, bati a porta da cozinha e desci correndo pela escada de serviço...”, com trechos que são suposições dos atos de personagens.

III. Há momentos no trecho dedicados à expressão de sentimentos provocados pelas próprias ações da narradora-protagonista, como em: “Não me importava nada o que haveria de acontecer com o interfone nem com o porteiro.”

IV. O trecho apresenta passagens em que a narradora-protagonista faz conjecturas sobre conspirações armadas por

outras personagens, como em: “... sabe-se lá que raio de combinação eles tinham com os porteiros, com os vizinhos?”

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 154

(Ufu 2018) Não sei – respondeu dona Carochinha – mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca de Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar rouge na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 33. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 11.

a) Explique como se dá o processo de intertextualidade no texto de Monteiro Lobato.

b) Transcreva **um** exemplo de sequência textual narrativa e **um** exemplo de sequência textual descritiva, retiradas do texto.

Exercício 155

(Upf 2017) O foco narrativo do(a) _____, adotado por Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, revela-se uma escolha estratégica, por parte do autor, no sentido de _____ a distância entre o leitor urbano e o universo das diferentes personagens, em cujas mentes o discurso localiza, alternadamente, o leitor.

Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas da afirmação anterior.

a) narrador onisciente neutro / ampliar.

b) “eu” como testemunha / anular.

c) narrador onisciente neutro / reduzir.

d) “eu” como testemunha / ampliar.

e) onisciência seletiva múltipla / reduzir.

Exercício 156

Nostalgia do futuro

Em uma fazenda americana, nos anos 60, o garoto Frank Walker (Thomas Robinson) persegue o sonho de inventar uma engenhoca capaz de fazê-lo voar. O pai lhe dá uma bronca por perder tempo com tal sandice. Seu primeiro teste revela-se um doloroso anticlímax. Nem por isso Frank desanima. “Não vou desistir nunca”, diz. O filete de autoajuda contido na frase é uma premonição do gosto que restará na garganta do espectador ao fim de *Tomorrowland* (Estados Unidos, 2015). Na produção da Disney em cartaz no país, o personagem sonhador surge, já adulto, na pele de George Clooney, para narrar os estranhos fatos que se seguiram à apresentação de sua máquina na Feira Mundial de Nova York, em 1964. Na ocasião, o garoto é humilhado pelo chefe da comissão de novas invenções do evento, Nix (Hugh Laurie). Mas a enigmática menina Athena (Raffey Cassidy) vê tudo e percebe que está diante de alguém especial. O rumo da vida de Frank muda quando ela lhe dá de presente um item prosaico – um broche com a letra T. Ao passear em um brinquedo que parece saído dos parques de diversões da Disney, ele atravessa o portal para outra dimensão: na *Tomorrowland* do título, os cidadãos voam em versões modernas de seu propulsor e aerotrens cruzam os ares em meio à selva de edifícios *high-tech*. Corta para o começo dos anos 2000. Filha de um engenheiro da Nasa ameaçado de perder o emprego com o ocaso da indústria espacial, a adolescente Casey Newton (Britt Robertson) vai para a cadeia após invadir a base de Cabo Canaveral, na Flórida. Por vias misteriosas, um broche como o de Frank cai em suas mãos. Da mesma forma que ocorrera com o garoto décadas antes, o artefato a transportará para a cidade futurista. Com um empurrão da mesma menina enigmática, Casey se conecta ao adulto Frank, ao lado de quem tentará impedir um cataclismo relacionado àquele mundo paralelo.

Tomorrowland deriva da ala futurista homônima que se pode visitar em vários parques da Disney – cujo espírito também está na base do Epcot, em Orlando. A ideia de um futuro de arquitetura sinuosa e modalidades flamantes de transporte era fixação do fundador da companhia, Walt Disney (1901-1966). No momento em que seu primeiro parque está para completar sessenta anos, é curioso notar como envelheceu aquela noção de futuro – assim como tantas outras desde os livros do francês Júlio Verne, que descreviam, com as lentes do século XIX, um mundo por vir. Apesar do frenesi de videogame, *Tomorrowland* cheira a um compêndio de design retrô, com seus robôs e naves malucas. Como fica explícito em sua ode à era da corrida espacial, o filme expressa um paradoxo: a nostalgia do futuro. Até porque o futurismo dos parques da Disney foi assimilado na arquitetura pós-moderna de cidades como Dubai, Xangai ou Las Vegas. Disney, enfim, ajudou a moldar o mundo de hoje – só que, no processo, seu futurismo virou item de museu.

Na verdade, o componente nostálgico é um fator de empatia do filme. O deslize está em outro detalhe: a indecisão existencial. *Tomorrowland* fica a meio caminho entre a aventura juvenil e a distopia tecnológica à la *Matrix*. Para os jovens, a pirotecnia não compensará o enfado com tanto papo-cabeça – o que talvez explique por que a produção de 180 milhões de dólares decepcionou nas bilheterias americanas. Para os adultos, a causa da frustração será diversa: sob a casca futurista, há um artigo

requeentadíssimo – a mensagem edificante de que as pessoas não devem se deixar anestesiarem diante da ameaça do aquecimento global e das guerras. Com essa conversa para robô dormir, nem os cabelos grisalhos de George Clooney fariam algum filme ter futuro.

Marcelo Marthe. *Veja*, ed. 2429, ano 48, nº 23, 10 de jun. 2015. p. 110-111. Adaptado.

(Upe-ssa 2 2016) O texto, como outros gêneros, se estrutura em mais de um tipo textual, um deles, o tipo narrativo. O enredo de *Tomorrowland* é narrado sob o ponto de vista de quem assistiu ao filme (não de um de seus personagens). A voz do narrador aparece relatando a história do filme na sequência:

- “Em uma fazenda americana, nos anos 60, o garoto Frank Walker (Thomas Robinson) persegue o sonho de inventar uma engenhoca capaz de fazê-lo voar. O pai lhe dá uma bronca por perder tempo com tal sandice.” (1º parágrafo).
- “*Tomorrowland* deriva da ala futurista homônima que se pode visitar em vários parques da Disney – cujo espírito também está na base do Epcot, em Orlando.” (2º parágrafo).
- “Apesar do frenesi de videogame, *Tomorrowland* cheira a um compêndio de design retrô, com seus robôs e naves malucas. Como fica explícito em sua ode à era da corrida espacial, o filme expressa um paradoxo: a nostalgia do futuro.” (2º parágrafo).
- “Na verdade, o componente nostálgico é um fator de empatia do filme. O deslize está em outro detalhe: a indecisão existencial. *Tomorrowland* fica a meio caminho entre a aventura juvenil e a distopia tecnológica à la *Matrix*.” (3º parágrafo).
- “Para os jovens, a pirotecnia não compensará o enfado com tanto papo-cabeça – o que talvez explique por que a produção de 180 milhões de dólares decepcionou nas bilheterias americanas.” (3º parágrafo)

Exercício 157

(Fuvest 2021) Leia os textos para responder à questão.

TEXTO 1



Postagem de Instagram, conta do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM).

TEXTO 2

Uma dentre as várias equações que fundam o Brasil enquanto país é: governar é produzir incêndios. Marcado por uma ideia de modernidade impulsionada pela crença de que modernizar é tomar posse de um terreno baldio, amorfo, pretensamente sem culturas autóctones ditas desenvolvidas, a fim de torná-lo “produtivo”, o Brasil foi criado por incêndios. Diante das queimadas que agora retomam, devemos nos lembrar que a destruição pelo fogo é nossa maior herança colonial.

V. Safatle, "Governar e produzir incêndios". Adaptado.

- Reescreva o fragmento “pretensamente sem culturas autóctones ditas desenvolvidas”, substituindo as palavras sublinhadas por outras de sentido equivalente.
- Explique por que tanto o enunciado “É fogo”, no texto 1, quanto “governar é produzir incêndios”. no texto 2, apresentam mais de um sentido no contexto em que foram empregados.

Exercício 158

(Fuvest 2020) Adaptados a esse idioma que se transforma conforme a plataforma, os memes e textões dominaram a rotina desta década como modos de a gente rir, repercutir notícias, dividir descontentamentos, colocar o dedo em feridas, relatar injustiças e até se informar. Entraram logo no vocabulário para além da internet: "virar meme", "dar textão". Suas características também interferiram no jeito de compreender o mundo e expressar o que acontece à nossa volta. Viktor Chagas, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), os vê como manifestações culturais de grande relevância para entender o período e, também, como "extravasadores de afetos". [...]

Por mais que o textão seja "ão", assim como o meme ele é uma expressão sintética típica de hoje, explica Viktor Chagas. Mesmo o textão mais longo na verdade é um textinho: faz parte da lógica do espaço em que circula.

TAB UOL, “Vim pelo meme e era textão”. Disponível em <https://tab.uol.com.br/>. Adaptado.

- Retire do texto dois argumentos que justifiquem a caracterização de “memes e textões” como “extravasadores de afetos”.
- Em que sentido pode se afirmar que não há uma contradição no trecho “Mesmo o textão mais longo na verdade é um textinho”?

Exercício 159

(Fuvest 2020) Examine a capa da revista Superinteressante, publicada em julho de 2019.



- Indique o duplo sentido presente na manchete de capa da revista, explicitando os elementos linguísticos utilizados.
- Explique como a imagem e o texto se combinam na construção do sentido.

Exercício 160

Fuvest 2018) Examine o cartum.



Frank e Ernest – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- semelhança entre a língua de origem e a local.
- falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

Exercício 161

Examine este cartum para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

(Fuvest 2016) Para obter o efeito de humor presente no cartum, o autor se vale, entre outros, do seguinte recurso:

- a) utilização paródica de um provérbio de uso corrente.
- b) emprego de linguagem formal em circunstâncias informais.
- c) representação inverossímil de um convívio pacífico de cães e gatos.
- d) uso do grotesco na caracterização de seres humanos e de animais.
- e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

Exercício 162

Examine este cartum para responder à(s) questão(ões) a seguir.



Robert Mankoff, New Yorker/Veja.

(Fuvest 2016) No contexto do cartum, a presença de numerosos animais de estimação permite que o juízo emitido pela personagem seja considerado

- a) incoerente.
- b) parcial.
- c) anacrônico.
- d) hipotético.
- e) enigmático.

Exercício 163

(Ufrpr 2020)

Por que as lhamas podem guardar o segredo para combater a gripe

Cientistas americanos recrutaram uma curiosa aliada para desenvolver tratamentos contra a gripe: a lhama. O sangue desse animal sul-americano foi utilizado para produzir uma nova terapia com anticorpos que têm o potencial de combater todos os tipos de gripe.

A gripe é uma das doenças mais hábeis na hora de mudar de forma. Constantemente, modifica sua aparência para despistar nosso sistema imunológico. Isso explica porque as vacinas nem sempre são efetivas e, a cada inverno, é necessário receber uma nova injeção para prevenir a doença.

Por isso, a ciência está à procura de uma forma de acabar com todos os tipos de gripe, não importando de qual cepa provenha ou o quanto possa sofrer mutações. É aí que entra a lhama.

Esses animais, nativos dos Andes, têm anticorpos incrivelmente pequenos em comparação com os dos humanos. Os anticorpos são as armas do sistema imunológico, e aderem às proteínas que sobressaem na superfície dos vírus.

Os anticorpos humanos tendem a atacar as pontas dessas proteínas, _____ essa é a parte em que o vírus da gripe muda com mais rapidez. _____ os anticorpos da lhama, com seu tamanho diminuto, conseguem atacar as partes do vírus da gripe que não sofrem mutação.

Uma equipe do Instituto Scripps, nos Estados Unidos, infectou lhamas com múltiplos tipos de gripe, para estimular uma resposta do seu sistema imunológico. Em seguida, analisou o sangue dos animais, procurando pelos anticorpos mais potentes, que poderiam atacar uma ampla variedade de vírus.

Os cientistas, _____, identificaram quatro anticorpos das lhamas. Depois, começaram a desenvolver um anticorpo sintético, que une elementos desses quatro tipos.

O trabalho, que foi publicado na revista científica Science, ainda está em estágios muito iniciais. A equipe de cientistas pretende realizar mais experimentos antes de fazer testes com humanos. "Ter um tratamento que possa funcionar contra uma variedade de cepas diferentes do vírus da gripe é algo muito desejado. É o Santo Graal da gripe", afirma o professor Jonathan Ball, da Universidade de Nottingham.

(James Gallagher, Correspondente de Saúde e Ciência, BBC News. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?](https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY)

[ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY](https://www.bbc.com/portuguese/geral-46101443?ocid=socialflow_facebook&fbclid=IwAR1Bj0yRbAN1yzVPG9X8H0KC2BwjmlY). Acesso em 07/07/2019. Adaptado.)

Ao comparar a vacina contra diferentes cepas do vírus da gripe ao Santo Graal, o professor Jonathan Ball quis dizer que:

- a) tanto o Santo Graal quanto a vacina são buscados com afincos.
- b) a descoberta da vacina e do Santo Graal cabe a pessoas com aptidões especiais.
- c) o Santo Graal e a vacina têm o sangue como elemento em comum.
- d) tanto o Santo Graal como a imunização pelas vacinas são lendas.
- e) tanto a vacina quanto o Santo Graal apresentam-se em mais de uma forma.

Exercício 164

(Ufpr 2019) Leitor e admirador de Basílio da Gama, e escritor já consagrado pela publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, Machado de Assis lança *Várias histórias* (1895). O livro reúne 16 contos, publicados anteriormente no jornal Gazeta de Notícias entre 1884 e 1891. Sobre Machado de Assis, leia o seguinte texto:

Um século depois de sua morte, Milton Hatoum afirma que os leitores atuais “nas narrativas breves do Bruxo vão encontrar os temas dos grandes romances: a loucura, o adultério, o jogo de sedução e poder, os carreiristas e alpinistas sociais, e a combinação de falta de escrúpulos e crueldade nas atitudes de determinada elite brasileira do século XIX. Um século depois da morte de Machado, alguns desses temas perduram, porque fazem parte constitutiva da natureza humana. Quanto à crueldade de uma elite que cultiva privilégios... até nisso Machado acertou em cheio, e com um pessimismo e uma ironia que nos deixam sem fôlego”.

(*Terra magazine*. Publicado em 22/09/2008. Disponível em:

<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,0I3198423->

El6619,00-Machado+ de+Assis+um+seculo+depois.html>.)

Com base na leitura integral dos contos de *Várias histórias* e no trecho citado de Milton Hatoum, assinale a alternativa que propõe a associação correta entre tema central e conto.

- a) O conto “Trio em lá menor” tem como tema central “a combinação de falta de escrúpulos e crueldade nas atitudes de determinada elite brasileira do século XIX”.
- b) O conto “A causa secreta” tem como tema central a descrição de personagens “carreiristas e alpinistas sociais”.
- c) O conto “Mariana” tem como tema central “a loucura”.
- d) O conto “Adão e Eva” tem como tema central a suposição ou concretização do “adultério”.
- e) O conto “O diplomático” tem como tema central “o jogo de sedução”.

Exercício 165

(Ufpr 2019) A explosão das medusas em todo o mundo se deve a uma série de fatores inter-relacionados. Uma das principais causas é o excesso de pesca de seus predadores naturais, como o atum, o que ao mesmo tempo elimina a concorrência pelo alimento e o espaço de reprodução. Em paralelo, diversas atividades humanas em regiões costeiras também ajudam a explicar o fenômeno: ali onde enormes quantidades de nutrientes são jogadas no mar (em forma de resíduos agrícolas, por exemplo), produzindo grandes explosões de populações de algas e plânctons, que consomem o oxigênio da água e geram as denominadas zonas mortas. Não muitos peixes e mamíferos aquáticos conseguem sobreviver nelas, mas as medusas sim, além de encontrarem no plâncton uma fonte de alimentação abundante e ideal. Quando as populações de medusas conseguem se estabelecer, as larvas de outras espécies acabam sendo parte do cardápio também, desequilibrando a cadeia trófica.

As medusas são, além disso, um dos poucos vencedores naturais da mudança climática, já que seu ciclo reprodutivo é favorecido pelo aumento da temperatura nos ciclos oceânicos. Mas há mais fatores. Existem evidências de que certas espécies de medusa se reproduzem com mais facilidade junto a estruturas costeiras artificiais, como molhes e píeres. Por isso, é difícil saber se os

esforços para deter, ou até reverter a mudança climática, representam uma solução à crescente presença de medusas nos mares, pelo menos enquanto continuem gerando problemas em ecossistemas costeiros e cadeias alimentares marinhas. [...] No entanto – e não muito longe de Monte Hermoso – um cientista elucubra uma ideia mais interessante: se queremos resolver o problema das medusas, temos de parar de vê-las como um mal, e começar a vê-las como comida.

(Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/18/ciencia/1537282711_8640

Entre principais e secundários, o texto menciona como causas de origem antrópica da proliferação de medusas:

- a) 2 fatores.
- b) 3 fatores.
- c) 4 fatores.
- d) 6 fatores.
- e) 7 fatores.

Exercício 166

(Ufpr 2019)

‘Ferrugem’: um ótimo nacional encara o cyberbullying

Um celular perdido, um vídeo viralizado, e Tati, de 16 anos, se vê no meio de um furacão que abalaria qualquer um – e muito mais uma menina a quem ainda falta o equipamento emocional para lidar com uma situação tão drástica de exposição da intimidade e de ostracismo social. Os amigos e amigas vão caindo fora; com os pais, ela não consegue falar. Renet, o garoto com quem ela começava a engatar um flerte quando tudo começou, dá as costas a ela. E Tati, interpretada pela ótima novata Tiffany Dopke, de fisionomia suave e jeitinho cativante, sucumbe à pressão. ‘Ferrugem’, do diretor Aly Muritiba, é um dos pontos altos de uma safra surpreendentemente boa do cinema nacional nos últimos meses (completada ainda por ‘Aos Teus Olhos’, ‘As Boas Maneiras’, ‘O Animal Cordial’ e ‘Benzinho’). Da agitação e cacofonia dessa primeira parte do filme, Muritiba vai, na segunda metade, para um estilo oposto: com atenção e reflexão, acompanha o sofrimento de Renet (o também muito bom Giovanni de Lorenzi) com as consequências do episódio que afetou Tati. Aqui, duas visões morais muito distintas se opõem: a do pai (Enrique Diaz), que quer poupar Renet, e a da mãe (a calorosa Clarissa Kiste), que quer obrigá-lo a enfrentar os fatos. Maduro, lúcido, muito bem escrito e filmado, ‘Ferrugem’ está na comissão de frente dos possíveis indicados do Brasil ao Oscar do ano que vem.

(Disponível em: <[https://veja.abril.com.br/tveja/em-](https://veja.abril.com.br/tveja/em-cartaz/ferrugem-um-otimo-nacional-encara-o-cyberbullying/)

cartaz/ferrugem-um-otimo-nacional-encara-o-cyberbullying/>.

Acesso em 31/08/2018.)

Com base no texto, identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas:

- () O filme “Ferrugem”, segundo a reportagem apura, concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano que vem.
- () O filme “Ferrugem” narra a história de uma menina, Tati, que tem sua intimidade exposta publicamente depois de perder o celular.
- () O filme apresenta duas linhas narrativas: uma agitada e dissonante, e outra, psicológica e reflexiva.
- () O filme “Ferrugem” critica a exposição descuidada dos adolescentes em redes sociais.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) F – F – V – V.
- b) F – V – V – F.
- c) V – F – F – V.
- d) V – V – F – F.
- e) V – F – V – V.

Exercício 167

(Ufpr 2016)

Famílias em transformação

O projeto de lei que cria o Estatuto da Família colocou na pauta do dia a discussão a respeito do conceito de família. Afinal, o que é família hoje? Alguém aí tem uma definição, para a atualidade, que consiga acolher todos os grupos existentes que vivem em contextos familiares?

A Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa: “Família é a união entre homem e mulher, por meio de casamento ou de união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos”. Essa é a definição aprovada pela Câmara para o projeto cuja finalidade é orientar as políticas públicas quanto aos direitos das famílias – essas que se encaixam na definição proposta –, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação. Vou deixar de lado a discussão a respeito das injustiças, preconceitos e exclusões que tal definição comporta, para conversar a respeito das famílias da atualidade.

Desde o início da segunda metade do século passado, o conceito de família entrou em crise, e uso a palavra crise no sentido mais positivo do termo: o que aponta para renovação e transição; mudança, enfim. Até então, tínhamos, na modernidade, uma configuração social hegemônica de família, que era pautada por um tipo de aliança – entre um homem e uma mulher – e por relações de consanguinidade. As mudanças ocorridas no mundo determinaram inúmeras alterações nas famílias, não apenas em seu desenho, mas, principalmente, em suas dinâmicas.

E é importante aceitar essa questão: não foram as famílias que provocaram mudanças na sociedade; esta é que determinou muitas mudanças nas famílias. Só assim iremos conseguir enxergar que a família não é um agente de perturbação da sociedade. É a sociedade que tem perturbado, e muito, o funcionamento familiar. Um exemplo? Algumas mulheres renunciam ao direito de ficar com o filho recém-nascido durante todo o período da licença-maternidade determinado por lei, porque isso pode atrapalhar sua carreira profissional. Em outras palavras: elas entenderam que a sociedade prioriza o trabalho em detrimento da dedicação à família. É assim ou não é?

Se pudéssemos levantar um único quesito que seria fundamental para caracterizar a transformação de um agrupamento de pessoas em família, eu diria que é o vínculo, tanto horizontal quanto vertical. E, hoje, todo mundo conhece grupos de pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que têm relação de parentesco que não se constituem verdadeiramente em família, por absoluta falta de vínculo entre seus integrantes.

Os novos valores sociais têm norteado as pessoas para esse caminho. Vamos lembrar valores decisivos para nossa sociedade: o consumo, que valoriza o trabalho exagerado, a ambição desmedida e o sucesso a qualquer custo; a juventude, que leva adultos, independentemente da idade, a adotar um estilo de vida juvenil, que dá pouco espaço para o compromisso que os vínculos

exigem; a busca da felicidade, identificada com satisfação imediata, que leva a trocas sucessivas nos relacionamentos amorosos, como amizades e par afetivo, só para citar alguns exemplos. O vínculo afetivo tem relação com a vida pessoal. O vínculo social, com a cidadania. Ambos estão bem frágeis, não é?

SAYÃO, Rosely. <www.folhaonline.com.br>. Em 29 set. 2015.

Com base no texto, considere as seguintes afirmativas:

1. O conceito de família adotado no projeto de lei que cria o Estatuto da Família corresponde à composição familiar predominante na primeira metade do século XX.
2. Uma família se constitui pelo vínculo entre pessoas, sejam da mesma geração, sejam de gerações diferentes.
3. A ausência de vínculo afetivo entre pessoas que têm relação de parentesco é um fator de desestabilização da sociedade.
4. O conceito de família aprovado pela Câmara dos Deputados exclui do escopo das políticas públicas parte dos agrupamentos familiares existentes.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.

Exercício 168

(Ufpr 2016)

Famílias em transformação

O projeto de lei que cria o Estatuto da Família colocou na pauta do dia a discussão a respeito do conceito de família. Afinal, o que é família hoje? Alguém aí tem uma definição, para a atualidade, que consiga acolher todos os grupos existentes que vivem em contextos familiares?

A Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa: “Família é a união entre homem e mulher, por meio de casamento ou de união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos”. Essa é a definição aprovada pela Câmara para o projeto cuja finalidade é orientar as políticas públicas quanto aos direitos das famílias – essas que se encaixam na definição proposta –, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação. Vou deixar de lado a discussão a respeito das injustiças, preconceitos e exclusões que tal definição comporta, para conversar a respeito das famílias da atualidade.

Desde o início da segunda metade do século passado, o conceito de família entrou em crise, e uso a palavra crise no sentido mais positivo do termo: o que aponta para renovação e transição; mudança, enfim. Até então, tínhamos, na modernidade, uma configuração social hegemônica de família, que era pautada por um tipo de aliança – entre um homem e uma mulher – e por relações de consanguinidade. As mudanças ocorridas no mundo determinaram inúmeras alterações nas famílias, não apenas em seu desenho, mas, principalmente, em suas dinâmicas.

E é importante aceitar essa questão: não foram as famílias que provocaram mudanças na sociedade; esta é que determinou muitas mudanças nas famílias. Só assim iremos conseguir enxergar que a família não é um agente de perturbação da sociedade. É a sociedade que tem perturbado, e muito, o funcionamento familiar. Um exemplo? Algumas mulheres renunciam ao direito de ficar com o filho recém-nascido durante

todo o período da licença-maternidade determinado por lei, porque isso pode atrapalhar sua carreira profissional. Em outras palavras: elas entenderam que a sociedade prioriza o trabalho em detrimento da dedicação à família. É assim ou não é? Se pudéssemos levantar um único quesito que seria fundamental para caracterizar a transformação de um agrupamento de pessoas em família, eu diria que é o vínculo, tanto horizontal quanto vertical. E, hoje, todo mundo conhece grupos de pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que têm relação de parentesco que não se constituem verdadeiramente em família, por absoluta falta de vínculo entre seus integrantes.

Os novos valores sociais têm norteado as pessoas para esse caminho. Vamos lembrar valores decisivos para nossa sociedade: o consumo, que valoriza o trabalho exagerado, a ambição desmedida e o sucesso a qualquer custo; a juventude, que leva adultos, independentemente da idade, a adotar um estilo de vida juvenil, que dá pouco espaço para o compromisso que os vínculos exigem; a busca da felicidade, identificada com satisfação imediata, que leva a trocas sucessivas nos relacionamentos amorosos, como amizades e par afetivo, só para citar alguns exemplos. O vínculo afetivo tem relação com a vida pessoal. O vínculo social, com a cidadania. Ambos estão bem frágeis, não é?

SAYÃO, Rosely. <www.folhaonline.com.br>. Em 29 set. 2015. Identifique como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmativas sobre o uso de expressões e/ou sinais de pontuação no texto.

- () O diálogo com o leitor é marcado no texto pelo uso da expressão “alguém aí”, na segunda linha, e pelo uso recorrente da interrogação.
- () A expressão sublinhada em “a Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa” antecipa para o leitor a adesão da autora à definição de família aprovada para o projeto de lei do Estatuto da Família.
- () No trecho “direitos das famílias – essas que se encaixam na definição proposta –”, a expressão entre travessões alerta o leitor para a restrição do conceito de família mencionado.
- () As expressões “desde o início da segunda metade do século passado” e “até então” (3º parágrafo) introduzem informações situadas em um mesmo período.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- a) V – F – V – F.
- b) V – V – F – F.
- c) F – F – V – V.
- d) F – V – V – V.
- e) V – V – F – V.

Exercício 169
(Ufpr 2016)

Outras razões para a pauta negativa

Venício A. Lima

O sempre interessante Boletim UFMG, que traz, a cada semana, notícias do dia a dia da Universidade Federal de Minas Gerais, informa, na edição de 4 de maio, o trabalho desenvolvido por grupo de pesquisa do Departamento de Ciência da Computação (DCC) em torno da “análise de sentimento”, que relaciona o sucesso das notícias com sua polaridade, negativa ou positiva.

Utilizando programas de computador desenvolvidos pelo DCC-UFMG, foram identificadas, coletadas e analisadas 69.907 manchetes veiculadas em quatro sites noticiosos internacionais ao longo de oito meses de 2014: The New York Times, BBC, Reuters e Daily Mail. E as notícias foram agrupadas em cinco grandes categorias: negócios e dinheiro, saúde, ciência e tecnologia, esportes e mundo. As conclusões da pesquisa são preciosas.

Cerca de 70% das notícias diárias estão relacionadas a fatos que geram “sentimentos negativos” – tais como catástrofes, acidentes, doenças, crimes e crises. Os textos das manchetes foram relacionados aos sentimentos que elas despertam, numa escala de menos 5 (muito negativo) a mais 5 (muito positivo). Descobriu-se que o sucesso de uma notícia, vale dizer, o número de vezes em que é “clícada” pelo eventual leitor está fortemente vinculado a esses “sentimentos” e que os dois extremos – negativo e positivo – são os mais “clícados”. As manchetes negativas, todavia, são aquelas que atraem maior interesse dos leitores. Embora realizado com base em manchetes publicadas em sites internacionais – não brasileiros –, os resultados do trabalho dos pesquisadores do DCC-UFMG nos ajudam a compreender a predominância do “jornalismo do vale de lágrimas” na grande mídia brasileira.

Para além da partidarização seletiva das notícias, parece haver também uma importante estratégia de sobrevivência empresarial influenciando na escolha da pauta negativa. Os principais telejornais exibidos na televisão brasileira, por exemplo, estão se transformando em incansáveis noticiários diários de crises, crimes, catástrofes, acidentes e doenças de todos os tipos. Carrega-se, sem dó nem piedade, nas notícias que geram sentimentos negativos. Mais do que isso: os âncoras dos telejornais, além das notícias negativas, se encarregam de editorializar, fazer comentários, invariavelmente críticos e pessimistas, reforçando, para além da notícia, exatamente seus aspectos e consequências funestos.

Existe, sim, o risco do esgotamento. Cansado de tanta notícia ruim e sentindo-se impotente para influir no curso dos eventos, pode ser que o leitor/telespectador afinal desista de se expor a esse tipo de jornalismo que o empurra cotidianamente rumo a um inexorável “vale de lágrimas” mediavalesco.

Adaptado de <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-ebates/outras-razoes-para-a-pauta-negativa/>>. Acesso em 19 mai. 2015.

Ao criar o termo mediavalesco que finaliza o texto, o autor associa a media/mídia ao termo medievaresco, ou seja, relativo à Idade Média. Sua intenção, com isso, é ressaltar um aspecto dos meios de comunicação que poderia ser resumido pelo termo:

- a) avançado.
- b) sombrio.
- c) truculento.
- d) inexorável.
- e) filosófico.

Exercício 170
(Ufpr 2016)

Outras razões para a pauta negativa

Venício A. Lima

O sempre interessante Boletim UFMG, que traz, a cada semana, notícias do dia a dia da Universidade Federal de Minas Gerais, informa, na edição de 4 de maio, o trabalho desenvolvido por grupo de pesquisa do Departamento de Ciência da Computação (DCC) em torno da “análise de sentimento”, que relaciona o sucesso das notícias com sua polaridade, negativa ou positiva. Utilizando programas de computador desenvolvidos pelo DCC-UFMG, foram identificadas, coletadas e analisadas 69.907 manchetes veiculadas em quatro sites noticiosos internacionais ao longo de oito meses de 2014: The New York Times, BBC, Reuters e Daily Mail. E as notícias foram agrupadas em cinco grandes categorias: negócios e dinheiro, saúde, ciência e tecnologia, esportes e mundo. As conclusões da pesquisa são preciosas.

Cerca de 70% das notícias diárias estão relacionadas a fatos que geram “sentimentos negativos” – tais como catástrofes, acidentes, doenças, crimes e crises. Os textos das manchetes foram relacionados aos sentimentos que elas despertam, numa escala de menos 5 (muito negativo) a mais 5 (muito positivo). Descobriu-se que o sucesso de uma notícia, vale dizer, o número de vezes em que é “clificada” pelo eventual leitor está fortemente vinculado a esses “sentimentos” e que os dois extremos – negativo e positivo – são os mais “clificados”. As manchetes negativas, todavia, são aquelas que atraem maior interesse dos leitores. Embora realizado com base em manchetes publicadas em sites internacionais – não brasileiros –, os resultados do trabalho dos pesquisadores do DCC-UFMG nos ajudam a compreender a predominância do “jornalismo do vale de lágrimas” na grande mídia brasileira.

Para além da partidarização seletiva das notícias, parece haver também uma importante estratégia de sobrevivência empresarial influenciando na escolha da pauta negativa. Os principais telejornais exibidos na televisão brasileira, por exemplo, estão se transformando em incansáveis noticiários diários de crises, crimes, catástrofes, acidentes e doenças de todos os tipos. Carrega-se, sem dó nem piedade, nas notícias que geram sentimentos negativos. Mais do que isso: os âncoras dos telejornais, além das notícias negativas, se encarregam de editorializar, fazer comentários, invariavelmente críticos e pessimistas, reforçando, para além da notícia, exatamente seus aspectos e consequências funestos.

Existe, sim, o risco do esgotamento. Cansado de tanta notícia ruim e sentindo-se impotente para influir no curso dos eventos, pode ser que o leitor/telespectador afinal desista de se expor a esse tipo de jornalismo que o empurra cotidianamente rumo a um inexorável “vale de lágrimas” mediavalesco.

Adaptado de <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-ebates/outras-razoes-para-a-pauta-negativa/>>. Acesso em 19 mai. 2015.

Assinale a alternativa que exprime a tese do texto.

- a) Segundo o autor, há na imprensa internacional mais notícias negativas, porque ocorrem muito mais catástrofes e desgraças do que fatos positivos.
- b) O tom negativo, principalmente das notícias nacionais, deve-se à editorialização promovida pelos âncoras de telejornais.
- c) O telejornalismo pautado em notícias funestas e trágicas está caminhando para o esgotamento e afastamento do telespectador.

d) A mídia privilegia notícias ligadas a sentimentos negativos porque estas atraem mais o público.

e) Pesquisas analisam o comportamento de leitores de mídia estrangeira, mas não há evidência de que seus resultados possam ser aplicados ao cenário nacional.

Exercício 171

(Ufpr 2016)

Vontade de punir

Deu no Datafolha que 87% dos brasileiros querem baixar a maioria penal. Maiorias assim robustas, que já são raras em questões sociais, ficam ainda mais intrigantes quando se considera que, entre especialistas, o assunto é controverso. Como explicar o fenômeno?

Estamos aqui diante de um dos mais fascinantes aspectos da natureza. Se você pretende produzir seres sociais, precisa encontrar um modo de fazer com que eles colaborem uns com os outros e, ao mesmo tempo, se protejam dos indivíduos dispostos a explorá-los. A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam.

Assim, para evitar a superexploração pelos semelhantes, desenvolvemos verdadeiro horror àquilo que percebemos como injustiças. Na prática, isso se traduz no impulso que temos de punir quem tenta levar vantagem indevida. Quando não podemos castigá-los diretamente, torcemos para que levem a pior, o que, além de garantir o sucesso de filmes de Hollywood, torna a justiça retributiva algo popular em nossa espécie.

Isso, porém, é só parte do problema. Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobraria. Se cada mínima ofensa exigisse imediata reparação e todos tivessem de ser tratados de forma rigorosamente idêntica, a vida comunitária seria impossível. A natureza resolve isso com sentimentos como amor e favoritismo, que permitem, entre outras coisas, que mães prefiram seus próprios filhos aos de desconhecidos.

Nas sociedades primitivas, bandos de 200 pessoas onde todos tinham algum grau de parentesco, o sistema funcionava razoavelmente bem. Os ímpetos da justiça retributiva eram modulados pela empatia familiar. Agora que vivemos em grupos de milhões sem vínculos pessoais, a vontade de punir impera incontestemente.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folhaonline*, em 24 jun. 2015.

“A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam”. A que dilema a expressão “esse” se refere?

- a) Explicar a divergência entre a opinião dos especialistas e a da sociedade em geral.
- b) Criar regras para conter a violência, mesmo que, em geral, não funcionem.
- c) Elaborar regras de conduta que minimizem instintos e emoções.
- d) Explicar o fenômeno de a grande maioria da população ser favorável à punição de menores.
- e) Fazer com que as pessoas sejam boas e, ao mesmo tempo, saibam se defender.

Exercício 172

(Ufpr 2016)

Vontade de punir

Deu no Datafolha que 87% dos brasileiros querem baixar a maioria penal. Maiorias assim robustas, que já são raras em questões sociais, ficam ainda mais intrigantes quando se considera que, entre especialistas, o assunto é controverso. Como explicar o fenômeno?

Estamos aqui diante de um dos mais fascinantes aspectos da natureza. Se você pretende produzir seres sociais, precisa encontrar um modo de fazer com que eles colaborem uns com os outros e, ao mesmo tempo, se protejam dos indivíduos dispostos a explorá-los. A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam. Assim, para evitar a superexploração pelos semelhantes, desenvolvemos verdadeiro horror àquilo que percebemos como injustiças. Na prática, isso se traduz no impulso que temos de punir quem tenta levar vantagem indevida. Quando não podemos castigá-los diretamente, torcemos para que levem a pior, o que, além de garantir o sucesso de filmes de Hollywood, torna a justiça retributiva algo popular em nossa espécie.

Isso, porém, é só parte do problema. Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobraria. Se cada mínima ofensa exigisse imediata reparação e todos tivessem de ser tratados de forma rigorosamente idêntica, a vida comunitária seria impossível. A natureza resolve isso com sentimentos como amor e favoritismo, que permitem, entre outras coisas, que mães prefiram seus próprios filhos aos de desconhecidos.

Nas sociedades primitivas, bandos de 200 pessoas onde todos tinham algum grau de parentesco, o sistema funcionava razoavelmente bem. Os ímpetus da justiça retributiva eram modulados pela empatia familiar. Agora que vivemos em grupos de milhões sem vínculos pessoais, a vontade de punir impera incontestemente.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folhaonline*, em 24 jun. 2015.

Assinale a alternativa que resume um posicionamento do autor do texto.

- a) Questões que ganham apoio de ampla maioria da população, mas não angariam consenso entre os especialistas são surpreendentes e demandam explicações.
- b) O senso de justiça retributiva perdeu força na passagem das sociedades primitivas à sociedade moderna, o que faz com que a vontade de punir impere sem restrições.
- c) Nas sociedades primitivas, nem o grau de parentesco livrava o indivíduo da reparação de cada ofensa a outro membro da comunidade no mesmo grau e intensidade.
- d) A vontade de punir é um sentimento desenvolvido culturalmente que vai contra o instinto de sobrevivência dos indivíduos.
- e) O sucesso de filmes hollywoodianos se pauta na ação natural do amor e do favoritismo, o que garante sempre o final feliz.

Exercício 173

(Ufpr 2017)

Por que a cultura do sul ficou de fora do retrato do Brasil nas olimpíadas?

Depois de uma abertura que falou das etnias que formaram o povo brasileiro, a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizada neste domingo (21), teve mais cara de carnaval. A ideia da diretora criativa da festa, Rosa Magalhães, era mostrar “o sentimento de brasilidade”, conforme ela explicou ao jornal “O Globo” dias antes da cerimônia.

Carnavalesca da escola de samba carioca São Clemente, Rosa usou elementos alegóricos para mostrar a arte feita pelo povo do país – para ela, “marca da nossa identidade cultural”. Teve menção a choro, samba carioca, Carmem Miranda, mulheres rendeiiras da Bahia, bonecos de cerâmica do pernambucano Vitalino, Heitor Villa-Lobos, carnaval.

Entre as ausências, as expressões culturais do Sul do Brasil – o que alimentou algum debate em redes sociais: se a ideia era representar o país todo, por que ficamos de fora?

Para a antropóloga Selma Baptista, professora-doutora aposentada da UFPR, a pergunta deveria ser outra: por que as expressões culturais do Sul participariam do recorte da carnavalesca carioca se elas não estão presentes nem em nossas próprias festas? “Essa questão da representação de identidades regionais se dá a partir da construção da identidade dentro de seus próprios redutos. Cabe perguntar até que ponto nossas representações da cultura popular têm expressividade entre nós mesmos para que alcancem uma representatividade nacional”, questiona.

Patrícia Martins, antropóloga e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR) em Paranaguá, lembra que o Sul tende inclusive a negar o tipo de “brasilidade” representada na cerimônia de encerramento, mais ligada à cultura indígena e afro-brasileira. “Aqui há uma autorrepresentação que passa por uma cultura europeia”, diz. Para ela, o recorte mostrado na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos tem ligações com uma identidade brasileira que vem sendo construída desde o Estado Novo (1937-1945), que incorporou o samba carioca. “Existe um patrimônio rico no Sul – há os batuques do Rio Grande do Sul, o fandango caíçara. Teria muita coisa a mostrar, mas nem nós sabemos que existe isso em nossa região”.

Na opinião de Tau Golin, jornalista, historiador e professor do curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), esse tipo de questionamento sobre representações regionais é uma “briga simbólica” já bem conhecida – principalmente dos gaúchos. “É uma briga de poder pela representatividade, por quem representa mais a nação”, diz. “Como é um país com regiões que se formaram antes da nação, as regionalidades querem estar presentes em tudo o que acontece no país. Se fosse insignificante, não brigariam. Mas, como é para se mostrar para o exterior, a briga é compreensível historicamente”. Para ele, o desejo do Sul de estar presente nesse tipo de representação, dada a relação difícil da região com a “brasilidade”, é um fator surpreendente. “É uma novidade, que merece estudos daqui para a frente”, diz.

(Rafael Rodrigues Costa, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22/08/2016.)

O último entrevistado, Tau Golin, faz alusão a uma “briga simbólica”, que poderia ser resumida da seguinte maneira:

- a) O restante do Brasil nunca considerou o patrimônio cultural do Sul, por considerá-lo oriundo da cultura europeia.

- b) As manifestações artísticas do Sul são uma novidade em termos de identidade cultural e, para serem representativas, precisam ser estudadas daqui para a frente.
- c) A característica mais arreada do povo sulista impossibilita uma participação harmônica da região nesse tipo de apresentação.
- d) A escolha de que manifestações culturais serão consideradas representativas da brasilidade depende de quem está no poder.
- e) O Sul, em especial o Rio Grande do Sul, sempre se mostrou resistente aos elementos culturais vistos como representativos da brasilidade.

Exercício 174

(Ufpr 2017)

Por que a cultura do sul ficou de fora do retrato do Brasil nas olimpíadas?

Depois de uma abertura que falou das etnias que formaram o povo brasileiro, a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizada neste domingo (21), teve mais cara de carnaval. A ideia da diretora criativa da festa, Rosa Magalhães, era mostrar “o sentimento de brasilidade”, conforme ela explicou ao jornal “O Globo” dias antes da cerimônia.

Carnavalesca da escola de samba carioca São Clemente, Rosa usou elementos alegóricos para mostrar a arte feita pelo povo do país – para ela, “marca da nossa identidade cultural”. Teve menção a choro, samba carioca, Carmem Miranda, mulheres rendeiras da Bahia, bonecos de cerâmica do pernambucano Vitalino, Heitor Villa-Lobos, carnaval.

Entre as ausências, as expressões culturais do Sul do Brasil – o que alimentou algum debate em redes sociais: se a ideia era representar o país todo, por que ficamos de fora?

Para a antropóloga Selma Baptista, professora-doutora aposentada da UFPR, a pergunta deveria ser outra: por que as expressões culturais do Sul participariam do recorte da carnavalesca carioca se elas não estão presentes nem em nossas próprias festas? “Essa questão da representação de identidades regionais se dá a partir da construção da identidade dentro de seus próprios redutos. Cabe perguntar até que ponto nossas representações da cultura popular têm expressividade entre nós mesmos para que alcancem uma representatividade nacional”, questiona.

Patrícia Martins, antropóloga e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR) em Paranaguá, lembra que o Sul tende inclusive a negar o tipo de “brasilidade” representada na cerimônia de encerramento, mais ligada à cultura indígena e afro-brasileira. “Aqui há uma autorrepresentação que passa por uma cultura europeia”, diz. Para ela, o recorte mostrado na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos tem ligações com uma identidade brasileira que vem sendo construída desde o Estado Novo (1937-1945), que incorporou o samba carioca. “Existe um patrimônio rico no Sul – há os batuques do Rio Grande do Sul, o fandango caíçara. Teria muita coisa a mostrar, mas nem nós sabemos que existe isso em nossa região”.

Na opinião de Tau Golin, jornalista, historiador e professor do curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), esse tipo de questionamento sobre representações regionais é uma “briga simbólica” já bem conhecida – principalmente dos gaúchos. “É uma briga de poder pela representatividade, por quem representa mais a nação”, diz. “Como é um país com regiões que se formaram antes da nação,

as regionalidades querem estar presentes em tudo o que acontece no país. Se fosse insignificante, não brigariam. Mas, como é para se mostrar para o exterior, a briga é compreensível historicamente”. Para ele, o desejo do Sul de estar presente nesse tipo de representação, dada a relação difícil da região com a “brasilidade”, é um fator surpreendente. “É uma novidade, que merece estudos daqui para a frente”, diz.

(Rafael Rodrigues Costa, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22/08/2016.)

Em relação à organização do texto de Rafael Rodrigues Costa, considere as seguintes afirmativas:

1. O texto parte de uma tese que é endossada pelos entrevistados.
2. A opinião do autor prevalece na conclusão do texto.
3. O autor usa tanto discurso direto como indireto para relatar a opinião dos entrevistados.
4. O autor redimensiona a abordagem da questão expressa no título a partir da opinião dos entrevistados.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

Exercício 175

(Ufpr 2017)

Por que a cultura do sul ficou de fora do retrato do Brasil nas olimpíadas?

Depois de uma abertura que falou das etnias que formaram o povo brasileiro, a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizada neste domingo (21), teve mais cara de carnaval. A ideia da diretora criativa da festa, Rosa Magalhães, era mostrar “o sentimento de brasilidade”, conforme ela explicou ao jornal “O Globo” dias antes da cerimônia.

Carnavalesca da escola de samba carioca São Clemente, Rosa usou elementos alegóricos para mostrar a arte feita pelo povo do país – para ela, “marca da nossa identidade cultural”. Teve menção a choro, samba carioca, Carmem Miranda, mulheres rendeiras da Bahia, bonecos de cerâmica do pernambucano Vitalino, Heitor Villa-Lobos, carnaval.

Entre as ausências, as expressões culturais do Sul do Brasil – o que alimentou algum debate em redes sociais: se a ideia era representar o país todo, por que ficamos de fora?

Para a antropóloga Selma Baptista, professora-doutora aposentada da UFPR, a pergunta deveria ser outra: por que as expressões culturais do Sul participariam do recorte da carnavalesca carioca se elas não estão presentes nem em nossas próprias festas? “Essa questão da representação de identidades regionais se dá a partir da construção da identidade dentro de seus próprios redutos. Cabe perguntar até que ponto nossas representações da cultura popular têm expressividade entre nós mesmos para que alcancem uma representatividade nacional”, questiona.

Patrícia Martins, antropóloga e docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR) em Paranaguá, lembra que o Sul tende inclusive a negar o tipo de “brasilidade” representada na cerimônia de encerramento, mais ligada à cultura indígena e afro-brasileira.

“Aqui há uma autorrepresentação que passa por uma cultura europeia”, diz. Para ela, o recorte mostrado na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos tem ligações com uma identidade brasileira que vem sendo construída desde o Estado Novo (1937-1945), que incorporou o samba carioca. “Existe um patrimônio rico no Sul – há os batuques do Rio Grande do Sul, o fandango caíçara. Teria muita coisa a mostrar, mas nem nós sabemos que existe isso em nossa região”.

Na opinião de Tau Golin, jornalista, historiador e professor do curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), esse tipo de questionamento sobre representações regionais é uma “briga simbólica” já bem conhecida – principalmente dos gaúchos. “É uma briga de poder pela representatividade, por quem representa mais a nação”, diz. “Como é um país com regiões que se formaram antes da nação, as regionalidades querem estar presentes em tudo o que acontece no país. Se fosse insignificante, não brigariam. Mas, como é para se mostrar para o exterior, a briga é compreensível historicamente”. Para ele, o desejo do Sul de estar presente nesse tipo de representação, dada a relação difícil da região com a “brasilidade”, é um fator surpreendente. “É uma novidade, que merece estudos daqui para a frente”, diz.

(Rafael Rodrigues Costa, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22/08/2016.) O texto tematiza a ausência de manifestações culturais da região Sul na festa de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. As duas antropólogas entrevistadas compartilham uma mesma opinião sobre a questão levantada. Assinale a alternativa que apresenta essa opinião.

- a) Houve um boicote dos organizadores para deixar o Sul de fora, dada a sua cultura mais europeia.
- b) O Sul não apresenta manifestações típicas dignas de apresentação numa festa de impacto internacional.
- c) O restante do país não identifica a região Sul como detentora do sentimento de brasilidade.
- d) Embora o Sul tenha manifestações culturais importantes, elas não são representativas nem na própria região.
- e) O Sul tem muita coisa a mostrar, mas os estrangeiros só têm olhos para o carnaval.

Exercício 176

(Ufpr 2017)

A épica narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos depararmos com uma realidade diferente ¹daquela em que estamos imersos cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história. Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivaleu a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso

sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vênus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração. Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

(Paulo Nogueira, editorial de *Scientific American* – Brasil – nº 168, junho 2016.)

O autor inicia o texto falando de nosso estranhamento quando conhecemos outros países, com seus usos e costumes. Ao fazer isso, sua intenção é:

- a) contrapor as características inusitadas de nosso sistema solar com os costumes diferentes de outros países.
- b) chamar a atenção para o fato de que as coisas funcionam em cada lugar de um jeito.
- c) alertar para que os turistas percebam que os usos e costumes de nosso país são muito diferentes dos de outros países.
- d) fazer uma analogia com o comportamento científico que devemos ter para compreendermos o surgimento da Terra.
- e) mostrar que o sistema solar tem planetas diferentes: alguns de formação rochosa e outros de formação gasosa.

Exercício 177

DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

1O curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra “criança”, e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: 2“uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”.

Veja outros verbetes do livro e as idades das crianças que os definiram:

- 3Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
- Água: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
- 4Branco: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)

- 5Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
- 6Céu: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)
- Dinheiro: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
- 7Ecuridão: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)
- 8Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
- Inveja: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
- 9Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
- 10Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)
- Solidão: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
- Tempo: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)
- 11Universo: casa das estrelas. (Carlos, 12 anos)

André Fantin

Adaptado de repertoriocriativo.com.br, 22/05/2013.

(Uerj 2016) O curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. (ref. 1)

Adultos e crianças, embora usando a mesma linguagem, não veem e não descrevem o mundo da mesma maneira. Com base no conteúdo desse fragmento, pode-se concluir que qualquer descrição da realidade apresenta a seguinte característica:

- a) requer alguém que a realize sem receio
- b) necessita de que se faça formulação detalhada
- c) depende da perspectiva daquele que observa
- d) mostra-se precisa para os que já amadureceram

Exercício 178

DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

1O curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra “criança”, e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: 2“uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”.

Veja outros verbetes do livro e as idades das crianças que os definiram:

- 3Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
- Água: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
- 4Branco: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)
- 5Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
- 6Céu: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)

- Dinheiro: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
- 7Ecuridão: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)
- 8Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
- Inveja: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
- 9Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
- 10Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)
- Solidão: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
- Tempo: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)
- 11Universo: casa das estrelas. (Carlos, 12 anos)

André Fantin

Adaptado de repertoriocriativo.com.br, 22/05/2013.

(Uerj 2016) “uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”. (ref. 2)

Na definição acima, o trecho sublinhado contém duas comparações implícitas, que têm como referência o mundo dos adultos.

Essas comparações são feitas por meio do seguinte recurso:

- a) oposição
- b) gradação
- c) classificação
- d) reformulação

Exercício 179

DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

1O curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra “criança”, e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: 2“uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”.

Veja outros verbetes do livro e as idades das crianças que os definiram:

- 3Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
- Água: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
- 4Branco: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)
- 5Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
- 6Céu: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)
- Dinheiro: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
- 7Ecuridão: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)

- 8Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
- Inveja: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
- 9Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
- 10Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)
- Solidão: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
- Tempo: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)
- 11Universo: casa das estrelas. (Carlos, 12 anos)

André Fantin

Adaptado de repertoriocriativo.com.br, 22/05/2013.

(Uerj 2016) Por meio da generalização, pode-se atribuir um determinado conjunto de traços que não se relacionam apenas com o que está sendo nomeado.

O melhor exemplo desse procedimento de generalização está presente em:

- a) Branco: o branco é uma cor que não pinta. (ref. 4)
- b) Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (ref. 5)
- c) Céu: de onde sai o dia. (ref. 6)
- d) Universo: casa das estrelas. (ref. 11)

Exercício 180

DICIONÁRIO FEITO POR CRIANÇAS REVELA UM MUNDO QUE OS ADULTOS NÃO ENXERGAM MAIS

Em abril, aconteceu a Feira do Livro de Bogotá, e um dos maiores sucessos foi um livro chamado Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças. Nele, há um dicionário com mais de 500 definições para 133 palavras, de A a Z, feitas por crianças.

10 curioso deste “dicionário infantil” é como as crianças definem o mundo através daquilo que os adultos já não conseguem perceber. O autor do livro é o professor Javier Naranjo, que compilou informações ao longo de dez anos durante as aulas. Ele conta que a ideia surgiu quando ele pediu aos seus alunos para definirem a palavra “criança”, e uma das respostas que lhe chamou atenção foi: 2 “uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, não toma rum e vai dormir cedo”.

Veja outros verbetes do livro e as idades das crianças que os definiram:

- 3Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (Andrés, 8 anos)
- Água: transparência que se pode tomar. (Tatiana, 7 anos)
- 4Branco: o branco é uma cor que não pinta. (Jonathan, 11 anos)
- 5Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (Luis, 8 anos)
- 6Céu: de onde sai o dia. (Duván, 8 anos)
- Dinheiro: coisa de interesse para os outros com a qual se faz amigos e, sem ela, se faz inimigos. (Ana María, 12 anos)
- 7Ecuridão: é como o frescor da noite. (Ana Cristina, 8 anos)
- 8Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (Juan Carlos, 11 anos)
- Inveja: atirar pedras nos amigos. (Alejandro, 7 anos)
- 9Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (Juan, 6 anos)
- 10Paz: quando a pessoa se perdoa. (Juan Camilo, 8 anos)

- Solidão: tristeza que dá na pessoa às vezes. (Iván, 10 anos)
- Tempo: coisa que passa para lembrar. (Jorge, 8 anos)
- 11Universo: casa das estrelas. (Carlos, 12 anos)

André Fantin

Adaptado de repertoriocriativo.com.br, 22/05/2013.

(Uerj 2016) Uma afirmação paradoxal contém alguma contradição interna.

Um exemplo de afirmação paradoxal é identificado em:

- a) Adulto: pessoa que, em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma. (ref. 3)
- b) Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (ref. 8)
- c) Mãe: mãe entende e depois vai dormir. (ref. 9)
- d) Paz: quando a pessoa se perdoa. (ref. 10)

Exercício 181

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:



Fábio Moon e Gabriel Bá. Folha de São Paulo, 15/06/2013.

(Uerj 2016) As ausências da moldura e da imagem são recursos gráficos que contribuem para o sentido do texto.

A relação entre esses recursos gráficos e a mensagem contida no terceiro quadrinho possui um sentido de:

- a) ironia
- b) reforço
- c) negação
- d) contradição

Exercício 182



Fábio Moon e Gabriel Bá. Folha de São Paulo, 15/06/2013.

(Uerj 2016) No último quadrinho, formula-se uma analogia moral, quando se sugere que não é possível ver tudo o que acontece à frente dos olhos.

A partir dessa analogia, pode-se chegar à seguinte conclusão:

- a) a verdade absoluta não existe
- b) a existência não tem explicação
- c) o homem não é o centro do mundo
- d) o curso da vida não pode ser mudado

Exercício 183



Fábio Moon e Gabriel Bá. Folha de São Paulo, 15/06/2013.

(Uerj 2016) O personagem presente no último quadrinho é um ácaro, um ser microscópico. Suas falas têm relação direta com seu tamanho. No contexto, é possível compreender a imagem do personagem como uma metonímia.

Essa metonímia representa algo que se define como:

- a) invisível
- b) expressivo
- c) inexistente
- d) contraditório

Exercício 184

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:
A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ou, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto.

Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de O Dia, 21/03/2015.

(Uerj 2016) Frei Betto inicia seu texto com uma citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano, recorrendo a recurso comum de argumentação.

Esse recurso constitui um argumento de:

- a) comparação
- b) causalidade
- c) contestação
- d) autoridade

Exercício 185

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ou, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto.

Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de O Dia, 21/03/2015.

(Uerj 2016) No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite.

Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

- a) modalização
- b) pressuposição
- c) exemplificação
- d) particularização

Exercício 186

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; 1despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; 2fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; 3acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; 4peste é pandemia; 5magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. 6Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas 7são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, 8rico é corrupto.

Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de O Dia, 21/03/2015.

(Uerj 2016) Em sua origem grega, o termo “eufemismo” significa “palavra de bom agouro” ou “palavra que deseja o bem”. Como figura de linguagem, indica um recurso que suaviza alguma ideia ou expressão mais chocante.

Na crônica, o autor enfatiza o aspecto negativo dos eufemismos, que serviriam para distorcer a realidade.

De acordo com o autor, o eufemismo camufla a desigualdade social no seguinte exemplo:

- a) fracasso é crise (ref. 2)
- b) peste é pandemia (ref. 4)
- c) magricela é anoréxica (ref. 5)
- d) rico é corrupto (ref. 8)

Exercício 187

A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; 1despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; 2fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; 3acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; 4peste é pandemia; 5magricela é anoréxica.

Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. 6Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas 7são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, 8rico é corrupto.

Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto

Adaptado de O Dia, 21/03/2015.

(Uerj 2016) Na produção do humor, traço típico da crônica, o autor combina eufemismos com outros recursos ou figuras de linguagem.

O exemplo em que o humor é produzido por meio da superposição entre um eufemismo e uma comparação entre elementos distintos é:

- a) despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral (ref. 1)
- b) acumulação privada de riqueza é democracia; (ref. 3)
- c) Ora, poderia dizer que sou seminovo! (ref. 6)
- d) são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. (ref. 7)

Exercício 188

TERRORISMO LÓGICO

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA:
PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE
DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao Charlie Hebdo.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. “Le Pen” é “O Caneta”, se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão – e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

Os terroristas que atacaram o jornal Charlie Hebdo usavam gorros pretos. “Black blocs” usam gorros pretos. “Black blocs” são terroristas.

1Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

Antonio Prata

Adaptado de Folha de São Paulo, 11/01/2015.

(Uerj 2016) O terrorismo é duplamente obscurantista: primeiro no atentado, depois nas reações que desencadeia.

O subtítulo do texto sugere uma explicação para o título. Essa explicação é melhor compreendida pela associação entre:

- a) tiros e opiniões
- b) armas e negociações
- c) convicções e mentiras
- d) crenças e esclarecimentos

Exercício 189

TERRORISMO LÓGICO

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA:
PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE
DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao Charlie Hebdo.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. “Le Pen” é “O Caneta”, se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão – e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

Os terroristas que atacaram o jornal Charlie Hebdo usavam gorros pretos. “Black blocs” usam gorros pretos. “Black blocs” são terroristas.

1Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

Antonio Prata

Adaptado de Folha de São Paulo, 11/01/2015.

(Uerj 2016) Considere o último parágrafo do texto.

Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate. (ref. 1)

Este parágrafo indica como o leitor deve ler todos os anteriores.

Segundo essa indicação, os argumentos apresentados pelo cronista devem ser compreendidos como:

- a) críticas irônicas
- b) exercícios formais
- c) raciocínios aceitáveis
- d) recreações linguísticas

Exercício 190

TERRORISMO LÓGICO

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA:
PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE
DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao Charlie Hebdo.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. “Le Pen” é “O Caneta”, se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão – e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

Os terroristas que atacaram o jornal Charlie Hebdo usavam gorros pretos. “Black blocs” usam gorros pretos. “Black blocs” são terroristas.

1Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

Antonio Prata

Adaptado de Folha de São Paulo, 11/01/2015.

(Uerj 2016) Antonio Prata, ao comentar o ataque ao jornal Charlie Hebdo, construiu uma série de variações do argumento típico do método dedutivo, conhecido como “silogismo” e normalmente organizado na forma de três sentenças em sequência.

A organização do silogismo sintetiza a estrutura do próprio método dedutivo, que se encontra melhor apresentada em:

- a) premissa geral – premissa particular – conclusão
- b) premissa particular – premissa geral – conclusão
- c) premissa geral – segunda premissa geral – conclusão particular
- d) premissa particular – segunda premissa particular – conclusão geral

Exercício 191

TERRORISMO LÓGICO

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA:
PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE
DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao Charlie Hebdo.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal Charlie Hebdo, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. “Le Pen” é “O Caneta”, se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão – e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

Os terroristas que atacaram o jornal Charlie Hebdo usavam gorros pretos. “Black blocs” usam gorros pretos. “Black blocs” são terroristas.

1Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

Antonio Prata

Adaptado de Folha de São Paulo, 11/01/2015.

(Uerj 2016) Considere o último parágrafo do texto.

Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate. (ref. 1)

Todo argumento pode se tornar um sofisma: um raciocínio errado ou inadequado que nos leva a conclusões falsas ou improcedentes. O último parágrafo do texto é um exemplo de sofisma, considerando que, da constatação de que todo abacate é verde, não se pode deduzir que só os abacates têm cor verde.

Esse é o tipo de sofisma que adota o seguinte procedimento:

- a) enumeração incorreta
- b) generalização indevida
- c) representação imprecisa
- d) exemplificação inconsistente

Exercício 192

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, Zessa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias.

3 Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

4 Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharía de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. 5 Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: Precisamos acabar depressa.

6 O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

7 O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atropetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo 8 sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de Cinematógrafo: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

(Uerj 2016) O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atropetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. (ref. 7)

De acordo com a leitura global do texto, o autor caracteriza a tentativa de controlar o tempo como “suprema insanidade”, porque se trata de uma tarefa que não está ao alcance do homem.

O trecho que melhor expõe a insanidade dessa tentativa é:

- a) homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção. (ref. 1)
- b) Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas. (ref. 3)
- c) O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. (ref. 6)
- d) sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste (ref. 8)

Exercício 193

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, Zessa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias.

3 Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

4 Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharía de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. 5 Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: Precisamos acabar depressa.

6 O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

7 O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atropetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo 8 sua, labuta,

desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de Cinematógrafo: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

(Uerj 2016) essa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. (ref. 2)

O trecho acima contém o eixo temático da crônica escrita por João do Rio em 1909.

Na construção da opinião presente nesse trecho, é possível identificar um procedimento de:

- a) negação
- b) dedução
- c) gradação
- d) generalização

Exercício 194

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, nessa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias.

Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalhar de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o *Homus cinematographicus*. Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: Precisamos acabar depressa.

60 homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

70 homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo 8 sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de Cinematógrafo: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

(Uerj 2016) Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. (ref. 5)

Ao comparar os seres humanos com filmes, o autor estabelece uma crítica.

No contexto, essa crítica pode ser sintetizada pelo seguinte termo:

- a) insubordinação das hierarquias
- b) coisificação das pessoas
- c) arrogância desmedida
- d) intolerância moral

Exercício 195

A PRESSA DE ACABAR

Evidentemente nós sofremos agora em todo o mundo de uma dolorosa moléstia: a pressa de acabar. Os nossos avós nunca tinham pressa. Ao contrário. Adiar, aumentar, era para eles a suprema delícia. Como os relógios, nesses tempos remotos, não eram maravilhas de precisão, os homens mediam os dias com todo o cuidado da atenção.

Sim! Em tudo, nessa estranha pressa de acabar se ostenta como a marca do século. Não há mais livros definitivos, quadros destinados a não morrer, ideias imortais. Trabalha-se muito mais, pensa-se muito mais, ama-se mesmo muito mais, apenas sem fazer a digestão e sem ter tempo de a fazer.

Antigamente as horas eram entidades que os homens conheciam imperfeitamente. Calcular a passagem das horas era tão complicado como calcular a passagem dos dias.

Inventavam-se relógios de todos os moldes e formas.

Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis* que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalhar de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora

representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. O relógio era um objeto de luxo. Hoje até os mendigos usam um marcador de horas, porque têm pressa, pressa de acabar.

O homem mesmo será classificado, afirmo eu já com pressa, como o Homus cinematographicus. 5Nós somos uma delirante sucessão de fitas cinematográficas. Em meia hora de sessão tem-se um espetáculo multiforme e assustador cujo título geral é: Precisamos acabar depressa.

6O homem de agora é como a multidão: ativo e imediato. Não pensa, faz; não pergunta, obra; não reflete, julga.

7O homem cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atopetar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele. Todos os dias (dias em que ele não vê a beleza do sol ou do céu e a doçura das árvores porque não tem tempo, diariamente, nesse número de horas retalhadas em minutos e segundos que uma população de relógios marca, registra e desfia), o pobre diabo 8sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste de chegada que é a miragem da ilusão.

Uns acabam pensando que encheram o tempo, que o mataram de vez. Outros desesperados vão para o hospício ou para os cemitérios. A corrida continua. E o Tempo também, o Tempo insensível e incomensurável, o Tempo infinito para o qual todo o esforço é inútil, o Tempo que não acaba nunca! É satanicamente doloroso. Mas que fazer?

RIO, João do. Adaptado de Cinematógrafo: crônicas cariocas. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

* inexoráveis – que não cedem, implacáveis

(Uerj 2016) Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis que não cedem nunca (ref. 4) Neste fragmento, o autor emprega uma figura de linguagem para expressar o embate entre o homem e o tempo. Essa figura de linguagem é conhecida como:

- a) ironia
- b) hipérbole
- c) eufemismo
- d) personificação

Exercício 196
NOMES DO HORROR

Uma reportagem de Philip Gourevitch na revista New Yorker mostra como, vinte anos depois da guerra de Ruanda, ocorrida em 1994, quando hutus assassinaram 800 mil tutsis em cem dias, ainda é difícil chegar a um consenso sobre como chamar o que aconteceu.

O país discute se a melhor palavra para tanto está na língua local, na língua dos colonizadores, se basta precisão verbal (“gutsemba”, “massacrar”) ou se é preciso a redundância de um neologismo (“gutsembatsemba”, “massacrar radicalmente”) para descrever os atos de uma tragédia absoluta.

Debates semelhantes acompanham qualquer trauma coletivo. Há grupos judaicos que rejeitam a expressão consagrada “holocausto”, com seu caráter sacrificial, de expiação de pecados, em nome da menos ambígua “shoah” (“calamidade”, “aniquilação”). Na Turquia, ainda é tabu usar “genocídio” para a matança armênia iniciada em 1915. No Brasil, dá-se algo semelhante na luta pelo reconhecimento do que foi e é praticado contra comunidades indígenas.

De qualquer forma, são batalhas pequenas dentro de uma guerra longa e difícil, de transmissão da memória para que o horror não se repita. Palavras são a primeira arma das vítimas de tentativas de extermínio, às vezes a única, e é preciso chegar a um modo eficiente – que não se resume a slogans com vocabulário cancelado – para que elas não traiam a natureza do que se viveu.

Ou seja, é preciso saber narrar. Discursos facilmente se banalizam, tornam-se solenes, sentimentais em excesso, causando o efeito contrário do que pretendem. 1Chegar à sensibilidade do público, causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolência, demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos. 2A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, por mais pungentes* que sejam as vítimas. Como isso não é comum, o que ocorreu em 1994 continua sendo apenas um item numa lista atemporal e universal de genocídios, holocaustos, limpezas, extermínios, calamidades, aniquilações, massacres e gutsembatsembas.

Michel Laub
Adaptado de Folha de São Paulo, 09/05/2014.

*pungentes: comoventes

(Uerj 2016) Chegar à sensibilidade do público, causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolência, demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos. (ref. 1)

Transcreva dois outros elementos, presentes no penúltimo parágrafo, que seriam necessários para “chegar à sensibilidade do público”, além da reprodução da verdade dos fatos.

Exercício 197
NOMES DO HORROR

Uma reportagem de Philip Gourevitch na revista New Yorker mostra como, vinte anos depois da guerra de Ruanda, ocorrida em 1994, quando hutus assassinaram 800 mil tutsis em cem dias, ainda é difícil chegar a um consenso sobre como chamar o que aconteceu.

O país discute se a melhor palavra para tanto está na língua local, na língua dos colonizadores, se basta precisão verbal (“gutsemba”, “massacrar”) ou se é preciso a redundância de um neologismo (“gutsembatsemba”, “massacrar radicalmente”) para descrever os atos de uma tragédia absoluta. Debates semelhantes acompanham qualquer trauma coletivo. Há grupos judaicos que rejeitam a expressão consagrada “holocausto”, com seu caráter sacrificial, de expiação de

pecados, em nome da menos ambígua “shoah” (“calamidade”, “aniquilação”). Na Turquia, ainda é tabu usar “genocídio” para a matança armênia iniciada em 1915. No Brasil, dá-se algo semelhante na luta pelo reconhecimento do que foi e é praticado contra comunidades indígenas.

De qualquer forma, são batalhas pequenas dentro de uma guerra longa e difícil, de transmissão da memória para que o horror não se repita. Palavras são a primeira arma das vítimas de tentativas de extermínio, às vezes a única, e é preciso chegar a um modo eficiente – que não se resuma a slogans com vocabulário chancelado – para que elas não traiam a natureza do que se viveu.

Ou seja, é preciso saber narrar. Discursos facilmente se banalizam, tornam-se solenes, sentimentais em excesso, causando o efeito contrário do que pretendem. 1Chegar à sensibilidade do público, causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolência, demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos. 2A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, por mais pungentes* que sejam as vítimas. Como isso não é comum, o que ocorreu em 1994 continua sendo apenas um item numa lista atemporal e universal de genocídios, holocaustos, limpezas, extermínios, calamidades, aniquilações, massacres e gutsebatsemas.

Michel Laub

Adaptado de Folha de São Paulo, 09/05/2014.

*pungentes: comoventes

(Uerj 2016) A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, por mais pungentes que sejam as vítimas. (ref. 2)

Reescreva o trecho acima, substituindo o conectivo da parte sublinhada por outro de mesmo sentido e fazendo as adaptações necessárias. Em seguida, aponte o sentido estabelecido pelo conectivo empregado.

Exercício 198

NOMES DO HORROR

Uma reportagem de Philip Gourevitch na revista New Yorker mostra como, vinte anos depois da guerra de Ruanda, ocorrida em 1994, quando hutus assassinaram 800 mil tutsis em cem dias, ainda é difícil chegar a um consenso sobre como chamar o que aconteceu.

O país discute se a melhor palavra para tanto está na língua local, na língua dos colonizadores, se basta precisão verbal (“gutsemba”, “massacrar”) ou se é preciso a redundância de um neologismo (“gutsebatsema”, “massacrar radicalmente”) para descrever os atos de uma tragédia absoluta.

Debates semelhantes acompanham qualquer trauma coletivo.

Há grupos judaicos que rejeitam a expressão consagrada “holocausto”, com seu caráter sacrificial, de expiação de pecados, em nome da menos ambígua “shoah” (“calamidade”, “aniquilação”). Na Turquia, ainda é tabu usar “genocídio” para a

matança armênia iniciada em 1915. No Brasil, dá-se algo semelhante na luta pelo reconhecimento do que foi e é praticado contra comunidades indígenas.

De qualquer forma, são batalhas pequenas dentro de uma guerra longa e difícil, de transmissão da memória para que o horror não se repita. Palavras são a primeira arma das vítimas de tentativas de extermínio, às vezes a única, e é preciso chegar a um modo eficiente – que não se resuma a slogans com vocabulário chancelado – para que elas não traiam a natureza do que se viveu.

Ou seja, é preciso saber narrar. Discursos facilmente se banalizam, tornam-se solenes, sentimentais em excesso, causando o efeito contrário do que pretendem. 1Chegar à sensibilidade do público, causando empatia, desconforto e revolta ativa, o que é objetivo de qualquer militância antiviolência, demanda não apenas reproduzir a verdade dos fatos. 2A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, por mais pungentes* que sejam as vítimas. Como isso não é comum, o que ocorreu em 1994 continua sendo apenas um item numa lista atemporal e universal de genocídios, holocaustos, limpezas, extermínios, calamidades, aniquilações, massacres e gutsebatsemas.

Michel Laub

Adaptado de Folha de São Paulo, 09/05/2014.

*pungentes: comoventes

(Uerj 2016) No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

Walter Benjamin

Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

No trecho acima, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra.

Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação, indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade.

No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidar com o passado, em direção ao futuro.



A partir da leitura do conjunto dos textos desta prova e de suas próprias reflexões, redija um texto argumentativo-dissertativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que apresente seu posicionamento acerca da necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática.

Exercício 199

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:
O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

1 Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

2 Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espiões do mundo, humilhando potências como a

Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

3 Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

(Uerj 2016) Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. (ref. 1)

Após essa abertura, no segundo parágrafo, há uma sucessão de frases que desempenham um papel argumentativo.

Esse papel é principalmente o de:

- a) revelar contradição
- b) expor comprovação
- c) fundamentar afirmação
- d) promover exemplificação

Exercício 200

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

1 Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

2 Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da

internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

3Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

(Uerj 2016) O termo megahipercorporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

- a) sufixos de caráter aumentativo
- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

Exercício 201

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

1Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

2Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu

que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

3Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

(Uerj 2016) O termo megahipercorporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

- a) sufixos de caráter aumentativo
- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

Exercício 202

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

1Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

2Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahipercorporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu

que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

3Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

(Uerj 2016) O primeiro parágrafo expõe projeções passadas sobre possibilidades de um futuro regido pela internet.

O recurso linguístico que permite identificar que se trata de projeção e não de fatos do passado

é o uso da:

- a) forma verbal
- b) pontuação informal
- c) adjetivação positiva
- d) estrutura coordenativa

Exercício 203

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.

1Livres, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

2Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas

indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

3Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker

Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

(Uerj 2016) Ninguém imaginou (ref. 2)

Ninguém previu (ref. 3)

A repetição do vocábulo ninguém, nos dois últimos parágrafos do texto, reforça o seguinte sentido:

- a) flexibilidade do ponto de vista
- b) contestação da verdade factual
- c) dimensão do otimismo ingênuo
- d) necessidade de crítica ao passado

Exercício 204

(Uerj 2018)



crjvitoria.blogspot.com.br, agosto/2011.

Na charge, o personagem formula uma pergunta cuja resposta está sugerida pela imagem refletida no espelho.

A partir dos elementos contidos na imagem, trata-se de uma resposta que expressa o seguinte posicionamento:

- a) recusa de uma denúncia
- b) refutação de uma avaliação
- c) silenciamento de uma crítica
- d) confirmação de uma hipótese

Exercício 205

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

O poder criativo da imperfeição

Já escrevi sobre como nossas teorias científicas sobre o mundo são aproximações de uma realidade que podemos compreender apenas em parte. 1Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, têm necessariamente limites de precisão. Não há dúvida de que Galileu, com seu telescópio, viu mais longe do que todos antes dele. Também não há dúvida de que hoje vemos muito mais longe do que Galileu poderia ter sonhado em 1610. E certamente, em cem anos, nossa visão cósmica terá sido ampliada de forma imprevisível.

No avanço do conhecimento científico, vemos um conceito que tem um papel essencial: simetria. Já desde os tempos de Platão, 2há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, uma matemática por trás da ordem que observamos. Platão – e, com ele, muitos matemáticos até hoje – acreditava que os conceitos matemáticos existiam em uma espécie de dimensão paralela, acessível apenas através da razão. Nesse caso, os teoremas da matemática (como o famoso teorema de Pitágoras) existem como verdades absolutas, que a mente humana, ao menos as mais aptas, pode ocasionalmente descobrir. Para os platônicos, 3a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana.

Ao menos no que diz respeito às forças que agem nas partículas fundamentais da matéria, a busca por uma teoria final da natureza é a encarnação moderna do sonho platônico de um código secreto da natureza. As teorias de unificação, como são chamadas, visam justamente a isso, formular todas as forças como manifestações de uma única, com sua simetria abrangendo as demais.

Culturalmente, é difícil não traçar uma linha entre as fés monoteístas e a busca por uma unidade da natureza nas ciências. Esse sonho, porém, é impossível de ser realizado. Primeiro, porque nossas teorias são sempre temporárias, passíveis de ajustes e revisões futuras. Não existe uma teoria que possamos dizer final, pois 4nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado que temos das coisas. Um século atrás, um elétron era algo muito diferente do que é hoje. Em cem anos, será algo muito diferente outra vez. Não podemos saber se as forças que conhecemos hoje são as únicas que existem.

Segundo, porque nossas teorias e as simetrias que detectamos nos padrões regulares da natureza são em geral aproximações. Não existe uma perfeição no mundo, apenas em nossas mentes. De fato, quando analisamos com calma as “unificações” da física, vemos que são aproximações que funcionam apenas dentro de certas condições.

O que encontramos são assimetrias, imperfeições que surgem desde as descrições das propriedades da matéria até as das moléculas que determinam a vida, as proteínas e os ácidos nucleicos (RNA e DNA). Por trás da riqueza que vemos nas formas materiais, encontramos a força criativa das imperfeições.

MARCELO GLEISER

Adaptado de Folha de São Paulo, 25/08/2013.

(Uerj 2018) Marcelo Gleiser, em “O poder criativo da imperfeição”, formula uma tese a respeito da relação entre ciência e realidade. O narrador do conto “O espelho”, de João

Guimarães Rosa, estabelece reflexões acerca do conhecimento que dialogam com essa tese.

O trecho do conto que melhor sintetiza esse diálogo é:

- a) porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes.
- b) a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica,
- c) primeiro a humanidade mirou-se nas superfícies de água quieta, lagoas, lameiros, fontes,
- d) Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo.

Exercício 206

O poder criativo da imperfeição

Já escrevi sobre como nossas teorias científicas sobre o mundo são aproximações de uma realidade que podemos compreender apenas em parte. 1Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, têm necessariamente limites de precisão. Não há dúvida de que Galileu, com seu telescópio, viu mais longe do que todos antes dele. Também não há dúvida de que hoje vemos muito mais longe do que Galileu poderia ter sonhado em 1610. E certamente, em cem anos, nossa visão cósmica terá sido ampliada de forma imprevisível.

No avanço do conhecimento científico, vemos um conceito que tem um papel essencial: simetria. Já desde os tempos de Platão, 2há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, uma matemática por trás da ordem que observamos. Platão – e, com ele, muitos matemáticos até hoje – acreditava que os conceitos matemáticos existiam em uma espécie de dimensão paralela, acessível apenas através da razão. Nesse caso, os teoremas da matemática (como o famoso teorema de Pitágoras) existem como verdades absolutas, que a mente humana, ao menos as mais aptas, pode ocasionalmente descobrir. Para os platônicos, 3a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana.

Ao menos no que diz respeito às forças que agem nas partículas fundamentais da matéria, a busca por uma teoria final da natureza é a encarnação moderna do sonho platônico de um código secreto da natureza. As teorias de unificação, como são chamadas, visam justamente a isso, formular todas as forças como manifestações de uma única, com sua simetria abrangendo as demais.

Culturalmente, é difícil não traçar uma linha entre as fés monoteístas e a busca por uma unidade da natureza nas ciências. Esse sonho, porém, é impossível de ser realizado. Primeiro, porque nossas teorias são sempre temporárias, passíveis de ajustes e revisões futuras. Não existe uma teoria que possamos dizer final, pois 4nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado que temos das coisas. Um século atrás, um elétron era algo muito diferente do que é hoje. Em cem anos, será algo muito diferente outra vez. Não podemos saber se as forças que conhecemos hoje são as únicas que existem.

Segundo, porque nossas teorias e as simetrias que detectamos nos padrões regulares da natureza são em geral aproximações. Não existe uma perfeição no mundo, apenas em nossas mentes. De fato, quando analisamos com calma as

“unificações” da física, vemos que são aproximações que funcionam apenas dentro de certas condições.

O que encontramos são assimetrias, imperfeições que surgem desde as descrições das propriedades da matéria até as das moléculas que determinam a vida, as proteínas e os ácidos nucleicos (RNA e DNA). Por trás da riqueza que vemos nas formas materiais, encontramos a força criativa das imperfeições.

MARCELO GLEISER

Adaptado de Folha de São Paulo, 25/08/2013.

(Uerj 2018) Marcelo Gleiser sustenta que a ciência descreve a realidade por meio de uma série de aproximações.

Desse modo, ele recusa a compreensão de que o objetivo da ciência seja estabelecer:

- a) cálculos complexos
- b) certezas imutáveis
- c) observações subjetivas
- d) propostas interpretativas

Exercício 207

O poder criativo da imperfeição

Já escrevi sobre como nossas teorias científicas sobre o mundo são aproximações de uma realidade que podemos compreender apenas em parte. 1Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, têm necessariamente limites de precisão. Não há dúvida de que Galileu, com seu telescópio, viu mais longe do que todos antes dele. Também não há dúvida de que hoje vemos muito mais longe do que Galileu poderia ter sonhado em 1610. E certamente, em cem anos, nossa visão cósmica terá sido ampliada de forma imprevisível.

No avanço do conhecimento científico, vemos um conceito que tem um papel essencial: simetria. Já desde os tempos de Platão, 2há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, uma matemática por trás da ordem que observamos. Platão – e, com ele, muitos matemáticos até hoje – acreditava que os conceitos matemáticos existiam em uma espécie de dimensão paralela, acessível apenas através da razão. Nesse caso, os teoremas da matemática (como o famoso teorema de Pitágoras) existem como verdades absolutas, que a mente humana, ao menos as mais aptas, pode ocasionalmente descobrir. Para os platônicos, 3a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana.

Ao menos no que diz respeito às forças que agem nas partículas fundamentais da matéria, a busca por uma teoria final da natureza é a encarnação moderna do sonho platônico de um código secreto da natureza. As teorias de unificação, como são chamadas, visam justamente a isso, formular todas as forças como manifestações de uma única, com sua simetria abrangendo as demais.

Culturalmente, é difícil não traçar uma linha entre as fés monoteístas e a busca por uma unidade da natureza nas ciências. Esse sonho, porém, é impossível de ser realizado.

Primeiro, porque nossas teorias são sempre temporárias, passíveis de ajustes e revisões futuras. Não existe uma teoria

que possamos dizer final, pois 4nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado que temos das coisas. Um século atrás, um elétron era algo muito diferente do que é hoje. Em cem anos, será algo muito diferente outra vez. Não podemos saber se as forças que conhecemos hoje são as únicas que existem.

Segundo, porque nossas teorias e as simetrias que detectamos nos padrões regulares da natureza são em geral aproximações. Não existe uma perfeição no mundo, apenas em nossas mentes. De fato, quando analisamos com calma as “unificações” da física, vemos que são aproximações que funcionam apenas dentro de certas condições.

O que encontramos são assimetrias, imperfeições que surgem desde as descrições das propriedades da matéria até as das moléculas que determinam a vida, as proteínas e os ácidos nucleicos (RNA e DNA). Por trás da riqueza que vemos nas formas materiais, encontramos a força criativa das imperfeições.

MARCELO GLEISER

Adaptado de Folha de São Paulo, 25/08/2013.

(Uerj 2018) Ao longo do texto, são mencionadas teorias que partem do princípio da unificação das forças da natureza.

Em relação a essas teorias, Marcelo Gleiser apresenta, no último parágrafo, uma atitude de:

- a) indiferença
- b) concordância
- c) neutralidade
- d) discordância

Exercício 208

O poder criativo da imperfeição

Já escrevi sobre como nossas teorias científicas sobre o mundo são aproximações de uma realidade que podemos compreender apenas em parte. 1Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, têm necessariamente limites de precisão. Não há dúvida de que Galileu, com seu telescópio, viu mais longe do que todos antes dele. Também não há dúvida de que hoje vemos muito mais longe do que Galileu poderia ter sonhado em 1610. E certamente, em cem anos, nossa visão cósmica terá sido ampliada de forma imprevisível.

No avanço do conhecimento científico, vemos um conceito que tem um papel essencial: simetria. Já desde os tempos de Platão, 2há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, uma matemática por trás da ordem que observamos. Platão – e, com ele, muitos matemáticos até hoje – acreditava que os conceitos matemáticos existiam em uma espécie de dimensão paralela, acessível apenas através da razão. Nesse caso, os teoremas da matemática (como o famoso teorema de Pitágoras) existem como verdades absolutas, que a mente humana, ao menos as mais aptas, pode ocasionalmente descobrir. Para os platônicos, 3a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana.

Ao menos no que diz respeito às forças que agem nas partículas fundamentais da matéria, a busca por uma teoria

final da natureza é a encarnação moderna do sonho platônico de um código secreto da natureza. As teorias de unificação, como são chamadas, visam justamente a isso, formular todas as forças como manifestações de uma única, com sua simetria abrangendo as demais.

Culturalmente, é difícil não traçar uma linha entre as fés monotéistas e a busca por uma unidade da natureza nas ciências. Esse sonho, porém, é impossível de ser realizado. Primeiro, porque nossas teorias são sempre temporárias, passíveis de ajustes e revisões futuras. Não existe uma teoria que possamos dizer final, pois 4nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado que temos das coisas. Um século atrás, um elétron era algo muito diferente do que é hoje. Em cem anos, será algo muito diferente outra vez. Não podemos saber se as forças que conhecemos hoje são as únicas que existem.

Segundo, porque nossas teorias e as simetrias que detectamos nos padrões regulares da natureza são em geral aproximações. Não existe uma perfeição no mundo, apenas em nossas mentes. De fato, quando analisamos com calma as “unificações” da física, vemos que são aproximações que funcionam apenas dentro de certas condições.

O que encontramos são assimetrias, imperfeições que surgem desde as descrições das propriedades da matéria até as das moléculas que determinam a vida, as proteínas e os ácidos nucleicos (RNA e DNA). Por trás da riqueza que vemos nas formas materiais, encontramos a força criativa das imperfeições.

MARCELO GLEISER

Adaptado de Folha de São Paulo, 25/08/2013.

(Uerj 2018) Marcelo Gleiser expõe em seu texto argumentos que se contrapõem à ideia de simetria como verdade absoluta na ciência.

Um desses argumentos é identificado em:

- a) Nossos instrumentos de pesquisa, que tanto ampliam nossa visão de mundo, (ref. 1)
- b) há a noção de que existe uma linguagem secreta da natureza, (ref. 2)
- c) a matemática é uma descoberta, e não uma invenção humana. (ref. 3)
- d) nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado (ref. 4)

Exercício 209

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. 1Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. 2A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que 3o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. 4É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. 5Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. 6A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

7A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusóé do livro Sexta-feira ou os limbos do Pacífico, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

8A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

(Uerj 2018) A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. (ref. 7)

No penúltimo parágrafo, a história do personagem citado pela autora reforça a seguinte tese central do texto:

- a) interferência do progresso sobre as ações individuais
- b) imposição da imaginação sobre os fatos objetivos
- c) insuficiência da civilização para o bem-estar geral

d) importância do contato para a condição humana

Exercício 210

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. 1Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. 2A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que 3o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. 4É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. 5Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. 6A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

7A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusoe do livro Sexta-feira ou os limbos do Pacífico, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

8A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que nasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

(Uerj 2018) Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede (ref. 1)

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de espelho.

Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de:

- a) antecipar emprego diferenciado do termo
- b) limitar usos atuais do discurso da ciência
- c) contradizer antiga expectativa do leitor
- d) indicar opinião implícita da autora

Exercício 211

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. 1Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. 2A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que 3o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. 4É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. 5Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. 6A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

7A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusoe do livro Sexta-feira ou os limbos do Pacífico, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o

náufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

8A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

(Uerj 2018) o espelho do humano é, **antes de mais nada**, o olhar do semelhante. (ref. 3)

No trecho, a expressão sublinhada enfatiza uma ideia, tal como se observa em:

- a) A cultura contemporânea do narcisismo, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, (ref. 2)
- b) Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. (ref. 5)
- c) A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor. (ref. 6)
- d) A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, (ref. 8)

Exercício 212

COM O OUTRO NO CORPO, O ESPELHO PARTIDO

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. 1Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. 2A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera

que 3o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. 4É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. 5Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. 6A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

7A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusóé do livro Sexta-feira ou os limbos do Pacífico, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o náufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

8A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

MARIA RITA KEHL

Adaptado de folha.uol.com.br, 11/12/2005.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

(Uerj 2018) É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. (ref. 4)

Em relação à declaração feita antes dos dois-pontos, o trecho sublinhado possui valor de:

- a) condição
- b) conclusão
- c) explicação
- d) comparação

Exercício 213

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). 1Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luígia para o sul do Brasil. 2Como desertava, meu

bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino. Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

3No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. 4Mas entre nós existe essa diferença na letra. 5Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. 6Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertencido de tudo. Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que herdamos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. 7Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

8Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda. (...)

9Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. 10Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

ELIANE BRUM

Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

(Uerj 2017) No texto, a autora narra fatos e expõe suas opiniões relacionados à vinda de sua família para o Brasil.

Uma dessas opiniões está explicitada em:

- a) Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. (ref. 1)
- b) No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. (ref. 3)
- c) Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. (ref. 5)
- d) Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. (ref. 9)

Exercício 214

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). 1Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luigia para o sul do Brasil. 2Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino. Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

3No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. 4Mas entre nós existe essa diferença na letra. 5Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. 6Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertencido de tudo. Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que herdamos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. 7Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

8Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda. (...)

9Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. 10Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desesperada. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

ELIANE BRUM

Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

(Uerj 2017) Releia o trecho abaixo para responder à questão.

Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro

fantasma, um ganho que revelava uma perda. (ref. 8)

Diante da conduta do funcionário do governo brasileiro, é possível inferir a seguinte reação por parte de Pietro Brun:

- a) apreço pela nova pátria
- b) respeito à memória familiar
- c) submissão às práticas oficiais
- d) desprezo pelas regras migratórias

Exercício 215

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o 1curador anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao 2planetário. Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. 3Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.

Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a mais bela história que li em toda a minha vida.

4Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO

Adaptado de Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1curador – responsável pelo museu

2planetário – local onde é possível reproduzir o movimento dos astros

(Uerj 2017) Umberto Eco narra, no segundo parágrafo do texto, uma experiência surpreendente que vivenciou.

Pode-se compreender essa experiência pela relação que se estabelece entre os seguintes elementos:

- a) tempo cronológico e reconstrução ficcional
- b) avanço tecnológico e ilusão cinematográfica
- c) registro documental e sonho cotidiano
- d) narrativa biográfica e história universal

Exercício 216

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o 1curador anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao 2planetário. Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. 3Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.

Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a mais bela história que li em toda a minha vida.

4Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO

Adaptado de Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1curador – responsável pelo museu

2planetário – local onde é possível reproduzir o movimento dos astros

(Uerj 2017) Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. (ref. 4)

Na frase acima, o autor procura delimitar um sentido para a palavra história por meio dos trechos destacados.

Esses trechos apresentam uma formulação do seguinte tipo:

- a) exemplificação
- b) particularização
- c) modalização
- d) dedução

Exercício 217

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o 1curador anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao 2planetário. Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. 3Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.

Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a mais bela história que li em toda a minha vida.

4Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas: uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num

momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO

Adaptado de Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1curador – responsável pelo museu

2planetário – local onde é possível reproduzir o movimento dos astros

(Uerj 2017) Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida. (ref. 3)

Na palavra destacada, o acréscimo do prefixo hiper indica ideia de:

- a) ampliação
- b) hierarquia
- c) proporção
- d) simultaneidade

Exercício 218

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Há alguns meses fui convidado a visitar o Museu da Ciência de La Coruña, na Galícia. Ao final da visita, o 1curador anunciou que tinha uma surpresa para mim e me conduziu ao 2planetário. Um planetário sempre é um lugar sugestivo, porque, quando se apagam as luzes, temos a impressão de estar num deserto sob um céu estrelado. Mas naquela noite algo especial me aguardava.

De repente a sala ficou inteiramente às escuras, e ouvi um lindo acalanto de Manuel de Falla. Lentamente (embora um pouco mais depressa do que na realidade, já que a apresentação durou ao todo quinze minutos) o céu sobre minha cabeça se pôs a rodar. Era o céu que aparecera sobre minha cidade natal – Alessandria, na Itália – na noite de 5 para 6 de janeiro de 1932, quando nasci. 3Quase hiper-realisticamente vivenciei a primeira noite de minha vida.

Vivenciei-a pela primeira vez, pois não tinha visto essa primeira noite. Provavelmente nem minha mãe a viu, exausta como estava depois de me dar à luz; mas talvez meu pai a tenha visto, ao sair para o terraço, um pouco agitado com o fato maravilhoso (pelo menos para ele) que testemunhara e ajudara a produzir.

O planetário usava um artifício mecânico que se pode encontrar em muitos lugares. Outras pessoas talvez tenham passado por uma experiência semelhante. Mas vocês não de me perdoar se durante aqueles quinze minutos tive a impressão de ser o único homem desde o início dos tempos que havia tido o privilégio de se encontrar com seu próprio começo. Eu estava tão feliz que tive a sensação – quase o desejo – de que podia, deveria morrer naquele exato momento e que qualquer outro momento teria sido inadequado. Teria morrido alegremente, pois vivera a mais bela história que li em toda a minha vida.

4Talvez eu tivesse encontrado a história que todos nós procuramos nas páginas dos livros e nas telas dos cinemas:

uma história na qual as estrelas e eu éramos os protagonistas. Era ficção porque a história fora reinventada pelo curador; era História porque recontava o que acontecera no cosmos num momento do passado; era vida real porque eu era real e não uma personagem de romance.

UMBERTO ECO

Adaptado de Seis passeios pelos bosques da ficção. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

1curador – responsável pelo museu

2planetário – local onde é possível reproduzir o movimento dos astros

(Uerj 2017) No último parágrafo, ao descrever a experiência vivida no planetário, o autor identifica três efeitos: de ficção, de História e de realidade.

De acordo com a exposição do autor, a interação entre esses três efeitos pode ser descrita como uma relação de:

- a) anulação
- b) condição
- c) contradição
- d) superposição

Exercício 219

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. 1Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. 2A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. 3É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. 4Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O mundo se torna menos unido, 5tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. 6Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

7Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se

instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.

Rio de Janeiro: Record, 2004.

42. (Uerj 2017) A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. (ref. 2)

O comentário introduzido entre travessões apresenta um ponto de vista do autor que se sustenta em um elemento subentendido.

Esse elemento está associado à existência, na sociedade, de:

- a) valores familiares
- b) apelos publicitários
- c) diversidade cultural
- d) desigualdade econômica

Exercício 220

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. 1Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. 2A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. 3É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. 4Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O mundo se torna menos unido, 5tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. 6Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

7Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A

pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.

Rio de Janeiro: Record, 2004.

(Uerj 2017) Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. (ref. 1)

Ao empregar a expressão destacada neste trecho, o autor indica sua discordância em relação a uma ideia difundida como verdade inquestionável.

Outra expressão empregada com a mesma finalidade está destacada em:

- a) É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. (ref. 3)
- b) Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta (ref. 4)
- c) tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. (ref. 5)
- d) Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (ref. 6)

Exercício 221

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. 1Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. 2A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. 3É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. 4Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O

mundo se torna menos unido, 5tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. 6Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

7Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.

Rio de Janeiro: Record, 2004.

(Uerj 2017) Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. (ref. 7)

No terceiro parágrafo, as frases posteriores ao trecho citado desenvolvem a argumentação do autor por meio da apresentação de:

- a) hipóteses
- b) evidências
- c) digressões
- d) discordâncias

Exercício 222

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula. O segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade. E o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

Este mundo globalizado, visto como fábula, constrói como verdade um certo número de fantasias. 1Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. 2A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. 3É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. 4Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. O

mundo se torna menos unido, 5tornando também mais distante o sonho de uma cidadania de fato universal. 6Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado.

7Na verdade, para a maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal.

Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

MILTON SANTOS

Adaptado de Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.

Rio de Janeiro: Record, 2004.

(Uerj 2017) No primeiro parágrafo, o autor apresenta uma caracterização negativa do mundo atual, ao mesmo tempo que propõe um procedimento de análise desse contexto que permitiria superá-lo.

Esse procedimento de análise está explicado em:

- a) contestação de práticas históricas que geram injustiças sociais
- b) simulação de cenários futuros que possibilitem novas relações humanas
- c) formulação de conceitos gerais que simplifiquem uma tese controversa
- d) delimitação de aspectos distintos que compõem um problema complexo

Exercício 223

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Resisti a entrar para o Facebook e, mesmo quando já fazia parte de sua rede, minha opinião sobre ela não era das melhores: fragmentação da percepção, e portanto da capacidade cognitiva; intensificação do narcisismo exibicionista da cultura contemporânea; império do senso comum; indistinção entre o público e o privado. Não sei se fui eu quem mudou, se foram meus “amigos” ou se foi a própria rede, mas, hoje, sem que os traços acima tenham deixado de existir, nenhum deles, nem mesmo todos eles em conjunto me parecem decisivos, ao menos na minha experiência: 1agora compreendo e utilizo a rede social como a televisão do século XXI, com diferenças e vantagens sobre a TV tradicional.

A internet, as tecnologias wiki de interação e as redes sociais têm uma dimensão, para usar a expressão do escritor Andrew Keen, de “culto do amador”, mas tal dimensão convive com o seu

oposto, que é essa crítica da mídia tradicional pela nova mídia, cujos agentes muitas vezes nada têm de amadores. Assim, a metatelevisão do Facebook opera tanto selecionando conteúdo da TV tradicional como submetendo-o à crítica. E faz circular ainda informações que a TV, por motivos diversos, suprime. Alguns acontecimentos recentes, no Brasil e no mundo, tiveram coberturas nas redes sociais melhores que nos canais tradicionais. A divergência é uma virtude democrática, e as redes sociais têm contribuído para isso (e para derrubar ditaduras onde não há democracia).

A publicização da intimidade, sem nenhuma transfiguração que lhe confira o estatuto de interesse público, é muito presente na rede. Deve-se lembrar, entretanto, que redes sociais não são exatamente um espaço público, mas um espaço privado ampliado ou uma espécie nova e híbrida de espaço público-privado. Seja como for, aqui também é o usuário que decide sobre o registro em que prevalecerá sua experiência. E não se deve exagerar no tom crítico a essa dimensão; o registro imaginário, narcisista, de promoção do eu é humano, demasiadamente humano, e até certo ponto necessário. Deve-se apenas relativizá-lo; ora, essa relativização vigora igualmente nas redes sociais. 2Além disso, a publicização da intimidade não significa necessariamente autopromoção do eu. Ela pode ativar uma dimensão importante da comunicação humana.

Roland Barthes, escritor francês, costumava dizer que a linguagem sempre diz o que diz e ainda diz o que não diz. Por exemplo, ao citar o nome de Barthes, estou, além de dizer o que ele disse, dizendo que eu o li, que sou um leitor culto. 3Esse tema do que passa por meio de, indiretamente, era importante para Barthes. Ele adorava o caso da brincadeira de passar o anel, onde o que está em jogo é tanto o roçar das mãos quanto o destino do objeto. Pois bem, fui percebendo que a escrita nas redes sociais é uma forma de roçar as mãos, tanto quanto de saber, afinal, onde foi parar o anel. O indireto dessa escrita, o que por meio dela se diz, é uma pura abertura ao outro.

FRANCISCO BOSCO

Adaptado de Alta ajuda. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

(Uerj 2017) Esse tema do que passa por meio de, indiretamente, era importante para Barthes. (ref. 3)

Com base na compreensão do último parágrafo, a expressão que pode substituir o trecho sublinhado é:

- a) das sugestões implícitas
- b) das negações assumidas
- c) das metáforas cristalizadas
- d) dos eufemismos recorrentes

Exercício 224

Resisti a entrar para o Facebook e, mesmo quando já fazia parte de sua rede, minha opinião sobre ela não era das melhores: fragmentação da percepção, e portanto da capacidade cognitiva; intensificação do narcisismo exibicionista da cultura contemporânea; império do senso comum; indistinção entre o público e o privado. Não sei se fui eu quem mudou, se foram meus “amigos” ou se foi a própria rede, mas, hoje, sem que os traços acima tenham deixado de existir,

nenhum deles, nem mesmo todos eles em conjunto me parecem decisivos, ao menos na minha experiência: 1agora compreendo e utilizo a rede social como a televisão do século XXI, com diferenças e vantagens sobre a TV tradicional. A internet, as tecnologias wiki de interação e as redes sociais têm uma dimensão, para usar a expressão do escritor Andrew Keen, de “culto do amador”, mas tal dimensão convive com o seu oposto, que é essa crítica da mídia tradicional pela nova mídia, cujos agentes muitas vezes nada têm de amadores. Assim, a metatelevisão do Facebook opera tanto selecionando conteúdo da TV tradicional como submetendo-o à crítica. E faz circular ainda informações que a TV, por motivos diversos, suprime. Alguns acontecimentos recentes, no Brasil e no mundo, tiveram coberturas nas redes sociais melhores que nos canais tradicionais. A divergência é uma virtude democrática, e as redes sociais têm contribuído para isso (e para derrubar ditaduras onde não há democracia). A publicização da intimidade, sem nenhuma transfiguração que lhe confira o estatuto de interesse público, é muito presente na rede. Deve-se lembrar, entretanto, que redes sociais não são exatamente um espaço público, mas um espaço privado ampliado ou uma espécie nova e híbrida de espaço público-privado. Seja como for, aqui também é o usuário que decide sobre o registro em que prevalecerá sua experiência. E não se deve exagerar no tom crítico a essa dimensão; o registro imaginário, narcisista, de promoção do eu é humano, demasiadamente humano, e até certo ponto necessário. Deve-se apenas relativizá-lo; ora, essa relativização vigora igualmente nas redes sociais. 2Além disso, a publicização da intimidade não significa necessariamente autopromoção do eu. Ela pode ativar uma dimensão importante da comunicação humana.

Roland Barthes, escritor francês, costumava dizer que a linguagem sempre diz o que diz e ainda diz o que não diz. Por exemplo, ao citar o nome de Barthes, estou, além de dizer o que ele disse, dizendo que eu o li, que sou um leitor culto. 3Esse tema do que passa por meio de, indiretamente, era importante para Barthes. Ele adorava o caso da brincadeira de passar o anel, onde o que está em jogo é tanto o roçar das mãos quanto o destino do objeto. Pois bem, fui percebendo que a escrita nas redes sociais é uma forma de roçar as mãos, tanto quanto de saber, afinal, onde foi parar o anel. O indireto dessa escrita, o que por meio dela se diz, é uma pura abertura ao outro.

FRANCISCO BOSCO

Adaptado de Alta ajuda. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

(Uerj 2017) No primeiro parágrafo, o autor introduz uma discussão a respeito das redes sociais.

Essa introdução está organizada a partir do seguinte procedimento:

- a) crítica de ideias contraditórias
- b) valorização de experiência coletiva
- c) exposição de deslocamento de opinião
- d) simulação de proximidade com o leitor

Exercício 225

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Resisti a entrar para o Facebook e, mesmo quando já fazia parte de sua rede, minha opinião sobre ela não era das melhores: fragmentação da percepção, e portanto da capacidade cognitiva; intensificação do narcisismo exibicionista da cultura contemporânea; império do senso comum; indistinção entre o público e o privado. Não sei se fui eu quem mudou, se foram meus “amigos” ou se foi a própria rede, mas, hoje, sem que os traços acima tenham deixado de existir, nenhum deles, nem mesmo todos eles em conjunto me parecem decisivos, ao menos na minha experiência: 1agora compreendo e utilizo a rede social como a televisão do século XXI, com diferenças e vantagens sobre a TV tradicional.

A internet, as tecnologias wiki de interação e as redes sociais têm uma dimensão, para usar a expressão do escritor Andrew Keen, de “culto do amador”, mas tal dimensão convive com o seu oposto, que é essa crítica da mídia tradicional pela nova mídia, cujos agentes muitas vezes nada têm de amadores. Assim, a metatelevisão do Facebook opera tanto selecionando conteúdo da TV tradicional como submetendo-o à crítica. E faz circular ainda informações que a TV, por motivos diversos, suprime. Alguns acontecimentos recentes, no Brasil e no mundo, tiveram coberturas nas redes sociais melhores que nos canais tradicionais. A divergência é uma virtude democrática, e as redes sociais têm contribuído para isso (e para derrubar ditaduras onde não há democracia).

A publicização da intimidade, sem nenhuma transfiguração que lhe confira o estatuto de interesse público, é muito presente na rede. Deve-se lembrar, entretanto, que redes sociais não são exatamente um espaço público, mas um espaço privado ampliado ou uma espécie nova e híbrida de espaço público-privado. Seja como for, aqui também é o usuário que decide sobre o registro em que prevalecerá sua experiência. E não se deve exagerar no tom crítico a essa dimensão; o registro imaginário, narcisista, de promoção do eu é humano, demasiadamente humano, e até certo ponto necessário. Deve-se apenas relativizá-lo; ora, essa relativização vigora igualmente nas redes sociais. 2Além disso, a publicização da intimidade não significa necessariamente autopromoção do eu. Ela pode ativar uma dimensão importante da comunicação humana.

Roland Barthes, escritor francês, costumava dizer que a linguagem sempre diz o que diz e ainda diz o que não diz. Por exemplo, ao citar o nome de Barthes, estou, além de dizer o que ele disse, dizendo que eu o li, que sou um leitor culto. 3Esse tema do que passa por meio de, indiretamente, era importante para Barthes. Ele adorava o caso da brincadeira de passar o anel, onde o que está em jogo é tanto o roçar das mãos quanto o destino do objeto. Pois bem, fui percebendo que a escrita nas redes sociais é uma forma de roçar as mãos, tanto quanto de saber, afinal, onde foi parar o anel. O indireto dessa escrita, o que por meio dela se diz, é uma pura abertura ao outro.

FRANCISCO BOSCO

Adaptado de Alta ajuda. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

(Uerj 2017) Além disso, a publicização da intimidade não significa necessariamente autopromoção do eu. **Ela pode ativar uma dimensão importante da comunicação humana.** (ref. 2)

O valor da frase sublinhada, em relação àquela que a antecede, pode ser caracterizado como:

- a) opositivo
- b) conclusivo
- c) explicativo
- d) conformativo

Exercício 226

Resisti a entrar para o Facebook e, mesmo quando já fazia parte de sua rede, minha opinião sobre ela não era das melhores: fragmentação da percepção, e portanto da capacidade cognitiva; intensificação do narcisismo exibicionista da cultura contemporânea; império do senso comum; indistinção entre o público e o privado. Não sei se fui eu quem mudou, se foram meus “amigos” ou se foi a própria rede, mas, hoje, sem que os traços acima tenham deixado de existir, nenhum deles, nem mesmo todos eles em conjunto me parecem decisivos, ao menos na minha experiência: 1agora compreendo e utilizo a rede social como a televisão do século XXI, com diferenças e vantagens sobre a TV tradicional. A internet, as tecnologias wiki de interação e as redes sociais têm uma dimensão, para usar a expressão do escritor Andrew Keen, de “culto do amador”, mas tal dimensão convive com o seu oposto, que é essa crítica da mídia tradicional pela nova mídia, cujos agentes muitas vezes nada têm de amadores. Assim, a metatelevisão do Facebook opera tanto selecionando conteúdo da TV tradicional como submetendo-o à crítica. E faz circular ainda informações que a TV, por motivos diversos, suprime. Alguns acontecimentos recentes, no Brasil e no mundo, tiveram coberturas nas redes sociais melhores que nos canais tradicionais. A divergência é uma virtude democrática, e as redes sociais têm contribuído para isso (e para derrubar ditaduras onde não há democracia).

A publicização da intimidade, sem nenhuma transfiguração que lhe confira o estatuto de interesse público, é muito presente na rede. Deve-se lembrar, entretanto, que redes sociais não são exatamente um espaço público, mas um espaço privado ampliado ou uma espécie nova e híbrida de espaço público-privado. Seja como for, aqui também é o usuário que decide sobre o registro em que prevalecerá sua experiência. E não se deve exagerar no tom crítico a essa dimensão; o registro imaginário, narcisista, de promoção do eu é humano, demasiadamente humano, e até certo ponto necessário. Deve-se apenas relativizá-lo; ora, essa relativização vigora igualmente nas redes sociais. 2Além disso, a publicização da intimidade não significa necessariamente autopromoção do eu. Ela pode ativar uma dimensão importante da comunicação humana.

Roland Barthes, escritor francês, costumava dizer que a linguagem sempre diz o que diz e ainda diz o que não diz. Por exemplo, ao citar o nome de Barthes, estou, além de dizer o que ele disse, dizendo que eu o li, que sou um leitor culto. 3Esse tema do que passa por meio de, indiretamente, era importante para Barthes. Ele adorava o caso da brincadeira de passar o anel, onde o que está em jogo é tanto o roçar das mãos quanto o destino do objeto. Pois bem, fui percebendo que a escrita nas redes sociais é uma forma de roçar as mãos, tanto quanto de saber, afinal, onde foi parar o anel. O indireto dessa

escrita, o que por meio dela se diz, é uma pura abertura ao outro.

FRANCISCO BOSCO

Adaptado de Alta ajuda. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

(Uerj 2017) agora compreendo e utilizo a rede social como a televisão do século XXI, com diferenças e vantagens sobre a TV tradicional. (ref. 1)

Os termos sublinhados designam mídias distintas para o autor.

Uma vantagem que ele destaca da primeira sobre a segunda é:

- a) regulação do acesso pelo governo
- b) sofisticação de recursos tecnológicos
- c) heterogeneidade dos públicos alcançados
- d) desenvolvimento de conteúdo pelo usuário

Exercício 227

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:



(Uerj 2017) O uso de palavras que se referem a termos já enunciados, sem que seja necessário repeti-los, faz parte dos processos de coesão da linguagem.

Na pergunta feita no segundo quadrinho, uma palavra empregada com esse objetivo é:

- a) nós
- b) aqui
- c) nossa
- d) porque

Exercício 228



(Uerj 2017) No primeiro quadrinho, a declaração feita pela personagem indica um pressuposto acerca do universo escolar.

Esse pressuposto pode ser associado, na escola, à seguinte prática:

- a) negação do patriotismo
- b) intolerância à diversidade
- c) desestímulo às indagações
- d) reprovação de brincadeiras

Exercício 229



(Uerj 2017) Todo o raciocínio da personagem pode ser expresso na fórmula dedutiva “se A, então B”.

Para que essa fórmula esteja de acordo com o raciocínio da personagem, ela deve ser redigida da seguinte maneira:

- Se escolhemos onde nascer, então amar a pátria não é uma obrigação.
- Se não escolhemos onde nascer, então amar a pátria é uma conveniência.
- Se a professora se zanga com perguntas, então eu não devo fazer uma redação só com perguntas.
- Se a professora não se zanga com perguntas, então eu posso fazer uma redação só com perguntas.

Exercício 230

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. 1Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. 2Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno.

Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas”. O vírus teria se espalhado porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. 3O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano.

De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. 4Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença.

Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus.

Por que é importante determinar a “viagem” do vírus? Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): “Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo”. Desde julho de 2017, mais de 100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de bbc.com, 06/02/2018.

(Uerj 2019) Para apresentação das teses que explicam o avanço da febre amarela, a autora do texto recorre, principalmente, à seguinte estratégia:

- referências a dilemas
- alusão a subentendidos
- construção de silogismo
- argumentos de autoridade

Exercício 231

Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. 1Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da

forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. 2Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno.

Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas”. O vírus teria se espalhado porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. 3O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano.

De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. 4Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença.

Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus.

Por que é importante determinar a “viagem” do vírus? Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): “Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo”. Desde julho de 2017, mais de

100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de bbc.com, 06/02/2018.

(Uerj 2019) A frase que contém uma explicação do conteúdo da frase anterior está sublinhada em:

- a) Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. (ref. 1)
- b) Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. (ref. 2)
- c) O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano. (ref. 3)
- d) Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. (ref. 4)

Exercício 232

Três teses sobre o avanço da febre amarela

Como a febre amarela rompeu os limites da Floresta Amazônica e alcançou o Sudeste, atingindo os grandes centros urbanos? A partir do ano passado, o número de casos da doença alcançou níveis sem precedentes nos últimos cinquenta anos. 1Desde o início de 2017, foram confirmados 779 casos, 262 deles resultando em mortes. Trata-se do maior surto da forma silvestre da doença já registrado no país. Outros 435 registros ainda estão sob investigação.

Como tudo começou? Os navios portugueses vindos da África nos séculos XVII e XVIII não trouxeram ao Brasil somente escravos e mercadorias. 2Dois inimigos silenciosos vieram junto: o vírus da febre amarela e o mosquito *Aedes aegypti*. A consequência foi uma série de surtos de febre amarela urbana no Brasil, com milhares de mortos. Por volta de 1940, a febre amarela urbana foi erradicada. Mas o vírus migrou, pelo trânsito de pessoas infectadas, para zonas de floresta na região Amazônica. No início dos anos 2000, a febre amarela ressurgiu em áreas da Mata Atlântica. Três teses tentam explicar o fenômeno.

Segundo o professor Aloísio Falqueto, da Universidade Federal do Espírito Santo, “uma pessoa pegou o vírus na Amazônia e entrou na Mata Atlântica depois, possivelmente na altura de Montes Claros, em Minas Gerais, onde surgiram casos de macacos e pessoas infectadas”. O vírus teria se espalhado

porque os primatas da mata eram vulneráveis: como o vírus desaparece da região na década de 1940, não desenvolveram anticorpos. Logo os macacos passaram a ser mortos por seres humanos que temem contrair a doença. 30 massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano.

De acordo com o pesquisador Ricardo Lourenço, do Instituto Oswaldo Cruz, os mosquitos transmissores da doença se deslocaram do Norte para o Sudeste, voando ao longo de rios e corredores de mata. Estima-se que um mosquito seja capaz de voar 3 km por dia. 4 Tanto o homem quanto o macaco, quando picados, só carregam o vírus da febre amarela por cerca de três dias. Depois disso, o organismo produz anticorpos. Em cerca de dez dias, primatas e humanos ou morrem ou se curam, tornando-se imunes à doença.

Para o infectologista Eduardo Massad, professor da Universidade de São Paulo, o rompimento da barragem da Samarco, em Mariana (MG), em 2015, teve papel relevante na disseminação acelerada da doença no Sudeste. A destruição do habitat natural de diferentes espécies teria reduzido significativamente os predadores naturais dos mosquitos. A tragédia ambiental ainda teria afetado o sistema imunológico dos macacos, tornando-os mais suscetíveis ao vírus.

Por que é importante determinar a “viagem” do vírus? Basicamente, para orientar as campanhas de vacinação. Em 2014, Eduardo Massad elaborou um plano de imunização depois que 11 pessoas morreram vítimas de febre amarela em Botucatu (SP): “Eu fiz cálculos matemáticos para determinar qual seria a proporção da população nas áreas não vacinadas que deveria ser imunizada, considerando os riscos de efeitos adversos da vacina. Infelizmente, a Secretaria de Saúde não adotou essa estratégia. Os casos acontecem exatamente nas áreas onde eu havia recomendado a vacinação. A Secretaria está correndo atrás do prejuízo”. Desde julho de 2017, mais de 100 pessoas foram contaminadas em São Paulo e mais de 40 morreram.

O Ministério da Saúde afirmou em nota que, desde 2016, os estados e municípios vêm sendo orientados para a necessidade de intensificar as medidas de prevenção. A orientação é que pessoas em áreas de risco se vacinem.

NATHALIA PASSARINHO

Adaptado de bbc.com, 06/02/2018.

(Uerj 2019) No sexto parágrafo, a interlocução com o leitor é explicitamente marcada pelo emprego de:

- a) pergunta
- b) estatística
- c) depoimento
- d) coloquialismo

Exercício 233

(Ufsc 2020)



Disponível em: <https://www.wilsonvieira.net.br/2015/02/charges-do-dia-so-sei-que-nada-sei.html>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Com base no texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) na frase “só sei que de tudo eu sei...”, é possível substituir a expressão “de tudo” por “sobretudo” sem prejuízo ao sentido do texto.
- 02) a pena, o computador e o celular, retratados por meio da linguagem visual, contribuem para marcar cronologicamente o contraste entre ferramentas de escrita.
- 04) é um exemplar do gênero anúncio publicitário que visa promover o uso de novas tecnologias que superaram o manuscrito.
- 08) a frase “só sei que nada sei...” pode ser substituída por “não sei nada” sem prejuízo ao sentido do texto.
- 16) o texto explora a noção de conhecimento em dois momentos históricos distintos.

Exercício 234

(Ufsc 2019) TEXTO 1



Disponível em: <https://www.topimagens.com.br/outros/15801-na-minha-escola.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

TEXTO 2

A OPINIÃO DA INOCÊNCIA

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos Capitães da Areia.

– Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras.

Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta ideia errada infunde às crianças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do dr. juiz de menores. A ele volveremos.

(Reportagem publicada no Jornal da Tarde, na página de “Fatos Policiais”, com um clichê da casa do comendador e um deste no momento em que era condecorado.)

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 12.

Relacionando os Textos 1 e 2, a obra Capitães da Areia, o contexto sócio-histórico e literário do romance e, ainda, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) nos Textos 1 e 2, as crianças demonstram facilidade para estabelecer relações entre si, mesmo percebendo a existência de diferenças étnicas, raciais e socioeconômicas.
- 02) a ironia presente na charge consiste no fato de o adulto e a criança compartilharem a mesma visão de mundo.
- 04) os Textos 1 e 2 pertencem ao mesmo gênero textual, mas se diferenciam pela temática.
- 08) no Texto 2, o que é denominado no jornal como “outro delicado problema” (ref. 1) são os filmes que influenciam os meninos com ideias erradas.
- 16) o Texto 2 é característico da esfera jornalista e integra, junto com outros textos, a parte inicial do romance para problematizar a vida dos meninos de rua.

Exercício 235 (Ufsc 2019) TEXTO I

Edição do dia 22/12/2016
22/12/2016 21h10 – Atualizado em 22/12/2016 21h57

Governo anuncia propostas para modernizar leis trabalhistas de 1940

Acordos fechados pelas categorias terão peso legal.
Férias poderão ser parceladas em até três vezes.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/12/governo-anuncia-propostas-para-modernizar-leis-trabalhistas-de-1940.html>>. [Adaptado]. Acesso em: 26 jan. 2017.

TEXTO II



Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/51254-charges-julho-de-2017/foto-697131>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

Com base na leitura dos textos acima e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) o termo “modernizar”, no título do Texto I, complementa o verbo com a ideia de finalidade.
- 02) o substantivo “Modernidade”, no balão do Texto II, faz alusão a um contexto histórico que denota a ideia de progresso, o que contrasta com a imagem do navio sendo movido por pessoas em trabalho análogo à escravidão.
- 04) o termo “modernizar”, no que se refere às leis trabalhistas (Texto I), pode ser compreendido como objeto de crítica pela charge de Laerte (Texto II).
- 08) os Textos I e II expressam posicionamentos convergentes em relação ao mesmo fato social: a alteração das leis trabalhistas.
- 16) no título do Texto I, a palavra “modernizar” pode ser substituída por “ampliar”, sem prejuízo de significado.
- 32) o Texto I é um exemplo de reportagem, no qual elementos constitutivos do gênero são claramente identificáveis: título, manchete e lide.
- 64) na expressão “A brisa da modernidade trabalhista!” (Texto II), o substantivo “brisa” é utilizado em sentido figurado, remetendo, por associação, à noção de “bons ventos”, “novidade” e “progresso”, interpretação fundamental para a charge operar o efeito de humor.

Exercício 236 TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES: Não há desenvolvimento sem proteção ambiental

O desastre de Brumadinho é uma boa oportunidade para refletir sobre uma visão muito disseminada no Brasil de que a proteção ambiental é um entrave ao desenvolvimento. 1Tem aumentado o número de pessoas que acreditam na ideia de que o Brasil deveria afrouxar as políticas ambientais como forma de acelerar a economia. 2Muitos acreditam que devemos desenhar políticas econômicas sem analisar suas consequências ambientais. 3Isso está 4profundamente equivocado. Não há desenvolvimento sem proteção ambiental. Os livros de economia das melhores universidades do mundo já não falam mais de crescimento sem considerar os seus impactos ambientais, que no passado eram tratados como simples “externalidades”. A visão de que o que importa é fazer o 5bolo crescer para depois dividir a renda e limpar a poluição está 6totalmente ultrapassada. 7Na visão antiga, qualquer forma de produzir minério é boa porque faz a economia crescer, gerando empregos, e isso basta.

8 Não entra nessa perspectiva a análise do custo das vidas e da degradação ambiental de desastres como Brumadinho ou Mariana (este foi o maior da história do Brasil). Se os órgãos ambientais tivessem exigido maiores investimentos da Vale na segurança das barragens antes de conceder a licença, isso teria sido visto como um “entrave ambiental”.

O que ocorre quando há um afrouxamento do licenciamento ambiental é que, de fato, aumenta-se a margem de lucro das empresas, em função da redução dos custos. Isso é bom para as empresas e seus acionistas. 9 Porém, quando ocorre um desastre ambiental, o que há é uma socialização dos prejuízos, que são pagos pela sociedade como um todo. 10 Esse prejuízo ocorre na forma de morte de pessoas, traumas psicológicos, perdas de pertences pessoais, doenças, degradação dos rios e lagos, contaminação dos mananciais de água potável, destruição das florestas que mantêm o regime de chuvas, a vazão dos rios e os insetos que polinizam as lavouras; dentre muitos 11 outros. Portanto, interessa às empresas, mas não interessa à sociedade o afrouxamento do licenciamento ambiental.

Indo além das tragédias de Brumadinho e Mariana, podemos estender essa reflexão para o desenho de políticas econômicas e suas consequências ambientais. 12 Dentro de uma visão convencional e simplista de economia, eliminar incentivos fiscais é positivo, pois reduz distorções do mercado e contribui para o aumento da competitividade. 13 Essa visão está ultrapassada. É essencial considerar os impactos ambientais das políticas econômicas.

[...]

O trágico desastre de Brumadinho deve servir de alerta para toda a sociedade brasileira. 14 Promover o desenvolvimento econômico às custas da destruição ambiental é burrice e é contrário ao interesse nacional. Não há desenvolvimento sem proteção ambiental. Devemos ter a competência de construir um estilo de desenvolvimento que seja, de fato, sustentável.

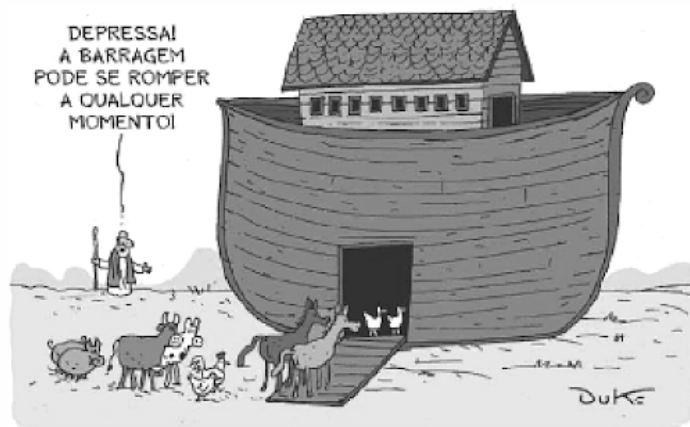
Virgílio Viana é engenheiro florestal pela ESALQ, Ph.D. pela Universidade de Harvard, ex-secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas e superintendente da Fundação Amazonas Sustentável.

VIANA, Virgílio. Não há desenvolvimento sem proteção ambiental. El País: Opinião, 16 mar. 2019.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/opinion/1552674544_685747.html.

[Adaptado]. Acesso em: 30 mar. 2019.

(Ufsc 2019)



DUKE. Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br/charge-do-duke-1537>. Acesso em: 30 mar. 2019.

Com base na charge e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) a charge reitera a tese de desenvolvimento sustentável presente no texto.
- 02) a charge explora a crítica social ao fazer remissão a tragédias ambientais recentes na história do Brasil.
- 04) o uso da exclamação acentua a noção de urgência manifestada pela personagem diante de um perigo iminente.
- 08) a pontuação utilizada reforça o emprego de verbo no imperativo na fala da personagem.
- 16) a frase “A barragem pode se romper a qualquer momento!” pode ser substituída por “O dilúvio pode ocorrer a qualquer momento!” mantendo-se o mesmo sentido da charge.
- 32) o humor do texto depende do reconhecimento da relação entre um acontecimento contemporâneo e um texto bíblico.

Exercício 237 (Ufsc 2017)



Disponível em: <<http://noveescola.org.br/lingua-portuguesa/calvin-eus-amigos-428852.shtml>>. [Adaptado] Acesso em: 24 jun. 2016.

Com base na leitura da tirinha e de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa, é correto afirmar que:

- 01) a ideia principal da tirinha é a criação de novas palavras na língua.
- 02) as palavras “papai” (primeiro quadrinho) e “você” (quarto quadrinho) remetem ao mesmo referente, porém exercem funções morfosintáticas distintas.
- 04) no segundo e no terceiro quadrinho, “a gente” é usado como pronome pessoal em referência à primeira pessoa do plural e desempenha a mesma função morfosintática nas duas ocorrências.
- 08) as formas verbais “pode” (primeiro quadrinho) e “podem” (segundo quadrinho) são usadas no texto para expressar a ideia de possibilidade.
- 16) a partir da leitura da tirinha, infere-se que a língua pode se tornar um mecanismo de exclusão social.
- 32) no quarto quadrinho, as palavras “fãmbre” e “lubrificado” e as palavras “joia”, “maneiro” e “demorô” são usadas pelos

dois personagens, respectivamente, com a mesma intenção: marcar expressões que são típicas da fala de duas gerações.

Exercício 238
(Ufsc 2016)



Disponível em: <<http://www.geografiaparatodos.com.br>>. [Adaptado]. Acesso em: 30 jun. 2015.

Com base no texto, é CORRETO afirmar que:

- 01) o texto tematiza a questão do florestamento como uma ação tipicamente humana.
- 02) poderia haver a substituição da forma verbal “existem” pela forma verbal “há”, sem acarretar qualquer mudança semântica e morfossintática no restante do texto.
- 04) as expressões “mais óbvio” e “inteligente”, no texto, são usadas de forma metonímica, apresentando uma relação intrínseca com os termos que qualificam.
- 08) a expressão “às vezes”, na primeira linha do texto, denota uma ideia de temporalidade.
- 16) a palavra “indício”, na primeira linha do texto, poderia ser substituída por “sinal”, sem alteração de sentido.
- 32) a palavra “que”, nas diferentes linhas do texto, exerce a mesma função morfossintática: pronome relativo, substituindo o substantivo ou o pronome antecedente na oração.

Exercício 239
(Ufsc 2020)



Luiza Sahd 23/02/2018 5h

Você vivencia realmente o textão que publica na internet?

1Este textão aqui não quer passar nem perto de te dar uma lição de moral. 2Viver de textão (como é o meu caso e de outros tantos colegas) faz com que a gente jamais tenha certeza do que está dizendo, principalmente porque as palavras escritas são estáticas. O mundo, não.

Quando pergunto se você realmente vivencia o textão que compartilha na internet, minha preocupação não é com apontar hipocrisia ou incoerência na sua vida, mas que a gente consiga experimentar de verdade as coisas que prega exaustivamente. Ontem fui visitar um amigo e ele levantou a lebre do textão versus vida real. Particularmente, fiquei bolada com a quantidade de vezes em que exaltei iniciativas que nunca consegui ter na vida fora dos ecrãs.

A gente se empolga com a hashtag #MeToo e tolera vagabundo assediando a colega de trabalho; reclama da piada impertinente do Silvio Santos, mas não consegue retrucar o

primo mala que fez a mesma coisa no almoço de família; fica chocado com a negligência política em relação à saúde pública enquanto se enche de comida encebada e cachaça. O textão tem sido um ensaio sem fim para o que queríamos da vida real – mas não temos muita disposição de bancar. Depois da conversa que tivemos sobre isso, saí da casa do amigo decidida a só abrir a boca para pregar sobre o que eu realmente fosse capaz de realizar no dia a dia. Não se passaram 24 horas desde então e eu já:

- 3Fui assediada sem esboçar reação, porque estava começando a chover e não quis ficar discutindo com um estranho enquanto meu cabelo se desfazia;
- Me atrasei para a terapia, tempo contado e precioso de organização da minha vida;
- Julguei secretamente uma mulher dando refrigerante para um moleque de fralda;
- Ri da letra de uma música que, na verdade, deveria me dar motivos para chorar;
- Burlei o boicote de anos a um restaurante porque estava morrendo de fome e pressa.

Pode ser que eu esteja enganada (adoraria!), mas como parte responsável pela existência de textões, meu único conselho útil nesse sentido, hoje, seria: 4se te falta coragem para pôr em prática o que colocamos na internet, desligue o textão e vá ver TV.

Disponível em:
<https://luizasahd.blogosfera.uol.com.br/2018/02/23/voce-vivencia-realmente-o-textao-que-publica-na-internet>.
[Adaptado].
Acesso em: 31 ago. 2019.

Considere os trechos a seguir, extraídos do Texto 4, e a variedade padrão da língua escrita.

- I. Este textão aqui não quer passar nem perto de te dar uma lição de moral. (referência 1)
- II. Viver de textão [...] faz com que a gente jamais tenha certeza do que está dizendo [...]. (referência 2)
- III. Fui assediada sem esboçar reação, porque estava começando a chover e não quis ficar discutindo com um estranho enquanto meu cabelo se desfazia. (referência 3)
- IV. [...] se te falta coragem para pôr em prática o que colocamos na internet, desligue o textão e vá ver TV. (referência 4)

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

- 01) em I, os termos “Este” e “aqui” pertencem a classes de palavras diferentes, mas desempenham o papel de indicar que a autora refere-se ao seu próprio texto.
- 02) em II, a locução “a gente” apresenta valor semântico de pronome de primeira pessoa do plural.
- 04) em III, a reescrita da sentença com o sujeito no plural fica “Fomos assediadas sem esboçar reações, porque estava começando a chover e não queríamos ficar discutindo com um estranho enquanto nosso cabelo se desfazia.”.

08) em II e IV, as sentenças são escritas com verbos impessoais.

16) em III, as palavras “assediada”, “começando” e “discutindo” desempenham a mesma função gramatical.

32) em IV, a autora expressa seu posicionamento crítico à forma de fazer crítica por meio de “textão” publicado na internet.

Exercício 240

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Memes no museu

Um fenômeno em exposição



O professor Viktor Chagas chegou ao Museu da República, no Rio de Janeiro, cumprimentou os seguranças e apontou para a maior tela do salão térreo. “Esta é a famosa pintura da confecção da bandeira, de Pedro Bruno”, disse, apressado. O quadro A Pátria, de 1919, retrata uma criança agarrada a uma imensa bandeira do Brasil que está sendo confeccionada por um grupo de mulheres. É uma das imagens emblemáticas da virada republicana do país. O professor subiu as escadas, atravessou uma sala, depois outra, e por fim se postou diante de uma imagem menor que reproduzia a tela de Pedro Bruno, mas coberta de letras brancas que diziam: “1 Ordem e Progresso: é verdade esse bilete.”

Trata-se de uma das montagens que Chagas pinçou da internet para integrar a exposição “A política dos memes e os memes da política”, organizada por ele. “O meme, em essência, é tudo que é replicado. E sempre pressupõe muitas camadas de significados”, afirmou o professor, diante da imagem. “Este meme, por exemplo, só ganha sentido ao conhecermos o quadro original, o contexto político do momento e outro meme que mostrava o recado de um menino para a sua mãe” (“Senhores paes, amanhã não vai ter aula porque pode ser feriado. Assinado: Tia Paulinha. É verdade esse bilete”). A frase final do recado virou mote para diversos memes.

A exposição espalha-se por quatro salas que tratam da relação dos memes com os símbolos nacionais, a propaganda política, a persuasão e a desinformação, entre outros temas. Tudo é acompanhado de textos que mostram a complexidade das forças políticas e sociais em jogo nas imagens. “2 Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção”, disse Chagas, do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). “Queremos que as pessoas encarem o objeto do meme como 3 algo

relevante, fugindo do 4 oba-oba, 5 do besteiro!, da 6 balbúrdia.” [...]

Formado em jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em história pela Fundação Getúlio Vargas, Chagas sempre trabalhou com temas relacionados à mídia e ao poder. Quando foi contratado pela UFF, em 2011, começou a ser indagado pelos alunos sobre fenômenos da internet. Leigo no assunto, ele passou a pesquisar sobre memes e percebeu que tinham muito a ver com seus temas de estudo. Organizou, então, um grupo de alunos para catalogar os memes e analisá-los. A ideia era colocar as pesquisas como verbetes na Wikipédia, mas seus colegas na universidade não endossaram a proposta. Disseram que uma enciclopédia deveria prezar pela relevância e, para a academia, memes não eram importantes.

Chagas decidiu, então, montar uma “enciclopédia” por conta própria. Criou com sua equipe o #MUSEUdeMEMES, um site que reúne as intervenções mais difundidas e influentes, que explica em que contexto surgiram e que impacto político e/ou social tiveram. Na última contagem feita, estavam catalogadas e analisadas no museu cerca de 200 famílias de memes, séries com o mesmo tema.

O site também abriga cerca de 1.200 trabalhos escritos cadastrados (teses, artigos etc.) e tornou-se referência no assunto. Em quatro anos de existência, teve mais de 2 milhões de visitantes, marca considerável para um projeto acadêmico. 7 Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real. E assim ele chegou ao Museu da República, que hospeda a mostra até o dia 24 de agosto. [...]

PAVARIN, Guilherme. Memes no museu. Revista Piauí, ed. 155, ago. 2019.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/memes-no-museu>. [Adaptado]. Acesso em: 2 set. 2019.

(Ufsc 2020) Com base no texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) no penúltimo parágrafo do texto, em todas as orações o sujeito é o nome “Chagas”, o qual é retomado pelas formas nominal e pronominal.

02) na frase “Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real.” (referência 7), os dois-pontos são empregados para apresentar um esclarecimento.

04) os termos “oba-oba” (referência 4), “besteiro!” (referência 5) e “balbúrdia” (referência 6) estabelecem uma relação de antonímia com a expressão “algo relevante” (referência 3).

08) na frase “Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção” (referência 2), os dois-pontos introduzem uma oração subordinada.

16) no trecho “Ordem e Progresso: é verdade esse bilete.” (referência 1), a expressão “É verdade esse bilete” expressa ironia ao estabelecer intertextualidade com o bilhete de um menino à sua mãe.

32) o texto é um exemplar de artigo científico, uma vez que nele se identifica o posicionamento crítico de um pesquisador

que é referência em sua área.

Exercício 241

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Memes no museu

Um fenômeno em exposição



O professor Viktor Chagas chegou ao Museu da República, no Rio de Janeiro, cumprimentou os seguranças e apontou para a maior tela do salão térreo. “Esta é a famosa pintura da confecção da bandeira, de Pedro Bruno”, disse, apressado. O quadro A Pátria, de 1919, retrata uma criança agarrada a uma imensa bandeira do Brasil que está sendo confeccionada por um grupo de mulheres. É uma das imagens emblemáticas da virada republicana do país. O professor subiu as escadas, atravessou uma sala, depois outra, e por fim se postou diante de uma imagem menor que reproduzia a tela de Pedro Bruno, mas coberta de letras brancas que diziam: “1Ordem e Progresso: é verdade esse bilete.”

Trata-se de uma das montagens que Chagas pinçou da internet para integrar a exposição “A política dos memes e os memes da política”, organizada por ele. “O meme, em essência, é tudo que é replicado. E sempre pressupõe muitas camadas de significados”, afirmou o professor, diante da imagem. “Este meme, por exemplo, só ganha sentido ao conhecermos o quadro original, o contexto político do momento e outro meme que mostrava o recado de um menino para a sua mãe” (“Senhores paes, amanhã não vai ter aula poorque pode ser feriado. Assinado: Tia Paulinha. É verdade esse bilete”). A frase final do recado virou mote para diversos memes.

A exposição espalha-se por quatro salas que tratam da relação dos memes com os símbolos nacionais, a propaganda política, a persuasão e a desinformação, entre outros temas. Tudo é acompanhado de textos que mostram a complexidade das forças políticas e sociais em jogo nas imagens. “2Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção”, disse Chagas, do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). “Queremos que as pessoas encarem o objeto do meme como 3algo relevante, fugindo do 4oba-oba, 5do besteiro, da 6balbúrdia.” [...]

Formado em jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em história pela Fundação Getúlio Vargas, Chagas sempre trabalhou com temas relacionados à mídia e ao poder. Quando foi contratado pela UFF, em 2011, começou a ser indagado pelos alunos sobre

fenômenos da internet. Leigo no assunto, ele passou a pesquisar sobre memes e percebeu que tinham muito a ver com seus temas de estudo. Organizou, então, um grupo de alunos para catalogar os memes e analisá-los. A ideia era colocar as pesquisas como verbetes na Wikipédia, mas seus colegas na universidade não endossaram a proposta. Disseram que uma enciclopédia deveria prezar pela relevância e, para a academia, memes não eram importantes.

Chagas decidiu, então, montar uma “enciclopédia” por conta própria. Criou com sua equipe o #MUSEUdeMEMES, um site que reúne as intervenções mais difundidas e influentes, que explica em que contexto surgiram e que impacto político e/ou social tiveram. Na última contagem feita, estavam catalogadas e analisadas no museu cerca de 200 famílias de memes, séries com o mesmo tema.

O site também abriga cerca de 1.200 trabalhos escritos cadastrados (teses, artigos etc.) e tornou-se referência no assunto. Em quatro anos de existência, teve mais de 2 milhões de visitantes, marca considerável para um projeto acadêmico.

Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real. E assim ele chegou ao Museu da República, que hospeda a mostra até o dia 24 de agosto. [...]

PAVARIN, Guilherme. Memes no museu. Revista Piauí, ed. 155, ago. 2019.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/memes-no-museu>. [Adaptado]. Acesso em: 2 set. 2019.

(Ufsc 2020) Com base no texto, é correto afirmar que:

01) percebe-se a ampliação do conceito de arte a partir da alusão à pintura A Pátria, de Pedro Bruno, à versão dessa mesma obra em meme.

02) o autor critica a estrutura dos memes, a qual pressupõe muitas camadas de significado que só fazem sentido quando relacionadas ao quadro original.

04) a criação de um museu de memes é importante para que se conheça a origem de uma informação e assim se evite a propagação de fake news (notícias falsas).

08) uma das peças que integram a exposição é um meme criado por um garoto para sua mãe e que foi amplamente difundido na internet.

16) um meme é essencialmente tudo que pode ser replicado, que possui várias camadas de significado e cujo sentido depende da relação com elementos como a obra original, o contexto em que foi criado e outros memes.

32) o objetivo principal do texto é divulgar a criação de um museu de memes na internet.

Exercício 242

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Memes no museu

Um fenômeno em exposição



O professor Viktor Chagas chegou ao Museu da República, no Rio de Janeiro, cumprimentou os seguranças e apontou para a maior tela do salão térreo. “Esta é a famosa pintura da confecção da bandeira, de Pedro Bruno”, disse, apressado. O quadro A Pátria, de 1919, retrata uma criança agarrada a uma imensa bandeira do Brasil que está sendo confeccionada por um grupo de mulheres. É uma das imagens emblemáticas da virada republicana do país. O professor subiu as escadas, atravessou uma sala, depois outra, e por fim se postou diante de uma imagem menor que reproduzia a tela de Pedro Bruno, mas coberta de letras brancas que diziam: “1Ordem e Progresso: é verdade esse biletê.”

Trata-se de uma das montagens que Chagas pinçou da internet para integrar a exposição “A política dos memes e os memes da política”, organizada por ele. “O meme, em essência, é tudo que é replicado. E sempre pressupõe muitas camadas de significados”, afirmou o professor, diante da imagem. “Este meme, por exemplo, só ganha sentido ao conhecermos o quadro original, o contexto político do momento e outro meme que mostrava o recado de um menino para a sua mãe” (“Senhores paes, amanhã não vai ter aula poorque pode ser feriado. Assinado: Tia Paulinha. É verdade esse biletê”). A frase final do recado virou mote para diversos memes.

A exposição espalha-se por quatro salas que tratam da relação dos memes com os símbolos nacionais, a propaganda política, a persuasão e a desinformação, entre outros temas. Tudo é acompanhado de textos que mostram a complexidade das forças políticas e sociais em jogo nas imagens. “2Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção”, disse Chagas, do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). “Queremos que as pessoas encarem o objeto do meme como 3algo relevante, fugindo do 4oba-oba, 5do besteiro, da 6balbúrdia.” [...]

Formado em jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em história pela Fundação Getúlio Vargas, Chagas sempre trabalhou com temas relacionados à mídia e ao poder. Quando foi contratado pela UFF, em 2011, começou a ser indagado pelos alunos sobre fenômenos da internet. Leigo no assunto, ele passou a pesquisar sobre memes e percebeu que tinham muito a ver com seus temas de estudo. Organizou, então, um grupo de alunos para catalogar os memes e analisá-los. A ideia era colocar as pesquisas como verbetes na Wikipédia, mas seus colegas na universidade não endossaram a proposta. Disseram que uma

enciclopédia deveria prezar pela relevância e, para a academia, memes não eram importantes.

Chagas decidiu, então, montar uma “enciclopédia” por conta própria. Criou com sua equipe o #MUSEUdeMEMES, um site que reúne as intervenções mais difundidas e influentes, que explica em que contexto surgiram e que impacto político e/ou social tiveram. Na última contagem feita, estavam catalogadas e analisadas no museu cerca de 200 famílias de memes, séries com o mesmo tema.

O site também abriga cerca de 1.200 trabalhos escritos cadastrados (teses, artigos etc.) e tornou-se referência no assunto. Em quatro anos de existência, teve mais de 2 milhões de visitantes, marca considerável para um projeto acadêmico. 7Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real. E assim ele chegou ao Museu da República, que hospeda a mostra até o dia 24 de agosto. [...]

PAVARIN, Guilherme. Memes no museu. Revista Piauí, ed. 155, ago. 2019.

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/memes-no-museu>. [Adaptado]. Acesso em: 2 set. 2019.

(Ufsc 2020) Com base no texto, é correto afirmar que:

01) a expressão “a política dos memes” difere semanticamente de “os memes da política”.

02) o quadro A Pátria, de 1919, é um dos exemplos de montagem que Chagas pinçou da internet para integrar a exposição.

04) a ideia inicial de Chagas era criar uma enciclopédia, mas, como seus colegas na universidade não endossaram a proposta, optou por publicar o conteúdo com sua equipe na forma de verbetes na Wikipédia.

08) o texto articula sobretudo trechos de narração e de descrição e tem por finalidade apresentar uma exposição em cartaz no Museu da República.

16) a exposição “A política dos memes e os memes da política”, organizada pelo #MUSEUdeMEMES, teve mais de 2 milhões de visitantes.

Exercício 243

(Ufsc 2019) Escritor é acusado de racismo por trecho em biografia de Clarice Lispector



As escritoras Clarice Lispector e Carolina de Jesus durante o lançamento de um livro

(Foto: Acervo de divulgação/Editora Rocco)

O escritor e historiador Benjamin Moser, autor da mais recente biografia de Clarice Lispector, vem sendo acusado de racismo desde que um trecho do livro, publicado no Brasil em 2011, foi resgatado nas redes sociais.

A lembrança veio da autora mineira Ana Maria Gonçalves. No último sábado (14), ela republicou uma passagem de Clarice em que Moser descreve uma imagem na qual Lispector aparece conversando com Carolina Maria de Jesus durante o lançamento de um livro.

“Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da 1proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer 2uma estrela de cinema, Carolina parece 3tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a 4empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro”, escreve o biógrafo na página 25. [...]

Procurado pela CULT, Benjamin Moser não quis dar entrevista. 5Ele afirmou que fez as modificações necessárias no texto para que, nas próximas edições da biografia, “suas intenções fiquem mais claras”. Ele não concorda que a descrição 6tenha sido, de fato, preconceituosa, e afirmou que considera o assunto “fechado”.

Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/escritor-e-acusado-de-racismo-por-trecho-em-biografia-de-clarice-lispector>. [Adaptado]. Acesso em: 30 mar. 2019.

Com base no texto e na leitura integral da obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, no contexto sócio-histórico e literário e, ainda, de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) as locuções “proverbialmente linda” (ref. 1) e “uma estrela de cinema” (ref. 2) estabelecem uma relação de forte contraste com o “tensa e fora do lugar” (ref. 3) e “empregada doméstica de Clarice” (ref. 4), sugerindo a superioridade de Clarice sobre Carolina.

02) após ser procurado pela revista, Moser reconheceu seus equívocos, mas não fez modificações na biografia de Clarice

Lispector, pois o original da obra já estava “fechado”.

04) de acordo com o texto, a acusação de racismo partiu da autora mineira Ana Maria Gonçalves, que se lembrava do evento do qual participou com Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus.

08) o escritor e historiador Benjamin Moser não reconhece a importância literária da obra *Quarto de despejo*.

16) o texto noticia o lançamento de um livro da escritora Clarice Lispector ao qual compareceu Carolina Maria de Jesus.

32) a expressão “tenha sido” (ref. 6) marca uma ação de passado anterior a outra ação, equivalente à forma verbal “fora” do pretérito mais-que-perfeito.

64) a sentença “Ele afirmou que fez as modificações necessárias no texto” (ref. 5) está na voz passiva por se tratar de uma citação do biógrafo feita pela revista CULT.

Exercício 244

(Ufsc 2019) Com base no texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) no excerto “Muitos acreditam que devemos desenhar políticas econômicas sem analisar suas consequências ambientais” (ref. 2), o termo “muitos” indica uma quantidade indeterminada de pessoas.

02) a afirmação “Não há desenvolvimento sem proteção ambiental” sintetiza a tese defendida pelo autor do texto.

04) o autor sustenta duas visões: a antiga, em que qualquer forma de crescimento econômico que gere empregos é suficiente (ref. 7), e a convencional e simples, em que a eliminação de incentivos fiscais é vista como positiva, pois contribui para reduzir distorções do mercado e aumentar a competitividade (ref. 12).

08) o texto está inserido na esfera do jornalismo e apresenta uma tomada de posição do autor após o desastre de Brumadinho.

16) “esse” (ref. 10) e “essa” (ref. 13) são pronomes com função de retomada anafórica por meio dos quais o autor introduz elementos de contra-argumentação ao desenvolvimento sustentável.

32) Brumadinho e Mariana são exemplos de tragédias ambientais ocorridas no Brasil decorrentes de catástrofes naturais.

Exercício 245

(Ufsc 2019) Considere os trechos a seguir, extraídos do texto, suas relações com o texto na íntegra e a variedade padrão da língua escrita.

I. Tem aumentado o número de pessoas que acreditam na ideia de que o Brasil deveria afrouxar as políticas ambientais como forma de acelerar a economia. (ref. 1)

II. Não entra nessa perspectiva a análise do custo das vidas e da degradação ambiental de desastres como Brumadinho ou Mariana (este foi o maior da história do Brasil). (ref. 8)

III. Porém, quando ocorre um desastre ambiental, o que há é uma socialização dos prejuízos, que são pagos pela sociedade como um todo. (ref. 9)

IV. Dentro de uma visão convencional e simplista de economia, eliminar incentivos fiscais é positivo, pois reduz distorções do

mercado e contribui para o aumento da competitividade. (ref. 12)

É correto afirmar que:

01) em II, o termo “este” retoma o referente “Mariana”.

02) em III, a vírgula que antecede o termo “que” serve para marcar uma explicação referente à expressão “os prejuízos”.

04) em IV, a palavra “pois” pode ser trocada por “por que” mantendo-se a mesma relação de sentido entre os períodos da oração.

08) em III, o termo “porém” pode ser substituído pela expressão “sendo assim” mantendo-se a noção de adversidade.

16) I e IV são afirmações favoráveis à flexibilização das políticas ambientais em prol de mais benefícios econômicos à população, o que corrobora o posicionamento do autor do texto.

Exercício 246

(Ufsc 2019) Com base no texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) “profundamente” (ref. 4) e “totalmente” (ref. 6) são advérbios utilizados para intensificar a ideia expressa pelos adjetivos nos respectivos contextos.

02) “Isso” (ref. 3) retoma o conteúdo do parágrafo inteiro, referindo-se ao desastre em Brumadinho como uma boa oportunidade para reflexão.

04) “outros” (ref. 11) poderia ser complementado por “aspectos irrelevantes” sem prejuízo ao sentido do texto.

08) o uso da metáfora “bolo crescer” (ref. 5) serve para facilitar ao leitor leigo a compreensão de questões relacionadas à administração pública e à economia.

16) o texto apresenta argumentos favoráveis à tese de que há vários pontos de vista corretos em relação à problemática da proteção ambiental.

32) em “Promover o desenvolvimento econômico às custas da destruição ambiental é burrice” (ref. 14), temos a figura de linguagem prosopopeia ou personificação, em que se atribuem sentimentos humanos a seres inanimados ou animais.

64) a identificação de um autor referência de uma área é um dos aspectos que caracterizam o gênero do texto como “artigo de opinião”.

Exercício 247

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. 1 Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar 2 “higienização da raça”, ou seja, 3a implementação de políticas que resultassem no 4 “embranquecimento” do país. Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos: 5 6o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; 7e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, 8 como resolver esse duplo eixo de diferenças?

9 Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrasileirar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. 10 O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por 11 gramatiquinhos pseudopuristas como erro.

Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. 12 Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua 13 desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-racionais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-racionais. Fica, então, a pergunta que não quer calar 14: 15 como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado].

Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Coperve/2017 e no Programa das Disciplinas.

(Ufsc 2018) Com base no texto, é correto afirmar que:

01) o título do texto remete ao contraste que existe, desde o século XIX até os dias atuais, entre o português europeu e o português brasileiro: àquele corresponde a norma culta, efetivamente usada em Portugal; a este, a norma curta, efetivamente usada no Brasil.

02) José de Alencar é representante de um ideário romântico de abrasileiramento que defendia uma literatura que expressasse a língua do “vulgo”, contrapondo esta língua ao padrão europeu.

04) os termos “norma culta” e “norma curta” remetem a realidades distintas no Brasil, respectivamente: à norma praticada de fato, que corresponde ao português culto brasileiro, e à norma artificial, um padrão categoricamente fixado, que desqualifica o falante brasileiro.

08) infere-se que o Brasil ainda vive duas realidades normativas conflitantes no que se refere à língua: o português

brasileiro versus o português europeu e o português brasileiro culto versus o português brasileiro popular.

16) infere-se que a noção de norma linguística é complexa, pois envolve um entrelaçamento de fatores diversos, além de poderosos elementos do imaginário social.

32) os termos “gramatiquinhos” e “pseudopuristas” designam os estudiosos que descrevem a norma culta efetivamente usada pelos brasileiros.

64) a escrita brasileira, no século XIX, apresentava fatos da língua diferentes daqueles encontrados em autores clássicos antigos, por isso José de Alencar a considerava uma deturpação da norma europeia.

Exercício 248

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

O Brasil entre a norma culta e a norma curta

Boa parte de nossa elite letrada do século XIX desejava ardentemente viver numa sociedade branca e europeia. Tinha, portanto, de virar as costas para o país real, figurá-lo diferente do que era. 1Não à toa essa elite defendeu o que se costumava chamar 2“higienização da raça”, ou seja, 3a implementação de políticas que resultassem no 4“embranquecimento” do país. Em matéria de língua, essa elite vivia complexas contradições. Duas realidades eram evidentes para todos: 5o português de cá tinha diferenças em relação ao português europeu; 7e aqui dentro o “nosso” português diferia do português do “vulgo”. Na construção do novo país, 8como resolver esse duplo eixo de diferenças?

9Quando se acirrou, no século XIX, a questão da norma culta, nossas diferenças foram logo interpretadas como deturpações da língua. Não adiantou José de Alencar, no seu esforço para abrigar a norma escrita, apelar para os clássicos, a fim de mostrar a antiguidade de fatos da língua do Brasil. 10O que prevaleceu foi a imagem de que somos uma sociedade que fala e escreve mal a língua portuguesa. E tudo o que – no português culto brasileiro – não coincidia com certa norma lusitana passou a ser listado por 11gramatiquinhos pseudopuristas como erro.

Nessa guerra, venceram os conservadores, definindo certa norma lusitana do romantismo como modelo para nossa escrita. 12Como eram claras, inevitáveis e persistentes as diferenças da norma culta brasileira em relação a esse padrão artificialmente fixado, foi preciso construir uma norma “curta”, um discurso categórico, uma contínua 13desqualificação do falante brasileiro.

Nem o desenvolvimento dos estudos filológicos e linguísticos, nem a rebelião literária de 1922, nem a crítica da norma curta por nossos melhores filólogos, nada disso conseguiu romper a força do imaginário construído no século XIX. Ainda se diz que os brasileiros falam errado, não sabem falar português, tratam mal sua língua e assim por diante.

Não é difícil mostrar com fatos e argumentos lógico-rationais que essas certezas não existem. Mas o imaginário resiste aos fatos, aos argumentos lógico-rationais. Fica, então, a pergunta que não quer calar: 1415como enfrentar poderosos imaginários?

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 259-275. [Adaptado].

Obs.: A noção de “norma culta” equivale à noção de “variedade padrão”, termo utilizado no Edital 06/Coperve/2017 e no Programa das Disciplinas.

(Ufsc 2018) Considerando o texto, é correto afirmar que:

01) o assunto principal do texto é a política de “embranquecimento” do Brasil, a qual se implementou com a vinda de imigrantes europeus, que contribuíram significativamente para a chamada “higienização da raça”.

02) o autor tem uma atitude conservadora em relação à língua, o que se percebe pela defesa que faz dos autores clássicos lusitanos e por críticas dirigidas a autores brasileiros do romantismo e do modernismo e aos falantes brasileiros em geral.

04) o texto é de caráter narrativo, pois relata, de forma objetiva e imparcial, uma sequência cronológica de fatos passados no século XIX, expressos no tempo verbal pretérito perfeito, sem a presença de comentários opinativos do autor.

08) a defesa da “higienização da raça” pela elite brasileira do século XIX repercutiu na língua, de modo que as diferenças do português brasileiro em relação ao português europeu foram consideradas como erros que precisavam ser corrigidos.

16) o autor contrapõe fatos sócio-históricos que envolvem aspectos gramaticais e literários a um imaginário de certezas que emergiu fortemente no século XIX, e que ainda persiste, segundo o qual o brasileiro fala e escreve mal a língua portuguesa.

Exercício 249

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Geração Z mudará o mundo

1Acabou o egoísmo, o narcisismo selfie, a obsessão pelo consumo e a passividade que isso acarreta. Há uma 2geração que quer salvar o mundo, mas ainda não sabe como. Nasceu ou cresceu em plena recessão, em um mundo fustigado pelo terrorismo, índices de desemprego galopantes e uma sensação apocalíptica provocada pelas mudanças climáticas. 3São mais realistas que seus irmãos mais velhos, indicam todas as consultorias de marketing (sempre preocupadas com seus futuros consumidores). São a geração Z, o grupo demográfico nascido entre 1994 e 2010, que representa 25,9% da população mundial. Os especialistas já analisam todos os traços de sua personalidade.

Deixando de lado os riscos e a evidente frivolidade de atribuir uma letra e um só rosto a um espectro de dois bilhões de pessoas, há alguns elementos que podem ser extraídos das múltiplas pesquisas. Especialmente em contraposição a seus predecessores, os chamados millennials (ou Geração Y), que as marcas ainda vivem obcecadas em decifrar. Fundamentalmente porque são um grupo de 80 milhões de pessoas nos EUA e pouco

mais de oito milhões na Espanha, que em 2025 representará – de acordo com prognóstico da consultoria Deloitte – 75% da força de trabalho do mundo. O potencial produtivo e de consumo dos millennials já é algo tangível (somente nos EUA têm uma capacidade de compra equivalente a 112 bilhões de reais). 4Para as empresas, no entanto, a aventura com seus irmãos mais novos consiste agora em decodificá-los no laboratório.

5A teoria do consumo diz que o segmento populacional dos 18 aos 24 anos é o mais influente. As gerações anteriores e as posteriores sempre querem se parecer com ele. É a referência estética. Os Z – assim chamados por virem depois das gerações X e Y – começam a posicionar-se no topo dessa pirâmide de influência, e em cinco anos a terão dominado.

Essa geração 6já não se conforma em ser sujeito passivo de marcas e publicações, deseja produzir seus conteúdos. E consegue através do YouTube, onde as novas celebridades surgidas nessa mídia já 7são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional (63% contra 37% segundo o Cassandra Report, um dos relatórios mais utilizados pelas grandes empresas para sondar os gostos da juventude). Ou 8por meio de aplicativos como o Vine (para vídeos em loop) e 9plataformas on-line como o Playbuzz, a guinada do popular site de histórias virais BuzzFeed, onde agora os conteúdos são postados pelos usuários, que já somam 80 milhões por mês, segundo o Google Analytics.

O tempo livre está cada vez mais direcionado para as vocações profissionais (blogs, desenho de moda, fotografia...) e as comunidades se formam em torno disso. 10A escritora Luna Miguel destaca esse modo de trabalhar em rede, apesar de alertar para o fato de ser cedo para analisar uma geração que ainda compartilha muitos códigos com a anterior. “São figuras importantes, mas ajudam os demais e criam comunidade. A solidariedade será um valor importante. 11Não querem mais ser o artista jovem e incomum. Até os ‘nativos da Internet’ soam como algo velho, é uma questão quase genética. Um exemplo seria Tavi Gevinson, que desde os 13 anos tem um dos blogs mais importantes do mundo”, afirma, referindo-se à multifacetada e influente blogueira e editora norte-americana, nascida em 1996, um dos ícones da geração Z.

A tendência também se estende à educação e aos novos canais de acesso. Para Anne Boysen, consultora em estratégia e especialista em questões geracionais da empresa After the Millennials, grande parte da aprendizagem se dá fora da sala de aula. “Essa geração usa o YouTube de forma periódica para sua lição de casa, o que indica que quer um maior grau de personalização na educação. 12Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém online que o explique melhor”, afirma. O mundo, tal qual deixaram seus antecessores, não lhes parece um lugar habitável.

VERDÚ, Daniel. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024_684495.html>.

[Adaptado].

(Ufsc 2017) De acordo com o texto “Geração Z mudará o mundo”, é correto afirmar que:

01) a geração Z, que vive em tempos de recessão, terrorismo e mudanças climáticas de tonalidades apocalípticas, é marcada por egoísmo, consumismo, passividade e narcisismo.

02) a geração Z, que é precedente à geração Y, compreende, só nos EUA, um espectro de cerca de 80 milhões de pessoas, com uma capacidade de compra equiparada a mais de 100 bilhões de reais.

04) a geração Z compartilha com as gerações anteriores o interesse pelas vocações profissionais, a tendência para trabalhar em rede e o espírito de solidariedade.

08) a geração Z sinaliza uma mudança de interesses em relação a práticas educativas, buscando caminhos de aprendizagem que extrapolam os muros da escola.

16) a geração Z mudará o mundo através da disseminação do uso da Internet, com vistas a difundir a prática da interiorização, em busca de autoconhecimento e também de mecanismos de defesa de ameaças externas.

32) a geração Z caracteriza-se por grande potencial para produção de conteúdos e por inclinação para o consumo, razão pela qual as marcas ainda buscam identificar traços reais de seu comportamento.

Exercício 250

Geração Z mudará o mundo

1Acabou o egoísmo, o narcisismo selfie, a obsessão pelo consumo e a passividade que isso acarreta. Há uma 2geração que quer salvar o mundo, mas ainda não sabe como. Nasceu ou cresceu em plena recessão, em um mundo fustigado pelo terrorismo, índices de desemprego galopantes e uma sensação apocalíptica provocada pelas mudanças climáticas. 3São mais realistas que seus irmãos mais velhos, indicam todas as consultorias de marketing (sempre preocupadas com seus futuros consumidores). São a geração Z, o grupo demográfico nascido entre 1994 e 2010, que representa 25,9% da população mundial. Os especialistas já analisam todos os traços de sua personalidade.

Deixando de lado os riscos e a evidente frivolidade de atribuir uma letra e um só rosto a um espectro de dois bilhões de pessoas, há alguns elementos que podem ser extraídos das múltiplas pesquisas. Especialmente em contraposição a seus predecessores, os chamados millennials (ou Geração Y), que as marcas ainda vivem obcecadas em decifrar. Fundamentalmente porque são um grupo de 80 milhões de pessoas nos EUA e pouco mais de oito milhões na Espanha, que em 2025 representará – de acordo com prognóstico da consultoria Deloitte – 75% da força de trabalho do mundo. O potencial produtivo e de consumo dos millennials já é algo tangível (somente nos EUA têm uma capacidade de compra equivalente a 112 bilhões de reais). 4Para as empresas, no entanto, a aventura com seus irmãos mais novos consiste agora em decodificá-los no laboratório.

5A teoria do consumo diz que o segmento populacional dos 18 aos 24 anos é o mais influente. As gerações anteriores e as posteriores sempre querem se parecer com ele. É a referência estética. Os Z – assim chamados por virem depois das gerações X e Y – começam a posicionar-se no topo dessa pirâmide de influência, e em cinco anos a terão dominado.

Essa geração 6já não se conforma em ser sujeito passivo de marcas e publicações, deseja produzir seus conteúdos. E

consegue através do YouTube, onde as novas celebridades surgidas nessa mídia já são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional (63% contra 37%, segundo o Cassandra Report, um dos relatórios mais utilizados pelas grandes empresas para sondar os gostos da juventude). Ou 8 por meio de aplicativos como o Vine (para vídeos em loop) e 9 plataformas on-line como o Playbuzz, a guinada do popular site de histórias virais BuzzFeed, onde agora os conteúdos são postados pelos usuários, que já somam 80 milhões por mês, segundo o Google Analytics.

O tempo livre está cada vez mais direcionado para as vocações profissionais (blogs, desenho de moda, fotografia...) e as comunidades se formam em torno disso. 10 A escritora Luna Miguel destaca esse modo de trabalhar em rede, apesar de alertar para o fato de ser cedo para analisar uma geração que ainda compartilha muitos códigos com a anterior. “São figuras importantes, mas ajudam os demais e criam comunidade. A solidariedade será um valor importante. 11 Não querem mais ser o artista jovem e incomum. Até os ‘nativos da Internet’ soam como algo velho, é uma questão quase genética. Um exemplo seria Tavi Gevinson, que desde os 13 anos tem um dos blogs mais importantes do mundo”, afirma, referindo-se à multifacetada e influente blogueira e editora norte-americana, nascida em 1996, um dos ícones da geração Z.

A tendência também se estende à educação e aos novos canais de acesso. Para Anne Boysen, consultora em estratégia e especialista em questões geracionais da empresa After the Millennials, grande parte da aprendizagem se dá fora da sala de aula. “Essa geração usa o YouTube de forma periódica para sua lição de casa, o que indica que quer um maior grau de personalização na educação. 12 Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém online que o explique melhor”, afirma. O mundo, tal qual deixaram seus antecessores, não lhes parece um lugar habitável.

VERDÚ, Daniel. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024_684493.html>.

[Adaptado].

(Ufsc 2017) Considere as afirmativas abaixo.

- I. Os conteúdos do site de histórias virais BuzzFeed são postados pelos usuários.
- II. Os jovens fazem uso recorrente de aplicativos como o Vine e de plataformas online como o Playbuzz.
- III. Tavi Gevinson é um exemplo de blogueira jovem e influente.
- IV. O grupo demográfico nascido entre 1994 e 2010 representa mais de um quarto da população mundial.
- V. A expressão “nativos da Internet” remete a uma questão quase genética.

Com base no texto, é correto afirmar que:

01) a afirmativa I refere-se a dados do relatório Cassandra Report e diz respeito à geração Z.

02) a afirmativa II refere-se a dados do Google Analytics e diz respeito à geração Z.

04) a afirmativa III ilustra uma explicação da escritora Luna Miguel e diz respeito à geração Z.

08) a afirmativa IV representa o foco da teoria do consumo e aplica-se às gerações X e Y.

16) a afirmativa V está associada a uma explicação da escritora Luna Miguel sobre a geração X.

Exercício 251

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza. 1 Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz. 2 Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo. Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz. A luz viaja a cerca de 300.000 km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo. 3 Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-la? Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz? 4 A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. 5 Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36 °C, emite luz na faixa do infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. 6 À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). 7 Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente 8 foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, 9 foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é 10 usada até hoje. 11 Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela. 12 Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. 13 Só em 1990 foi

possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.

Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar o material. 14Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles já são utilizados em luminárias e em automóveis, com eficiência e durabilidade muito maiores que as dos demais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de 2014 contemplou uma descoberta que já se transformou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>. [Adaptado]. Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

(Ufsc 2016) Com base na leitura do texto, é CORRETO afirmar que:

01) o título do texto remete à grande revolução tecnológica no campo da iluminação: a criação de um tipo de dispositivo de emissão de luz denominado LED.

02) a ideia principal do texto é enfatizar o valor do prêmio Nobel de Física e a importância do financiamento de pesquisas interinstitucionais que impulsionam a criação de novas tecnologias.

04) a grande revolução na produção de LED começou menos de um século após a produção comercial da lâmpada com filamento de carbono.

08) os LED começaram a ser produzidos na década de 1960, emitindo, desde então, luz vermelha, verde, amarela e azul, de cuja combinação resulta a luz branca, de grande utilização em luminárias e automóveis.

16) no último parágrafo do texto, o autor faz uma projeção para o futuro sem base em fatos, mas a partir de opiniões diversas.

Exercício 252

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza.

1Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz.

2Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo.

Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz. A luz viaja a cerca de 300.000km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo. 3Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-

la? Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz?

4A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. 5Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. 6À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). 7Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente 8foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, 9foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é 10usada até hoje. 11Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela.

12Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. 13Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.

Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar o material. 14Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles já são utilizados em luminárias e em automóveis, com eficiência e durabilidade muito maiores que as dos demais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de 2014 contemplou uma descoberta que já se transformou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>. [Adaptado]. Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

(Ufsc 2016) Considerando o texto 1, é CORRETO afirmar que:

01) em “À medida que aumentamos a temperatura” (referência 6), a locução sublinhada poderia ser substituída por “À

proporção em que” ou “Ao passo em que”, de acordo com a variedade padrão da língua escrita.

02) em “Conforme o tipo usado” (referência 2) e em “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul” (referência 13), ocorre elipse dos termos “de luz” e “luz”, respectivamente.

04) a palavra “Aliás” (referência 1) introduz uma retificação da informação precedente, equivalendo a “Isto é” e “Ou seja”.

08) o conector “Mas” (referências 11 e 12) expressa mudança na direção argumentativa: na referência 11, em relação à informação contida no período precedente; na referência 12, em relação a um conjunto de informações contidas no parágrafo precedente.

16) em “Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho [...]” (referência 5) e em “Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia” (referência 14), a palavra sublinhada é um pronome relativo que, no primeiro caso, introduz uma oração explicativa e, no segundo caso, uma oração que restringe o significado do termo anterior.

32) as orações que contêm as formas verbais “foi inventada” (referência 8), “foi desenvolvida” (referência 9) e “é usada” (referência 10) estão na voz passiva, tendo como agente das ações “a lâmpada incandescente”.

Exercício 253

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza.

1Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz.

2Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo.

Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz. A luz viaja a cerca de 300.000km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo.

3Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-la? Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz?

4A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. 5Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. 6À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). 7Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente 8foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, 9foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é 10usada até hoje. 11Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum

disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela.

12Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. 13Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.

Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar o material. 14Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles já são utilizados em luminárias e em automóveis, com eficiência e durabilidade muito maiores que as dos demais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de 2014 contemplou uma descoberta que já se transformou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>. [Adaptado].
Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

(Ufsc 2016) Considerando o texto 1, é CORRETO afirmar que:

01) em “À medida que aumentamos a temperatura” (referência 6), a locução sublinhada poderia ser substituída por “À proporção em que” ou “Ao passo em que”, de acordo com a variedade padrão da língua escrita.

02) em “Conforme o tipo usado” (referência 2) e em “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul” (referência 13), ocorre elipse dos termos “de luz” e “luz”, respectivamente.

04) a palavra “Aliás” (referência 1) introduz uma retificação da informação precedente, equivalendo a “Isto é” e “Ou seja”.

08) o conector “Mas” (referências 11 e 12) expressa mudança na direção argumentativa: na referência 11, em relação à informação contida no período precedente; na referência 12, em relação a um conjunto de informações contidas no parágrafo precedente.

16) em “Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho [...]” (referência 5) e em “Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia” (referência 14), a palavra sublinhada é um pronome relativo que, no primeiro caso, introduz uma oração explicativa e, no segundo caso, uma oração que restringe o significado do termo anterior.

32) as orações que contêm as formas verbais “foi inventada” (referência 8), “foi desenvolvida” (referência 9) e “é usada” (referência 10) estão na voz passiva, tendo como agente das ações “a lâmpada incandescente”.

Exercício 254

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza.

1Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz.

2Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo.

Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz. A luz viaja a cerca de 300.000km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo. 3Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-la? Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz?

4A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. 5Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. 6À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). 7Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente 8foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, 9foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é 10usada até hoje. 11Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela.

12Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. 13Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.

Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji

Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar o material. 14Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles já são utilizados em luminárias e em automóveis, com eficiência e durabilidade muito maiores que as dos demais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de 2014 contemplou uma descoberta que já se transformou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>. [Adaptado].
Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

(Ufsc 2016) De acordo com o texto, é CORRETO afirmar que:

01) o autor lança questionamentos ao final do primeiro parágrafo apenas como recurso estilístico, pois o conteúdo de nenhum deles é retomado na sequência do texto.

02) o primeiro parágrafo do texto é permeado por marcas linguísticas de pessoalidade.

04) o segundo parágrafo do texto se desenvolve em torno de formas de produção da luz, desde o aquecimento dos corpos, incluindo o corpo humano, até a invenção das lâmpadas incandescente e fluorescente.

08) os dois últimos parágrafos do texto se contrapõem aos dois primeiros, visto que estes descrevem tipos de iluminação atualmente em desuso e aqueles apresentam o tipo de lâmpada que é usado hoje em dia.

16) no trecho “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul [...]” (referência 13), “Só” é um articulador argumentativo que expressa a percepção do autor de que o tempo decorrido entre a produção dos primeiros LED e a desse último foi relativamente longo.

32) o autor defende seu ponto de vista acerca do papel da luz em nossas vidas e lança mão da fala do outro como argumento de autoridade, o que caracteriza este texto como tipicamente opinativo.

Exercício 255

Uma nova luz em nossas vidas

Adilson de Oliveira

A luz é um dos fenômenos físicos mais interessantes da natureza.

1Aliás, só podemos observar a natureza a partir da luz.

2Conforme o tipo usado, vemos diferentes aspectos do mundo.

Uma sala, por exemplo, se transforma perante nossos olhos quando a iluminamos com cores diferentes. Vivemos banhados pela luz. A luz viaja a cerca de 300.000km/s no vácuo, que é o limite de velocidade para tudo no universo. 3Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante. Qualquer um de nós, sobretudo na infância, já perguntou o que é a luz. Podemos prendê-la, guardá-la? Como podemos fazer luz? O que veríamos se andássemos junto com um raio de luz?

4A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz. 5Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do

infravermelho, que é invisível aos nossos olhos, mas que podemos sentir pelo tato e por meio de sensores especiais. 6À medida que aumentamos a temperatura de um objeto, ele começa a brilhar, primeiramente de forma avermelhada, depois amarelada, até chegar à cor azul, que representa alta temperatura, acima de milhares de graus. O aquecimento dos corpos foi durante milênios o único modo de produzir luz, principalmente a partir da combustão (fogo). 7Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente 8foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela. A lâmpada incandescente, que contava inicialmente com um filamento de carbono, 9foi desenvolvida como produto comercial por Thomas Edison, em 1879, e é 10usada até hoje. 11Mas, devido à sua baixa eficiência em converter energia em luz, essa invenção tem seus dias contados. A alternativa mais comum disponível atualmente é a lâmpada fluorescente, que, ao contrário da anterior, é muito eficiente. Esse tipo de lâmpada possui um tubo de vidro no qual uma mistura gasosa, como argônio e vapor de mercúrio, emite luz ultravioleta quando uma descarga elétrica passa através dela.

12Mas a grande revolução na produção de dispositivos emissores de luz teve início em meados da década de 1960, com a produção dos primeiros diodos emissores de luz – do inglês, Light Emission Diode (LED). Trata-se de dispositivos semicondutores que, submetidos a determinada voltagem, emitem luz por um processo conhecido por eletroluminescência. Os primeiros dispositivos obtidos emitiam luz nas cores vermelha, verde e amarela. 13Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul, que, combinado com o verde e o vermelho, pode produzir luz branca.

Foi um grande desafio criar um LED que emite luz na cor azul, feito que valeu o prêmio Nobel de Física de 2014 para os físicos Isamu Akasaki, da Universidade de Meijo e de Nagoia (Japão), Hiroshi Amano, também da Universidade de Nagoia, e Shuji Nakamura, da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). O trabalho desenvolvido por esses cientistas teve o grande mérito de conseguir encontrar rotas específicas para fabricar o material. 14Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia. Muitos deles já são utilizados em luminárias e em automóveis, com eficiência e durabilidade muito maiores que as dos demais tipos de lâmpada. O prêmio Nobel de Física de 2014 contemplou uma descoberta que já se transformou em tecnologia e que permitirá uma revolução nos processos de geração de luz.

Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/fisica-sem-misterio/uma-nova-luz-em-nossas-vidas>>. [Adaptado].
Publicado em: 24 out. 2014. Acesso em: 25 jun. 2015.

(Ufsc 2016) Em conformidade com o texto e considerando os trechos I, II e III abaixo, é CORRETO afirmar que:

- I. “Ela pode se comportar como onda, ao se espalhar pelo ar, ou como partícula, quando é absorvida ou emitida por átomos. Sem dúvida, um objeto fascinante e intrigante.” (referência 3)
II. “A luz pode ser produzida de diversas formas. Por exemplo, todo corpo, quando aquecido, emite luz.” (referência 4)

III. “Até meados do século XIX, quando a lâmpada incandescente foi inventada, usava-se fogo para iluminar, na forma de tocha ou vela.” (referência 7).

- 01) em I, “Ela pode se comportar”, e em III, “usava-se fogo”, o pronome “se” é um recurso gramatical empregado para indicar que o sujeito, em ambos os casos, é indeterminado.
02) as orações sublinhadas em II e III, embora sejam introduzidas pelo mesmo conector, apresentam sentidos diferentes: no primeiro caso, aproxima-se de um valor condicional; no segundo caso, tem valor temporal.
04) em I, “um objeto fascinante e intrigante” refere-se a “átomos”.
08) em II, os dois períodos poderiam ser combinados em um, sem prejuízo de sentido do enunciado: “De diversas formas pode ser produzida a luz; por exemplo: todo corpo emite luz quando aquecido”.
16) em II, “pode” é um verbo auxiliar que apresenta o mesmo valor de incerteza verificado em “Pode ser que chova”.

Exercício 256 (Ufsc 2019)



Disponível em: http://www.colunistas.com.br/anos/pc2013/inn/external/MOTA-violencia_contra_a_mulher-1.jpg. Acesso em: 30 mar. 2019.

De acordo com o texto e com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) o homem que bate em mulher é covarde.
02) o homem que bate em mulher pode ir preso.
04) a sentença “Homem que bate em mulher, não gosta da mulher” pode ser reescrita como “Homem que bate em mulher, não gosta de mulher”, sem alteração de sentido.
08) em “Homem que bate em mulher, não gosta da mulher”, a primeira ocorrência do termo “mulher” aponta para uma generalização, enquanto a segunda para uma determinação.
16) o verbo “bater” está flexionado na terceira pessoa do singular e tem o substantivo “mulher” como sujeito da oração.
32) em uma mulher não se deve bater nem com uma flor.
64) as ocorrências da palavra “mulher” associadas à imagem de uma jovem chorando fazem alusão às mulheres vítimas de seus companheiros.

Exercício 257 (Ufsc 2019)



Disponível em: <https://rafaelazevedoandrade.wordpress.com/2013/03/05/campanha-cigarro-e-arma/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) trata-se de um anúncio para uma campanha pelo desarmamento.
- 02) um tiro pode ocasionar até 4700 vítimas.
- 04) em “Quem brinca com fogo, se dá mal”, o termo “se” desempenha a função de índice de indeterminação do sujeito.
- 08) “Quem brinca com fogo, se dá mal” mantém relação intertextual com o ditado popular “Quem brinca com fogo, acaba queimado”.
- 16) em “Quem brinca com fogo, se dá mal”, podemos substituir a palavra “fogo” por “arma” sem prejuízo ao sentido do anúncio.

Exercício 258

(Ufsc 2019)



Disponível em: http://www.colunistas.com.br/anos/p/2013/nr/externo/MOTA~violencia_contra_a_mulher-1.jpg. Acesso em: 30 mar. 2019.

De acordo com o texto e com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

- 01) o anúncio estabelece intertextualidade com a lei que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
- 02) a frase “Homem que bate em mulher, Penha nele” tem como predicativo “Penha nele”.
- 04) o anúncio foi criado pela Bandeirantes Mídia Exterior para divulgar a Lei Maria da Penha fora do Brasil.
- 08) o vocábulo “que” funciona como pronome relativo, antecipando o substantivo “mulher”.
- 16) o vocábulo “nele” estabelece relação entre orações e retoma o antecedente “homem”.
- 32) na frase “Homem que bate em mulher, Penha nele”, tem-se o emprego de uma variante coloquial da língua portuguesa como estratégia da linguagem publicitária para estabelecer um diálogo direto com o público-alvo do anúncio.

Exercício 259

(Ufsc 2019)



Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/aqui-jaz-o-brasil-incendio-no-museu-nacional-por-carlos-latuff/>. [Adaptado]. Acesso em: 16 set. 2018.

De acordo com a charge, é correto afirmar que:

- 01) o patrimônio cultural é o que está na base dos acervos dos museus.
- 02) o museu é a única forma de preservação das culturas.
- 04) a fumaça pode ser entendida como uma metonímia da falta de ações políticas para a manutenção do museu.
- 08) o sentido metaforizado da expressão “Aqui jaz o Brasil” é “Aqui queima o Brasil”.
- 16) o termo “aqui” funciona como advérbio de lugar e refere-se à palavra “Brasil”.
- 32) a composição imagética do museu em chamas é construída por meio da linguagem verbal e da linguagem não verbal.

Exercício 260

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

70 crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

80 Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. 90 Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da

Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. 10Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

11Brasil é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

12Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família 13tentava inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas 14como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

15Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

16As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. 17“Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. 18“Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. 19“A realidade é Science Fiction.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. 20Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

21“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu? O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incineram lá dentro. 22E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouço então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água,

ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: 23“Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: 24“O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

25E o meteorito estava dentro do museu.

BRUM, Eliane. “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”. El País: coluna. São Paulo, 3 set. 2018.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html>. [Adaptado]. Acesso em: 3 out. 2018.

(Ufsc 2019) Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) a publicação de Eliane Brum no site do jornal El País, tendo em vista sua natureza histórica e arqueológica, configura-se como um exemplo de texto acadêmico.

02) o trecho “Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.” (ref.

15), faz referência à estátua de Dom Pedro II e ao legado deixado por sua família, informação retomada no parágrafo posterior, em: “As costas de Pedro ferviam.” (ref. 16).

04) a chegada dos caminhões-pipa marca o fim do incêndio, como evidencia a declaração do chefe de bombeiros em uma coletiva diante do Museu Nacional “Está tudo sob controle” (ref. 23).

08) no título e no subtítulo, as palavras “água” e “fogo” (ref. 2 e 3), “Amanhã” (ref. 4) e “passado” (ref. 6) são exemplos de antítese, figura de linguagem em que se opõem ideias a fim de reforçar por meio do contraste o significado dos termos.

16) a repetição desnecessária do verbo queimar (parágrafo 7, ref. 9) configura-se como um vício de linguagem chamado hipérbole.

32) o trecho “O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.” (ref. 21) evidencia o tom de revolta e indignação diante do descaso das autoridades para com o acervo do Museu Nacional e para com o Brasil.

Exercício 261

O Brasil queimou – e não 1tinha 2água para apagar o 3fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do 4Amanhã. Então descobri que não 5tinha mais 6passado

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

7O crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

8O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. 9O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. 10Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

11Brasil é você. Não posso ser aquele que não é. O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

12Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família 13tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas 14como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

15Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

16As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. 17“Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. 18“Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. 19“A realidade é Science Fiction.” Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. 20Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

21“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu? O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incineram lá dentro. 22E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouçõ então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: 23“Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: 24“O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

25E o meteorito estava dentro do museu.

BRUM, Eliane. “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”. El País: coluna. São Paulo, 3 set. 2018.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html>. [Adaptado]. Acesso em: 3 out. 2018.

(Ufsc 2019) Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) na frase “E o meteorito estava dentro do museu” (ref. 25), a autora defende a tese de que a presença do meteorito pode ser a causa do incêndio.

02) no fragmento “[...] como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando” (ref. 14), há referência direta a um momento específico da história brasileira, o qual a autora define como uma tentativa de invenção de um país, promovida por Dom Pedro II e seus predecessores.

04) a autora organiza o texto expandindo o significado de “queimar” de uma dimensão denotativa para uma conotativa, para evidenciar como o incêndio do museu está relacionado a um fenômeno mais amplo, de natureza histórica e de relevância social.

08) na frase “Está tudo sob controle” (ref. 23), o referente de “tudo” é o incêndio.

16) as referências ao crânio de Luzia (ref. 7 e 20) personificam o objeto e reforçam a noção de identificação entre a autora e aquela que reconhece como sua ancestral, seu passado que se perde.

Exercício 262

O Brasil queimou – e não 1tinha 2água para apagar o 3fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do 4Amanhã. Então descobri que não 5tinha mais 6passado

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

7O crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito

queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

8O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. 9O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. 10Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

11Brasil é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

12Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família 13tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas 14como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

15Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

16As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. 17“Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. 18“Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. 19“A realidade é Science Fiction.” Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional.

Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. 20Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

21“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu? O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora

porque suas línguas se incineram lá dentro. 22E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouço então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: 23“Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: 24“O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

25E o meteorito estava dentro do museu.

BRUM, Eliane. “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”. El País: coluna. São Paulo, 3 set. 2018.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html>. [Adaptado]. Acesso em: 3 out. 2018.

(Ufsc 2019) Com base na leitura do texto e de acordo com a variedade padrão da língua escrita, é correto afirmar que:

01) o uso de aspas (ref. 17, 18, 19, 21 23, 24) serve para marcar a voz do outro por meio de discurso indireto.

02) o trecho “E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã” (ref. 22) faz alusão ao fato de que a autora estava na cidade para visitar aquele museu, mas devido ao incêndio do Museu Nacional do Rio perderia, simbolicamente, a possibilidade de acessar tanto o passado quanto o futuro do Brasil.

04) os termos “tinha” (ref. 1), “tinha” (ref. 5) e a locução “tinha tentado” (ref. 13) expressam noção de existência, noção de posse e noção temporal de passado mais que perfeito, respectivamente.

08) o incêndio queimou o crânio da primeira múmia brasileira conhecida como Luzia.

16) é nítida a interface entre o conteúdo jornalístico e o tratamento literário, como é característico no gênero resenha acadêmica.

Exercício 263

O Brasil queimou – e não 1tinha 2água para apagar o 3fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do 4Amanhã. Então descobri que não 5tinha mais 6passado

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã. Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

7O crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à

destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

80 Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. 90 Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa. O Museu Nacional queimando. 10Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

11Brasil é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

12Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família 13tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas 14como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

15Nunca salvaram. Há 500 anos não salvam.

16As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. 17“Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. 18“Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. 19“A realidade é Science Fiction.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. 20Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

21“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu? O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez

dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incineram lá dentro. 22E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouçó então um chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: 23“Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: 24“O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

25E o meteorito estava dentro do museu.

BRUM, Eliane. “O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo”. El País: coluna. São Paulo, 3 set. 2018.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774583.html>. [Adaptado]. Acesso em: 3 out. 2018.

(Ufsc 2019) Considere os trechos a seguir, extraídos do texto, e a variedade padrão da língua escrita.

- I. O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo. (ref. 8)
- II. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas. (ref. 10)
- III. Brasil é você. Não posso ser aquele que não é. (ref. 11)
- IV. Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. (ref. 12)

Em relação aos trechos, é correto afirmar que:

- 01) em III, há uma relação metonímica entre “você” e “Brasil”.
- 02) em I e II, há o emprego da figura de linguagem metáfora.
- 04) em IV, a passagem “de frente para onde deveria estar o povo” apresenta uma crítica ao povo, que não se fez presente para ajudar a apagar o incêndio.
- 08) na segunda oração de III, há a retomada por elipse do sujeito posto na oração imediatamente anterior.
- 16) em I, os termos “não”, “sem” e “fora” apresentam a mesma função gramatical.
- 32) em I, o pronome “Isso” tem como referente “O excesso de realidade”.
- 64) em IV, o período apresenta sentido denotativo.

Exercício 264

(Ufsc 2018) Um dia chega a Cântaro um jovem trovador, Lipídio de Alborno. Ele cruza a Ponte de Safena e entra na cidade montado no seu cavalo Escarcéu. 1Avista uma mulher vestindo uma bandalheira preta que lhe lança um olhar cheio de betume e cabriolé. 2Segue-a através dos becos de Cântaro até um sumário – uma espécie de jardim enclausurado –, onde ela deixa cair a bandalheira. É Lascívia. Ela sobe por um escrutínio, pequena escada estreita, e desaparece por uma porciúncula. Lipídio a segue. Vê-se num longo conluio que leva a uma prótese entreaberta. Ele entra. Lascívia está sentada num trunfo em frente ao seu pinochet, penteando-se. Lipídio, que sempre carrega consigo um fanfarrão (instrumento primitivo de sete cordas), começa a cantar uma balada. [...]

VERISSIMO, Luis Fernando. Palavreado. In: Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 73-74.

Com base na leitura e interpretação do texto, na obra Comédias para se ler na escola, de Luis Fernando Verissimo, bem como no contexto sócio-histórico e literário, é correto afirmar que:

- 01) embora as crônicas da coletânea sejam predominantemente narrativas – podendo-se, por vezes, confundi-las com contos –, algumas delas ultrapassam a estrutura prevista para o gênero crônica, aproximando-se de poemas e de anúncios classificados.
- 02) no texto, algumas palavras são ressignificadas, ou seja, passam a ter outras acepções no contexto, como é o caso de “trovador”, “bandalheira”, “cabriolé”, “escrutínio”, “porciúncula” e “balada”.
- 04) as crônicas estão organizadas em seções que reúnem textos com temas semelhantes e que abordam questões relacionadas a infância, adolescência e memória, bem como assuntos de fundo moralizante que têm animais como personagens.
- 08) a terceira frase do texto (ref. 1) pode ser assim reescrita, sem prejuízo de significado no texto e em conformidade com a norma culta da língua escrita: “Vestindo uma bandalheira preta, avista uma mulher que lança a ele um olhar cheio de betume e cabriolé.”.
- 16) o texto “Palavreado” apresenta três narrativas motivadas por reflexões sobre as palavras “fornida”, “falácia” e “lorota”, respectivamente; é na primeira delas que o narrador explora uma situação amorosa entre o jovem trovador e a imperatriz de Cântaro, revelando, em seu desenlace, um final infeliz.
- 32) “Palavreado” dialoga com outras crônicas da coletânea no sentido de promover reflexões sobre a significação das palavras, para as quais são sugeridos outros significados.
- 64) no texto, a construção “Segue-a através dos becos” (ref. 2) pode ser reescrita como “Segue ela através do becos”, sem desvio da norma culta da língua escrita.

Exercício 265

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Para responder às questões a seguir, leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

(Unesp 2016) De acordo com o verbete, o tema de uma crônica se baseia em

- a) juízos de valor.
- b) anedotário popular.
- c) fatos pessoais.
- d) eventos do cotidiano.
- e) eventos científicos.

Exercício 266

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Para responder às questões a seguir, leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “paira” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

(Unesp 2016) De acordo com o verbete, o editorial representa sempre

- a) o julgamento dos leitores.
- b) a opinião do repórter.
- c) a crítica a um fato político.
- d) a resposta a outros veículos de comunicação.

e) o ponto de vista da empresa jornalística.

Exercício 267

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Para responder às questões a seguir, leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “pára” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

(Dicionário de comunicação, 1978.)

(Unesp 2016) Segundo o verbete, uma característica comum à crônica e à reportagem é

- a) a relação direta com o acontecimento.
- b) a interpretação do acontecimento.
- c) a necessidade de noticiar de acordo com a filosofia do jornal.
- d) o desejo de informar realisticamente sobre o ocorrido.
- e) o objetivo de questionar as causas sociais dos fatos.

Exercício 268

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir toma(m) por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

Árvores e poetas

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpolência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos¹ colubrinos² pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da

beleza e sob o ângulo antropomórfico³: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras floridas, 1976.)

1sarmento: ramo delgado, flexível.

2colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

3antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.



(Unesp 2016) Qual a intenção da personagem da charge ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras? Analise tal argumento sob os pontos de vista lógico e ético.

Exercício 269

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: daí conta a Deus de uma Índia, daí conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: daí conta a Deus de tantas casas, daí conta a Deus de tantas vidas, daí conta a Deus de tantas fazendas¹, daí conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que

com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) Tendo em vista o gênero literário em que se enquadra o texto e os recursos expressivos nele presentes, o verbo que melhor expressa sua finalidade é:

- a) reverenciar.
- b) persuadir.
- c) celebrar.
- d) alegrar.
- e) ludibriar.

Exercício 270

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas¹, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores

estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) Implícita à argumentação do autor está a defesa da

- a) contemplação.
- b) ação.
- c) solidão.
- d) serenidade.
- e) caridade.

Exercício 271

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas¹, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro

divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) Em “Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento” (2º parágrafo), o adjetivo destacado não está empregado na acepção corrente de “alegre”; o contexto, porém, permite recuperar a seguinte acepção:

- a) distraído.
- b) debochado.
- c) empolgado.
- d) embriagado.
- e) malicioso.

Exercício 272

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, saabei príncipes, saabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso

perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas¹, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) Ao afirmar que “o tempo não tem restituição alguma” (3º parágrafo), o autor enfatiza, em relação ao tempo, seu caráter

- a) traiçoeiro.
- b) degradante.
- c) imprevisível.
- d) irreversível.
- e) insondável.

Exercício 273

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, saabei príncipes, saabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se

uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: daí conta a Deus de uma Índia, daí conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: daí conta a Deus de tantas casas, daí conta a Deus de tantas vidas, daí conta a Deus de tantas fazendas¹, daí conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) O alvo principal da crítica contida no excerto é

- a) a falta de religiosidade dos governantes.
- b) a falta de escrúpulos dos religiosos.
- c) a preguiça da população.
- d) a negligência dos governantes.
- e) a luxúria dos religiosos.

Exercício 274

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650. Sabei cristãos, sabeis príncipes, sabeis ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: daí conta a Deus de uma Índia, daí conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: daí conta a Deus de tantas casas, daí conta a Deus de tantas vidas, daí conta a Deus de tantas fazendas¹, daí conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrupulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrupulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

1fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) Em “o que facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda.” (2º parágrafo), o verbo destacado pode ser substituído sem prejuízo de sentido para o texto por:

- a) evita.
- b) entende.
- c) corrige.
- d) esquece.
- e) lembra.

Exercício 275

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 7 QUESTÕES:

Para responder à(s) quest(ão)ões a seguir, leia o excerto do “Sermão da primeira domingo do Advento” de Antônio Vieira (1608-1697), pregado na Capela Real em Lisboa no ano de 1650.

Sabei cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos. [...]

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um Estado: daí conta a Deus de uma Índia, daí conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino: daí conta a Deus de tantas casas, daí conta a Deus de tantas vidas, daí conta a Deus de tantas fazendas¹, daí conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento: e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo. [...]

Mas por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem: o mal é que se perdem a si e perdem a todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam, em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

(Essencial, 2013. Adaptado.)

¹fazenda: conjunto de bens, de haveres.

(Unesp 2016) No sermão, o autor recorre a uma construção que contém um aparente paradoxo em:

- a) “o mal é que se perdem a si e perdem a todos” (3º parágrafo)
- b) “os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores” (3º parágrafo)
- c) “Desçamos a exemplos mais públicos.” (2º parágrafo)
- d) “Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros!” (2º parágrafo)
- e) “A omissão é um pecado que se faz não fazendo.” (2º parágrafo)

Exercício 276

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.?) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– Não sou um pássaro – alegou o morcego. – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar. Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

¹doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

(Unesp 2016) Depreende-se da leitura da fábula a seguinte moral:

- a) Adaptar-se às circunstâncias: eis a forma de escapar dos perigos.
- b) Mais vale uma vida simples e sem inquietações do que viver em meio ao luxo com um medo devastador.
- c) Às vezes, quando a sorte abandona os mais poderosos, eles podem precisar dos mais humildes.
- d) Aqueles que, por vaidade, se fazem maiores do que realmente são acabam se arrependendo amargamente.
- e) Devemos nos contentar com o que temos e evitar a ganância.

Exercício 277

Leia o trecho extraído do livro A dança do universo do físico brasileiro Marcelo Gleiser para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental. A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: “Conhecer a si próprio”. Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: “Dar conselhos”. Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia

Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.
(A dança do universo, 2006. Adaptado.)

(Unesp 2016) O sarcástico comentário da jovem escrava de que “Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés” (3º parágrafo) alude sobretudo à seguinte oposição:

- a) razão loucura.
- b) determinação hesitação.
- c) liberdade escravidão.
- d) compaixão aversão.
- e) abstração concretude.

Exercício 278

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Examine as quatro tiras do cartunista americano Bill Watterson para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Tira 1



Tira 2



Tira 3



Tira 4



(Calvin e Harold: E foi assim que tudo começou, 2007. Adaptado.)

(Unesp 2016) O Dicionário Houaiss da língua portuguesa define “pergunta retórica” como “aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, mas apenas para causar um efeito retórico”.

Em quais tiras se verifica a ocorrência de perguntas retóricas? Justifique sua resposta.

Exercício 279

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Examine as quatro tiras do cartunista americano Bill Watterson para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Tira 1



Tira 2



Tira 3



Tira 4



(Calvin e Haroldo: E foi assim que tudo começou, 2007. Adaptado.)

(Unesp 2016) Por homonímia entende a tradição: “propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: “um homem são”; “São Jorge”; “são várias as circunstâncias”. Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com “são” nos exemplos dados. (Evanildo Bechara. Moderna gramática portuguesa, 2009. Adaptado.)

Em qual tira o efeito de humor decorre, em larga medida, deste fenômeno linguístico? Justifique sua resposta.

Elabore duas frases nas quais apareçam dois termos que, com significados diferentes, tenham a mesma forma gráfica e fônica (utilize termos diferentes daquele explorado pela tira e daquele citado pelo gramático Evanildo Bechara).

Exercício 280

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.

Então me levantei,

Bebi o café que eu mesmo preparei,

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...

– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.
(Estrela da vida inteira, 1993.)

1 Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista.

Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Hollanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é “Azulão”, em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira)

(Unesp 2016) O verso inicial do poema (“Quando hoje acordei, ainda fazia escuro”) pode ser visto como uma espécie de abertura narrativa, já que nele se observam dados indicadores de tempo (“quando”) e espaço (“fazia escuro”). Identifique no poema dois outros termos que também indicam circunstância temporal e acabam por reforçar seu caráter narrativo. Justifique sua resposta.

Exercício 281

(Unesp 2017) Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932-2020).



(Quino. A pequena filosofia da Mafalda, 2015. Adaptado.)

Pelo conteúdo de sua redação, depreende-se que o personagem Manuel Goreiro (o “Manolito”), além de estudar, exerce outra atividade. Transcreva o trecho em que esta outra atividade se mostra mais evidente.

No trecho “As lojas fecham mais tarde por que não escurece mais tamcedo”, verificam-se alguns desvios em relação à norma-

padrão da língua. Reescreva este trecho, fazendo as correções necessárias.

Por fim, reescreva o trecho final da redação (“nós ficamos muito mais contentes com a primavera com a chegada dela”), desfazendo a redundância nele contida.

Exercício 282

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES:

Para responder à(s) questão(s) a seguir, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

1Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) João Alves Júnior.

2Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

3Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. 4Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. 5Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

6Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. 7Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e

entregues.

8Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. 9Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

(Unesp 2017) “Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó.” (ref. 2)

Em relação ao período do qual faz parte, a oração destacada exprime ideia de

- a) comparação.
- b) concessão.
- c) consequência.
- d) conclusão.
- e) causa.

Exercício 283

Para responder à(s) questão(s) a seguir, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

1Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) João Alves Júnior.

2Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

3Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. 4Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. 5Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

6Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados;

preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. 7Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

8Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. 9Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

(Unesp 2017) Em “Contudo, não o afirmas em tom peremptório: ‘tudo me induz a esse cálculo.’” (ref. 7), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por:

- a) incisivo.
- b) irônico.
- c) rancoroso.
- d) constrangido.
- e) hesitante.

Exercício 284

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

1Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que hão sido falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente

remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) João Alves Júnior.

2Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

3Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. 4Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. 5Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

6Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. 7Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

8Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. 9Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

(Unesp 2017) O cronista manifesta um juízo de valor sobre a sua própria época em:

- a) “Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira.” (ref. 4)
- b) “Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó.” (ref. 2)
- c) “Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:” (ref. 1)

d) “Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.” (ref. 9)

e) “Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência.” (ref. 8)

Exercício 285

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia a crônica “Anúncio de João Alves”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicada originalmente em 1954.

1Figura o anúncio em um jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta. – A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de quatro a seis centímetros, produzido por jumento.

Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado. Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) João Alves Júnior.

2Cinquenta e cinco anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério de Itambé. Mas teu anúncio continua um modelo no gênero, se não para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

3Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. 4Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro, e só a 19 de novembro recorreste à Cidade de Itabira. Antes, procedeste a indagações. Falharam. 5Formulaste depois um raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena, e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

6Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser “muito domiciliada nas cercanias deste comércio”, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. 7Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas aí a prudência mineira, que não avança (ou não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração final: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes

recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

8Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste.

9Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.

(Fala, amendoeira, 2012.)

(Unesp 2017) Está empregado em sentido figurado o termo destacado no seguinte trecho:

a) “Formulaste depois um raciocínio: houve roubo.” (ref. 5)

b) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.” (ref. 3)

c) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.” (ref. 3)

d) “Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados;” (ref. 6)

e) “Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados;” (ref. 6)

Exercício 286

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES:

Para responder à(s) questão(ões) a seguir, leia a crônica “Seu ‘Afredo’”, de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Afredo (ele sempre subtraía o “l” do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: “Afredo Paiva, um seu criado...”)

tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente zessabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à slide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bom.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acorçado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Alfredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lúcia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, ‘tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

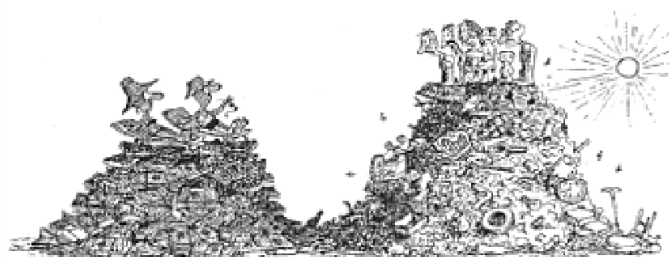
E, a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– Eximinista pianista!

Para uma menina com uma flor, 2009.



(Potentes, prepotentes e impotentes, 2003.)

1vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

2ressabiado: desconfiado.

3lide: trabalho penoso, labuta.

4ramerrão: rotina.

(Unesp 2017) Em “Conta ela que seu Alfredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou [...]” (12º parágrafo), a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) assim como.
- a) assim como.
- b) logo que.
- c) enquanto.
- d) porque.
- e) ainda que.

- a) Na tira, o que cada um dos dois grupos de pessoas representa?
- b) Em português, empregamos a seguinte expressão: “o tiro saiu pela culatra”. Explícite o sentido dessa expressão e a relacione com a crítica veiculada pela tira.

Exercício 288

(Unesp 2018) Examine as tiras do cartunista americano Bill Watterson (1958 -).

Exercício 287

(Unesp 2018) Examine a tira do cartunista argentino Quino (1932-2020) para responder à questão a seguir.



(O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo, 2007.)

a) Na tira 1, como o garoto Calvin interpreta o choro da mãe?

Reescreva a última fala de Calvin, substituindo o verbo

“antropomorfiza” por outro de sentido equivalente.

b) Na tira 2, a pergunta do tigre Haroldo poderia ser considerada uma resposta para a pergunta de Calvin? Justifique.

Exercício 289

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no 1batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um 2rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o Luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre 3flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

1batelão: embarcação movida a remo.

2rincho: relincho.

3flaubert: um tipo de espingarda.

(Unesp 2018) A fala “rema, bobalhão!” (último parágrafo) sugere, por parte do narrador,

- a) intransigência.
- b) impaciência.
- c) atrevimento.
- d) simplicidade.
- e) arrependimento.

Exercício 290

Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à(s) questão(ões) a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no 1batelão velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um 2rincho de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o Luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre 3flaubert, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal

resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

(Os melhores contos, 1997.)

1batelão: embarcação movida a remo.

2rincho: relincho.

3flaubert: um tipo de espingarda.

(Unesp 2018) O espanto inicial demonstrado pelo narrador em relação à moça deve-se ao fato de ela

- a) portar-se de forma independente.
- b) agir de modo dissimulado.
- c) cantar muito bem.
- d) demonstrar orgulho de sua cidade natal.
- e) ser bastante rica.

Exercício 291

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

Leia o trecho do livro Em casa, de Bill Bryson, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira. A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha. Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira. Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; 1terebintina ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo

dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roladas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roladas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, The expedition of Humphry Clinker, Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de “giz, Zalume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época. A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado Poison detected: or frightful truths, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infrequentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

(Em casa, 2011. Adaptado.)

1terebintina: resina extraída de uma planta e usada na fabricação de vernizes, diluição de tintas etc.

Zalume: designação dos sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usado na fabricação de corantes, papel, porcelana, na purificação de água, na clarificação de açúcar etc.

(Unesp 2018) Em “Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo” (2º parágrafo), o termo sublinhado está empregado em sentido similar ao do termo sublinhado em:

- a) “Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de ‘giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição’” (3º parágrafo).
- b) “A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro” (3º parágrafo).
- c) “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos” (3º parágrafo).
- d) “Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de ‘giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição’” (3º parágrafo).
- e) “A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro” (3º parágrafo).

Exercício 292

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho do livro O maior espetáculo da Terra, do biólogo britânico Richard Dawkins (1941-), para responder à(s) questão(ões).

A seleção natural impele espécies predadoras a tornarem-se cada vez melhores em apanhar presas, e simultaneamente impele

espécies que são caçadas a tornarem-se cada vez melhores em escapar dos caçadores. Predadores e presas apostam uma corrida armamentista evolucionária, disputada no tempo evolucionário. O resultado tem sido uma constante escalada na quantidade de recursos econômicos que os animais, dos dois lados, despendem na corrida armamentista, em detrimento de outros departamentos de sua economia corporal. Caçadores e caçados tornam-se cada vez mais bem equipados para correr mais do que (ou surpreender, ou sobrepujar em astúcia etc.) o outro lado. Mas um equipamento aprimorado para correr mais não se traduz obviamente em mais sucesso numa corrida, pela simples razão de que, numa corrida armamentista, o outro lado também está aprimorando seu equipamento: essa é a marca registrada das corridas armamentistas. Poderíamos dizer, como explicou a Rainha de Copas a Alice, que eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar.

Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão. Meu colega John Krebs e eu publicamos um artigo sobre o tema em 1979, no qual atribuímos a expressão “corrida armamentista” ao biólogo britânico Hugh Cott. Talvez significativamente, Cott publicou seu livro, *Adaptive coloration in animals*, em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial:

Antes de afirmar que a aparência enganosa de um gafanhoto ou borboleta é desnecessariamente detalhada, devemos verificar primeiro quais são os poderes de percepção e discriminação dos inimigos naturais desses insetos. Não fazê-lo é como dizer que a blindagem de um cruzador é pesada demais ou que seu conjunto de canhões é demasiado grande, sem investigar a natureza e a eficácia do armamento do inimigo. O fato é que, na primeira luta da selva, assim como nos refinamentos da guerra civilizada, vemos em progresso uma grande corrida armamentista evolucionária — cujos resultados, para a defesa, manifestam-se em recursos como velocidade, estado de alerta, couraça, coloração, hábitos subterrâneos, hábitos noturnos, secreções venenosas e gosto nauseante; e, para o ataque, em atributos compensadores como velocidade, surpresa, emboscada, atração, acuidade visual, garras, dentes, ferrões, presas venenosas e coloração atrativa. Assim como a velocidade do perseguido desenvolveu-se em relação a um aumento na velocidade do perseguidor, ou uma couraça defensiva em relação a armas ofensivas, também a perfeição de recursos de disfarce evoluiu em resposta a poderes crescentes de percepção.

Saliento que a corrida armamentista é disputada no tempo evolucionário. Não deve ser confundida com as corridas entre, por exemplo, um guepardo individual e uma gazela individual, que é disputada em tempo real. A corrida no tempo evolucionário é uma corrida que desenvolve equipamento para as corridas em tempo real. E o que isso realmente significa é que os genes para produzir o equipamento destinado a vencer o adversário em esperteza ou velocidade acumulam-se nos reservatórios gênicos de ambos os lados.

(O maior espetáculo da Terra, 2009. Adaptado.)

1primevo: antigo, primitivo.

(Unesp 2018) a) A frase “Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa

expressão” (2º parágrafo) pode ser considerada ambígua?

Justifique sua resposta.

b) Oxímoro: figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão; paradoxismo.

(Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009.)

Há na citação de Hugh Cott uma expressão que pode ser considerada exemplo de oxímoro. Identifique-a e justifique sua resposta.

Exercício 293

Leia o trecho do livro *O maior espetáculo da Terra*, do biólogo britânico Richard Dawkins (1941-), para responder à(s) questão(ões).

A seleção natural impele espécies predadoras a tornarem-se cada vez melhores em apanhar presas, e simultaneamente impele espécies que são caçadas a tornarem-se cada vez melhores em escapar dos caçadores. Predadores e presas apostam uma corrida armamentista evolucionária, disputada no tempo evolucionário. O resultado tem sido uma constante escalada na quantidade de recursos econômicos que os animais, dos dois lados, despendem na corrida armamentista, em detrimento de outros departamentos de sua economia corporal. Caçadores e caçados tornam-se cada vez mais bem equipados para correr mais do que (ou surpreender, ou sobrepujar em astúcia etc.) o outro lado. Mas um equipamento aprimorado para correr mais não se traduz obviamente em mais sucesso numa corrida, pela simples razão de que, numa corrida armamentista, o outro lado também está aprimorando seu equipamento: essa é a marca registrada das corridas armamentistas. Poderíamos dizer, como explicou a Rainha de Copas a Alice, que eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar.

Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão. Meu colega John Krebs e eu publicamos um artigo sobre o tema em 1979, no qual atribuímos a expressão “corrida armamentista” ao biólogo britânico Hugh Cott. Talvez significativamente, Cott publicou seu livro, *Adaptive coloration in animals*, em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial:

Antes de afirmar que a aparência enganosa de um gafanhoto ou borboleta é desnecessariamente detalhada, devemos verificar primeiro quais são os poderes de percepção e discriminação dos inimigos naturais desses insetos. Não fazê-lo é como dizer que a blindagem de um cruzador é pesada demais ou que seu conjunto de canhões é demasiado grande, sem investigar a natureza e a eficácia do armamento do inimigo. O fato é que, na primeira luta da selva, assim como nos refinamentos da guerra civilizada, vemos em progresso uma grande corrida armamentista evolucionária — cujos resultados, para a defesa, manifestam-se em recursos como velocidade, estado de alerta, couraça, coloração, hábitos subterrâneos, hábitos noturnos, secreções venenosas e gosto nauseante; e, para o ataque, em atributos compensadores como velocidade, surpresa, emboscada, atração, acuidade visual, garras, dentes, ferrões, presas venenosas e coloração atrativa. Assim como a velocidade do perseguido desenvolveu-se em relação a um aumento na velocidade do perseguidor, ou uma couraça defensiva em relação a armas

ofensivas, também a perfeição de recursos de disfarce evoluiu em resposta a poderes crescentes de percepção.

Saliento que a corrida armamentista é disputada no tempo evolucionário. Não deve ser confundida com as corridas entre, por exemplo, um guepardo individual e uma gazela individual, que é disputada em tempo real. A corrida no tempo evolucionário é uma corrida que desenvolve equipamento para as corridas em tempo real. E o que isso realmente significa é que os genes para produzir o equipamento destinado a vencer o adversário em esperteza ou velocidade acumulam-se nos reservatórios gênicos de ambos os lados.

(O maior espetáculo da Terra, 2009. Adaptado.)

1primevo: antigo, primitivo.

(Unesp 2018)

a) Explique sucintamente o que o autor entende por “corrida armamentista evolucionária”.

b) De que forma a fala da Rainha de Copas a Alice – “eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar” (1º parágrafo) – relaciona-se com a “marca registrada das corridas armamentistas” (1º parágrafo)?

Exercício 294

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Leia a narrativa “O leão, o burro e o rato”, de Millôr Fernandes.

Um leão, um burro e um rato voltaram, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos¹ e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

– Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água² e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

– Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prostrando-o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

– Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora – divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro, apenas um ratinho cinza morto por acaso. O

leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato o chamou:

– Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

– Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha – e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

– Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! – exclamou o leão, realmente admirado. – Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

– Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Moral: Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

1 A conjugação de esforços tão heterogêneos na destruição do meio ambiente é coisa muito comum.

2 Enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso já é outra fábula. (100 fábulas fabulosas, 2012.)

(Unesp 2021) A narrativa de Millôr Fernandes afasta-se do modelo tradicional da fábula na medida em que emprega um tom

a) moralizante.

b) fantástico.

c) lacônico.

d) ambíguo.

e) paródico.

Exercício 295

Leia a narrativa “O leão, o burro e o rato”, de Millôr Fernandes.

Um leão, um burro e um rato voltaram, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos¹ e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

– Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água² e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

– Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na

nuca do burro, prostrando-o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

– Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora – divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro, apenas um ratinho cinza morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato o chamou:

– Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

– Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha – e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

– Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! – exclamou o leão, realmente admirado. – Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

– Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Moral: Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

1 A conjugação de esforços tão heterogêneos na destruição do meio ambiente é coisa muito comum.

2 Enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso já é outra fábula. (100 fábulas fabulosas, 2012.)

(Unesp 2021) “Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.” (8º parágrafo)

Em relação à oração que a sucede, a oração sublinhada expressa ideia de

- a) consequência.
- b) tempo.
- c) concessão.
- d) condição.
- e) causa.

Exercício 296

Leia a narrativa “O leão, o burro e o rato”, de Millôr Fernandes.

Um leão, um burro e um rato voltaram, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos¹ e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

– Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho,

descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água² e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

– Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prostrando-o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

– Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora – divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro, apenas um ratinho cinza morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato o chamou:

– Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

– Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha – e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

– Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! – exclamou o leão, realmente admirado. – Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

– Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Moral: Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

1 A conjugação de esforços tão heterogêneos na destruição do meio ambiente é coisa muito comum.

2 Enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso já é outra fábula. (100 fábulas fabulosas, 2012.)

(Unesp 2021) Uma moral para a narrativa de Millôr Fernandes em conformidade com uma fábula tradicional seria:

- a) Para quem morrer está posto, é melhor a morte com reputação.
- b) Alguns seres humanos, por causa das próprias espertezas, sem perceber se lançam em direção às desgraças.
- c) Alguns homens fazem por mal o que por bem não querem aceitar.
- d) Para os homens, os infortúnios do próximo se tornam um apelo à ponderação.
- e) Os homens sensatos não desdenham nem mesmo as coisas modestas.

Exercício 297

Leia a narrativa “O leão, o burro e o rato”, de Millôr Fernandes.

Um leão, um burro e um rato voltaram, afinal, da caçada que haviam empreendido juntos¹ e colocaram numa clareira tudo que tinham caçado: dois veados, algumas perdizes, três tatus, uma paca e muita caça menor. O leão sentou-se num tronco e, com voz tonitruante que procurava inutilmente suavizar, berrou:

– Bem, agora que terminamos um magnífico dia de trabalho, descansemos aqui, camaradas, para a justa partilha do nosso esforço conjunto. Compadre burro, por favor, você, que é o mais sábio de nós três, com licença do compadre rato, você, compadre burro, vai fazer a partilha desta caça em três partes absolutamente iguais. Vamos, compadre rato, até o rio, beber um pouco de água, deixando nosso grande amigo burro em paz para deliberar.

Os dois se afastaram, foram até o rio, beberam água² e ficaram um tempo. Voltaram e verificaram que o burro tinha feito um trabalho extremamente meticuloso, dividindo a caça em três partes absolutamente iguais. Assim que viu os dois voltando, o burro perguntou ao leão:

– Pronto, compadre leão, aí está: que acha da partilha?

O leão não disse uma palavra. Deu uma violenta patada na nuca do burro, prostrando-o no chão, morto.

Sorrindo, o leão voltou-se para o rato e disse:

– Compadre rato, lamento muito, mas tenho a impressão de que concorda em que não podíamos suportar a presença de tamanha inaptidão e burrice. Desculpe eu ter perdido a paciência, mas não havia outra coisa a fazer. Há muito que eu não suportava mais o compadre burro. Me faça um favor agora – divida você o bolo da caça, incluindo, por favor, o corpo do compadre burro. Vou até o rio, novamente, deixando-lhe calma para uma deliberação sensata.

Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida. Dividiu o monte de caça em dois: de um lado, toda a caça, inclusive o corpo do burro. Do outro, apenas um ratinho cinza morto por acaso. O leão ainda não tinha chegado ao rio, quando o rato o chamou:

– Compadre leão, está pronta a partilha!

O leão, vendo a caça dividida de maneira tão justa, não pôde deixar de cumprimentar o rato:

– Maravilhoso, meu caro compadre, maravilhoso! Como você chegou tão depressa a uma partilha tão certa?

E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais. Tracei uma comparação entre a sua força e a minha – é claro que você precisa de muito maior volume de alimentação do que eu. Comparei, ponderadamente, sua posição na floresta com a minha

– e, evidentemente, a partilha só podia ser esta. Além do que, sou um intelectual, sou todo espírito!

– Inacreditável, inacreditável! Que compreensão! Que argúcia! – exclamou o leão, realmente admirado. – Olha, juro que nunca tinha notado, em você, essa cultura. Como você escondeu isso o tempo todo, e quem lhe ensinou tanta sabedoria?

– Na verdade, leão, eu nunca soube nada. Se me perdoa um elogio fúnebre, se não se ofende, acabei de aprender tudo agora mesmo, com o burro morto.

Moral: Só um burro tenta ficar com a parte do leão.

1 A conjugação de esforços tão heterogêneos na destruição do meio ambiente é coisa muito comum.

2 Enquanto estavam bebendo água, o leão reparou que o rato estava sujando a água que ele bebia. Mas isso já é outra fábula.

(100 fábulas fabulosas, 2012.)

(Unesp 2021) “E o rato respondeu:

– Muito simples. Estabeleci uma relação matemática entre seu tamanho e o meu – é claro que você precisa comer muito mais.” (12º e 13º parágrafos)

Ao se transpor esse trecho para o discurso indireto, o termo sublinhado assume a seguinte forma:

- a) teria estabelecido.
- b) estabeleceria.
- c) estabelecia.
- d) estabeleceu.
- e) tinha estabelecido.

Exercício 298

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia a crônica “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista Careta em 25.09.1915.

Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...

Mas “pálida homenagem”... Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida homenagem do autor”...

Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.
(Sátiras e outras subversões, 2016.)

(Unesp 2021) Em “Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: ‘pálida homenagem’?” (8º parágrafo), o termo sublinhado está empregado na acepção de

- a) “lançar-se rapidamente; atirar-se, jogar-se”, como em “ela caiu no colo da mãe”.
- b) “incorrer em erro, falta; incidir”, como em “durante o depoimento, caiu em contradição”.
- c) “deixar-se enganar, ser vítima de logro”, como em “ele caiu no conto do vigário”.
- d) “criticar severamente; acusar”, como em “a imprensa caiu em cima dos corruptos”.
- e) “entrar em determinado estado ou situação”, como em “durante o filme, caiu no sono”.

Exercício 299

Leia a crônica “A obra-prima”, de Lima Barreto, publicada na revista Careta em 25.09.1915.

Marco Aurélio de Jesus, dono de um grande talento e senhor de um sólido saber, resolveu certa vez escrever uma obra sobre filologia.

Seria, certo, a obra-prima ansiosamente esperada e que daria ao espírito inculto dos brasileiros as noções exatas da língua portuguesa. Trabalhou durante três anos, com esforço e sabiamente. Tinha preparado o seu livro que viria trazer à confusão, à dificuldade de hoje, o saber de amanhã. Era uma obra-prima pelas generalizações e pelos exemplos.

A quem dedicá-la? Como dedicá-la? E o prefácio?

E Marco Aurélio resolve meditar. Ao fim de igual tempo havia resolvido o difícil problema.

A obra seria, segundo o velho hábito, precedida de “duas palavras ao leitor” e levaria, como demonstração de sua submissão intelectual, uma dedicatória.

Mas “duas palavras”, quando seriam centenas as que escreveria? Não. E Marco Aurélio contou as “duas palavras” uma a uma. Eram duzentas e uma e, em um lance único, genial, destacou em relevo, ao alto da página “duzentas e uma palavras ao leitor”.

E a dedicatória? A dedicatória, como todas as dedicatórias, seria a “pálida homenagem” de seu talento ao espírito amigo que lhe ensinara a pensar...

Mas “pálida homenagem”... Professor, autor de um livro de filologia, cair na vulgaridade da expressão comum: “pálida homenagem”? Não. E pensou. E de sua grave meditação, de seu profundo pensamento, saiu a frase límpida, a grande frase que definia a sua ideia da expressão e, num gesto, sulcou o alto da página de oferta com a frase sublime: “lívida homenagem do autor”...

Está aí como um grande gramático faz uma obra-prima. Leiam-na e verão como a coisa é bela.

(Sátiras e outras subversões, 2016.)

(Unesp 2021) O cronista traça um retrato do gramático Marco Aurélio, evidenciando, sobretudo, a sua

- a) ambiguidade.
- b) informalidade.
- c) concisão.
- d) afetação.
- e) meticulosidade.

Exercício 300

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Leia o trecho do romance Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa.

Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense. De grave, na lei do comum, disse ao senhor quase tudo. Não crio receio. O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia. E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o deo-gratias; e o troco. Bobeia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: – “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais. Era um homem maluco, os dedos cheios de anéis velhos sem valor, as pedras retiradas – ele dizia: aqueles todos anéis davam até choque elétrico... Não. Eu estou contando assim, porque é o meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isso é como jogo de baralho, verte, reverte. Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás, reclamavam posse de todos os animais de sela. Sei que deram fogo, na barra do Urucuia, em São Romão, aonde aportou um vapor do Governo, cheio de tropas da Bahia. Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas. O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. [...] Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

(Grande sertão: veredas, 2015.)

(Unesp 2021) Dupla negação: emprego conjugado de palavras negativas.

(Celso Pedro Luft. Abc da língua culta, 2010. Adaptado.)

Observa-se a ocorrência de dupla negação no trecho:

- a) “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam.”
- b) “Mas não é por disfarçar, não pense.”
- c) “O senhor é homem de pensar o dos outros como sendo o seu, não é criatura de pôr denúncia.”
- d) “Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça.”

e) “De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.”

Exercício 301

Leia a crônica de Machado de Assis, publicada em 19.05.1888.

Eu pertenço a uma família de profetas après coup¹, post facto², depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (coup du milieu³, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

– Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

– Oh! meu senhô! fico.

– ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu crescestes imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

– Artura não qué dizê nada, não, senhô...

– Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

– Eu vaio um galo, sim, senhô.

– Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas

todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu. (Machado de Assis. Crônicas escolhidas, 2013.)

1après coup: a posteriori.

2post facto: após o fato.

3coup du milieu: bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.

(Unesp 2021) O termo que melhor caracteriza o narrador da crônica é

a) altruísta.

b) devoto.

c) hipócrita.

d) visionário.

e) impulsivo.

Exercício 302

Leia o trecho do livro A dança do universo, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão. Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes. Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os

frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas. (A dança do universo, 2006. Adaptado.)

(Unesp 2019) O medo de Copérnico de “críticas ou perseguição religiosa” (2º parágrafo) deve-se ao fato de suas ideias se oporem à teoria

- a) heliocêntrica.
- b) geocêntrica.
- c) humanista.
- d) iluminista.
- e) positivista.

Exercício 303

(Unesp 2022) Examine o cartum de Pietro Soldi, publicado em sua conta do Instagram em 11.09.2019. Depreende-se do cartum que o motorista

- a) acredita que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- b) duvida de que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.
- c) acredita que todas as pessoas estarão extintas em dez anos.
- d) duvida daqueles que dizem que todas as pessoas irão se extinguir.
- e) acredita que todas as pessoas estarão extintas em mais de dez anos.

Exercício 304

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES:

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa

e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido¹ passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras², uma avantesma³...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas⁴ que a polícia, competentemente munida de bentinhos⁵ e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro⁶ que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiante⁷ empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

1esbatido: de tom pálido.

2a desoras: muito tarde.

3avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

4folha: periódico diário, jornal.

5bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

6pardieiro: prédio velho ou arruinado.

7sitante: policial.

(Unesp 2022) “Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras, uma avantesma...” (2º parágrafo)

Nesse trecho, o cronista acaba por desconstruir a oposição entre

- a) razão e século de luzes.
- b) razão e credence.
- c) razão e descrença.
- d) Iluminismo e Liberalismo.
- e) Iluminismo e Revolução Francesa.

Exercício 305

Leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido¹ passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras², uma avantesma³...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas⁴ que a polícia, competentemente munida de

bentinhos⁵ e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho pardieiro⁶ que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os sitiante⁷ empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

¹esbatido: de tom pálido.

²a desoras: muito tarde.

³avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

⁴folha: periódico diário, jornal.

⁵bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

⁶pardieiro: prédio velho ou arruinado.

⁷sitante: policial.

(Unesp 2022) Em relação à reportagem sobre a diligência policial (4º e 5º parágrafos), o cronista destaca seu caráter

- a) objetivo.
- b) enigmático.
- c) enfadonho.
- d) fantasioso.
- e) macabro.

Exercício 306

Leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofado de macela¹. Emília, a sabida boneca de Monteiro Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme Matrix (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada Matriz, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “I know kung fu”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as

planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. Limiar: ciência e vida contemporânea, 2020.)

1macela: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofa de travesseiros.

(Unesp 2022) De acordo com o autor,

- a) o avanço das pesquisas científicas pode tornar a ingestão de memórias uma prática ultrapassada.
- b) a ideia de aperfeiçoamento da memória a qualquer custo pode representar um risco para a humanidade.
- c) a ideia do aprendizado instantâneo pode vir a se tornar realidade em um futuro muito próximo.
- d) a consolidação de memórias pode ser acelerada mediante o emprego de técnicas científicas.
- e) o emprego arbitrário de técnicas científicas pode vir a descaracterizar a própria natureza da memória.

Exercício 307

Leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofa de macela¹. Emília, a sabida boneca de Monteiro Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme Matrix (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada Matriz, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “I know kung fu”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso,

vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. Limiar: ciência e vida contemporânea, 2020.)

1macela: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofa de travesseiros.

(Unesp 2022) Em “Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim” (4º parágrafo), o autor caracteriza as “oscilações lentas do sono” como um processo

- a) imaginário.
- b) estéril.
- c) indefinido.
- d) complexo.
- e) produtivo.

Exercício 308

Leia o trecho inicial da crônica “Está aberta a sessão do júri”, de Graciliano Ramos, publicada originalmente em 1943.

O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas. Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas

matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas¹ e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arrevesada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutaros.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanção das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: “considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.” Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

(Graciliano Ramos. *Viventes das Alagoas*, 1976.)

1barroca: monte de terra ou de barro.

(Unesp 2022) O cronista intromete-se explicitamente no texto no seguinte trecho:

- a) “Contudo exaltou a virtude, emanção das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.” (5º parágrafo)
- b) “Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos.” (7º parágrafo)
- c) “O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas.” (1º parágrafo)
- d) “Operava, se não nos enganamos, deste modo: ‘considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.’” (6º parágrafo)
- e) “E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.” (7º parágrafo)

Exercício 309

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Leia o trecho inicial da crônica “Está aberta a sessão do júri”, de Graciliano Ramos, publicada originalmente em 1943.

O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas. Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas¹ e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arrevesada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutaros.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanção das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: “considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.” Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

(Graciliano Ramos. *Viventes das Alagoas*, 1976.)

1barroca: monte de terra ou de barro.

(Unesp 2022) Na crônica, o Dr. França é caracterizado como

- a) irônico e arrogante.
- b) arrogante e dissimulado.
- c) introvertido e sarcástico.
- d) pedante e displicente.
- e) taciturno e metódico.

Exercício 310

Leia o trecho inicial da crônica “Está aberta a sessão do júri”, de Graciliano Ramos, publicada originalmente em 1943.

O Dr. França, Juiz de Direito numa cidadezinha sertaneja, andava em meio século, tinha gravidade imensa, verbo escasso, bigodes, colarinhos, sapatos e ideias de pontas muito finas.

Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.

Não via, não sorria. Quando parava numa esquina, as cavaqueiras dos vadios gelavam. Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas¹ e degraus. A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.

Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.

Dr. França levantava-se às sete horas e recolhia-se à meia-noite, fizesse frio ou calor, almoçava ao meio-dia e jantava às cinco, ouvia missa aos domingos, comungava de seis em seis meses, pagava o aluguel da casa no dia 30 ou no dia 31, entendia-se com a mulher, parcimonioso, na linguagem usada nas sentenças, linguagem arrevesada e arcaica das ordenações. Nunca julgou oportuno modificar esses hábitos salutareos.

Não amou nem odiou. Contudo exaltou a virtude, emanação das existências calmas, e condenou o crime, infeliz consequência da paixão.

Se atentássemos nas palavras emitidas por via oral, poderíamos afirmar que o Dr. França não pensava. Vistos os autos, etc., perceberíamos entretanto que ele pensava com alguma frequência. Apenas o pensamento de Dr. França não seguia a marcha dos pensamentos comuns. Operava, se não nos enganamos, deste modo: “considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.” Tudo se formulava em obediência às regras – e era impossível qualquer desvio.

Dr. França possuía um espírito, sem dúvida, espírito redigido com circunlóquios, dividido em capítulos, títulos, artigos e parágrafos. E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.

(Graciliano Ramos. *Viventes das Alagoas*, 1976.)

1barroca: monte de terra ou de barro.

(Unesp 2022) O cronista recorre à personificação no seguinte trecho:

- a) “Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.” (3º parágrafo)
- b) “A espinha não se curvava, embora descesse ladeiras, as mãos e os braços executavam os movimentos indispensáveis, as duas rugas horizontais da testa não se aprofundavam nem se desfaziam.” (2º parágrafo)
- c) “Ao afastar-se, mexia as pernas matematicamente, os passos mediam setenta centímetros, exatos, apesar de barrocas e degraus.” (2º parágrafo)

d) “E o que se distanciava desses parágrafos, artigos, títulos e capítulos não o comovia, porque Dr. França está livre dos tormentos da imaginação.” (7º parágrafo)

e) “Vestia-se ordinariamente de preto, exigia que todos na justiça procedessem da mesma forma – e chegou a mandar retirar-se do Tribunal um jurado inconveniente, de roupa clara, ordenar-lhe que voltasse razoável e fúnebre, para não prejudicar a decência do veredicto.” (1º parágrafo)

Exercício 311

(Unicamp 2023)



(Fonte: Twitter. https://twitter.com/_paulo_bruno/status/1513855458456616969. Acesso em 03/06/2022.)

O texto apresenta a reprodução de uma postagem em Twitter do ilustrador e quadrinista Paulo Bruno. Considerando o texto e as duas imagens do tuíte, assinale a alternativa que melhor descreve o sentido de “interpretação” nesse contexto particular de uso.

- a) A imaginação, em desenho, do ponto de vista da selfie que é tematizada na foto.
- b) A adulteração, no desenho, do significado da foto pela mudança de perspectiva.
- c) A cópia, em ilustração, de uma fotografia que mostra a produção de uma selfie.
- d) A recriação, em fotografia, da ilustração que simula uma selfie em grupo.

Exercício 312

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Quebrando o silêncio dos hospícios

Stella do Patrocínio, apesar de ser reconhecida postumamente como poeta, nunca se definiu assim e não escreveu nenhuma das linhas que estão no livro *Reino dos bichos e dos animais* é o meu nome, pelo qual ficou conhecida. A potência de suas palavras se encontra no seu falatório (como chamava suas falas), que foi preservado em fitas de áudio pela artista plástica Carla Guagliardi. As conversas entre as duas foram gravadas durante oficinas de arte para pacientes psiquiátricos, entre 1986 e 1988, e o livro, publicado muitos anos depois da morte de Patrocínio, é um recorte de frases dela, transcritas desses diálogos. As falas de Patrocínio são de uma mulher negra e pobre que foi levada à força pela polícia e internada, no Centro Pedro 2º e depois na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde ficou

por trinta anos; quando morreu, foi enterrada como indigente. A história de Patrocínio é a história de milhares de vítimas que foram encarceradas nos hospícios brasileiros por serem consideradas “desajustadas”. Em sua maioria negras. Ali, elas sofreram abusos, violências e torturas, além de serem abandonadas pelo Estado.

(Adaptado de: Quebrando o silêncio dos hospícios. Quatro cinco um, 05/2022, p. 27.)

(Unicamp 2023) Examinando a relação do título com o corpo do excerto da reportagem de revista, o que representa a quebra do “silêncio dos hospícios”?

- a) A morte esquecida de Stella do Patrocínio em uma instituição para reclusão de pessoas com transtornos mentais (ou assim consideradas).
- b) As oficinas de arte que permitiram a Stella do Patrocínio tornar pública a sua voz e as histórias de mulheres encarceradas em instituições manicomiais.
- c) O livro de Stella do Patrocínio que narra as histórias de mulheres vítimas de violência manicomial, abandonadas pelo Estado.
- d) As falas gravadas de Stella do Patrocínio que expressam tanto o seu percurso individual quanto a história de outras mulheres.

Exercício 313

Quebrando o silêncio dos hospícios

Stella do Patrocínio, apesar de ser reconhecida postumamente como poeta, nunca se definiu assim e não escreveu nenhuma das linhas que estão no livro Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, pelo qual ficou conhecida. A potência de suas palavras se encontra no seu falatório (como chamava suas falas), que foi preservado em fitas de áudio pela artista plástica Carla Guagliardi. As conversas entre as duas foram gravadas durante oficinas de arte para pacientes psiquiátricos, entre 1986 e 1988, e o livro, publicado muitos anos depois da morte de Patrocínio, é um recorte de frases dela, transcritas desses diálogos.

As falas de Patrocínio são de uma mulher negra e pobre que foi levada à força pela polícia e internada, no Centro Pedro 2º e depois na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde ficou por trinta anos; quando morreu, foi enterrada como indigente. A história de Patrocínio é a história de milhares de vítimas que foram encarceradas nos hospícios brasileiros por serem consideradas “desajustadas”. Em sua maioria negras. Ali, elas sofreram abusos, violências e torturas, além de serem abandonadas pelo Estado.

(Adaptado de: Quebrando o silêncio dos hospícios. Quatro cinco um, 05/2022, p. 27.)

(Unicamp 2023) Com base ainda no texto, “falatório” pode ser considerado como

- a) a modalidade declamada dos poemas de Stella do Patrocínio.
- b) uma prática discursiva oral nomeada por Stella do Patrocínio.
- c) a denominação, usada no manicômio, para conversas terapêuticas.
- d) um gênero de poesia transcrita produzida por Stella do Patrocínio.

Exercício 314

(Unicamp 2020) Leia os três excertos e responda às questões.

Texto 1: “Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...”

(João Guimaraes Rosa, Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 26.)

Texto 2: “Chego à sacada e vejo a minha serra, / a serra de meu pai e meu avô, / de todos os Andrades que passaram / e passarão, a serra que não passa. / (...) / Esta manhã acordo e / não a encontro. / (...) / foge minha serra, vai / deixando no meu corpo e na paisagem / mísero pó de ferro, e este não passa.”

(Carlos Drummond de Andrade, Boitempo II. Rio de Janeiro: Record, 1994, p. 72.)

Texto 3: “Menor em quilômetros do que o desastre de Mariana, causado pela Samarco, controlada pela mesma Vale, o de Brumadinho é gigante em gravidade: as florestas e rios afetados eram muito mais ricos e importantes para o equilíbrio ambiental, salientam especialistas.”

(Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/dano-ambiental-em-brumadinho-ameaca-centenas-de-especies-2324033>. Acessado em 06/11/2019.)

- a) A vida imita a arte. Quando Guimarães Rosa, que se criou nas terras do sertão do Paraopeba, e Drummond escreveram, provavelmente não imaginavam o que ocorreria em Brumadinho e Mariana. Percebe-se uma relação entre um processo de transformação e as expressões “mísero pó de ferro”, em Drummond, e “desfaz o barranco”, em Rosa. Identifique a atividade econômica e descreva o processo de transformação da matéria-prima implícitos nos textos desses autores.
- b) Em Brumadinho, a lama afetou espécies endêmicas de “florestas e rios” da Mata Atlântica e do Cerrado mineiros, em área da Reserva da Biosfera da Unesco da Serra do Espinhaço. Considerando a possível extinção das espécies endêmicas afetadas, identifique e explique uma consequência biológica para o equilíbrio ambiental desses ecossistemas.

Exercício 315

(Unicamp 2022) Numa questão da 1ª Fase do vestibular Unicamp 2022, você leu que, na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral, transmitido por seus anciãos e anciãs; deste modo, tal conhecimento precisa ser registrado e mantido pelos jovens. Leia, agora, o texto a seguir:

Em junho de 2020, o pesquisador Fernando Cespedes transformou sua tese de doutorado (USP-2019) em podcast para levá-la a um público mais amplo. “É muito importante criar um ambiente sonoro de alta-fidelidade e que faça o ouvinte mergulhar nos sons, porque a ideia é recriar uma experiência de contação de histórias”, explica. Assim como o texto escrito, os sons são elementos narrativos, e tanto o ritmo quanto o desenho de som são essenciais para revelar o ser-sonoro e captar a atenção do ouvinte.

“A escuta nos obriga a reconhecer tudo o que está ao redor, já que ela não reconhece barreiras”, reflete o pesquisador. E aponta a dominação histórica da visão, no mundo europeu, como responsável por isolar e transformar em objeto tudo que está

fora. “Não há pálpebras nos ouvidos. Então, o principal ganho de cultivarmos uma relação mais sonora com o mundo é nos aproximarmos e nos incluirmos nele, abandonarmos a ideia de um mundo externo, fora de nós. Foi essa noção de um mundo externo – que pode ser domado ou conquistado – que guiou o colonialismo e a pior face do capitalismo. Não é à toa que sociedades nas quais a escuta é elemento central são mais sustentáveis e integradas aos seus ambientes.”

(Adaptado de Luiz Prado, Podcasts revelam como a música cria o mundo e a humanidade. Jornal da USP, 31/08/2020.)

a) Considerando o primeiro parágrafo do texto, cite uma proposta que poderia contribuir para a conservação da memória das narrativas dos povos indígenas e justifique sua resposta.

b) Indique dois ganhos e duas perdas em nossas relações com os mundos sonoros e visuais, mencionados no segundo parágrafo.

Exercício 316

(Unicamp 2021) Texto 1

Audino Vilão é o pseudônimo de Marcelo Marques. O universitário paulista de 18 anos cursa Licenciatura em História e produz vídeos em que traduz conceitos filosóficos complexos em linguagem coloquial, com gírias típicas das periferias do Estado de São Paulo. Audino se apresenta como um vilão que sequestra o conhecimento da elite acadêmica e distribui pra todo mundo, igualmente, da melhor forma possível. Ele entende que é preciso valorizar a cultura do aluno, o dialeto dele, seu conhecimento de vida.

(Adaptado de Bárbara Martins, “Audino Vilão: universitário traz conceitos filosóficos para linguagem da periferia.” Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2020>. Acessado em 09/11/2020.)

Texto 2

“E aí, molecadinha que nos assiste? Primeiramente um abraço, um cheiro, um amasso, diretamente daqui da 019, Audino Vilão na voz, trazendo pra vocês uma explicação: que que é democracia? Pra começar, vamo vê na história. A democracia surgiu na Grécia, na cidade de Atenas, em 504 a.C., em resposta aos governos autoritários. Cê é louco, o bagulho, mó tempo, né? Os cara mandava em tudo, metia o louco. Aí os caras saíram do poder, o povo se uniu e pensou: Parça, e se nós fizesse esse bagulho agora, e se nós mandasse nesse bagulho aí? Aí a rapaziada lá, suave, se reuniu nas praça, nos congresso, os cara discutia qual que vai ser a plantação, qual que vai ser o festival da cidade. Só que, naquela época, pra você participar da democracia você precisava ser homem, maior de 21 anos, precisava possuir terras e... o mais importante: você precisava ser cidadão ateniense. Você não poderia ser nem mulher, nem escravo. Então era um bagulho meio elitista, tá ligado? Era um bagulho meio exclusivo. Mas qual que é essas ideia de democracia? Democracia é uma forma de governo onde todo mundo pode participar. Dá pra todo mundo tentar fazer o seu corre, e tentar progredir no nosso país, no nosso município, na nossa quebrada. Porque a democracia parte de um princípio de respeito à liberdade individual. Mas não fica só nisso não. A democracia também acontece quando você vai lá e cobra o político: e aí, mano, cadê as escola? O certo é o certo, o errado é cobrado, e a democracia é dessa fita, entendeu?” (Adaptado de Audino Vilão. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CE7wnZypyEi/>. Acessado em

09/11/2020.)

a) Cite duas características da democracia grega que, segundo Audino Vilão, a diferenciam do conceito atual de democracia.

b) A quem se dirigem os vocativos “Parça” (no primeiro parágrafo), e “mano” (no segundo parágrafo)?

Exercício 317

(Unicamp 2020) O dicionarista e historiador Nei Lopes, autor do Dicionário banto do Brasil, afirmou, em entrevista à Revista Fapesp:

Resolvi elaborar um dicionário para identificar os vocábulos da língua portuguesa com origem no universo dos povos bantos, denominação que engloba centenas de línguas e dialetos africanos. Palavras como babá, baia, banda, caçapa, cachimbo, dengo, farofa, fofoca e minhoca, por exemplo, têm origem provável ou comprovada em línguas bantas e o quimbundo pode ter sido o idioma que mais contribuiu à formação de nosso vocabulário. Ao constatar tal quantidade de palavras originárias de idiomas bantos que circulam pelo país, quis comprovar a importância dessas culturas para o contexto nacional. Assim, escrever dicionários, para mim, também é uma tarefa política. Percebi que dicionários funcionam como um meio didático eficaz para disseminar conhecimento.

Os currículos costumam começar a abordagem sobre a África a partir da escravidão, partindo do princípio de que os nossos ancestrais foram todos escravos. Nos ensinamentos sobre o assunto, é preciso descolonizar o pensamento brasileiro, deixando evidente como os grandes centros europeus espoliaram o continente e que, hoje, a realidade africana é fruto dessas ações. (Adaptado de Nei Lopes, O dicionário heterodoxo. Entrevista concedida a Cristina Queiroz. Revista Fapesp. Edição 275, jan. 2019. Disponível em <http://revistapesquisa.fapesp.br/2019/01/10/nei-braz-lopes-o-dicionarista-heterodoxo/>. Acessado em 23/08/2019.)

a) Explique, com base em dois argumentos presentes no texto, por que, para o autor, escrever dicionários é uma tarefa política.

b) Que crítica o autor faz aos currículos escolares e que abordagem propõe para o assunto?

Exercício 318

(Unicamp 2020) Voltou à moda o velho “faça você mesmo” ou bricolagem. A ideia de que às vezes é melhor trabalhar com a mão na massa, engajando os cidadãos, se tornou uma metáfora para práticas pedagógicas, ações políticas, retórica empreendedora. Mas poucos usam, no Brasil, o termo que melhor representa essa potência criativa de que as pessoas são capazes: gambiarra. Palavra menos nobre, gambiarra existe, no Brasil e em outros países de língua portuguesa, quase sempre como um termo popular, dialetal ou depreciativo. Porque é um faça-você-mesmo rebelde que recombina peças já existentes, no interior de regras dadas, para inventar novas funções e afirmar novas regras. Escolhi cinco livros que mostram as gambiarras em ação, entre eles, A invenção do cotidiano: Artes de fazer, de Michel de Certeau. Nesse livro, o historiador e teólogo francês apresenta um estudo analítico e um elogio político da criatividade do “cidadão comum”. Ao traçar uma distinção entre estratégias (as regras do jogo formuladas pelos que têm o poder de estabelecer regras) e

táticas (os gestos, ações, invenções dos subjugados, que tentam lidar com as regras, mas também achar um jeitinho de driblá-las), Certeau revela as gambiarras que fazem com que o cotidiano se invente e reinvente.

(Adaptado de Yuriy Castelfranchi, Livros para imaginar, apreciar e fazer gambiarras. Disponível em

<https://www.nexojournal.com.br/estante/favoritos/2019/5-livros-para-imaginar-apreciar-e-fazer-gambiarras>. Acessado em 10/08/2019.)

a) Explique por que a gambiarra é, ao mesmo tempo, indisciplinada e criativa.

b) Segundo Castelfranchi, como Michel de Certeau associa a ideia de gambiarra às ações políticas do cidadão comum? Responda com base em dois exemplos citados no texto.

Exercício 319

(Unicamp 2019) (...) Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender, (José Saramago, História do Cerco de Lisboa. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p.12.)

(...) O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

(Idem, p.13.)

(...) Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o deletur, suspirou o revisor.

(Idem, p.14.)

a) Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.

b) No terceiro excerto, o revisor utiliza a palavra deletur. O que significa essa expressão e por que ela é tão importante para o revisor?

Exercício 320

(Unicamp 2019) O xeque-mate – do persa shāh māt: o rei está morto - ocupa uma função controversa nas leis do jogo de xadrez. Trata-se de uma expressão que designa o lance final - é quando um dos reis não tem mais qualquer possibilidade de movimento. De saída, e nisso consiste o primeiro traço de ambivalência da expressão, a rigor, o rei não morre. Pode-se dizer até que o rei agoniza - mas de seu destino quase nada sabemos. Em resumo, o xeque-mate é exatamente, negando o que enuncia a expressão, o lance anterior ao que podemos chamar de morte. Diferentemente

do senso comum, que vê grandeza naquele que luta até o último instante – a saber, até a morte –, o jogador de xadrez deve ter a medida de seu esforço. Saber abandonar uma partida no momento certo, portanto, é uma demonstração de domínio da própria derrota. A morte, por jamais tornar-se concreta, fica sendo pura potência. Talvez seja este caráter inacabado – o jogo acaba sempre antes de acabar - que concede, afinal, ao jogo de xadrez, na forma de rito, a possibilidade de um eterno recomeçar. (Adaptado de Victor da Rosa, “Xeque-mate”. Disponível em <http://culturaebarbarie.org/sopro/verbetes/xequemate.html>. Acessado em 04/09/2018.)

a) Victor da Rosa afirma que há uma ambivalência na expressão “xeque-mate”. Explique-a.

b) Explique, com dois argumentos, por que a posição do autor quanto à grandeza do jogo de xadrez contraria o senso comum.

Exercício 321

(Unicamp 2019) Alguém já escreveu que a internet é um instrumento democrático. Tomada ao pé da letra, essa afirmação é falsa. Eu gostaria de corrigi-la, acrescentando: a internet é um instrumento potencialmente democrático. Para fazer uma pesquisa navegando na web, precisamos saber como dominar os instrumentos do conhecimento: em outras palavras, precisamos dispor de um privilégio cultural que é ligado ao privilégio social. As escolas precisam da internet, mas a internet precisa de uma escola onde o ensino real acontece. A internet não apenas faz referência aos livros, mas pressupõe livros. A leitura fragmentada em palavras e frases isoladas do contexto integral sempre foi parte da leitura de cada um, mas o livro é o instrumento que nos ensina a dominar a extraordinária velocidade da internet – para ser capaz de usá-la, você precisa aprender a “ler devagar”. Não consigo imaginar que alguém possa aprender sozinho, sem modelos, a prática profundamente artificial da leitura lenta. Daí a internet pressupor não apenas os livros, mas também aqueles que ensinam a ler livros – ou seja, professores em carne e osso. (Adaptado de “Carlo Ginzburg: a internet é um instrumento potencialmente democrático”. Disponível em <http://www.fronteiras.com/artigos/carlo-ginzburg-ainternet-nao- apenas-remete-aos-livros-como-tambem-pressupoe-livros-1427135419>. Acessado em 02/09/2018.)

a) De que argumentos o autor se vale para refutar a afirmação de que a internet é um instrumento democrático?

b) Explique por que a internet pressupõe “professores em carne e osso” e livros.

Exercício 322

(Unicamp 2017) Leia com atenção os excertos abaixo de Lisbela e o prisioneiro.

“LISBELA: Compre um curió para mim.

DR. NOÊMIO: Não, Lisbela, eu não gosto de ver animais presos.

CITONHO: Por quê, Doutor?

DR.NOÊMIO: Por que isso é malvadez. Os animais foram feitos para viver em liberdade.

PARÁIBA: E como que é que o Doutor está me vendo aqui preso e nem se importa?

DR. NOÊMIO: Você é um animal?”

Osman Lins, Lisbela e o prisioneiro. São Paulo: Planeta, 2003, p. 25.

“DR.NOÊMIO: Lisbela, vamos. Você é minha noiva, não deve opor-se às minhas convicções. As convicções do homem devem ser, optarum causa, as de sua esposa ou noiva.”
(Ibidem.)

a) Nos trechos citados, estão presentes duas atitudes características do Dr. Noêmio com implicações morais, que são desmascaradas pelo efeito cômico do texto. Quais são essas duas atitudes características com implicações morais?

b) No segundo excerto, a expressão “minhas convicções” é dita de forma solene e expressa um valor social. Que valor é esse e que tipo de sociedade está sendo caracterizado por tal enunciado?

Exercício 323

(Unicamp 2022) Leia, a seguir, um excerto do roteiro e a sinopse do filme Saneamento Básico, o Filme (2007), com direção e roteiro de Jorge Furtado.

Texto 1 (Roteiro)

“CENA 21 - FÁBRICA
(...)”

JOAQUIM (lendo): O monstro da fossa, roteiro de Marina Marghera Figueiredo. Ah é?

MARINA: Com a colaboração de Joaquim Figueiredo.

JOAQUIM: Colaboração...

MARINA: Quem escreveu fui eu. Você só inventou a história.

JOAQUIM: Tá bom. (lendo) Nossa história começa numa pequena e tranquila comunidade ao pé de uma montanha. Uma brisa refrescante traz do vale o aroma das corticeiras em flor. (para de ler) Como é que você vai filmar isso?

MARINA: O quê?

JOAQUIM: O aroma das corticeiras em flor.

MARINA: Não vou filmar, quem vai filmar é o Fabrício.

JOAQUIM: E como o Fabrício vai filmar o aroma das corticeiras em flor?

MARINA: Isso é só um roteiro. A Marcela disse que tem que ter dez páginas, estou enrolando, só tenho três páginas prontas. Não gostou? Escreva você! (...)”

(Disponível em:

<http://www.casacinepoa.com.br/sites/default/files/saneam1.txt>.

Acessado em 21/06/2021.)

Texto 2 (Sinopse)

“Moradores de uma pequena vila se juntam para pleitear a construção de uma estação de tratamento de esgoto. Para conseguir o dinheiro, eles precisam fazer um filme de ficção.”

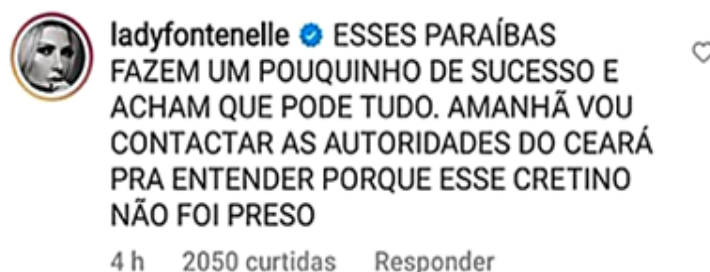
(Disponível em: <https://globoplay.globo.com/saneamento-basico-o-filme/t/fcDXBmQBH1>. Acessado em 21/06/2021.)

a) Considerando a função dos gêneros textuais roteiro cinematográfico (texto 1) e sinopse (texto 2), cite duas características que lhes são comuns e duas que os diferenciam.

b) O uso da metalinguagem torna humorística a cena 21 do roteiro. Selecione dois trechos e explique, a partir deles, como o humor é produzido.

Exercício 324

(Unicamp 2022) Em julho de 2021, a atriz e youtuber Antônia Fontenelle fez um comentário sobre o DJ Ivis, preso por agredir sua ex-mulher, Pamella Holanda. Ao se posicionar contra as agressões, Fontenelle disse:



Criticada por celebridades da Paraíba, como o cantor Chico César e a ex-BBB Juliette, pelo uso da expressão preconceituosa “esses paraíbas”, Fontenelle tentou se explicar, afirmando, em outro tweet, se tratar de uma força de expressão: “Paraíba eu me refiro a quem faz paraibada, pode ser ele sulista, pode ser ele nordestino, pode ser ele o que for”. Em seguida, recebeu novas críticas:



17:09 · 12/07/2021 · Twitter for Android

a) Por que a explicação de Fontenelle continuou sendo preconceituosa? Reescreva a primeira frase do primeiro tweet, desfazendo o preconceito enunciado por ela.

b) Explique o jogo de palavras no tweet de Chico César a partir do tweet de Juliette. Em seguida, explique a característica atribuída ao termo “paraíba” pelo artista.

Exercício 325

(Unicamp 2021) Leia a definição abaixo e a transcrição de parte do vídeo feito por Regina Casé e a filha Benedita no dia do surdo.

Essa aqui é a Benedita, minha filha. Ela tem uma perda auditiva severa. Ela teve essa perda quando era muito bebezinha. Desde então, eu vi que as pessoas têm muita dificuldade de se comunicar com ela. Ficam angustiadas quando percebem que ela não escuta ou que ela usa aparelho. Então, nós duas resolvemos ajudar um pouquinho, com nossa experiência, nessa comunicação com situações do dia a dia. Por exemplo: não dá para falar de costas para a pessoa, porque muitas vezes ela depende da leitura labial para

entender. Outro exemplo: não precisa gritar porque volume (alto-baixo) é uma coisa completamente diferente de frequência (agudo-grave). Outra coisa que acontece direto: em vez de falarem com a pessoa surda, perguntam para a pessoa que está do lado. E para terminar, é uma loucura quando alguém fala: 'Nossa, mas ela é tão linda! Ninguém diz que ela é surda'. Procure saber o que é capacitismo e daqui para frente seja anticapacitista! Ela é linda. E é surda!

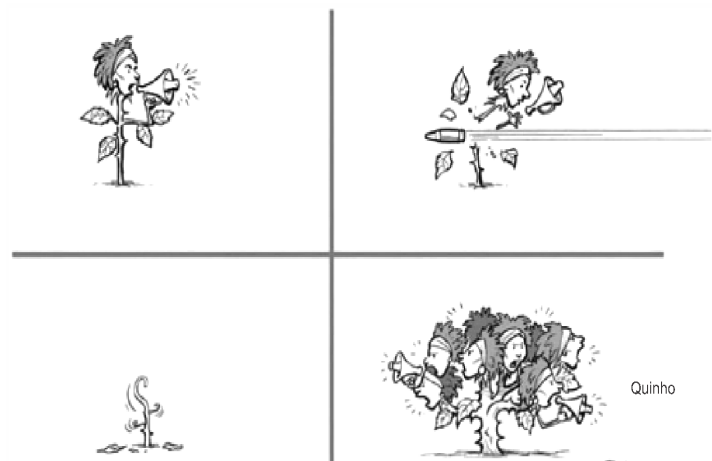
(Adaptado de Regina Casé. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CFmrEqyLXpl/?utm_source=ig_embed.)

a) Considerando as noções de capacitismo e anticapacitismo, explique o uso de “mas” e de “e” nas frases “Nossa, mas ela é tão linda!” “Ela é linda. E é surda!”.

b) Apontando as dificuldades de comunicação com uma pessoa surda, Regina Casé observa que uma situação frequente é o interlocutor dirigir-se a quem está ao lado da pessoa. Nesse caso, trata-se de uma atitude capacitista ou anticapacitista? Explique.

Exercício 326

(Unicamp 2019) O texto a seguir, publicado junto com a charge abaixo, foi escrito em homenagem a Marielle Franco, mulher negra, da favela, socióloga, vereadora do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, Marielle foi morta a tiros no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade.



O luto por Marielle me conduz ao poema A flor e a náusea de Carlos Drummond, cada dia mais atual, nos lembrando que “o tempo não chegou de completa justiça. O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera”. Ele pergunta: “Posso, sem armas, revoltar-me?”. O inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas na mão, o que aumenta nosso sentimento de impotência. Drummond me mostra a flor furando “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” e, dessa forma, “me salvo e dou a poucos uma esperança mínima”. A poesia, território onde os assassinos não entram, tem esse poder milagroso de colocar ao nosso alcance a arma da razão com muita munição de esperança.

(Adaptado de José Ribamar Bessa Freire, “Uma toada para Marielle: a flor que fura o asfalto”. A charge de Quinho foi encontrada na internet pelo autor da crônica. Disponível em <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1387-uma-toada-para-marielle-a-flor-que-fura-o-asfalto>. Acessado em 03/09/2018.)

a) Segundo o dicionário Michaelis, “estar com a faca e o queijo na mão” significa “ter poder amplo e irrestrito”. Como isso aparece no trecho da crônica e na charge?

b) Como a ideia de “munição de esperança” está expressa na charge e no poema citado?

Exercício 327

(Unicamp 2019) “Parábola: s.f. Narrativa alegórica que evoca, por comparação, valores de ordem superior, encerra lições de vida e pode conter preceitos morais ou religiosos.”

(Caldas Aulete, Dicionário Aulete digital. Disponível em www.aulete.com.br/parabola. Acessado em 12/07/2018.)

a) Considera-se que a novela “A hora e vez de Augusto Matraga” tem semelhanças com o gênero parábola. Justifique essa afirmação com base em elementos da cena final da narrativa, relacionando-os com a definição apresentada.

b) A identidade da personagem Augusto Matraga passa por um processo de transformação ao longo da narrativa. Tal processo é deflagrado por um evento que divide a vida do protagonista em duas fases. Indique o evento responsável por esse processo de transformação da personagem e explique de que maneira ele afetou a sua identidade.

Exercício 328

(Unicamp 2018) Leia a seguir trechos das entrevistas concedidas pelo escritor chileno Alejandro Zambra ao jornal Folha de São Paulo e à revista Cult sobre seu livro *Múltipla Escolha*, lançado no Brasil em 2017. A obra imita o formato da Prova de Aptidão Verbal aplicada de 1966 a 2002 aos candidatos a vagas em universidades no Chile.

Falando à Folha, Zambra afirma que havia na prova de múltipla escolha “uma grande sintonia com a ditadura chilena. Para entrar na universidade, teríamos que saber eliminar as orações. Havia censura, e nos aconselhavam a censurar”. E acrescenta que o sistema educacional moldava o pensamento dos alunos com “a ideia de que só existe uma resposta correta.”

Abordando o sentido crítico da escolha desse formato para a narrativa, o autor explica à Cult que, tendo sido criado nesse sistema, interessava-lhe mais a autocrítica. Escrevendo uma espécie de novela, lembrou-se da prova e começou a brincar com esse formato. “No começo foi divertido, como imitar as vozes das pessoas, mas logo me dei conta de que também imitava minha própria voz, até que de repente entendi que esse era o livro. A paródia e a autoparódia, a crítica e a autocrítica, o humor e a dor...” O formato de prova oferece diversas opções para completar e interpretar cada resposta, mas pede ao leitor um movimento duplo de leitura: testar possibilidades de respostas e erigir uma opção única e arbitrária. Zambra esclarece: “me interessam todos esses movimentos da autoridade. A ilusão de uma resposta, por exemplo. Creio que este é um livro sobre a ilusão de uma resposta. Nos ensinaram isso, que havia uma resposta única, e

logo descobrimos que havia muitas e isso às vezes foi libertador e outras vezes foi terrível. Quem sabe algumas vezes nós também quisemos que houvesse uma resposta única.”

(Adaptado de entrevistas de Alejandro Zambra concedidas ao jornal Folha de São Paulo e à revista Cult em maio de 2017.

Disponíveis em <https://revistacult.uol.com.br/home/alejandrozambra-multipla-escolha/> e em

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/05/1885551-literatura-esta-ligada-a-desordem-diz-escriptor-chileno-alejandrozambra.shtml>. Acessados em 11/12/2017.)

a) Cite dois fatores que levaram Zambra a adotar a forma narrativa empregada em *Múltipla Escolha*.

b) Por que *Múltipla Escolha* não funciona como a Prova de Aptidão Verbal chilena? Justifique sua resposta com base no tipo de leitor solicitado pela obra.

Exercício 329

(Unicamp 2017) Leia a seguir a crônica adaptada “O crítico teatral vai ao casamento”, de Millôr Fernandes.

Como espetáculo, o casamento da Senhorita Lídia Teles de Souza com o Sr. Herval Nogueira foi realmente um dos mais irregulares a que temos assistido nos últimos tempos. A noiva parecia muito nervosa, nervosismo justificado por estar estreando em casamentos (o que não se podia dizer do noivo, que tem muita experiência de altar) de modo que até sua dicção foi prejudicada. O noivo representou o seu papel com firmeza, embora um tanto frio. Disse “sim” ou “aceito” (não ouvimos bem porque a acústica da abadia é péssima). Fora os pequenos senões notados, teremos que chamar a atenção, naturalmente, para o coroinha, que a todo momento coçava a cabeça, completamente indiferente à representação, como se não participasse dela. A música também foi mal escolhida, numa prova de terrível mau-gosto. O fato de a noiva chegar atrasada também deixou altamente impacientes os espectadores, que mostraram evidentes sinais de nervosismo. A sua entrada, porém, foi espetacular, e rendeu-lhe os melhores parabéns ao fim do espetáculo. Lamentamos apenas – e tomamos como um deplorável sinal dos tempos – a qualidade do arroz jogado sobre os noivos.

Adaptado de Millôr Fernandes, *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Círculo do livro, 1972, p. 78.

a) O cronista recorre à analogia para construir uma aproximação entre o casamento e uma peça teatral. Mostre, com trechos do texto, dois usos desse recurso: um com referência à noiva e outro com referência ao noivo.

b) Identifique duas expressões adverbiais que foram usadas pelo cronista para acentuar sua crítica humorística ao casamento como espetáculo.

Exercício 330

(Unicamp 2016) No livro *Veneno Remédio - o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de “língua geral”, válida para todos, que põe “em contato as populações de todos os continentes”. Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

“(…) Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do ‘arroz com

feijão’ do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a ‘prosa’ pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a ‘poesia’, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo.

(...) o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.”

a) O autor vê o futebol como formas de “prosa” e de “poesia”.

Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.

b) Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de “língua geral”.

Exercício 331

(Unicamp 2022) Tudo na vida é mortal, tudo se apaga. Se a tua chama se apaga é em ti que está a falta. Faz o que te digo e magia nenhuma te derrubará nesta vida. Tu és feitiço por excelência e não debes procurar mais magia nenhuma. Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher.

(Paulina Chiziane, *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 38.)

O excerto acima corresponde a uma das primeiras lições que a conselheira amorosa oferece a Rami, a personagem principal do romance. Tendo em vista as várias peripécias vividas por Rami, essa lição é

a) aceita pela protagonista, mas sua trajetória lhe ensina que o corpo feminino é, no fim das contas, perdição.

b) abandonada pela personagem principal, uma vez que seu marido não se encanta com seus novos ardis.

c) frustrada, pois Rami, ao conhecer suas rivais, percebe que não possui todos os atributos desejáveis.

d) confrontada com a experiência pessoal de Rami e de suas rivais, transformando-as de modo significativo.

Exercício 332

(Unicamp 2022) O texto a seguir faz parte de um glossário publicado nas redes sociais do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Refugiado

Pessoas refugiadas são aquelas que estão fora de seu país de origem por medo de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a determinado grupo social, como também à grave violação de direitos humanos e violência generalizada (conceito este aplicado pela Declaração de Cartagena de 1984).

Migrante

Refere-se à pessoa que se desloca dentro de seu próprio país, mas também pode ser usada para falar de deslocamentos internacionais, sobre quem busca melhores condições de vida, motivada por fatores econômicos ou educacionais, podendo retornar com segurança ao seu país de origem, caso assim desejem.



(Fonte: Perfil de Instagram do ACNUR Brasil: Disponível em: <https://www.instagram.com/acnurbrasil>. Acessado em 26/06/2021.)

Sobre os verbetes do glossário do ACNUR, é correto dizer que

- a) contextualizam os usos dos dois termos pela agência.
- b) enfatizam a sinonímia dos termos no uso pela agência.
- c) evidenciam uma antonímia dos significados dos termos.
- d) informam as acepções figuradas de cada um dos termos.

GABARITO

Exercício 1

d) a resposta que foi considerada correta pela professora era, na verdade, incorreta.

Exercício 2

c) a temática e a proposta de reflexão.

Exercício 3

c) “Com avanços da medicina e estilo de vida mais saudável, aquele senhor que, em décadas passadas, preparava-se para ficar no sofá aos 60 anos, hoje está a todo vapor” (6º parágrafo).

Exercício 4

| CARACTERÍSTICAS | OBJETIVO | LINGUAGEM |
|--|----------|------------|
| a) Desenho humorístico ou caricatural, espécie de anedota gráfica que satiriza comportamentos humanos. | Criticar | Não verbal |

Exercício 5

b) possui traços de injunção, pois se pauta na explicação e no método para a realização de uma atividade, no caso, bloquear um smartphone roubado.

Exercício 6

e) texto informativo, pois se utiliza principalmente da tipologia expositiva para explicar o sentido de uma palavra ou expressão.

Exercício 7

e) Percebe-se um caráter crítico e irônico nos comentários, o que é reforçado, tanto pela intertextualidade com a música “Construção”, quanto pela forma sobreposta dos comentários, que remontam a estrutura de versos da canção.

Exercício 8

e) a forma como se encontra a palavra “Zoto” parece ser um substantivo próprio, referindo-se ao nome do dono da casa proibida de jogar lixo.

Exercício 9

a) à abordagem da mesma temática, ainda que com diferentes intenções comunicativas.

Exercício 10

a) históricas, pois contêm informações e conhecimentos transmitidos de geração a geração ou a versão pessoal de indivíduos que testemunharam acontecimentos históricos.

Exercício 11

c) os Textos III e IV, que vislumbram o potencial positivo dos imigrantes.

Exercício 12

c) diagnosticar por que muitas pessoas confiam nas fake news, a ponto de compartilhar tudo o que leem na internet.

Exercício 13

b) construir uma figuração particular sem se ater ao fenômeno físico

Exercício 14

c) notícia.

Exercício 15

d) I, II e V, apenas.

Exercício 16

e) F – V – F – F – V

Exercício 17

c) O texto discorre sobre a maior exibição virtual sobre a inovação e a inventividade humana.

Exercício 18

d) ressalta que, embora a expressão “boa aparência” - por muito tempo presente nos critérios de seleção para uma vaga de trabalho - tenha sido proibida por lei, a discriminação racial ainda está presente nos processos de recrutamento das empresas.

Exercício 19

c) uma reportagem, por oferecer ao leitor informações sobre um tema, a escravidão contemporânea no Brasil, com extensão e profundidade que caracterizam esse gênero.

Exercício 20

a) reportagem.

Exercício 21

d) apenas I e III.

Exercício 22

c) A palavra *que* deveria ter sido eliminada, porque não tem função na frase.

Exercício 23

d) Apenas I e II.

Exercício 24

a) A reportagem serviu PARA analisar a violência.

Exercício 25

d) acessível.

Exercício 26

b) “Em nove dias, o texto foi lido por mais de 5 milhões de pessoas e compartilhado 270 mil vezes no *Facebook* (inclusive por Mark Zuckerberg)”.

Exercício 27

b) Mulheres, mais escolarizadas, ainda ganham menos, bem como enfrentam obstáculos para subir na carreira.

Exercício 28

d) permanecer à disposição, primeiramente dos seres humanos e dos animais e, posteriormente, para outros usos.

Exercício 29

b) uma dissertação sobre as mazelas da atualidade, com destaque para as características da sociedade de consumo e seus efeitos danosos sobre as pessoas.

Exercício 30

e) pioneiro.

Exercício 31

b) pode expor dados de pacientes em publicações de natureza científica, desde que a identidade deles fique preservada.

Exercício 32

c) um artigo, porque expõe a análise e o ponto de vista do enunciador, abordando um tema de relevância social.

Exercício 33

e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

Exercício 34

c) acessível e divertida.

Exercício 35

c) as atividades empresariais ainda são dominadas por homens.

Exercício 36

e) organização que emprega métodos imorais e ilegais para impor seus interesses em determinada atividade.

Exercício 37

e) os usuários interessados em compartilhar músicas.

Exercício 38

c) A linguagem é eufemística, demonstrando uma intenção do enunciador: preparar o leitor para o teor pesado do texto.

Exercício 39

d) a miséria humana está em todos os lugares.

Exercício 40

c) desenvolve uma reflexão, a partir de um fato cotidiano.

Exercício 41

a) ao tratar de temas ligados à vida cotidiana, a crônica trata as cenas corriqueiras com banalidade e insignificância.

Exercício 42

b) A crônica tem a preocupação de refletir sobre como variados tipos de sons acompanham inúmeros momentos da nossa vida, trazendo-nos alento.

Exercício 43

e) predominantemente narrativo, em primeira pessoa, fazendo uso da fauna e da flora para retratar problemas sociais e cotidianos da vida no campo.

Exercício 44

c) crônica, pela abordagem reflexiva de fatos cotidianos.

Exercício 45

b) “[...] dali para frente todos os eventos estariam quinze segundos atrasados: da entrega desta crônica ao meu último suspiro.”

Exercício 46

c) é preciso sabedoria para aceitar que nossos atributos se modificam com o passar dos anos. (ref. 4)

Exercício 47

b) 3º e 4º parágrafos.

Exercício 48

a) porque ficou retido na delegacia de polícia.

Exercício 49

d) “Não é a altura, nem o peso, nem os músculos que tornam uma pessoa grande. É a sua sensibilidade sem tamanho”. (referência 5)

Exercício 50

d) dificuldade de comunicação.

Exercício 51

a) debruçar-se sobre um antigo anúncio de besta desaparecida.

Exercício 52

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

Exercício 53

b) III, apenas.

Exercício 54

d) artigo opinativo sobre uma convenção entre vários países lusófonos.

Exercício 55

a) O *remake* *O dia em que a Terra parou*, filme estrelado por Keanu Reeves e com um orçamento de US\$ 80 milhões, é um prato cheio para os aficionados da ficção científica. (ref. 2)

Exercício 56

b) II, III e V.

Exercício 57

e) o cuidado do consumidor com produtos processados.

Exercício 58

e) explicar por que é importante evitar o risco de transmissão do sarampo.

Exercício 59

b) a doença leva a um arrependimento.

Exercício 60

a) importa recuperar a confiança na vacinação.

Exercício 61

a) I, II, III e V.

Exercício 62

e) O uso da expressão “maus-tratos” pode ser considerado um eufemismo, pois, dada a natureza forte da publicidade, essa escolha suaviza um discurso mais chocante, que poderia ter palavras como “agressões” ou “violência”.

Exercício 63

b) se trata de um anúncio publicitário, cujo objetivo é promover a ideia de que é preciso respeitar as pessoas idosas.

Exercício 64

d) utiliza a ambiguidade do termo ‘fase’ para associar a faixa etária do público-alvo ao contexto do videogame.

Exercício 65

a) lícito e bom.

Exercício 66

c) abraçar a campanha e conceder o pedido da carta que queira adotar.

Exercício 67

d) I, II e III.

Exercício 68

e) Vê-se o interlocutor exclusivamente como alguém que se identifica com ritmos como *funk* e axé, e que tem, como valores fundamentais, a força coletiva, a ideia de raça e de respeito às diferenças.

Exercício 69

e) a resiliência, aliada à persistência, levam as pessoas a se realocarem dentro do mercado de trabalho e, consequentemente, adaptarem-se a novas oportunidades de trabalho.

Exercício 70

c) expressão corporal idêntica do jogador e da mulher em contraste com a posição dos espectadores.

Exercício 71

c) Há incoerência entre a proibição governamental e sua efetiva fiscalização.

Exercício 72

a) esse movimento precisa entrar em conflito com diversas instituições, a fim de defender seus interesses.

Exercício 73

e) Existe uma crítica quanto ao esfriamento das relações familiares e o elemento verbal explicita isso através de ironia.

Exercício 74

c) Um dos personagens sai ainda mais convencido da ineficácia da padronização da Língua Portuguesa através do Novo Acordo Ortográfico.

Exercício 75

e) remete à Idade da Pedra o princípio do respeito aos animais.

Exercício 76

e) liberdade - repressão.

Exercício 77

a) A ironia de o repórter noticiar sua própria demissão.

Exercício 78

b) Porque compra e lê jornal, entendendo claramente o conteúdo das notícias nele contidas, o primeiro garoto é, necessariamente, um intelectual e tem padrão de vida melhor que o do amigo.

Exercício 79

b) no terceiro quadrinho, a palavra “belo” denota ironia.

Exercício 80

d) I, II e III.

Exercício 81

d) tirinha.

Exercício 82

a) ambos os textos possuem uma relação temática ao problematizarem a ideia de normatização de certos comportamentos sociais.

Exercício 83

a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.

Exercício 84

a) I, II e IV.

Exercício 85

b) “Mas aí não estamos falando de humor. O nome disso é *bullying*.” (ref. 2)

Exercício 86

a) o personagem que foi embora discorda do que o outro disse e quer demonstrar isso.

Exercício 87

a) O texto apresenta sequências injuntivas que o aproximam de uma oração, ou seja, nota-se a presença de um ser suplicante e de um ser a quem a prece é dirigida.

Exercício 88

a) um caráter persuasivo e a presença de verbos no imperativo.

Exercício 89

b) linguagem mais formal e pelas sequências injuntivas.

Exercício 90

c) a reação a um quadro político desfavorável à ordem social.

Exercício 91

b) I, III e V

Exercício 92

d) Exposição

Exercício 93

d) Argumentativo, pois predominam sequências em que Luther King pretende fazer com que o interlocutor partilhe de suas ideias e concepções, defendendo seus pontos de vista; e narrativo, já que fatos da vida de Luther King são contados no passado, com espaço e tempo definidos.

Exercício 94

d) O domínio discursivo do texto apresenta um caráter instrucional, pois seu principal objetivo é transmitir um conhecimento ou um saber definido pelo seu autor.

Exercício 95

e) expõe os detalhes de um processo.

Exercício 96

d) finalidade.

Exercício 97

c) Antes da incorporação do ovo e da gema, misture a manteiga com a farinha peneirada e junte sal.

Exercício 98

b) bula de remédio.

Exercício 99

b) substantivos e adjetivos que expressam afetividade na apresentação do que está sendo descrito.

Exercício 100

c) cômico-irônica, com abstenção de juízo moral definitivo.

Exercício 101

e) De tão praticada, a polêmica acabou constituindo-se numa especialidade literária.

Exercício 102

c) O suor do gordo engraxate do aeroporto Santos Dumont, misturando-se à graxa.

Exercício 103

c) era velho e estragado; seu estado podia indicar a pobreza do engraxate.

Exercício 104

e) render-se, depois de tantas críticas e resistência, aos atrativos do “Kindle”.

Exercício 105

d) “paixões e fortunas”

Exercício 106

c) cativar o leitor logo no início de um texto.

Exercício 107

b) a estrutura narrativa, com sequências temporais e predomínio de verbos no passado, como em “Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso”.

Exercício 108

b) Em “De dentro de presídios partiu o **‘salve’** para dar início a onda de ataques que assusta Santa Catarina há mais de duas semanas”, o termo destacado em negrito e a senha (ou código) utilizado pelos presidiários para iniciar os ataques.

Exercício 109

d) A condição de insegurança do trabalhador rural, sem qualquer estabilidade.

Exercício 110

b) “não tinha consciência de mim” (ref. 3).

Exercício 111

c) A vida da narradora se transformaria a partir do ano de 1960.

Exercício 112

b) A leitura de algumas páginas do diário do Dr. Bertonni e de jornais antigos.

Exercício 113

e) I, II e III.

Exercício 114

d) Uso de procedimentos intertextuais sem referências explícitas: “Se prepare, Ruth, a agressividade nas redes sociais é algo que você não pode imaginar.”

Exercício 115

b) à conduta de usuários de redes de julgar comportamentos alheios.

Exercício 116

e) o acúmulo de lixo causado por embalagens que não se degradam facilmente.

Exercício 117

d) o indivíduo passa a excluir as possibilidades de crítica e análise para confiar cegamente na informação recebida.

Exercício 118

e) O texto relativiza as críticas quanto à divulgação da imagem em redes sociais, visto que o Instagram não pode ser, sozinho, o culpado por problemas de baixa autoestima.

Exercício 119

a) A “memecrítica” é um dispositivo cultural de grande potencialidade político-discursiva, pois consegue abranger os mais diversos setores da sociedade.

Exercício 120

c) I e III.

Exercício 121

a) possam acompanhar, de forma mais sistemática, a sua saúde, tendo acesso mais rápido e prático aos seus médicos e seus exames.

Exercício 122

e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

Exercício 123

b) discutir a necessidade de se parecer feliz aos olhos dos outros.

Exercício 124

d)



Exercício 125

c) o uso da internet e de redes sociais pode se tornar um vício se as pessoas não forem moderadas.

Exercício 126

e) a falta de participação nas redes sociais pode levar as pessoas a se sentirem marginalizadas.

Exercício 127

b) O trecho “mas essa minuciosa e milimétrica informação não é formativa” constitui-se como uma asserção passível de ser rotulada como falsa.

Exercício 128

a) há má administração dos recursos públicos, em especial na área de educação e saúde.

Exercício 129

a) garantir a interlocução, tornando a interação mais efetiva.

Exercício 130

a) I e II, apenas.

Exercício 131

c) F – V – V – V.

Exercício 132

c) "Makoto, de 19 anos, diz que colegas do colégio postaram fotos dele e insultos em páginas da web". (ref. 3)

Exercício 133

c) um cidadão sertanejo pouco escolarizado, já que sua linguagem guarda singularidades regionais e se distancia do registro culto.

Exercício 134

d) Não há problema algum em inventar linguagens desde que sejam adequadas ao ambiente ou circunstâncias para os quais foram criadas.

Exercício 135

b) c/ = com; hr = hora; p/ = para; pf = por favor.

Exercício 136

d) O Texto II apresenta marcas específicas da linguagem do Twitter que limitam a compreensão da tira em leitores que não são usuários do microblog.

Exercício 137

b) I, II, III e IV.

Exercício 138

d) “herói cobrado retumbante”, devido à sua semelhança sonora com um conhecido verso do Hino Nacional Brasileiro, configurando uma paronomásia.

Exercício 139

a) decepcionado, pois esperava por outro tipo de presente.

Exercício 140

c) Pedrinho teve o mesmo entendimento que a professora do termo “drogas”.

Exercício 141

a) Quem gosta de ler não morre só. (Ariano Suassuna)

Exercício 142

b) perde sua identidade devido às pressões de um cotidiano estressante diante de uma rotina maçante e repetitiva.

Exercício 143

e) a desumanização do mundo.

Exercício 144

d) o pássaro maior ter traduzido, com um subterfúgio irônico, os novos parâmetros de aposentadoria da previdência social.

Exercício 145

a) identificar-se culturalmente com o cartaz do último quadrinho.

Exercício 146

a) O segundo “não” contradiz o primeiro “não”, e eles indicam intenções distintas.

Exercício 147

c) Há mistura de narração com descrições, porque o autor relata ações passadas com caracterização de objetos.

Exercício 148

b) $1 - 3 - 1 - 2 - 2$.

Exercício 149

b) *Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço.*

Exercício 150

d) cria uma ambiência própria por meio de nomes e verbos metaforizados.

Exercício 151

c) V, F, F, V.

Exercício 152

c) descritivo.

Exercício 153

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Exercício 154

a) A intertextualidade, recurso em que se estabelece relação entre um texto e outro, ocorre no texto de Monteiro Lobato com a referência a personagens e contextos de histórias de outras obras da literatura. Dona Carochinha cita Aladino, Bela Adormecida, Gato de Botas, Branca de Neve e Pequeno Polegar, personagens de obras clássicas da literatura infantil, que, segundo ela, andam revoltados por não terem oportunidade de viver novas aventuras.

b) Enquanto que, na descrição, o autor caracteriza com palavras o que viu e observou, com predominância de substantivos e de adjetivos, na narração predominam verbos de ação em orações ligadas por conectores em sucessivas sequências de ações. Um exemplo de sequência narrativa presente no texto seria: "Não sei – respondeu dona Carochinha – mas tenho notado [...]". E como exemplo de sequência textual descritiva "Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando".

Exercício 155

e) onisciência seletiva múltipla / reduzir.

Exercício 156

a) “Em uma fazenda americana, nos anos 60, o garoto Frank Walker (Thomas Robinson) persegue o sonho de inventar uma engenhoca capaz de fazê-lo voar. O pai lhe dá uma bronca por perder tempo com tal sandice.” (1º parágrafo).

Exercício 157

a) No segmento, pretensamente sem culturas autóctones ditas desenvolvidas, os termos sublinhados poderiam ser substituídos por supostamente ou hipoteticamente e tidas como ou julgadas, respectivamente: supostamente (hipoteticamente) sem culturas autóctones ditas (julgadas) como desenvolvidas.

b) As expressões ‘É Fogo!’, do primeiro texto, e “governar é produzir incêndios”, do segundo, podem ser entendidas de forma literal ou com sentido conotativo. Em sentido literal, aludindo a queima de mato, vegetação e arvoredo, para preparar o solo para o plantio e em sentido conotativo, como expressão popular para designar problema difícil de resolver em um país. Associando imagem e texto de Safatle, podemos perceber a crítica à estratégia de desenvolvimento produtivo do Brasil que remonta ao período colonial e se estende até hoje, alicerçada em desprezo por culturas autóctones e destruição do meio ambiente para atender a interesses dos oligopólios, nacionais e estrangeiros.

Exercício 158

a) Segundo o articulista, os memes e textos reproduzidos em plataformas digitais têm a capacidade de “fazer a gente rir”, “dividir descontentamentos”, abordar temas desagradáveis ou denunciar injustiças, argumentos que amparam a tese de que são usados como extravasadores de afetos.

b) Não há contradição no trecho transcrito, pois, na área digital que valoriza a velocidade na propagação de informação, até o “textão”, mais utilizado na imprensa escrita, deve ser sintético e conciso.

Exercício 159

a) A presença de uma vírgula a separar a palavra “paranoia”, termo que caracteriza determinados distúrbios psíquicos, sugere a presença do verbo “para”, associado ao vocativo “noia”. Como se trata de uma edição voltada para um circuito específico da psicologia e psiquiatria, infere-se que se trata de uma estratégia de conscientização da necessidade de tratamento para as pessoas que sofrem desse tipo de doença.

b) A imagem de uma mulher com cabelos revoltos e sentada em um sofá em situação de desalento e confusão emocional coaduna-se com a frase do texto que alerta para a necessidade de tratamento terapêutico como forma de enfrentar transtornos afetivos ou mentais.

Exercício 160

d) discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.

Exercício 161

e) inversão do sentido de um pensamento bastante repetido.

Exercício 162

b) parcial.

Exercício 163

a) tanto o Santo Graal quanto a vacina são buscados com afinco.

Exercício 164

e) O conto “O diplomático” tem como tema central “o jogo de sedução”.

Exercício 165

c) 4 fatores.

Exercício 166

b) F – V – V – F.

Exercício 167

d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.

Exercício 168

a) V – F – V – F.

Exercício 169

b) sombrio.

Exercício 170

d) A mídia privilegia notícias ligadas a sentimentos negativos porque estas atraem mais o público.

Exercício 171

e) Fazer com que as pessoas sejam boas e, ao mesmo tempo, saibam se defender.

Exercício 172

a) Questões que ganham apoio de ampla maioria da população, mas não angariam consenso entre os especialistas são surpreendentes e demandam explicações.

Exercício 173

e) O Sul, em especial o Rio Grande do Sul, sempre se mostrou resistente aos elementos culturais vistos como representativos da brasilidade.

Exercício 174

c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

Exercício 175

d) Embora o Sul tenha manifestações culturais importantes, elas não são representativas nem na própria região.

Exercício 176

d) fazer uma analogia com o comportamento científico que devemos ter para compreendermos o surgimento da Terra.

Exercício 177

c) depende da perspectiva daquele que observa

Exercício 178

a) oposição

Exercício 179

b) Camponês: um camponês não tem casa, nem dinheiro, somente seus filhos. (ref. 5)

Exercício 180

b) Guerra: gente que se mata por um pedaço de terra ou de paz. (ref. 8)

Exercício 181

b) reforço

Exercício 182

c) o homem não é o centro do mundo

Exercício 183

a) invisível

Exercício 184

d) autoridade

Exercício 185

c) exemplificação

Exercício 186

d) rico é corrupto (ref. 8)

Exercício 187

c) Ora, poderia dizer que sou seminovo! (ref. 6)

Exercício 188

a) tiros e opiniões

Exercício 189

a) críticas irônicas

Exercício 190

a) premissa geral – premissa particular – conclusão

Exercício 191

b) generalização indevida

Exercício 192

d) sua, labuta, desespera com os olhos fitos nesse hipotético poste (ref. 8)

Exercício 193

d) generalização

Exercício 194

b) coisificação das pessoas

Exercício 195

d) personificação

Exercício 196

Um elemento é saber narrar para se chegar à sensibilidade do público.

Outro elemento é o de haver um receptor disposto a entender.

Exercício 197

Algumas respostas:

- A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, embora as vítimas sejam muito pungentes.
- A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, ainda que as vítimas sejam muito pungentes.
- A mensagem não é nada sem um receptor disposto a entendê-la, mesmo que as vítimas sejam muito pungentes.

Sentido: concessão.

Exercício 198

O texto do filósofo alemão, Walter Benjamin, aborda uma questão interessante: as dificuldades das vítimas de guerra em traduzir os terrores por que haviam passado. Benjamin fala da dificuldade das pessoas em traduzir por palavras as ações desumanizadoras que uma guerra impõe às vítimas. Coloca-se ainda, nos textos seguintes, a necessidade de se transmitir essas experiências para que a sociedade não idealize o sofrimento através de discursos emocionados, conforme aponta o texto da prova: Nomes do horror. Por sua vez, a proposta pede que o aluno redija um texto dissertativo entre 20 e 30 linhas, ou seja, a extensão da redação é demarcada. Com isso, cabe ao candidato argumentar sobre a importância de conhecer experiências históricas de violência para a compreensão e construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Exercício 199

a) revelar contradição

Exercício 200

b) prefixos com sentido semelhante

Exercício 201

b) prefixos com sentido semelhante

Exercício 202

a) forma verbal

Exercício 203

c) dimensão do otimismo ingênuo

Exercício 204

d) confirmação de uma hipótese

Exercício 205

b) a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica,

Exercício 206

b) certezas imutáveis

Exercício 207

d) discordância

Exercício 208

d) nossas explicações mudam de acordo com o conhecimento acumulado (ref. 4)

Exercício 209

d) importância do contato para a condição humana

Exercício 210

a) antecipar emprego diferenciado do termo

Exercício 211

c) A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor. (ref. 6)

Exercício 212

c) explicação

Exercício 213

d) Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. (ref. 9)

Exercício 214

c) submissão às práticas oficiais

Exercício 215

a) tempo cronológico e reconstrução ficcional

Exercício 216

b) particularização

Exercício 217

a) ampliação

Exercício 218

d) superposição

Exercício 219

d) desigualdade econômica

Exercício 220

a) É como se o mundo houvesse se tornado, para todos, ao alcance da mão. (ref. 3)

Exercício 221

b) evidências

Exercício 222

d) delimitação de aspectos distintos que compõem um problema complexo

Exercício 223

a) das sugestões implícitas

Exercício 224

c) exposição de deslocamento de opinião

Exercício 225

c) explicativo

Exercício 226

d) desenvolvimento de conteúdo pelo usuário

Exercício 227

b) aqui

Exercício 228

c) desestímulo às indagações

Exercício 229

b) Se não escolhermos onde nascer, então amar a pátria é uma conveniência.

Exercício 230

d) argumentos de autoridade

Exercício 231

c) O massacre desses bichos, porém, é um “tiro no pé”, o que faz crescer a chance de contaminação de pessoas. Sem primatas para picar na copa das árvores, os mosquitos procuram sangue humano. (ref. 3)

Exercício 232

a) pergunta

Exercício 233

02) a pena, o computador e o celular, retratados por meio da linguagem visual, contribuem para marcar cronologicamente o contraste entre ferramentas de escrita.

16) o texto explora a noção de conhecimento em dois momentos históricos distintos.

Exercício 234

08) no Texto 2, o que é denominado no jornal como “outro delicado problema” (ref. 1) são os filmes que influenciam os meninos com ideias erradas.

16) o Texto 2 é característico da esfera jornalista e integra, junto com outros textos, a parte inicial do romance para problematizar a vida dos meninos de rua.

Exercício 235

02) o substantivo “Modernidade”, no balão do Texto II, faz alusão a um contexto histórico que denota a ideia de progresso, o que contrasta com a imagem do navio sendo movido por pessoas em trabalho análogo à escravidão.

04) o termo “modernizar”, no que se refere às leis trabalhistas (Texto I), pode ser compreendido como objeto de crítica pela charge de Laerte (Texto II).

64) na expressão “A brisa da modernidade trabalhista!” (Texto II), o substantivo “brisa” é utilizado em sentido figurado, remetendo, por associação, à noção de “bons

ventos”, “novidade” e “progresso”, interpretação fundamental para a charge operar o efeito de humor.

Exercício 236

02) a charge explora a crítica social ao fazer remissão a tragédias ambientais recentes na história do Brasil.

04) o uso da exclamação acentua a noção de urgência manifestada pela personagem diante de um perigo iminente.

32) o humor do texto depende do reconhecimento da relação entre um acontecimento contemporâneo e um texto bíblico.

Exercício 237

02) as palavras “papai” (primeiro quadrinho) e “você” (quarto quadrinho) remetem ao mesmo referente, porém exercem funções morfossintáticas distintas.

04) no segundo e no terceiro quadrinho, “a gente” é usado como pronome pessoal em referência à primeira pessoa do plural e desempenha a mesma função morfossintática nas duas ocorrências.

08) as formas verbais “pode” (primeiro quadrinho) e “podem” (segundo quadrinho) são usadas no texto para expressar a ideia de possibilidade.

16) a partir da leitura da tirinha, infere-se que a língua pode se tornar um mecanismo de exclusão social.

Exercício 238

08) a expressão “às vezes”, na primeira linha do texto, denota uma ideia de temporalidade.

16) a palavra “indício”, na primeira linha do texto, poderia ser substituída por “sinal”, sem alteração de sentido.

Exercício 239

01) em I, os termos “Este” e “aqui” pertencem a classes de palavras diferentes, mas desempenham o papel de indicar que a autora refere-se ao seu próprio texto.

02) em II, a locução “a gente” apresenta valor semântico de pronome de primeira pessoa do plural.

32) em IV, a autora expressa seu posicionamento crítico à forma de fazer crítica por meio de “textão” publicado na internet.

Exercício 240

02) na frase “Chagas, porém, sentia falta desta parte importante do trabalho: transformar o museu virtual numa exposição real.” (referência 7), os dois-pontos são empregados para apresentar um esclarecimento.

04) os termos “oba-oba” (referência 4), “besteirol” (referência 5) e “balbúrdia” (referência 6) estabelecem uma relação de antonímia com a expressão “algo relevante” (referência 3).

16) no trecho “Ordem e Progresso: é verdade esse bilete.” (referência 1), a expressão “É verdade esse bilete” expressa ironia ao estabelecer intertextualidade com o bilhete de um menino à sua mãe.

Exercício 241

01) percebe-se a ampliação do conceito de arte a partir da alusão à pintura A Pátria, de Pedro Bruno, à versão dessa mesma obra em meme.

16) um meme é essencialmente tudo que pode ser replicado, que possui várias camadas de significado e cujo sentido depende da relação com elementos como a obra original, o contexto em que foi criado e outros memes.

Exercício 242

01) a expressão “a política dos memes” difere semanticamente de “os memes da política”.

08) o texto articula sobretudo trechos de narração e de descrição e tem por finalidade apresentar uma exposição em cartaz no Museu da República.

Exercício 243

01) as locuções “proverbialmente linda” (ref. 1) e “uma estrela de cinema” (ref. 2) estabelecem uma relação de forte contraste com o “tensa e fora do lugar” (ref. 3) e “empregada doméstica de Clarice” (ref. 4), sugerindo a superioridade de Clarice sobre Carolina.

Exercício 244

01) no excerto “Muitos acreditam que devemos desenhar políticas econômicas sem analisar suas consequências ambientais” (ref. 2), o termo “muitos” indica uma quantidade indeterminada de pessoas.

02) a afirmação “Não há desenvolvimento sem proteção ambiental” sintetiza a tese defendida pelo autor do texto.

08) o texto está inserido na esfera do jornalismo e apresenta uma tomada de posição do autor após o desastre de Brumadinho.

Exercício 245

01) em II, o termo “este” retoma o referente “Mariana”.

02) em III, a vírgula que antecede o termo “que” serve para marcar uma explicação referente à expressão “os prejuízos”.

Exercício 246

01) “profundamente” (ref. 4) e “totalmente” (ref. 6) são advérbios utilizados para intensificar a ideia expressa pelos adjetivos nos respectivos contextos.

08) o uso da metáfora “bolo crescer” (ref. 5) serve para facilitar ao leitor leigo a compreensão de questões relacionadas à administração pública e à economia.

64) a identificação de um autor referência de uma área é um dos aspectos que caracterizam o gênero do texto como “artigo de opinião”.

Exercício 247

04) os termos “norma culta” e “norma curta” remetem a realidades distintas no Brasil, respectivamente: à norma praticada de fato, que corresponde ao português culto brasileiro, e à norma artificial, um padrão categoricamente fixado, que desqualifica o falante brasileiro.

08) infere-se que o Brasil ainda vive duas realidades normativas conflitantes no que se refere à língua: o

português brasileiro versus o português europeu e o português brasileiro culto versus o português brasileiro popular.

16) infere-se que a noção de norma linguística é complexa, pois envolve um entrelaçamento de fatores diversos, além de poderosos elementos do imaginário social.

Exercício 248

08) a defesa da “higienização da raça” pela elite brasileira do século XIX repercutiu na língua, de modo que as diferenças do português brasileiro em relação ao português europeu foram consideradas como erros que precisavam ser corrigidos.

16) o autor contrapõe fatos sócio-históricos que envolvem aspectos gramaticais e literários a um imaginário de certezas que emergiu fortemente no século XIX, e que ainda persiste, segundo o qual o brasileiro fala e escreve mal a língua portuguesa.

Exercício 249

08) a geração Z sinaliza uma mudança de interesses em relação a práticas educativas, buscando caminhos de aprendizagem que extrapolam os muros da escola.

Exercício 250

02) a afirmativa II refere-se a dados do Google Analytics e diz respeito à geração Z.

04) a afirmativa III ilustra uma explicação da escritora Luna Miguel e diz respeito à geração Z.

Exercício 251

01) o título do texto remete à grande revolução tecnológica no campo da iluminação: a criação de um tipo de dispositivo de emissão de luz denominado LED.

04) a grande revolução na produção de LED começou menos de um século após a produção comercial da lâmpada com filamento de carbono.

Exercício 252

02) em “Conforme o tipo usado” (referência 2) e em “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul” (referência 13), ocorre eclipse dos termos “de luz” e “luz”, respectivamente.

08) o conector “Mas” (referências 11 e 12) expressa mudança na direção argumentativa: na referência 11, em relação à informação contida no período precedente; na referência 12, em relação a um conjunto de informações contidas no parágrafo precedente.

16) em “Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho [...]” (referência 5) e em “Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia” (referência 14), a palavra sublinhada é um pronome relativo que, no primeiro caso, introduz uma oração explicativa e, no segundo caso, uma oração que restringe o significado do termo anterior.

Exercício 253

02) em “Conforme o tipo usado” (referência 2) e em “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul” (referência 13), ocorre eclipse dos termos “de luz” e “luz”, respectivamente.

08) o conector “Mas” (referências 11 e 12) expressa mudança na direção argumentativa: na referência 11, em relação à informação contida no período precedente; na referência 12, em relação a um conjunto de informações contidas no parágrafo precedente.

16) em “Nosso corpo, que normalmente fica na temperatura de 36°C emite luz na faixa do infravermelho [...]” (referência 5) e em “Os LED que emitem luz branca estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia” (referência 14), a palavra sublinhada é um pronome relativo que, no primeiro caso, introduz uma oração explicativa e, no segundo caso, uma oração que restringe o significado do termo anterior.

Exercício 254

02) o primeiro parágrafo do texto é permeado por marcas linguísticas de pessoalidade.

04) o segundo parágrafo do texto se desenvolve em torno de formas de produção da luz, desde o aquecimento dos corpos, incluindo o corpo humano, até a invenção das lâmpadas incandescente e fluorescente.

16) no trecho “Só em 1990 foi possível construir um LED que emitia na faixa do azul [...]” (referência 13), “Só” é um articulador argumentativo que expressa a percepção do autor de que o tempo decorrido entre a produção dos primeiros LED e a desse último foi relativamente longo.

Exercício 255

02) as orações sublinhadas em II e III, embora sejam introduzidas pelo mesmo conector, apresentam sentidos diferentes: no primeiro caso, aproxima-se de um valor condicional; no segundo caso, tem valor temporal.

08) em II, os dois períodos poderiam ser combinados em um, sem prejuízo de sentido do enunciado: “De diversas formas pode ser produzida a luz; por exemplo: todo corpo emite luz quando aquecido”.

Exercício 256

08) em “Homem que bate em mulher, não gosta da mulher”, a primeira ocorrência do termo “mulher” aponta para uma generalização, enquanto a segunda para uma determinação.

64) as ocorrências da palavra “mulher” associadas à imagem de uma jovem chorando fazem alusão às mulheres vítimas de seus companheiros.

Exercício 257

08) “Quem brinca com fogo, se dá mal” mantém relação intertextual com o ditado popular “Quem brinca com fogo, acaba queimado”.

Exercício 258

01) o anúncio estabelece intertextualidade com a lei que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

16) o vocábulo “nele” estabelece relação entre orações e retoma o antecedente “homem”.

32) na frase “Homem que bate em mulher, Penha nele”, tem-se o emprego de uma variante coloquial da língua portuguesa como estratégia da linguagem publicitária para estabelecer um diálogo direto com o público-alvo do anúncio.

Exercício 259

01) o patrimônio cultural é o que está na base dos acervos dos museus.

32) a composição imagética do museu em chamas é construída por meio da linguagem verbal e da linguagem não verbal.

Exercício 260

08) no título e no subtítulo, as palavras “água” e “fogo” (ref. 2 e 3), “Amanhã” (ref. 4) e “passado” (ref. 6) são exemplos de antítese, figura de linguagem em que se opõem ideias a fim de reforçar por meio do contraste o significado dos termos.

32) o trecho “O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.” (ref. 21) evidencia o tom de revolta e indignação diante do descaso das autoridades para com o acervo do Museu Nacional e para com o Brasil.

Exercício 261

02) no fragmento “[...] como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando” (ref. 14), há referência direta a um momento específico da história brasileira, o qual a autora define como uma tentativa de invenção de um país, promovida por Dom Pedro II e seus predecessores.

04) a autora organiza o texto expandindo o significado de “queimar” de uma dimensão denotativa para uma conotativa, para evidenciar como o incêndio do museu está relacionado a um fenômeno mais amplo, de natureza histórica e de relevância social.

16) as referências ao crânio de Luzia (ref. 7 e 20) personificam o objeto e reforçam a noção de identificação entre a autora e aquela que reconhece como sua ancestral, seu passado que se perde.

Exercício 262

02) o trecho “E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã” (ref. 22) faz alusão ao fato de que a autora estava na cidade para visitar aquele museu, mas devido ao incêndio do Museu Nacional do Rio perderia, simbolicamente, a possibilidade de acessar tanto o passado quanto o futuro do Brasil.

04) os termos “tinha” (ref. 1), “tinha” (ref. 5) e a locução “tinha tentado” (ref. 13) expressam noção de existência, noção de posse e noção temporal de passado mais que perfeito, respectivamente.

Exercício 263

01) em III, há uma relação metonímica entre “você” e “Brasil”.

64) em IV, o período apresenta sentido denotativo.

Exercício 264

01) embora as crônicas da coletânea sejam predominantemente narrativas – podendo-se, por vezes, confundi-las com contos –, algumas delas ultrapassam a estrutura prevista para o gênero crônica, aproximando-se de poemas e de anúncios classificados.

16) o texto “Palavreado” apresenta três narrativas motivadas por reflexões sobre as palavras “fornida”, “falácia” e “lorota”, respectivamente; é na primeira delas que o narrador explora uma situação amorosa entre o jovem trovador e a imperatriz de Cântaro, revelando, em seu desenlace, um final infeliz.

32) “Palavreado” dialoga com outras crônicas da coletânea no sentido de promover reflexões sobre a significação das palavras, para as quais são sugeridos outros significados.

Exercício 265

d) eventos do cotidiano.

Exercício 266

e) o ponto de vista da empresa jornalística.

Exercício 267

a) a relação direta com o acontecimento.

Exercício 268

Ao afirmar que a floresta invadiu suas terras, a intenção da personagem da charge é defender a expansão do agronegócio mesmo às custas da destruição da natureza. A personagem coloca-se como vítima e a floresta, como destruidora. Trata-se de uma inversão do que, de fato, acontece, uma lógica absurda; mas que serve aos interesses do grupo ruralista. Tal visão desrespeita a ética da sociedade, pois interesses coletivos, a preservação ambiental, são substituídos por interesses privados, e a expansão do agronegócio.

Exercício 269

b) persuadir.

Exercício 270

b) ação.

Exercício 271

a) distraído.

Exercício 272

d) irreversível.

Exercício 273

d) a negligência dos governantes.

Exercício 274

c) corrige.

Exercício 275

e) “A omissão é um pecado que se faz não fazendo.” (2º parágrafo)

Exercício 276

a) Adaptar-se às circunstâncias: eis a forma de escapar dos perigos.

Exercício 277

e) abstração concretude.

Exercício 278

Verifica-se a existência de perguntas retóricas na Tira 2 (terceiro quadro) e na Tira 4 (segundo quadro). Nos dois casos, a mãe de Calvin não espera uma resposta do filho. Na verdade, a pergunta é feita em tom de repreensão. No entanto, Calvin não entende assim, tanto que responde às perguntas da mãe sem demonstrar entender a censura feita.

Exercício 279

A Tira 3 explora o efeito de humor decorrente da confusão entre o pronome da primeira pessoa do plural “nós” e a unidade de medida marítima “nós”.

Duas frases com o termo “amo” empregado com significados diferentes:

“O criado cumpriu todas as ordens do seu amo” (aqui o termo “amo” é um substantivo masculino e tem o mesmo significado que “patrão”).

“Helena disse a Paulo: ‘eu te amo muito’” (neste caso, “amo” é o verbo “amar” conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo).

Exercício 280

Os outros dois termos que também indicam circunstância temporal são “manhã” (no segundo verso) e “noite” (no quinto verso). O termo “manhã” assinala o momento em que acontece o que é narrado. Já a palavra “noite”, descrita como de “calor tempestuoso”, indica um contraste por anteceder a manhã chuvosa.

Exercício 281

O trecho “a gente não vende mais nada” deixa implícita a referência à atividade de Manuel Goreiro (“Manolito”): empregado de comércio. Para transcrever o trecho mencionado sem os desvios gramaticais típicos de uma alfabetização ainda incipiente, teríamos a seguinte redação: as lojas fecham mais tarde porque não escurece mais tão cedo. A redundância presente no trecho final da redação poderia ser suprimida com a seguinte alteração: nós ficamos muito mais contentes com a chegada da primavera.

Exercício 282

b) concessão.

Exercício 283

a) incisivo.

Exercício 284

d) “Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há,

sobretudo, esse amor à tarefa bem-feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida.” (ref. 9)

Exercício 285

c) “Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem.” (ref. 3)

Exercício 286

a) assim como.

Exercício 287

a) Na tira publicada em “Potentes, prepotentes e impotentes”, Quino expõe a prepotência dos poderosos sobre as outras pessoas que os cercam. O grupo da esquerda, em cima de um monte de dinheiro, representa os ricos que jogam o que consideram lixo para a o campo da direita, os pobres.

b) Tendo em conta que “culatra” designa a parte de trás do cano de qualquer arma de fogo, deduz-se que a expressão “o tiro saiu pela culatra” sugere que aconteceu algo contrário ao que se esperava. No caso, o lixo provocado pelo excesso de consumo dos ricos acabou por elevar o nível de poluição ambiental a ponto de afetá-los também, situação metaforicamente representada pela sombra que cresce sobre eles.

Exercício 288

a) Na tira 1, Calvin atribui o choro da mãe ao fato de ela estar “ferindo” a cebola, ou seja, dá ao verbo “cortar” outro significado, o que se depreende da sua fala no último quadrinho: “deve ser difícil cozinhar se você antropomorfiza as hortaliças”. Esta frase de Calvin poderia ser substituída por: deve ser difícil cozinhar se você humaniza as hortaliças

b) Sim, a pergunta de Haroldo pode ser considerada uma resposta a Calvin por insinuar que a perda de tempo a fazer as contas é maior do que a dispensada a tomar banho.

Exercício 289

e) arrependimento.

Exercício 290

a) portar-se de forma independente.

Exercício 291

e) “A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro” (3º parágrafo).

Exercício 292

a) A frase “Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão” admite dupla interpretação: ou Darwin desconhecia a expressão ou não a usava por ter sido criada apenas em 1940 por Hugh Cott.

b) A expressão “guerra civilizada” é exemplo de oxímoro, já que nenhum tipo de conflito bélico atende aos princípios básicos da boa e pacífica convivência entre cidadãos ou às convenções de demonstração de respeito mútuos.

Exercício 293

- a) Segundo o autor, “corrida armamentista evolucionária” define a competição entre as espécies predadoras e as que são caçadas, a fim de aprimorar métodos e estratégias de caça ou defesa ao longo da evolução natural da sua espécie.
- b) A mudança das características hereditárias de uma população de seres vivos de uma geração para outra é simultânea em todas as espécies, ou seja, tanto predadores como presas tratam de produzir mecanismos gênicos destinados a vencer o adversário em esperteza ou velocidade. Desta forma, estabelece-se um equilíbrio entre os grupos que impede que um ultrapasse o outro, ou seja, ambos “correm o mais rápido possível para não sair do lugar”, como afirma a Rainha de Copas em “Alice no país das maravilhas”.

Exercício 294

- e) paródico.

Exercício 295

- b) tempo.

Exercício 296

- d) Para os homens, os infortúnios do próximo se tornam um apelo à ponderação.

Exercício 297

- e) tinha estabelecido.

Exercício 298

- b) “incorrer em erro, falta; incidir”, como em “durante o depoimento, caiu em contradição”.

Exercício 299

- d) afetação.

Exercício 300

- a) “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam.”

Exercício 301

- c) hipócrita.

Exercício 302

- b) geocêntrica.

Exercício 303

- a) acredita que todas as pessoas estarão extintas em menos de dez anos.

Exercício 304

- b) razão e credence.

Exercício 305

- d) fantasioso.

Exercício 306

- d) a consolidação de memórias pode ser acelerada mediante o emprego de técnicas científicas.

Exercício 307

- e) produtivo.

Exercício 308

- d) “Operava, se não nos enganamos, deste modo: ‘considerando isto, considerando isso, considerando aquilo, considerando ainda mais isto, considerando porém aquilo, concluo.’” (6º parágrafo)

Exercício 309

- e) taciturno e metódico.

Exercício 310

- a) “Na sua biblioteca digna e sábia, volumes bojudos, tratados majestosos, severos na encadernação negra semelhante à do proprietário, empertigavam-se – e nenhum ousava deitar-se, inclinar-se, quebrar o alinhamento rigoroso.” (3º parágrafo)

Exercício 311

- a) A imaginação, em desenho, do ponto de vista da selfie que é tematizada na foto.

Exercício 312

- d) As falas gravadas de Stella do Patrocínio que expressam tanto o seu percurso individual quanto a história de outras mulheres.

Exercício 313

- b) uma prática discursiva oral nomeada por Stella do Patrocínio.

Exercício 314

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Português]

- a) No texto de Guimarães Rosa, a imagem da cachoeira ilustra o conceito de que a realidade é composta pela dualidade, terra fixa e água, ou seja, uma não existe sem a outra. A frase “Viver é muito perigoso” surge como uma advertência de que, para sobreviver, é necessário manter o equilíbrio entre todas as formas de vida. No de Drummond, a referência a “mísero pó de ferro” alude não só à matéria prima da indústria pesada da mineração, mas também àquela que, como membro do clã dos Andrades que viveu em Itabira, faz parte da maneira de ser do sujeito lírico e explica uma das características do seu estilo antissentimental. A linguagem coloquial plena de ironia seca, o sarcasmo e humor desencantado com que sentimento e emoção são refreados seriam explicados pelo “mísero pó de ferro” que ficou impregnado na sua personalidade e influenciariam o seu fazer-poético.
- b) É de conhecimento geral através da imprensa escrita e digital que o rompimento da barragem de Brumadinho afetou, entre outros, a vida dos pescadores artesanais que dependem do rio Paraopeba para viver e trabalhar. Esse rio conta com uma enorme variedade de peixes que o tornam rico em seu estoque pesqueiro, além de constituir importante manancial

de água potável que abastece a região metropolitana de Belo Horizonte.

[Resposta do ponto de vista da disciplina de Biologia]

a) A atividade econômica descrita é a mineração, em que se extrai o minério de ferro do solo, que atua como matéria-prima para a fabricação de aço, e a partir da separação do ferro de outros componentes do solo obtêm-se os rejeitos, minerais de pouco valor comercial e outros resíduos que ficam armazenados nas barragens após a extração.

b) Com a possível extinção das espécies endêmicas, há alteração dos nichos ecológicos das populações e, consequentemente, o desequilíbrio nas teias alimentares, afetando todo o ecossistema, a biodiversidade e a variabilidade genética das populações.

Exercício 315

a) Uma proposta que poderia contribuir para a conservação da memória das narrativas dos povos indígenas seria a gravação dessas histórias. Com isso, o som das narrativas, apontado pelo pesquisador (citado no primeiro parágrafo) como algo fundamental, seria mantido e passado adiante, preservando a memória de maneira fidedigna.

b) No segundo parágrafo, podemos apontar duas perdas em nossas relações com o mundo visual: a dominação da visão restringe a interação com o mundo por isolá-lo como algo externo, recortado pela visão. Além disso, a ideia de um mundo externo, possibilitada pelo domínio da visão, leva a uma ideia de que ele pode ser dominado, o que resulta no colonialismo e na lógica de dominação capitalista.

Nesse mesmo parágrafo, por outro lado, são apontados dois ganhos em nossas relações com o mundo sonoro: a escuta possibilita uma maior integração com o ambiente, o que também possibilita uma relação mais sustentável com o mundo, afinal, o ser humano torna-se parte dele, sem exteriorizá-lo.

Exercício 316

a) Ao destacar a importância da divulgação do conhecimento em camadas sociais distantes das elites acadêmicas através do uso de linguagem típica do meio em que vive, Audino Vilão se distancia do conceito de democracia grega em que a condição de cidadania era estabelecida por pressupostos que excluía boa parte da população, considerada sem condições de entendimento para os assuntos debatidos. Uso de dialeto local para divulgação do conhecimento filosófico e debates em parcelas sociais distantes das elites acadêmicas constituem ferramentas essenciais para diferenciar o conceito de democracia grega, restrita, da contemporânea, universal.

b) O vocativo “parça” dirige-se ao povo ateniense e “mano”, aos políticos atuais.

Exercício 317

a) Segundo o autor, a grande quantidade de palavras originárias de idiomas bantos que circulam no país comprova a importância dessas culturas no contexto nacional o que, associado à necessidade da disseminação do conhecimento, transforma a elaboração de dicionários dessas línguas em uma

tarefa política: “escrever dicionários, para mim, também é uma tarefa política”, “dicionários funcionam como um meio didático eficaz para disseminar conhecimento”.

b) Nei Lopes critica o fato de os currículos abordarem a África a partir da escravidão, ignorando o fato de que foram os grandes centros europeus que espoliaram o continente e que, hoje, a realidade africana é fruto dessas ações. Desta forma, defende que o ensino da história da África nas escolas brasileiras seja baseado na ancestralidade do continente e não no tráfico atlântico e na escravidão.

Exercício 318

a) Segundo o autor, a palavra “gambiarra” é, ao mesmo tempo, indisciplinada e criativa, pois define uma tática das pessoas que reinventam regras estabelecidas para melhor e mais facilmente superarem as dificuldades que elas lhe ocasionam no seu cotidiano.

b) Segundo Castelfranchi, Michel de Certeau associa a ideia de gambiarra às ações políticas do cidadão comum quando afirma que, para escapar das regras estabelecidas pelo setor social dominante, o dominado usa estratégias para se adaptar, ou até mesmo esquivar-se a elas, como mencionado em “os gestos, ações, invenções dos subjugados”, ou “metáfora para práticas pedagógicas, ações políticas”.

Exercício 319

a) Em “História do cerco de Lisboa”, temos, na figura do escritor, personificada na personagem Raimundo, a preocupação em contrariar a leitura e a interpretação da história do país mostrada “pela via exclusiva da linguagem oficial”. No diálogo travado entre revisor e autor é abordada a questão decisiva para a elaboração do conjunto da narrativa: limites entre história e literatura, ou seja, a influência da subjetividade dos historiadores/escritores que, ao tratarem dos fatos e da memória, formam uma narrativa que carrega a sua interpretação, a sua hipótese do que teria acontecido.

b) “Deleatur” (“delete-se”, “seja apagado”) é um sinal de revisão usado para indicar que a letra ou a palavra deve ser suprimida. No romance História do cerco de Lisboa, uma simples palavra pode alterar o resultado da narrativa, no caso, o termo “não” com que Raimundo contraria a versão oficial da conquista de Lisboa, realizada pelos cristãos sob comando de D. Afonso Henriques, para reescrever uma outra história, desta vez baseado, além de outros, nos relatos do mouro Mogueime.

Exercício 320

a) A expressão “xeque-mate”, no sentido original, significa o rei está morto. Mas, associada ao jogo de xadrez, define a posição em que o rei fica definitivamente vulnerável, não podendo ser defendido por outra pedra nem fugir do ataque adversário, encerrando-se assim a partida com a derrota do jogador atacado. Ou seja, o rei, embora vencido, não está morto.

b) Diferentemente do senso comum, que atribui valor e heroísmo ao que luta até a morte, o autor valoriza o que tem consciência dos seus limites face ao inimigo e se rende no momento certo, como acontece no jogo de xadrez em que o rei

é vencido, mas não morre. Isso permite domínio sobre a própria derrota, que passa a ser momentânea, e abre a possibilidade de um eterno recomeçar.

Exercício 321

- a) Carlo Ginzburg refuta a ideia de que a internet é um instrumento democrático, já que, para usufruir das vantagens que ela oferece, é preciso que o usuário seja portador de privilégios culturais inerentes aos grupos sociais mais abastados, que podem frequentar escolas de qualidade com professores capacitados para ensinar a dominar os instrumentos do conhecimento e de pesquisa, inclusive da própria internet. O fato de esses instrumentos não estarem à disposição da grande maioria da população brasileira é, assim, argumento sólido para que o autor afirme que a internet é um instrumento potencialmente democrático, ou seja, existe como potencialidade, não como realidade.
- b) Segundo o autor, para que o usuário possa usufruir de todos os benefícios proporcionados pela internet é necessário que ele domine também a leitura de livros impressos, o que não pode ser ensinado em ambiente virtual dominado pela velocidade e proliferação de informações. Essa aprendizagem de leitura, que Carlo Ginzburg designa de “ler devagar”, só pode ser feita em ambiente e espaço real por professores capacitados.

Exercício 322

- a) O humor instaura-se a partir do momento em que o Dr.Noêmio faz distinção entre humanos e não humanos para justificar a razão de defender a liberdade para o curió e a privação dela para o personagem Paraíba. Desta forma, sua atitude mostra-se contraditória por valorizar a liberdade de um animal e desvalorizar a de um ser humano Na última fala do excerto, Dr. Noêmio também expressa uma visão patriarcal relativamente à sua noiva ao mencionar que noivas e esposas devem referendar sempre a opinião dos seus companheiros.
- b) Depreende-se que a expressão “minhas convicções” é pronunciada de forma solene a fim de estabelecer paralelismo com a “pomposidade” da frase latina optarum causa do período seguinte. Este tipo de preciosismo na linguagem coloquial é típico das sociedades provincianas em que o uso de palavras de significado desconhecido da maioria das pessoas confere status social a quem as emite.

Exercício 323

- a) Em relação às semelhanças, ambos os textos pertencem a um mesmo universo (do cinema) e apresentam elementos narrativos, como personagens, tempo, espaço e enredo. Em relação às diferenças, é possível pensar na função de cada um dos gêneros: enquanto o roteiro serve para a filmagem, sendo um texto de orientação no processo de produção de um filme, a sinopse alcança o público espectador, apresentando fatos do enredo do filme. Além disso, por conta de suas diferentes funções, o roteiro apresenta as cenas completas, com detalhamento de ações e falas, ao passo que a sinopse apresenta um breve resumo do enredo.

- b) “Como é que você vai filmar isso?”

MARINA: O quê?

JOAQUIM: O aroma das corticeiras em flor.

MARINA: Não vou filmar, quem vai filmar é o Fabrício.”

Nesse trecho, vemos a metalinguagem, pois os personagens conversam sobre o processo de filmagem a partir de um roteiro dentro do próprio roteiro. O efeito cômico é criado, pois Joaquim questiona uma informação do roteiro – que é o cheiro das corticeiras, impossível de ser filmado – e Marina rebate dizendo que não é ela quem vai filmar, e sim Fabrício, gerando efeito cômico, afinal, a questão não era quem iria filmar e sim a impossibilidade de se transformar em filme tal informação. “Isso é só um roteiro. A Marcela disse que tem que ter dez páginas, estou enrolando, só tenho três páginas prontas. Não gostou? Escreve você!”. Nesse trecho, vemos a metalinguagem presente na referência à escrita do roteiro dentro do próprio roteiro. Há um efeito cômico, pois no trecho é evidenciado que nem tudo que está presente no roteiro é de fato funcional, ou seja, há trechos que servem somente para encher o número de páginas e conseguir dar conta das exigências colocadas (de ter no mínimo dez páginas).

Exercício 324

- a) A explicação de Fontenelle continuou sendo preconceituosa porque ao dizer que estava se referindo a quem “faz paraibada”, ela continuou associando uma ideia pejorativa ao ser de Paraíba. Para desfazer o preconceito enunciado por ela, a frase deveria ser reescrita como: “As pessoas fazem um pouquinho de sucesso e acham que podem tudo”.

- b) Chico César faz um jogo de palavras a partir de “força de expressão” e “expressão de força”. “Força de expressão” é uma maneira de se referir a expressões que são exageradas, mas, ao mesmo tempo, comumente usadas pelas pessoas. A partir da inversão para “expressão de força”, Chico César não só critica o uso pejorativo que é atribuído à expressão “ser paraibano”, como também reforça o orgulho mencionado por Juliette em seu tweet, dizendo que ser paraibano é expressão de força. Dessa forma, o artista atribui a característica de força, resistência ao termo “paraíba”.

Exercício 325

- a) Em “Nossa, mas ela é tão linda!”, a conjunção adversativa “mas” apresenta noção de oposição relativamente ao fato de a criança ser linda e surda, o que revela conceito discriminatório do falante por considerar beleza e surdez incompatíveis. Já na frase “Ela é linda. E é surda!”, a conjunção “e” acrescenta apenas uma característica de Benedita, reforçando a necessidade de refutar esse tipo de comportamento, ou seja, adotar um posicionamento anticapacitista.

- b) Quando o interlocutor prefere dirigir-se a quem está ao lado da pessoa surda para estabelecer um diálogo com ela, adota uma atitude capacitista, ou seja, discriminatória, pois depreende erroneamente que a comunicação não pode ser estabelecida entre surdo e não surdo por não disporem do mesmo código, o que seria facilmente ultrapassável através de leitura labial.

Exercício 326

a) No trecho da crônica, a expressão “estar com a faca e o queijo na mão” refere-se ao inimigo, aquele que domina a situação, dispõe de todos os instrumentos para impedir as ações dos que lutam na defesa dos direitos humanos e neutraliza a nossa capacidade de reação. No segundo quadrinho da charge, a imagem de Marielle trespassada por uma bala corrobora a mesma ideia.

b) No poema “A flor e a náusea” de Carlos Drummond de Andrade, o eu lírico confere à poesia o dom de resposta racional às injustiças e de esperança na construção de um mundo melhor. Na charge de Quinho, a imagem de Marielle representada por uma planta que, depois de quase destruída, renasce do chão e se multiplica, sugere a ampla mobilização de pessoas que continuarão a defender as mesmas causas.

Exercício 327

a) A novela “A hora e vez de Augusto Matraga” tem semelhanças com o gênero parábola por desenvolver uma narrativa rica em alegorias e questionamentos de cunho universal que obrigam à reflexão sobre os eternos conflitos interiores e exteriores vividos pelo homem. A cena final, quando o personagem Matraga enfrenta a própria morte em defesa de uma vida alheia, confirma a transformação positiva do personagem, a vitória do Bem sobre o Mal, conceito religioso e moral característico das parábolas.

b) Na narrativa tem-se, em um primeiro momento, o personagem em sua fase de pecado, atingindo a todos com seu temperamento violento, desrespeitoso e machista. Mas, a partir do momento em que é atacado pelos seus capangas que se tinham bandeado para o lado do Major Consilva, atira-se num precipício, adquire consciência do mal que praticava e encontra então a oportunidade de se redimir e transformar-se em pessoa de boa índole para alcançar o perdão divino.

Exercício 328

a) O autor estrutura a obra com perguntas de múltipla escolha, semelhante à Prova de Aptidão Verbal para ingresso em universidades chilenas. Uma das motivações para adotar esse formato é criticar o sistema educacional, que conduz o aluno a acreditar na existência de respostas únicas, o que, para Zambra, configura uma forma de censura. O autor também tem

interesse em desenvolver uma autocrítica, uma vez que ele mesmo é fruto desse sistema.

b) A obra convoca um leitor crítico, aberto a repensar as formas de ensino e capaz de testar possibilidades de respostas. Desse modo, a obra não reproduz simplesmente o formato da prova de múltipla escolha, antes questiona ironicamente a arbitrariedade da resposta única.

Exercício 329

a) Em vários excertos do texto, Millôr Fernandes usa expressões que estabelecem analogia entre a cerimônia do casamento e uma peça teatral, como no segmento inicial “Como espetáculo!”. Ao justificar o nervosismo da noiva (“nervosismo justificado por estar estreando em casamentos”), alude à ansiedade característica dos atores durante a primeira apresentação do espetáculo, que se contrapõe à segurança demonstrada pelo comportamento do noivo que já tinha vivenciado essa experiência anteriormente (“O noivo representou o seu papel com firmeza”).

b) Os advérbios de modo terminados em “mente” (“realmente”, “naturalmente”, “completamente”, “altamente”) reforçam ironicamente a ideia de que a cerimônia não passa de uma farsa representativa da hipocrisia social.

Exercício 330

a) Segundo José Miguel Wisnik, tanto a prosa quanto a poesia podem apresentar marcas negativas. A primeira pode seguir automaticamente regras e procedimentos sem entusiasmo e criatividade e a segunda, usar floreio de palavras, com linguagem vazia de conteúdo que não desperte emoção.

b) O fato de o futebol seguir regras entendidas racionalmente em qualquer contexto cultural e ser praticado em quase todo o mundo permite que as diferenças culturais se diluam e configurem uma espécie de código linguístico comum e universal.

Exercício 331

d) confrontada com a experiência pessoal de Rami e de suas rivais, transformando-as de modo significativo.

Exercício 332

a) contextualizam os usos dos dois termos pela agência.